

DAN KROKOS

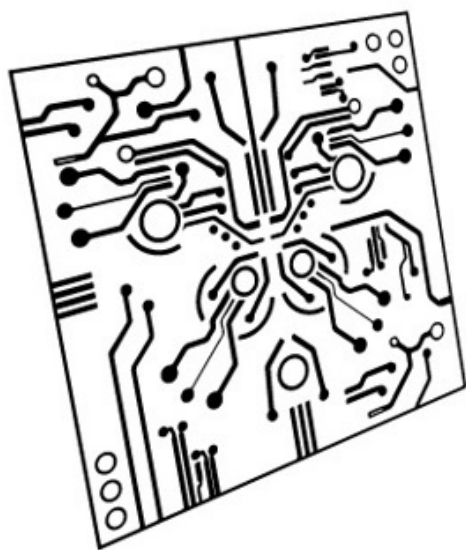


VISÃO FALSA





VISÃO FALSA



VISÃO FALSA

DAN KROKOS

TRADUÇÃO: Ivan Hegenberg

TRILOGIA FALSA • V. 2





Edição: Flavia Lago
Editora-assistente: Thaíse Costa Macêdo
Preparação: Flávia Yacubian
Revisão: Flora Manzione e Cátia de Almeida
Diagramação: Juliana Pellegrini
Arte da capa: © Sammy Yuen, 2013
ePub: Pamella Destefi

Título original: *False Sight*

© 2013 by Dan Krokos

© 2015 Vergara & Riba Editoras S/A

vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 — Vila Mariana

CEP 04020-041 — São Paulo — SP

Tel./ Fax: (+55 11) 4612-2866

editoras@vreditoras.com.br

eISBN 978-85-7683-910-1

1ª edição, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Star Books Digital

Krokos, Dan

Visão falsas [livro eletrônico] / Dan Krokos; tradução Ivan Hegenberg. — São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2015. — (Coleção trilogia falsa; v. 2)

936 Kb; e-Pub

Título original: *False sight*.

ISBN 978-85-7683-910-1

1. Ficção científica — Literatura juvenil 2. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

15-06337

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica: Literatura juvenil 028.5

*Para Jack Smith,
o homem mais corajoso que conheci.*



THOMAS DAVID ME PERGUNTOU SOBRE MEUS OLHOS. Várias e várias vezes.

– Eles são vermelhos mesmo? Mostre que eu paro de perguntar. Kristin, me mostre.

Kristin não é meu nome verdadeiro. É Miranda. Kristin é um nome bem comum. Era essa a intenção. Pelo menos eu não tinha dois primeiros nomes, como Thomas David, o menino que não parava de falar.

– Não é por causa das veias. A Gina me disse que suas íris são vermelhas como as de um vampiro – ele cutucou meu braço. A unha dele estava um pouco comprida e acabou me marcando.

“Mantenha a postura. Não reaja.”

– Não reaja – eu disse em voz alta, sem querer.

– O quê? – Thomas se inclinou na carteira para observar melhor meu rosto. – O que foi que você falou?

Se ele fosse um Rosa, não seria um problema pará-lo. Mas Thomas David não era como eu; ele era frágil. Não podíamos resolver na mão. Claro que uma garota normal também não ia sair na mão. Eu não sabia o que uma garota normal faria naquela situação.

– Kristin, tudo bem se você tiver olhos vermelhos. Até que é sexy. Gosto de vampiros.

A professora estava tagarelando sobre economia global e interação de mercados. Fazia cinco minutos que ela não olhava para trás. No outro lado da sala, Noah estava encostado na parede, dormindo. O caos dominava o mundo, e ainda assim o assunto era entediante a ponto de relaxá-lo. De repente, o rosto dele virou um milímetro na minha direção, remexendo os cílios. O tédio era encenação. Ele estava nos observando.

– Gina disse que você é maluca. Ela disse que você bateu nela. Você vai bater em mim? Hein, Kristin?

Gina Daly me vira pela primeira vez no banheiro feminino, bem na hora em que eu estava limpando as lentes de contato, que usava para disfarçar as íris. Afinal, olhos vermelhos assustam as pessoas. As lentes de contato castanhas deixavam meus olhos tão comuns que ninguém reparava.

Gina não notara logo de cara. Primeiro, ela perguntou:

– Ah, como você fez essa cicatriz? – e franziu o nariz como se sentisse um cheiro ruim.

O corte na bochecha havia se tornado apenas uma pequena linha branca, mas continuava evidente. Boatos se espalhavam. Diziam que eu tinha apanhado do meu pai quando era criança, que eu mesma tinha me machucado, que tinha deixado um garoto me cortar. Eles diziam que eu tinha mais cicatrizes escondidas sob as roupas, provavelmente automutilação. Pra mim, era apenas uma marca no rosto que me lembrava de que eu não pertencia àquele lugar. Eu não era uma estudante normal com problemas normais, não importava o quanto quisesse ser.

Então, quando Gina me perguntara sobre a cicatriz, contei:

– Uma espada – era a verdade.

Mantive os olhos no chão enquanto esfregava uma das lentes de contato na palma.

– Uau, o que você tem nos olhos? – ela pôs a mão no meu ombro e tentou me virar.

Eu tinha matado pessoas e tinha pessoas tentando me matar. Então, quando Gina Daly, apenas uma garota comum com problemas comuns, tentou me virar contra minha vontade, aquilo me deu nos nervos. Ela não era perigosa ou assustadora, eu sabia.

Coloquei a mão no pescoço dela e a empurrei, talvez com força demais. Ela cambaleou até bater com as costas no secador de mãos.

– Qual é seu problema?! – berrou.

– Você encostou em mim.

Ela olhou diretamente nos meus olhos. O direito ainda estava castanho, e o esquerdo, vermelho brilhante. Eles tinham cor de sangue porque era sangue o que lhes dava cor. Bom, explicarei melhor depois.

A raiva dela se dissolveu em nojo.

– O que tem de errado com seus olhos?

Eu me virei de volta para o espelho, puxei a pálpebra para baixo e coloquei a lente no lugar.

– Nada. O que tem de errado com seu rosto?

Gina mordeu o lábio.

– Muito bem, Olho de Cobra.

Ela saiu mancando do banheiro, e acabei virando a Olho de Cobra. Não fazia muito sentido, pois cobras não têm olhos vermelhos. Olhei para a cicatriz no espelho. Olhei para o cabelo ruivo liso e para as veias em volta dos olhos. Pensei em maquiagem e em manicure e outras coisas de meninas. Eu não sabia por onde começar, e uma parte de mim estava confusa por me importar com aquilo.

Meu novo apelido se espalhara pela escola em apenas um dia, e as pessoas começaram a me pedir para tirar as lentes. Elas perguntavam para Sequência, minha “gêmea”, qual era a história. Ela era um pouco mais rude nas respostas, especialmente quando alguém notava que ela também usava lentes.

Peter parara ao lado do meu armário alguns dias depois. Ele me beijou suavemente, pegou meus livros e se recostou nos armários verde-escuros.

– Precisamos conversar.

Fechei o armário e olhei para ele.

– O que tá rolando? – eu sabia muito bem o que estava rolando.

– Você socou uma garota e ela contou pra escola toda sobre seus olhos.

Comecei a andar para a aula de economia global, me perguntando mais uma vez por que estávamos fingindo ser estudantes de verdade.

– Não soquei ninguém. Eu empurrei. E admito que foi estupidez da minha parte.

– Não foi estupidez. Você reagiu, só isso. Se tivesse pensado antes de agir, aí sim teria sido estupidez – ele quase sorriu.

Acenei com a cabeça, sem saber o que dizer. Ele pegou no meu braço e gentilmente me fez parar de andar. Um monte de gente passava à nossa volta. Uma mochila cheia de livros atingiu meus rins, mas eu não me alterei.

– Não foi culpa sua, mas... Noah e Rhys acham que precisamos nos mudar. As pessoas estão começando a comentar – os olhos azuis dele pararam na minha cicatriz. – Sua cicatriz, agora os seus olhos...

– É mesmo?

Os olhos dele voltaram-se direto para os meus, o que me tranquilizou.

– Eu só tô falando que a gente deveria pensar no assunto. Por acaso algo prende você a este lugar?

Não. Mas eu não gostava da ideia de *ter* que mudar. Aquela era nossa grande tentativa de deixar o passado para trás. Mudar para outro lugar não iria resolver o problema.

Peter beijou minha testa. Quando se afastou, estava sorrindo, o que me fez sorrir também.

– Só peço pra pensar no assunto. Podemos recomeçar cem vezes.

Eu queria pedir que ele tomasse a decisão, mas nos últimos meses nossos papéis estavam ficando menos definidos. Peter sempre foi o líder, mas sem alguma coisa realmente tentando nos matar, ficava difícil dizer se alguém estava no comando.

– Você é inteligente. E fofo.

– Eu sei. Apenas pense no assunto – ele dissera, apertando minha mão. Então se misturara no fluxo de corpos em movimento e desaparecera.



E depois eu estava ali na aula de economia, e o Thomas David não parava de perguntar sobre meus olhos.

– Se não me responder, vou encostar nos seus olhos. Tô falando sério.

“Mantenha a postura. Não reaja.”

Eu precisava que Noah fizesse alguma coisa. Se Thomas visse que ele estava nos vigiando, iria parar, porque Noah era assustador. Sabia fazer uma cara de mau que dispensava qualquer palavra. O melhor que eu podia fazer era olhar feio, mas aquilo só parecia incitar Thomas ainda mais. Eu teria que armar um barraco para fazê-lo se calar, mas com a Gina percebi que era uma má ideia. Minha frustração estava se manifestando em forma de suor brotando do pescoço.

Arranquei a borracha do meu lápis e fiquei rolando-a entre os dedos.

– Por que você tá dificultando tanto? – Thomas David perguntou.

Arremessei a borracha no Noah. Acertei na orelha. O lábio dele tremeu, mas o resto do corpo continuou imóvel. Talvez ele quisesse ver se eu conseguia lidar com a situação de uma maneira não violenta, e não podia culpá-lo por isso. Se eu tivesse empurrado Gina só um pouco mais forte, ela poderia ter acabado numa cadeira de rodas.

– Ele não pode salvar você – Thomas disse, depois de se certificar de que Noah não estava dando atenção.

Por fim, olhei diretamente para o Thomas. Ele estava com um riso sarcástico, de quem estava se esforçando muito para mostrar que se divertia à minha custa. Seus lábios pareciam vermes pálidos, úmidos de saliva.

– Vamos. Agora tire as lentes. Só uma olhadinha.

Ele ergueu a mão com gesto de quem ia tocar nos meus olhos.

Eu não sabia se ele iria mesmo fazer isso; ele nunca fora até o final. Também estiquei a mão, agarrei o dedo indicador dele e dobrei aquela coisa alguns graus para trás. Parei antes de quebrá-lo, porque eu estava me controlando. Provavelmente ficou doendo por um bom tempo.

Por algum motivo, Thomas David abriu a boca e gritou. Todo mundo pulou da cadeira.

– Ela quebrou meu dedo!

– Não quebrei – eu disse calmamente.

A professora virou-se para nós e abaixou os óculos. Na lousa atrás dela estava escrito: CHINA VS. ÍNDIA VS. EUA.

– Ele queria encostar em mim – falei, como se isso explicasse tudo.

Thomas David agarrava o dedo, assim ninguém via que não estava quebrado de verdade.

Noah revirou os olhos.

O garoto foi mandado para a enfermaria, e eu, para a diretoria.



Fiquei sentada em uma cadeira dura até que o diretor Wilch me chamou no escritório. Ele me pediu para sentar em outra cadeira dura.

– Qual é o problema? – perguntou.

Contei a ele uma versão da história. Disse que tinha um problema raro na córnea que descoloria minha íris e que o Thomas David não parava de caçoar de mim, tentou encostar no meu olho, e eu apenas... perdi a cabeça, sinto muito, não queria machucar.

– O que eu faço a respeito disso? – ele perguntou, dobrou as mãos sobre a barriga volumosa e se recostou na cadeira. – Não posso permitir que os alunos agridam uns aos outros. Mesmo quando provocados.

Nem comentei que o dedo em questão, na verdade, não estava quebrado.

– O senhor poderia me dar uma advertência – eu só queria terminar logo com aquilo.

– Isso vai acontecer novamente?

– Não, a menos que ele tente encostar no meu olho de novo... – as sobrancelhas do Wilch se ergueram. Resposta errada. – Quer dizer, não. Não vai acontecer novamente.

– Está bem. Quero você aqui nos períodos livres. Precisamos de ajudantes.

Tive um estranho sentimento de que não estaria na área para cumprir o castigo. Então apenas acenei, agradei e fui embora.

Noah estava me esperando no corredor.

– Você deu sorte de eles não terem chamado a polícia.

Ajeitei a calça jeans.

– Por quê? O dedo dele tá ótimo.

– O que aquele garoto queria?

Agora tudo parecia meio bobo.

– Ele queria ver meus olhos. Não parava quieto.

Uma garota seguindo para o corredor passou por nós e me olhou de um jeito esquisito. Ignorei. “Não reaja.”

Noah não disse nada. Eu não saberia dizer se ele não estava gostando ou se estava apenas fingindo.

– Ele ia encostar no meu olho.

– Certo. Rhys quer nos encontrar na quadra.

– Você contou o que aconteceu? – se ele tivesse contado, eu podia imaginar qual era o motivo da reunião.

– Enviei uma mensagem contando que você foi para a diretoria.

– Valeu por me dedurar.

– Calma. Avisei que você não fez nada de errado.

Fomos na direção da quadra. Os sapatos apertavam meus pés, e a calça jeans e a camiseta me faziam sentir nua. Eu sentia falta do meu traje à prova de balas.

– Relaxe – a mão de Noah massageou brevemente os pontos tensos do meu pescoço. Thomas

David provavelmente estava contando a todo mundo que eu era psicopata. Noah retirou a mão antes que eu pedisse.

Na quadra, Peter e Rhys estavam jogando 21 com a bola de basquete, enquanto Sequência estava de lado, desinteressada. Rhys saltou quase um metro e acertou um arremesso sobre a cabeça de Peter, que pegou a bola e parou de quicá-la quando nos viu.

– Qual o problema? – perguntei, tentando não parecer desconfiada.

– Nada – Peter respondeu. – Só achei que era hora de conversar.

– Estamos de mudança – avisou Rhys.

Peter suspirou.

– Valeu, Rhys.

– Não se sinta mal – Rhys acrescentou rapidamente. – Se você não tivesse empurrado aquela garota, mais cedo ou mais tarde, um de nós iria causar confusão.

– Isso provavelmente não vai fazê-la se sentir melhor – Sequência disse.

Nós éramos biologicamente idênticas, mas o cabelo dela estava tingido de preto e com um corte bem curtinho e estilizado, com pontas irregulares. Mudar o cabelo foi uma das primeiras coisas que ela fizera. Nós a encontráramos no laboratório com o cabelo ruivo na altura do ombro, exatamente como o meu.

Noah falou:

– Calma aí. A gente sabia que daria na vista aqui. Então vamos aprendendo com a experiência.

Não vamos cometer os mesmos erros na próxima escola.

Ele fazia contato visual com Sequência enquanto falava, apesar de se dirigir a todos nós. Era uma graça ele pensar que não notávamos como eles olhavam um para o outro. Uma graça, mas de uma maneira que embrulhava meu estômago. Eu engolia e fingia que não me importava, especialmente por não saber que *motivo* eu tinha para me importar. Deveria ficar feliz. Se Noah e Sequência tivessem algum tipo de romance rolando, eu não precisava me preocupar com o que ele podia pensar sobre Peter e eu.

Rhys levantou a mão e Peter passou a bola pra ele. Rhys acertou outro arremesso com um salto.

– Pra que ir pra outra escola? Não consigo entender. Somos mais espertos que aqueles imbecis. Eu deveria estar ensinando cálculo – a bola rolou de volta para o pé de Rhys. Ele a arremessou mais uma vez, entrou direto, sem nem tocar no aro. – O que a escola pode nos trazer de bom quando os criadores estão planejando conquistar o mundo?

Era um bom argumento. Os criadores se clonaram para nos criar, nos deram a habilidade para criar pânico massivo apenas com o poder de nossas mentes. Quando descobríssemos o que eles estavam tramando, teríamos que parar de fingir que éramos pessoas normais e começar a salvar o mundo. Ou algo do tipo.

Ir à escola era apenas uma distração enquanto não chegava a hora de agir. Tudo começava com a pergunta: “Como um bando de garotos criados para serem supersoldados podia ter vidas normais?”. A resposta era que não podiam. Mas a decisão de tentar tinha surgido em uma noite depois de uma sessão de treinamento pesado no telhado do prédio. Nós tínhamos falado sobre o assunto durante uma hora. Feridos e doloridos, nos juntamos em um círculo apertado que era quase um abraço grupal. Era piegas, mas fazíamos isso no final de cada treino. Simplesmente ficávamos em roda até a respiração voltar ao normal. Aquilo nos fazia lembrar que éramos a única família que tínhamos, que não podíamos deixar que nada estragasse nossa união. Nada. E até aquele momento estávamos nos saindo muito bem.

– Os criadores vão aparecer novamente – Peter disse. – Podem apostar. Mas, até lá, a gente

deveria tentar viver a vida. Caso contrário, por que lutar?

Rhys sorriu.

– Não seria mal uma dose de vida real.

Eu estava dentro. Queria dever de casa, um armário na escola. Queria experimentar aquilo tudo. Um dia nós poderíamos precisar de diplomas. Mais tarde haveria a possibilidade de empregos de verdade, com salário, plano de saúde e imposto de renda. Eu poderia trabalhar em um escritório, ter minha própria escrivaninha com fotos das pessoas que amo. Ir para casa encontrar a família e pensar no que fazer para o jantar em vez de pensar em como evitar me tornar uma escrava.

“O que a escola pode nos trazer de bom quando os criadores estão planejando conquistar o mundo?”, Rhys tinha mudado de ideia.

Peter pegou a bola e a apoiou na cintura.

– É um bom argumento – ele disse para Rhys. – Noah?

Noah mordida o lábio inferior enquanto olhava para cada um de nós, um por vez.

– Não sei. Será que a escola está mesmo nos fazendo mal enquanto esperamos? Quero dizer, até termos que lutar de novo.

Se a longo prazo a escola nos amolecesse, então sim, ela estaria nos fazendo mal. Deveríamos treinar mais. Existia um motivo para nenhum de nós conseguir relaxar ali. Os criadores nos faziam desconfiar de cada sombra. Cada estranho na rua podia ser um deles. Eram nosso assunto pendente. E viver cada dia se sentindo vigiado não era uma vida de verdade.

Nossos relógios começaram a tocar. Era hora da injeção de memória. Sem falar nada, cada um tirou sua seringa da mochila. Meu polegar empurrou o líquido amarelado no braço. Senti alívio. Ao menos por mais algum tempo, minhas memórias estavam garantidas. Eu imaginava o que outra pessoa qualquer acharia dessa cena: cinco garotos enfiando agulhas nos braços debaixo de uma cesta de basquete.

– Podemos deixar para decidir amanhã? – Sequência perguntou, tampando a seringa e guardando-a no bolso. – Depois da festa de boas-vindas. Eu já comprei o vestido. Vamos aproveitar só mais um dia normal, pode ser? Então, por mim, nós podemos ir até pra China.

Rhys jogou a bola, mas ela bateu no aro e voltou.

– Tá bom, vamos ficar mais um dia – ele só estava de acordo porque já tinha comprado roupas bonitas para o baile. As garotas gostavam dele, e ele gostava disso.

– Está bem – Peter concordou.

Eu não me importava com o que éramos capazes de fazer, sendo adolescente. Apesar de não ter certeza de que continuar ali era a melhor ideia, não me parecia egoísmo aproveitar alguns dias a mais de normalidade.

Não era egoísmo, apenas um erro.

Meu desentendimento com Thomas David tinha acontecido um pouco mais tarde do que deveria. Pois ficar um dia a mais acabou sendo nosso maior erro.



ALGUNS MESES ANTES EU ESTAVA EM UM CILINDRO DE plástico, suspensa em algum tipo de gel azul-esverdeado, rico em nutrientes. Minha infância consistia em fragmentos de memória deixados pela garota que viveu antes de mim, a Miranda North que eu substituí. Aquelas memórias falsas nadavam em minha mente junto com as lembranças reais que eu vinha criando desde que meu corpo fora tirado daquele tanque.

A garota que tinha vivido antes era parte de uma equipe. Depois que ela morreu, passei a fazer parte da equipe. A denominação mais razoável que se poderia atribuir a nós é *supersoldados*. Éramos as pessoas mais letais da Terra. Nós podíamos criar ondas de medo nos outros apenas usando a força de nossa mente. Nosso cérebro se aquecia tanto que tínhamos que tomar medicação para manter as memórias intactas.

As pessoas que nos criaram, de quem fomos clonados, tinham planos malignos. Ainda estávamos tentando descobrir exatamente quais.

Destruímos o laboratório de nossos criadores, pusemos o lugar todo abaixo. Os criadores esperavam fazer mais clones, com as mesmas habilidades e conhecimento. Eu era uma prova viva.

Encontramos uma lembrança dentro de uma máquina que os criadores fabricaram para armazenar nossas personalidades. A lembrança tinha sido guardada ali pela minha criadora, a sra. North. Pelos olhos dela, eu a vi em um encontro com a Miranda Original. Ah, sim, minha criadora também era um clone. Nessa lembrança, a sra. North pediu para ver as novas armas secretas criadas pela Original. Ela só sabia que as armas eram monstros, criaturas com um nome que ela tinha medo até de dizer ou pensar. Monstros para serem usados em algum tipo de ataque mundial, trabalhando ao nosso lado. “Os que vão conquistar o mundo”, a sra. North tinha dito, em vez de um nome. Não deu para entender mais do que isso, o que não nos dava a menor ideia do que teríamos de enfrentar.

Por ora, sentir-se normal não era algo muito realista para nós, mas às vezes, por um segundo ou dois, eu conseguia esquecer que não era exatamente uma pessoa. Tentava não deixar isso acontecer com muita frequência, pois, quando a realidade batesse à porta, podia ser na forma de uma corrente de chumbo em volta do meu pescoço.



Dancei com Peter na quadra quase a noite toda, tanto as músicas mais animadas quanto as lentas.

Meus dedos estavam entrelaçados em volta do pescoço dele, e as mãos dele estavam na minha cintura. Aqueles olhos eram azuis demais para serem de verdade. Como vidro azul iluminado por dentro. Eu sentia falta do cabelo dele. Antes era comprido o suficiente para ondular na altura do pescoço, mas naquele momento estava curto e espetado, tão preto quanto seus olhos eram azuis.

Não falávamos muito, o que era bom. Peter não precisava preencher nenhum vazio. Não existiam silêncios constrangedores. Apenas dançávamos, e eu inalava seu cheiro e sentia sua pulsação na

minha bochecha quando repousava a cabeça em seu ombro. Naquele momento eu me sentia normal.

Estávamos em um mar de colegas que rodopiavam lentamente. De giro em giro, via Rhys dançando com alguma garota que eu não reconhecia. Ele sorria para mim com uma linha vertical de preocupação entre as sobrancelhas. Sua parceira de dança não sabia que ele matara os colegas de equipe na floresta em um dia tranquilo de verão. Eu duvidava que ela iria dançar tão coladinho se soubesse.

Eu já ia me perguntar onde estavam Noah e Sequência quando ele apareceu bem à minha direita. Colocou-se entre Peter e eu, acabando com a nossa paz.

– Com licença! – Noah disse com um sorriso largo e esquisito. Ele deslizou tão rápido para o lugar de Peter que minhas mãos continuaram no ar. – Coloque essa mão aqui – Noah mandou, dando um tapinha no próprio ombro. – E essa outra aqui – ele segurou minha outra mão e manteve uma boa distância, diferentemente dos outros pares.

Eu não sabia dizer se estava mais furiosa ou constrangida. Peter nunca mencionava meu passado com Noah, nunca. Quando aconteciam situações como aquela, eu tinha que me virar sozinha. Olhei pro Peter, mas ele só virou os olhos, esquivando-se. Ele sabia que Noah não era uma ameaça.

– E se eu não quiser dançar com você? – minhas palmas estavam suadas. Não deveriam estar, não havia motivo algum pra eu ficar nervosa. Mas, de repente, eu não conseguia olhar nos olhos dele.

– Que bobagem, todas as meninas querem dançar comigo – para Peter, ele falou: – Estou mantendo o respeito, não estou? – eles tinham o mesmo perfume, do mesmo frasco de colônia que eu vira no banheiro de casa.

Eu ainda estava paralisada, recusando-me a dançar. Peter podia fingir que não se incomodava, mas ele devia estar um tanto chateado. Só um pouco.

– Sim, está mantendo o respeito – Peter concordou. – Mas nada de mão boba, hein? – eu o peguei olhando para a nuca de Noah por meio segundo. Deu para notar a raiva disfarçada. Sim, ele se incomodava.

– Tá bem – Noah respondeu. – Sequência está sozinha agora. Vá fazer companhia – ele me rodopiou para longe, e Peter se fundiu à multidão. – Olá, linda – ele disse com um sorriso malicioso.

Sempre me surpreendia ver um sorriso em *qualquer* um de nós. Nada desanimava Noah. Eu me vi sorrindo em resposta, antes que pudesse evitar.

– Olá, insuportável – respondi.

Eu não deveria fazer aquilo. Deveria me afastar.

O sorriso dele transformou-se numa careta de tristeza irônica.

– Ah, é isso que eu sou? Não sei como Peter não tentou quebrar minha cara.

– Ele sabe que você não é uma ameaça. E talvez seu segredinho não seja tão secreto. Já pensou nisso?

As sobrancelhas dele se ergueram.

– Que segredinho?

Apenas o encarei em silêncio.

Ele piscou lentamente, descoberto.

– Tá bom, você me pegou. Sim, eu gosto dela. Não é esquisito? Lógico que é esquisito – agora era *ele* que não conseguia me olhar nos olhos.

A canção terminou. Apertei a mão dele.

– Não tem problema, Noah. Eu quero que você seja feliz – coloquei o máximo de sinceridade na voz. Afinal, não deveria ter problema. Nenhum motivo para isso. Claro, era difícil olhar pra ele sem lembrar o beijo debaixo d'água que salvara minha vida. E da primeira noite em que ele dissera que

me amava. Meu passado com ele era uma mistura de lembranças falsas e reais. Às vezes ficava difícil separar.

Tudo o que eu precisava fazer era lembrar que eu não era aquela garota, assim ficava mais fácil. Nunca fui a garota que ele amava. Mas ele não sabia disso, é claro. Eu poderia contar para tornar mais fácil para ele também, mas as circunstâncias da morte da Miranda anterior iriam deixá-lo arrasado. Noah roubara a memória dela para mantê-la em segurança porque ele a amava. E o resultado foi ela ser assassinada.

Eu ainda sentia o que a garota antes de mim havia sentido sozinha naquele beco. A chuva forte caindo, encharcando-a. Um soco no peito. Essa era a sensação: um soco. Ela caiu no concreto áspero e molhado. Então o sangue esvaiu do corpo. Ela não conseguia entender. A chuva debaixo dela parecia quente, foi o que pensou. Acho que o cérebro nos conta mentiras quando a morte está próxima. Mas a dor não era um soco e o líquido quente não era chuva. A bala de um atirador fizera um buraco no meio de seu peito.

Ela morreu sem saber quem era.

Fechei os olhos e dei um passo para trás.

– O que foi? – ele perguntou.

A microfonia guinchou na quadra. Centenas de pessoas gemeram. Alguém gritou com dramaticidade, enquanto outro riu alto.

– Eu tô bem – falei, tentando sorrir. A mão na cintura passou para o ombro, quase no pescoço.

– Não... – ele começou a dizer.

A voz do DJ soou arranhada nas caixas de som:

– Geralmente não faço isso, mas... Temos um pedido especial esta noite. Essa é da sra. North para Nina. *Mamãe está com saudade.*

Eu me afastei bruscamente de Noah, como se ele tivesse me empurrado. As risadas ecoaram em volta. O rosto dele estava como o meu: boca aberta, olhos arregalados. Não fazia sentido. A sra. North estava morta. E se ela não estava, não dedicaria uma canção a uma pessoa chamada Nina.

O rosto de Noah mudou do choque para a dúvida.

– Ele disse...?

Eu acenei com a cabeça.

– Sim.

Era bem possível que tivesse uma aluna com sobrenome North naquela escola. E era possível que a mãe pedisse uma canção para ela. *Nina* era a palavra que me impedia de surtar completamente; eu não conhecia nenhuma Nina.

Tinha que ser coincidência.

Não podia ser coincidência.

A canção começou. As risadas passaram e as pessoas voltaram a dançar.

Repassei as palavras na minha cabeça.

Da sra. North para a Nina.

Mamãe está com saudade.



— O QUE ISSO SIGNIFICA? — PERGUNTEI. MEU CORAÇÃO batia pesado, fora do compasso da música; duas canções diferentes se juntando nos meus ouvidos.

Nenhum de nós podia se dar ao luxo de acreditar em mera coincidência. Então isso significava que os criadores tinham nos encontrado. Mas isso não explicava o pedido esquisito para o DJ. A menos que quisessem brincar com nossos nervos ou nos fazer cair fora logo.

Noah sacudiu a cabeça.

— Isso não é nada bom — ele girou o corpo em um pequeno círculo.

Segui o olhar dele, checando as saídas de emergência em cada parede. Nenhum alvoroço, nenhum movimento anormal além de dançarinos desengonçados.

Em seguida, fiquei na ponta dos pés para avistar o resto da equipe, no meio da multidão.

— Onde está todo mundo? — Noah perguntou.

A canção tinha uma batida rápida, e os corpos se sacudiam e giravam pelo nosso campo de visão. Minha mente continuava confusa sobre Nina. Podia ser algum tipo de código. Para o quê, eu não sabia. E a frase *mamãe está com saudade* também era intencional, como um código.

— Ali! — Noah apontou para a cabine do DJ, no canto, onde dava para ver a cabeça de Sequência.

Segui o caminho que Noah foi abrindo na multidão. Paramos em frente à cabine.

Sequência estava com a cabeça baixa e uma expressão distante. Peter estava a alguns passos dali, como se estivesse com medo de chegar perto. Rhys vinha em nossa direção, tentando se esgueirar pela massa dançante.

— Ela simplesmente ficou catatônica — Peter disse, gritando mais alto que a música. — Depois daquele pedido, ela se afastou de mim. E eu a encontrei assim.

Ninguém disse nada. O dj estava olhando para alguma coisa no celular. Peter apontou para ele e Rhys acenou, então tentou passar por uma barreira de dançarinos. Quando olhei de novo, o dj havia sumido.

— Você tá bem? — perguntei.

— Estou ótima — Sequência respondeu, ainda olhando para o outro lado.

Isso não me fez relaxar.

Peter avisou:

— Eu vou ajudar Rhys a pegar o DJ. Nós precisamos sair, agora.

Antes que eu dissesse que não era uma boa ideia nos dividirmos, ele já tinha ido.

Noah se aproximou de Sequência e se inclinou, olhando para o rosto dela.

— Qual o problema? — perguntou.

Coloquei a mão no ombro dela, e tudo mudou.

Meus pés saíram do chão. Levei um segundo completo para entender. Ela girou tão rápido que só vi um borrão e senti um tapa forte no peito. A sensação de surpresa passou, substituída pela falta de

ar. Mal dava pra respirar. Minhas costas bateram no chão e escorreguei pra longe dela, empurrando as pessoas com os ombros. Elas gritaram e caíram no chão em volta de mim. Meus olhos cheios de água viram Noah retorcido na parede, com sangue escorrendo dos lábios e debaixo do nariz.

Mãos me agarraram sob os braços e me levantaram. As pessoas me faziam perguntas, mas eu não conseguia distinguir os sons. O ar que entrava era quase nenhum, não conseguia recobrar o fôlego. Sequência me observava com olhos apertados, como quem se perguntava como eu tinha chegado ali. Devia ser um erro. Ela tinha reagido mal, só podia ser.

Ninguém estava dançando naquela parte da pista, mas a música continuava tocando. *Todo mundo, todo mundo é igual*, a canção dizia.

Então eu senti o cheiro. Não havia qualquer dúvida.

O aroma de rosas.

– Não!

Estendi a mão, como se eu pudesse empurrar a energia psíquica para longe ou de volta para o cérebro de Sequência. Mas nada podia detê-la. Era para aquilo que tínhamos sido concebidos: apavorar as pessoas até elas não conseguirem mais se controlar, até ficarem insanas.

O pânico se espalhou. Primeiro os alunos à minha volta ficaram paralisados. O grito de uma garota perfurou a música. As pessoas reagiam de maneiras diferentes à energia. Algumas caíam pesadamente. Eu sentia o baque ressoar do chão. Outras não faziam absolutamente nada, ficavam imóveis. Todo mundo se ouriçava, como se um anúncio importante saísse da caixa de som. O aroma de rosas ficou mais forte. Dei um passo à frente enquanto Noah se recuperava, preparando-se para avançar. Sequência rodopiou com força e precisão, de perna erguida, e o golpeou no peito. Ele se chocou contra a parede mais uma vez.

O aroma já estava sufocante. Eu podia sentir as ondas de medo dando voltas no meu cérebro. Elas não tinham efeito nenhum sobre mim, mas eu as sentia.

– Sequência! – gritei. – Miranda! – uma última tentativa de fazê-la acordar e sair do transe. Os olhos dela estavam bem apertados, o nariz enrugado. Ela não ia parar tão cedo. Não tive escolha. Parti pra cima.

Enquanto isso, as pessoas ali perdiam completamente a sanidade.

Os pés disparavam, como em um estouro de boiada. Ombros, cotovelos e joelhos me acertavam, carregando-me pra longe de Sequência. Um ombro me derrubou e alguém pisou em minhas costelas. O salto alto de uma garota me golpeou na altura do rim. Mais uma vez, eu não conseguia respirar.

Os alunos gemiam e gritavam enquanto se afunilavam nas saídas. A única maneira de ajudá-los era parando Sequência. Eu me encolhi como uma bola enquanto mais gente chutava minha coluna e meus ombros. Cada centímetro da minha pele parecia latejar. Outro salto alto pegou na alça do meu vestido e a rasgou. Coloquei as duas mãos no chão e me levantei com toda a força. Ergui os cotovelos para bloquear a multidão. Em pouco tempo, o medo deles se converteria em loucura total, sem pensamento algum, a menos que eu a fizesse *parar*.

Avancei enquanto Sequência escapava por uma saída lateral. Quase fui atrás dela sozinha, mas Noah estava tentando ficar em pé novamente e estendeu a mão pra mim. Agarrei os dedos esticados e o puxei.

– Vamos!

– O que *aconteceu* com ela? – ele perguntou, com sangue escorrendo do nariz.

Passamos por uma porta dupla em direção à lanchonete. A porta se fechou atrás, mas eu ainda podia ouvir o estouro, um som que combinava o baixo marcante da música e os pés. Eu imaginava

ossos quebrados e corpos caídos, coisas que eu vira nas ruas de Cleveland no último verão, a pouco mais de 30 quilômetros de distância dali. Tudo porque decidimos brincar de vida normal. Nossos colegas de classe estavam pagando o preço.

– Mi! – Noah falou, parando de repente.

Sequência nos observava do outro lado da lanchonete, no começo do corredor principal. O rosto dela estava completamente neutro, sem emoção... Até o instante em que sua boca se escancarou e os olhos se arregalaram.

– Não me sigam! Não si...

Ela parou no meio da frase, então sacudiu a cabeça como se estivesse limpando a mente. A expressão de choque em seu rosto foi substituída por um sorriso discreto que não combinava com ela.

Então ela se foi. Arranquei meus sapatos. Os saltos vermelhos deslizaram pelos azulejos. Noah afrouxou a gravata listrada e a tirou por cima da cabeça. Veio à mente uma memória da Miranda antes de mim, uma do *Sifu* Phil nos contando que um laço de gravata era uma boa forma de estrangulamento.

Noah e eu chegamos na outra ponta da lanchonete a tempo de ver Sequência desaparecer em um corredor adjacente.

– Tome cuidado – Noah disse, com o fôlego entrecortado.

Parecia que ele estava falando para nós dois. Porque aquilo era errado. Perseguir Sequência era errado. Eu me sentia dividida – metade de mim queria voltar e me juntar aos outros, afinal não tínhamos a menor ideia do que iríamos enfrentar. Eu estava usando um vestido de seda vermelho; Noah, uma camisa social preta e calça. Por outro lado, se voltássemos, poderíamos demorar demais para encontrar os outros, e deixar Noah sozinho no encalço de Sequência estava fora de questão.

Diminuímos o ritmo até que nossos passos fossem apenas suspiros no carpete áspero. Viramos no corredor seguinte. Uma porta à frente se fechava com um rangido discreto, seguido de um clique. O corredor se estendia pelo comprimento da escola, iluminado por poucas lâmpadas. Sequência não conseguiria se esconder nas partes mais escuras; eu ainda poderia ver a silhueta dela na penumbra.

Noah tocou meu ombro.

– Volte. Junte-se aos outros. Vou vigiar a porta.

– E se ela sair?

– Ela não vai fazer isso.

– Mas e se por acaso sair?

– Miranda, *ela não vai*. É a Sequência.

– Volte você.

Encaramos um ao outro por alguns segundos. Nós nos conhecíamos bem o suficiente para saber que nenhum dos dois recuaria.

Ele suspirou.

– Vou primeiro.

– Nada contra – eu disse, entrando em acordo. E porque Sequência gostava mais de Noah do que de mim.

Ele abriu a porta e mergulhou na escuridão, e eu o segui. Meus dedos percorreram a parede, até sentir o pequeno calombo do interruptor de luz. Ouvi um baque e então um *chuá*, como se alguém tivesse chutado uma lata de tinta. As luzes fluorescentes suspiraram vividamente no teto, revelando um laboratório de Ciências. Mesas de trabalho pretas estavam cobertas de balanças, béqueres e maçaricos.

Noah estava bem na minha frente. Aos seus pés havia um líquido vermelho esparramado.

Meus olhos arderam até se acostumarem com a luz. O ar havia desaparecido dos meus pulmões e eu estava paralisada na entrada, perguntando-me o que significava aquele vermelho no chão.

Sequência estava sentada na segunda mesa, com uma espada no colo. A lâmina estava toda vermelha e úmida. Ela olhava pra mim como um robô. Sem alma. Melhor dizendo, havia uma faísca atrás dos olhos dela, dava para ver enquanto eles se fechavam. Era quase familiar.

– Pode dizer adeus – ela disse. – Eu vou esperar.

Noah se virou, mas o pé dele escorregou no sangue e ele caiu em cima da primeira mesa. Era dura, com gavetas que continham equipamentos de laboratório. A mão direita de Noah agarrava a própria garganta. A garganta e o queixo estavam úmidos e vermelhos. Ele escorregou e eu caí junto, de joelhos, no sangue dele.

– Deixe-me ver, deixe-me ver – eu estava fora de mim, como se pairasse acima de nós dois. Como se estivesse em um filme. Não podia ser real.

Gentilmente, tirei seus dedos e vi. Um único corte. Bem fundo. O sangue se esvaía com ritmo. Pressionei a palma por cima e senti o sangue escapando em um jato quente e espesso. Os olhos dele estavam molhados de lágrimas. Eu não podia nem mesmo mentir. Não podia dizer que estava tudo bem. Minha mão direita tremia. Eu a coloquei por cima da esquerda, por onde o sangue escorria entre os dedos.

– Ah, Noah...

“Diga alguma coisa. Diga alguma coisa importante. Mostre que ele não está sozinho. Que ele nunca esteve.”

– Sinto muito, Mi – a voz dele era um sussurro engasgado, quase baixo demais pra ser ouvido. Ele tossiu uma vez e o sangue respingou em meu rosto, salpicando quente nas bochechas.

– Não, não. Não peça desculpa.

Ele virou a cabeça para a esquerda, depois para a direita. Estava tentando sacudi-la, mas não dava muito certo. Tirei a mão de seu pescoço e a apertei em sua bochecha. Ele não parava de tremer.

– É você mesmo? – ele perguntou, baixinho e lento.

Levei um segundo para entender o que ele estava perguntando. “Era mesmo eu?” Ele havia suspeitado, enfim, que eu não era a garota cuja memória ele tinha apagado.

– Sou eu. Sou eu.

Eu nem precisava pensar no assunto. Não podia dizer a verdade. Não naquela hora. Não mudaria nada.

– Você me perdoa?

– Sim – eu o perdoava em nome da garota que viera antes de mim.

O sangue dele espumava vermelho e ele me pedia perdão. Era isso que importava para ele naquele momento. No final. Porque aquele era o final. Um som estranho saiu de minha garganta. Eu não queria chorar. Queria enxergar com clareza e queria ouvi-lo, ouvir tudo o que ele dissesse e gravar bem na mente. Lembrar enquanto eu vivesse.

– Foi errado – ele continuou.

– Não.

– Eu te amava tanto – os olhos dele estavam se fechando. O rosto estava pálido. As palavras feriam e eu não podia fazer justiça ao que ele dizia. Porque eu não era a garota que ele amara. As palavras não eram para mim.

– Eu sei. Eu também te amei.

– Ainda ama? Pode mentir.

– Sim – e era verdade. Talvez sempre tivesse sido. Só no final pude admitir. Eu amava Peter, mas também amava Noah. Sem Noah, eu não estaria ali. Estaria crescendo em um tanque, esquecida, esperando até ser vendida como uma arma. – Eu não estou mentindo.

Senti a pulsação dele fraca. O sangue me cobria, já esfriando fora do corpo.

– Não se esqueça de mim.

– Nunca.

As pálpebras dele se fechavam. Eu lia uma palavra em seus lábios. Duas palavras. Não havia som algum, mas eu entendia. *Me beije.*

Eu me inclinei pra frente e comprimi os lábios nos dele, que já estavam frios e pálidos. Senti uma tensão na boca dele, por um segundo, quando ele me beijou de volta. Então ela se afrouxou. Encostei minha testa na dele e desta vez as lágrimas não foram contidas. Elas escorreram das minhas bochechas para o rosto dele e se misturaram com o sangue.



LOGO O VAZIO FRIO E ESCURO ME PREENCHEU. É ESTRANHO pensar desse jeito, um vazio preenchendo alguém, mas era assim. Coloquei Noah de lado, delicadamente, e pus minha mão sobre o cabelo dele.

Falei alto, mas sem olhar em direção alguma. Minha voz estava mórbida e fraca:

– Você ainda tá aí?

Eu me levantei sobre o sangue de Noah. Estava morno sob meus dedos. De repente, fiquei enjoada. Senti um pouco de ânsia. Sequência estava sentada na mesa, em posição de lótus, com a espada sobre o colo. Dei um passo atrás, afastando-me do sangue. Meus pés descalços deixavam pegadas vermelhas brilhantes no piso de linóleo branco. Meus braços pareciam esmaltados com aquela cor, da ponta dos dedos aos cotovelos.

– Onde você encontrou...?

Lambi os lábios. Estavam com gosto de sangue. Eu não conseguia falar. No entanto, tinha muitas coisas a dizer.

– A espada?

Ela olhou para os pés de Noah aparecendo de trás da mesa. Eu queria arrancar aqueles olhos da cabeça dela. Ela não tinha o direito de olhar para ele.

– Sequência escondeu neste laboratório – respondeu. – Ela tem uma no auditório também. Acho que ela não confiava neste lugar.

Eu devia ter desconfiado; ela não era a única. Eu também escondera algumas facas de arremesso na biblioteca. Mas naquele momento estavam a um andar e muitos metros de distância dali.

– Nina.

Ela nem piscou.

– Sim, é o meu nome.

A mensagem a tinha transformado de alguma maneira, despertando alguma nova personalidade. Eu conhecia Sequência tão bem quanto conhecia a mim mesma; afinal, viemos do mesmo lugar. Aquela pessoa não era ela.

Vaguei pelo lugar, perdida. Nina olhava fixo para mim, sem piscar. Se dividíamos a mesma mente, ela sabia que eu não sairia correndo. Não sairia até que uma de nós caísse morta. Então fui em frente. Fui até a mesa mais próxima e peguei um béquer. Eu o arremessei. A espada dela virou um borrão e o vidro se estilhaçou. Lascas saltaram no peito dela e caíram ao redor. Em seguida mais um béquer, depois uma balança. Ela os rebatia, ainda sentada.

O vazio dentro de mim não durou muito. Outra coisa se infiltrava, vermelha e quente.

E assim que a raiva deu o tom, não havia como parar. Eu queria amenizar de alguma maneira, manter o controle e a precisão, mas não conseguia.

“Uma batalha não é lugar para sentir raiva.” Palavras do *Sifu* Phil, ecoando alguma velha lição

que nunca presenciei. “A raiva pode lhe dar força, mas o guerreiro sereno é quem sobrevive. Não confunda serenidade com indiferença. Você deve afiar os sentimentos como uma lâmina.”

Eu precisava afiar meus sentimentos como uma lâmina.

Nina nem piscou enquanto eu avançava. E por que deveria? Ela estava armada e eu não. Afastou-se da mesa e se lançou para a frente com a espada. Ela parou com a ponta tocando em meu pescoço, erguendo um pedaço da pele. Eu podia afastá-la, dar um passo para trás, mas não fiz nada disso. Ela já teria me matado se quisesse, quando eu estava ao lado de Noah, e não sabia por que não o fizera. Por que me poupava? Eu afiava minha lâmina.

Ergui as mãos, mostrando as palmas manchadas de sangue. Eu provocava Nina para que ela acabasse comigo. Queria isso, acho... Então não teria mais que sentir o que estava sentindo.

A pressão era boa de uma maneira esquisita; ela mantinha meu foco. Eu me inclinei contra a ponta da espada e minha pele se rompeu. Sangue quente escorreu pelo pescoço. Os olhos dela se apertaram, e aproveitei o momento para afastar a espada e agarrar o pescoço dela.

Apertei-o e observei os olhos dela ficarem vermelhos e a boca se abrir e fechar. Arranquei a espada com a outra mão. Ela estava desistindo fácil demais, um alarme soou em minha cabeça. Ela apertou a base da empunhadura, debaixo dos meus dedos, empurrando um botão. Uma pequena faca se soltou, escondida dentro da empunhadura. Que estúpida fui, bela lâmina afiada. Eu não merecia vencer.

Com a faca, ela rasgou meu antebraço esquerdo, bem o que estava tentando arrebentar a traqueia dela. O braço perdeu a força instantaneamente. Os dedos afrouxaram, apesar de eu ainda tentar apertar firme. O sangue brotava do corte e escorria pela curva do braço. Eu o puxei para o rosto e dei um passo atrás, quase caindo. As pernas também estavam fraquejando.

Olhei para cima.

Duas imagens dançavam e se embaralhavam com o rosto sorridente de Nina.

– Veneno – murmurei.

Eu mal conseguia ficar de pé. Torcia para que Peter e Rhys chegassem correndo pela porta, mas ninguém vinha. Eu estava sozinha.

– É melhor você se sentar para o que vem a seguir – ela disse. – Não quero que se machuque caindo no chão.

Meus passos ficaram trêmulos com o veneno se espalhando pelo corpo. A poça de sangue de Noah se dividia em dois lagos rubros que voltavam a se juntar em um. Dei mais um passo. Usei a mesa para me apoiar enquanto me abaixava. Não importava muito, na verdade. Se eu nunca mais acordasse, havia cometido erros o suficiente para merecer isso. A única coisa que me mantinha consciente era o resto da equipe Alfa, não muito longe dali, que ignorava o que estava acontecendo. Eles provavelmente estavam procurando por nós. Eu não podia avisar. Não podia nem mesmo me salvar.

Acabei me deitando de lado, olhando nos olhos de Noah. Eles estavam sem vida e viscosos, semicerrados. Assim como os meus.

Uma onda escura me dominou, borrando minha visão até tudo desaparecer.



A CORDEI NA MESMA SITUAÇÃO: ESTAVA DROGADA, COM a bochecha rente ao chão. Meus olhos não focavam nada, não importava o quanto eu tentasse. Alguém batia um tambor de guerra – *bum-bum-bum*. Levei um segundo para perceber que era apenas o sangue latejando nos meus ouvidos. Meu punho esquerdo estava preso em uma algaema de metal tão larga quanto a palma da mão. Ela se conectava a uma corrente enferrujada que dava voltas em uma coluna rígida de ferro. A corrente estava travada por um cadeado grosso. Eu me sentia como um animal selvagem acorrentado. A droga só tornava a sensação ainda pior.

Fechei os olhos por um minuto, tentando superar o efeito do veneno. Quando os abri, duas imagens vibrantes do teto se juntaram em uma só. Teias de aranha cobriam as vigas expostas do prédio. O chão de concreto estava rachado e irregular. O ar tinha cheiro de colchão molhado. Sentei e envolvi os joelhos nos braços. O sangue fluíu para a cabeça, e de repente senti dor na bochecha direita, a que tinha a cicatriz. Eu me concentrei na dor. Não sabia onde estava.

“Respire”, dizia a mim mesma.

Eu estava usando o vestido de baile. A frente estava manchada de sangue.

Minhas mãos tremiam e fechei os olhos. Lágrimas gotejavam e rolavam pelas bochechas. Não havia nada a fazer para mudar o que tinha acontecido. Nada. A garganta emitia um som agudo que eu não conseguia conter. Eu não conseguia respirar. Não queria respirar. Queria ficar ali e sufocar para poder ver o rosto de Noah novamente.

Um impulso explosivo me fez levantar e apoiar um pé na pilastra. Envolvi a corrente nas mãos e puxei-a com toda a força, imaginando Noah no outro lado. A corrente feria meus dedos. Os aros arranhavam e escorregavam no cadeado. Eu puxava tão forte que as veias capilares quase explodiam nos olhos, mas não parava. Não podia parar. Se parasse, seria o fim. Nunca mais teria a força que ainda tinha naquele momento.

Parei.

Desmoronei, desgastada, ofegante, enjoada. A corrente caiu no chão. As palmas estavam vermelho-alaranjadas, sujas de ferrugem e sangue seco. Esfreguei-as na parte da frente do vestido, mas aquilo não saía. Esfregava e esfregava, e aquilo só fazia o sangue manchar a pele ainda mais.

Funguei algumas vezes e fingi que não era o fim. Eu só tinha que tentar mais. Em alguns minutos, iria tomar mais uma dose da medicação. Sim, era só descansar. Talvez eu pudesse escalar a pilastra e quebrar a viga de madeira no alto. Seria bom se houvesse outros barulhos por ali, talvez uma calefação velha roncando e estalando, só para ouvir outro ruído além do meu coração frenético e da respiração pesada.

Os segundos passavam e fui me dando conta da realidade. Os outros teriam que lutar sem mim. Acho que isso foi o que me deixou mais triste.

Eu me levantei para tentar mais uma vez. Não custava nada. Enquanto me esforçava, ouvi alguém

batendo palmas lentamente, do canto mais escuro daquele lugar. Olhei em volta e quase tropecei na corrente.

– Nota A pelo empenho. Mas D para a lógica. Nem mesmo um Rosa é forte o suficiente para quebrar ferro.

Nina surgiu da escuridão. Ela tinha trocado o vestido por um de nossos trajes flexíveis, de camadas de escamas pretas, como as de um peixe. Aquilo a cobria dos dedos das mãos aos dedos dos pés, terminando pouco abaixo da mandíbula. O cabelo, curto e preto, parecia um capuz.

A mão direita empunhava um revólver.

Coloquei uma mão contra a parede, preparada para lutar.

No entanto, algo mudou de um segundo para o outro. Os olhos dela. Não estavam mais neutros ou sem alma. Estavam horrorizados. Ela olhou para o revólver, como quem dizia: “De onde isso surgiu?”.

Ela voltou a ser Sequência. Não Nina – seja lá quem fosse *Nina*. Não tinha como ela fingir a repugnância no rosto.

– Eu sentia dentro de mim, sabe? – ela arremessava as palavras. Os olhos brilhando com lágrimas.

Eu não me importava com o que ela tinha para falar. Dizia a mim mesma, para me convencer.

– Sentia quem? – minha voz estava seca.

Ela apertava os olhos fechados, tremendo. Uma lágrima brotou do direito e escorreu pelo lado do nariz.

– Desculpe, Miranda.

– Sentia quem, Sequência? Quem?

– Nina.

– Quem é Nina?

– Programação North 9-A. Eu posso senti-la.

– O que é isso?

– Eu não *sei*.

Ela apertava a têmpora com tanta força que me afligia. Só estava a cerca de um metro e meio de mim. Um pouco mais perto e eu poderia alcançá-la.

– Ela me faz ver tudo quando assume o controle e... Eu não sei. Quando eu cortei...

Só podia estar falando da garganta de Noah.

– Não chore por ele.

Ela não tinha direito de sentir nada. Pra mim, não importava quem tinha assumido o controle. Não importava.

Os olhos dela estavam vermelhos. Ela não estava usando as lentes.

– *Me escute*. Tem mais. Ela está no comando. Tem um plano, Miranda. Um plano. E eu não consigo detê-la...

– Por que eu estou aqui? O que você *quer*?

– Porque ela quer usar você. Ela a trouxe pra cá. Mas ela deixou a guarda aberta e agora eu estou aqui e sou eu mesma. Não era eu antes. Por favor, acredite em mim – as palavras seguintes soaram embargadas pelo choro: – Eu não queria que ele morresse.

Acreditei. Minha mão esquerda se fechou em punho cerrado, com o nó de um dedo mais adiantado. Será que eu podia machucá-la quando ela era Sequência? Se o que dizia era verdade, então estava presa ali dentro. Ela era uma prisioneira como eu, ou pior, porque eu ainda era dona do meu corpo. Se ela se aproximasse um pouco mais, seria minha responsabilidade acabar com ela antes

que causasse mais estragos.

– Ela matou Noah? – perguntei. – Foi a Nina?

– Sim...

Pensei em como encontramos Sequência na mesa de cirurgia na Key Tower. Ela tinha fragmentos de memória da Miranda anterior, como eu. A sra. North deve ter posto algum tipo de “Programação North” dentro dela. Deve ter escondido a identidade sob a pele da Sequência. Então a mensagem do dj ativou-a de algum jeito, do mesmo modo que a sra. North me fizera lembrar de memórias escondidas. Ela tinha me mostrado a verdade: que eu não era a Miranda com quem todos cresceram, mas uma substituta. Uma farsa.

Sequência ainda estava segurando a arma ao lado do corpo.

– É isso que ela quer que eu faça. Ela quer que eu convoque alguma coisa, ou lidere alguma coisa, não sei. Eu não sei. Não consigo ver o suficiente. Mas é ruim. É muito ruim. Ela quer que eu encontre os outros criadores e os mate. Depois ela quer...

– Espere um pouco – interrompi. – Ela quer que você faça, ou ela está dominando e fazendo por conta própria? Qual dos dois?

– As duas coisas. Às vezes somos nós duas aqui e eu não consigo dizer onde eu começo e onde ela termina.

– O que ela quer que você faça?

Ela fechou os olhos. A livre mão fechada em um punho cerrado.

– Ela está vindo.

– Me passe a arma.

Ela reparou na arma novamente, como se tivesse se esquecido dela. Meu coração batia tão forte que eu mal conseguia escutá-la.

– Ela quer que eu convoque os sem-olhos. Que eu abra o caminho para eles. Que... que eu os lidere. Eu não sei o que isso *significa*.

Eu apenas a encarei, sentindo o quanto o sangue seco de Noah endurecia nos sulcos das minhas mãos. O sangue se infiltrava sob as unhas e cutículas, como esmalte mal passado.

“Cale a boca”, eu queria dizer. “Eu não me importo. Me deixe em paz.”

Mas parte de mim estava escutando.

Sem-olhos.

Abrir caminho.

Liderá-los.

Eles. As criaturas de que a sra. North falara na lembrança. Era isso. Eram os monstros que estávamos aguardando. Só podia ser.

– O que são os sem-olhos? É algum tipo de arma? Sequência, olhe pra mim!

Ela olhou. Os olhos arregalados. Ela continuava sacudindo a cabeça.

– Não. Não. Não. Miranda.

Eu me afastei da parede, puxando ao máximo a corrente, até marcar meu punho. A algema raspava a pele; o corte no braço se abriu novamente. Sangue quente rolava pelo braço e para dentro da algema.

– Me dê essa arma!

Ela tinha mais alguma coisa presa no quadril. Uma chave. Ela a pegou e a ergueu, um revólver em uma mão e uma chave na outra.

– Eu não quero morrer – ela disse. – Você vai me matar.

– Nós podemos ajudar você! Nós podemos... – era mentira, eu sabia. Minhas mãos estavam

grudentas com o sangue de Noah. Ele estava morto por causa dela. Não haveria ajuda nenhuma para ela. Mas se ela disse a verdade, Sequência era inocente. A culpa era da outra identidade.

Os olhos dela piscaram rapidamente, depois endureceram. Olhando fixamente para mim. Os olhos de Nina.

– Eu não preciso de ajuda.

Nina deu um passo para trás e sacudiu a cabeça. O olhar suave reapareceu, com a testa enrugada.

– Noah... – suspirou.

Eu puxava o punho pela algema, com ajuda da lubrificação do sangue, mas ainda estava apertado demais. Dobrei o dedão dentro da palma e puxei com toda a força, até meus olhos enxergarem estrelas.

Desisti.

Ela deixou a chave cair. Quicou duas vezes, tilintando no chão de concreto.

– Quero viver – ela disse baixinho, mais uma vez como Sequência, envergonhada.

Eu não podia culpá-la. Ela queria viver. Será que eu teria forças o suficiente para me matar se soubesse que tinha um aspecto maligno da minha personalidade escondido dentro de mim? Alguma coisa me conduzindo, obrigando-me a fazer coisas que não queria?

Dominando-me?

Não saberia dizer.

– Vou resolver de outro jeito – ela disse, enxugando as bochechas com as pontas dos dedos. – Vou expulsá-la de mim. Vou conseguir.

Eu balançava sem sair do lugar, engolindo a ânsia de vômito. A chave estava longe demais.

– E se não conseguir? Ela vai usar você. *Escute* – ela ergueu os olhos repletos de vergonha para mim. – Ela vai usar você para *nos matar*. Como fez com Noah.

Sequência deu as costas. Deixou o revólver na cintura novamente.

– Vou atrás de você! – gritei pra ela. Ela subiu os degraus, lentamente, de cabeça baixa. – Você deveria me matar! – qualquer coisa para fazê-la voltar. “Me dê a arma. Me dê a arma para impedir Nina.”

Ela não disse nada, continuou subindo.

Eu me projetei em direção à chave e caí dura sobre o peito, engasgando. Os dedos tremiam no ar a alguns centímetros de distância. Uma porta se fechou no andar de cima. Eu me estiquei com mais força, gemendo enquanto a algema cortava ainda mais meus punhos. Então parei de agir como uma imbecil. Inverti o corpo e usei o pé para puxar a chave. Meus pés estavam cheios de sangue, como as mãos. Era o sangue de Noah.

Alcancei a chave e a passei no fecho. Um giro; a algema se abriu. Subi a escada e, saindo do porão, vi que estava em uma casa dos anos 1970. Tudo amarelado e coberto de pó. Guarda-louças abertos mostravam teias de aranha. A porta da rua rangeu quando a empurrei. A escuridão era completa do lado de fora, sem estrelas. Sem lua. Uma noite fresca de outono, a noite em que Noah morreu. O tênue aroma de rosas estava no ar, e eu o segui pelo gramado úmido dos fundos e pela entrada de carros da casa de alguém. A pele esfriou nos lugares menos ensanguentados.

Um homem gritou à minha esquerda. Eu me virei a tempo de ver Nina arrancar um homem pra fora de um carro compacto. Ela assumiu o volante, fechou a porta e deu a partida cantando os pneus. Cheguei até a rua e os faróis ofuscaram meus olhos. O motor gritava quando Nina pisou fundo no acelerador. O carro cresceu e cresceu até aparecer bem na minha frente. Quase deixei que me atingisse, mas no último momento saltei e recolhi as pernas, sentindo-o passar junto a mim. O ar turbulento me puxou para baixo. Os pedregulhos do asfalto pegaram nos dedos dos meus pés.

Quando me virei, vi os faróis traseiros diminuïrem até se tornarem alfinetes vermelhos. Cinco segundos depois, os pneus cantaram na esquina e o carro sumiu.

Minha cabeça felizmente ficou vazia até eu imaginar Noah deitado ao lado da mesa. Alguém já devia tê-lo encontrado naquele momento; alguém teria chamado ajuda apesar de saber que era inútil. Talvez tivessem procurado imediatamente por Peter e Rhys, ou por mim e Sequência. Todos nos viram juntos. Mais uma atitude estúpida, mesmo que só tivéssemos frequentado a escola por algumas semanas. Eu esperava apenas que Peter e Rhys tivessem sido espertos o bastante para dar o fora em vez de encarar um interrogatório da polícia.

Um pensamento me atingiu como uma bala: eu era um produto da sra. North. Ela podia ter instalado alguma personalidade latente no meu cérebro também. Podia haver outro tipo de Programação North nadando dentro de mim, esperando ouvir uma série específica de palavras ou números. Então ela viria à tona e seria um perigo para todos.

E muito do que tornava a sra. North cruel e impiedosa certamente estava dentro de mim. Eu podia me tornar como ela simplesmente porque compartilhávamos o mesmo DNA. O sangue dela, o mesmo sangue, já fluía nas minhas veias.

Não era justo com Peter e Rhys. Eu tentava imaginar as coisas que iriam dizer quando percebessem as implicações. Aquilo provocava uma náusea sem fim.

Outros faróis deslizavam pela rua tranquila. Meu hálito provocava fumaça. Eu devia estar uma beleza, uma garota tremendo em um vestido vermelho ensanguentado.

O carro parou, como imaginei que aconteceria. O motorista saiu, um rapaz me perguntou se eu estava bem. Eu não estava. Disse a ele que precisava do carro. Ele fez cara de espanto e eu passei uma rasteira nele, entrei no carro e fechei a porta.

O rádio tocava música pop. O relógio indicava que Noah tinha morrido duas horas antes.



CHEGUEI À ESTRADA E DIRIGI PARA O SUL, EM DIREÇÃO ao subúrbio. Nós tínhamos nos mudado da cobertura de luxo de Rhys quando descobrimos que nossos fundos não eram ilimitados. O novo apartamento de três quartos era apertado, mas dava para chamar de lar.

Procurei pelo Dodge Caravan azul-piscina que o Rhys tinha comprado por 500 dólares, mas ele não estava no lugar habitual. Logo depois eu o vi nos fundos. Eles estavam em casa.

Uma de nossas vizinhas, a sra. Prenslow, me viu com o vestido ensanguentado, mas eu não estava com cabeça para me importar. E, de todo modo, ela não enxergava muito bem. Acenei com a cabeça e ela me seguiu com os olhos até a escada. Tive a sensação de que seria a última vez que a veria.

O tapete da nossa entrada estava manchado de marrom pelo desgaste dos anos. Senti o cheiro de cigarro vindo do apartamento ao lado, de dois garotos de vinte e poucos anos que jogavam videogames até as quatro da manhã. Colei o ouvido na porta para escutar, mas não ouvia nada.

Pensei que seria mais fácil encontrar primeiro Peter, depois Rhys. Sem dúvida ele iria ouvir tudo antes de julgar minha decisão estúpida de partir para cima de Nina sozinha em vez de me juntar a eles. Era o jeito dele. Ele era como a encarnação humana da justiça, ou algo do tipo.

E o estilo de Rhys era concentrar a raiva em quem tinha matado Noah, não em mim.

Eu bati. A porta foi aberta dois segundos depois.

Peter estava ali, em pé. O rosto sério.

– Onde foi nosso primeiro beijo? – perguntou.

Estalei um tapa no rosto dele. Esperei alguns segundos antes de responder:

– Na cabine do banheiro, na véspera do ensaio geral.

A resposta não provava quem eu era. Eu sumira por duas horas. Até onde sabiam, os criadores podiam ter me pegado, roubado as lembranças e me substituído por um clone novo. Apesar disso, devo ter passado no teste.

Ele envolveu os braços em mim, levantando-me. Fiquei feliz em soltar meu corpo no dele. Rhys apareceu e ficou ali por um momento, depois nos abraçou. Ficamos assim por alguns segundos.

– Quem o matou? – perguntaram, um pouco depois.

Quando contei, acreditaram, mas não entenderam.



Fizemos tudo ao mesmo tempo. Devorei um sanduíche, eles terminaram de vestir o traje, então fui tomar um banho. Precisava limpar o sangue. Nosso esconderijo podia não ser mais seguro, então precisávamos sair dali imediatamente. Sem mencionar que, a cada minuto, Nina avançava. Deixei a água quente a ponto de derreter a pele. Então fiquei sob o fluxo e observei a água que escorria mudar de marrom para vermelho, para rosa, até ficar clara.

Deixei a porta aberta para que eles pudessem me ouvir. contei tudo a eles. Eu os ouvi correndo

para cima e para baixo no corredor enquanto eu falava, pegando armas e suprimentos como garrafas de água e pacotes de comida. Provisões para uma viagem longa.

Contei a eles que continuava viva porque Nina, ou sra. North, ou quem quer que fosse, queria me usar para alguma coisa. Não mencionei que era possível que eu me tornasse tão perigosa quanto Nina. Esperei para ver se Peter chegaria às mesmas conclusões, mas ele não falou nada. Aquilo fazia minha pele coçar. Eu *queria* que ele percebesse, para não ter que contar.

– Encontrei Noah – foi tudo o que Peter disse quando saí do chuveiro.

– Perdi o rastro do dj – foi tudo o que Rhys disse, e ele parecia furioso consigo mesmo.

Eu estava surpresa por ele não ter esburacado a parede com socos.

Ao sair do banheiro, parei no quarto que Rhys dividia com Noah. Não sei por quê, mas a cama de Noah ficava voltada para a parede. Os lençóis estavam jogados desde que ele rolara para fora dela na manhã da véspera, antes de tomarmos café da manhã em uma lanchonete. Sequência saíra do chuveiro usando a mesma camiseta verde que eu. Naquele momento, ficamos olhando uma pra outra.

– Está bem, eu troco – ela dissera, mas eu respondi que não importava. Afinal, nós éramos gêmeas, não?

Tudo isso tinha acontecido havia menos de 24 horas. Eu podia ouvir o som que o sangue de Noah fizera no escuro, como tinta se espalhando no chão. “Não se esqueça de mim.”

Rhys estava limpando a arma ao lado de uma cômoda. Ele esfregou o cano com tanta força que o metal lubrificado escorregou de sua mão. Ele o pegou e continuou esfregando com os mesmos movimentos. Peter estava procurando alguma coisa no *closet* de Noah.

Rhys tirou os olhos da arma e me olhou.

– Ei.

Pisquei.

– Precisamos ir até Noah – falei. – Quero a memória dele.

Eu não queria esquecê-lo.

Peter saiu do *closet*.

– No que você tá pensando?

– Noah passou muito tempo com Sequência. Talvez ela tenha dito alguma coisa, ou ele tenha visto alguma coisa que possa nos dar uma pista...

Mas isso significava que teríamos que lidar com o corpo dele imediatamente, antes que os neurônios se deteriorassem muito. Talvez já fosse tarde demais para copiar suas lembranças.

Se funcionasse, eu teria a personalidade dele em uma caixa. Não queria aquela responsabilidade. Não queria ser a guardiã da identidade dele.

– Não consigo pensar em nenhuma alternativa – Peter disse, com os olhos pregados no chão. – Não sei outro jeito de ir atrás dela.

– Bom plano – Rhys falou, parecendo um pouco pálido com aquela ideia.

Fui para o meu quarto e vesti o traje à prova de balas. Imediatamente me senti melhor. O fecho transparente nas costas ia até o topo da espinha, e o material leve envolvia perfeitamente os contornos do corpo. O sistema analgésico contido no tecido aplacou o ardor do braço. Eu me senti segura em minha segunda pele.

Em seguida, peguei minha espada e meu revólver. Eu costumava olhar para minhas armas com certa reverência, mas naquela hora eram apenas ferramentas. A espada era reta, leve e estreita, e o revólver tinha seis balas. O revólver ficava à esquerda do quadril, e a espada, chamada Língua de Fogo, ficava encaixada nas costas.

Enquanto Rhys pegava a faixa de memória, vi Peter no quarto dele, olhando pela janela.

Ficamos sozinhos por um momento. Precisava desabafar. Se não contasse, aquilo iria me corroer de dentro para fora.

Dei um passo para o lado e fechei a porta atrás de mim.

– E se eu for como ela? – perguntei, sem rodeios.

Ele não respondeu, mas os ombros pareceram um pouco tensos. “Por favor, diga alguma coisa”, pensei. “Diga que sou uma idiota, que é um absurdo pensar nisso.”

– Eu posso ser como Nina – continuei, deixando claro.

Ele se virou para mim.

– Eu sei – um segundo terrível se passou. – Mas não importa.

– Ah, não? Por que você acha isso? Eu nasci alguns dias antes de Sequência, e a sra. North não estava com pressa quando trabalhou em mim. Ela pode ter colocado qualquer coisa na minha cabeça. Por que iria fazer alguma coisa para Sequência e não para mim?

Peter engoliu em seco, seus olhos se esquivaram por um segundo, mas ele se forçou a olhar de volta para mim.

– Eu concordo que é possível, até mesmo provável.

– Então você precisa tomar uma decisão.

Ele sacudiu a cabeça, só um centímetro.

– Não, não preciso. Eu não vou me preocupar com algo que não está sob nosso controle. Não vamos abandonar você. Não vamos nos dividir. Então, na verdade, não importa, não é? – ele encurtou a distância entre nós, me agarrou pelos braços e me apertou gentilmente. – *Se* acontecer alguma coisa, *se* você mudar, nós vamos lidar com isso.

– Isso é estúpido. Tycast não designou você como líder para colocar a equipe em risco – as palavras saíam pesadas, quase soluçadas.

Sr. Tycast, o homem que nos educou, pusera Peter no comando porque ele era o melhor de nós. Mas ele não estava preocupado com os “e se” como eu. Eu imaginava a minha Programação North rindo escondida, só aguardando.

– Você acha que eu quero ser o líder? Eu não pedi ao Tycast para me escolher. Não pedi. O Noah queria mais do que eu. E você sabe o que o Tycast me disse? Que ele me escolheu justamente porque eu não queria. Eu só queria ser parte do time. Então não pense que vou ser o cara que diz para a mulher que ama que, sim, você é um risco, e sim, você tem que dar o fora. Não vou fazer isso. Nós precisamos de você, e você precisa de nós.

As palavras dele me fizeram sentir melhor. Eu estava contando com isso, mas elas não mudavam os fatos. Eu podia fugir. Abandonar Peter e Rhys, em vez de forçá-los a tomar uma decisão.

Peter deve ter percebido essa possibilidade em meu rosto.

– Nem pense nisso. Depois de tudo, como é que você pode pensar que eu deixaria você dar o fora?

Ele me puxou e pressionou os lábios na minha testa. A sensação do beijo relaxou os pontos de tensão dos meus músculos. Mas eles voltaram a ficar tensos no segundo em que ele se afastou. Ele saiu do quarto, discussão encerrada.

Parecia bonito, mas a ameaça iria perdurar na mente deles. Como poderiam confiar em mim da maneira como confiavam antes? Impossível.

Não deixei a questão para trás, mas deixei de lado. Ao menos por ora.

Na sala, Rhys estava com a faixa de memória em uma sacola pendurada no ombro. Ele abriu uma garrafa de água e a bebeu inteira.

– Trinta segundos para sair – Peter avisou do quarto.

Eu ouvi o arranhar metálico de uma arma sendo montada.

Rhys me passou uma garrafa de água.

– Em que você tá pensando?

Estava pensando em quando Noah usou o resto da manteiga de amendoim e colocou o vidro vazio de volta na geladeira. E eu o chamei de babaca, por causa de uma manteiga de amendoim. Ele pediu desculpa e eu disse que não tinha desculpa nenhuma, porque ele sabia que o vidro estava vazio. Ele mesmo raspou o resto. Ele não tentou se defender, apenas olhou para mim com remorso e se afastou. Isso fora na semana anterior. Fiquei nervosa com ele por causa de manteiga de amendoim, e pouco depois ele estava em uma laje fria, incapaz de saber ou de se importar com qualquer coisa. Eu estava arrependida por ter gritado, mas ele jamais saberia disso.

Então pensei no dia seguinte, quando passei pela porta aberta do banheiro e vi o rosto de Noah e o de Sequência pressionados um no outro. Apenas um relance. Não andei mais devagar, mas ouvi o estalo das bocas se separando depois que passei. Eles tinham se beijado. Fui até meu quarto, me sentei na cama e tentei entender o que estava sentindo. Triste, um pouco, mas menos culpada, afinal Noah finalmente estava feliz.

– Nada.

Depois de checar rapidamente as armas, parei no limiar da porta, observando o lugar que um dia chamamos de lar. Provavelmente jamais voltaríamos.

Peter e Rhys estavam no corredor.

– Vamos, Miranda – Rhys chamou suavemente.

Fechei a porta e a tranquei.



ENQUANTO EU DIRIGIA DE VOLTA PARA A ESCOLA, PETER abriu uma embalagem de remédio e sacudiu três pequenas pílulas pretas na palma da mão. Era um pouco antes da meia-noite; as ruas estavam vazias e escuras.

- Precisamos tomar isto aqui – ele disse, entregando uma para mim e uma para o Rhys.
- Por quê? – perguntei.
- Porque estou sem a injeção adequada. Ela quebrou. Com isso vamos poder nos rastrear.
- Eu não sei – eu disse.

Meu primeiro pensamento foi que, se eu virasse outra pessoa, saberia como encontrá-los facilmente.

Os olhos do Peter estavam um pouco úmidos, mas podia ser apenas cansaço. Ele os enxugou.

- Bem, *eu* sei. Não consegui encontrar você antes. Agora vou conseguir.
- Elas não vão funcionar por muito tempo... – Rhys argumentou.

Peter encolheu os ombros.

- Tem mais aqui. Peguem.

E foi o que fizemos. Peter nos entregou aparelhos portáteis que nos mostravam a distância entre cada rastreador e em que direção e a que altura estavam. Pus o meu em uma das cartucheiras na cintura, junto dos carregadores rápidos de munição para o revólver.

Chegamos na escola à 00h09, o que significava que Nina estava à solta havia mais de duas horas. Podia ser uma enorme vantagem, ou talvez já fosse tempo suficiente para que ela planejasse um ataque contra nós.

Vimos viaturas policiais enfileiradas diante da calçada da frente, brilhando sob as luzes do estacionamento. Havia uma ambulância na ponta da fileira. Eu sabia para quem era; a morte de Noah era a que não tinha conexão direta com as outras. Ele não fora pisoteado nem esmagado na quadra esportiva. Eu não podia nem imaginar que teorias os detetives estavam formulando. *Ele era um aluno novo*, alguém dizia. *Entrou este ano*. Eles levantaram o registro dele e viram que o contato de emergência não dava em lugar algum. *Quem era esse menino? Ele morava com quem?*

Estacionei nos fundos, escondendo-nos atrás dos carros dos alunos que foram estacionados à noite. O zumbido de um helicóptero de TV me deu dor de cabeça.

Os alunos deviam ter recuperado a lucidez àquela altura, pois a energia psíquica tinha se dissipado havia horas. Imediatamente as pessoas fariam conexão com o acontecido no verão passado, quando Rosas como nós usaram seus poderes na região central. Os dois ataques envolveram terror e pânico sem estímulos evidentes. Eu tentava imaginar como meus ex-colegas transmitiriam o medo em palavras. Aquele tipo de medo era algo que biologicamente eu não podia vivenciar. Eu me lembro de um especial jornalístico depois do ataque no centro. Eles entrevistaram pessoas que diziam coisas como: “Não me lembro do que eu tinha medo, era só medo. E não era um medo

comum. Eu realmente não consigo explicar o que era”. Eu conseguia: éramos nós.

Apertei firme as mãos no volante, tentando aliviar um pouco a pressão nos dentes rangendo.

Peter tirou minhas mãos do volante e as colocou em meu colo, então pôs a dele em cima. Ela estava fresca, seca e segura. Firme.

– Relaxe – ele disse, então apontou para o para-brisa. – Ali vêm eles.

Segui o olhar dele para a entrada principal. Dois policiais e dois paramédicos empurravam uma maca com rodas pela calçada, através das luzes e das sombras. Um lençol branco cobria a silhueta de Noah. Estávamos longe, mas eu podia ver a mancha vermelha na parte em que o lençol encostava no pescoço.

Achei que fosse chorar mais uma vez, mas não sentia nada. Apenas vazio. Era melhor assim.

– Quer que eu dirija? – Peter perguntou.

– Pode deixar.

– Quer que *eu* dirija? – Rhys ofereceu.

– Eu disse que pode deixar – se eu não estivesse bem o suficiente para dirigir, seria um problema.

Observei enquanto eles colocavam a maca na traseira da ambulância. Bateram as portas, como se fechassem um caixão. A ambulância partiu, sem luz, sem sirene.

Pisei no acelerador e a segui.



A ambulância foi direto para o Instituto Médico Legal Municipal. Ninguém falou durante o caminho porque não havia nada a dizer. Estacionei ao lado. O prédio era branco, de quatro andares, sem qualquer característica mais sinistra. Não parecia que abrigava cadáveres de quem morria de forma suspeita ou violenta.

Vi os paramédicos tirarem Noah da ambulância e conduzirem a maca com rodas pelas portas duplas.

Chequei o relógio acima do rádio. 00h39. Fazia quase três horas que eu tinha perdido Nina de vista.

– Eles vão colocá-lo na geladeira e fazer a autópsia mais tarde – falei.

A frase *colocá-lo na geladeira* me deixou enjoada. Não acreditava que tinha dito aquilo.

– A geladeira vai diminuir o ritmo da decomposição – Rhys disse.

– Obrigado, dr. Rhys – Peter brincou.

– Não importa – eu disse. – Vamos dar dez minutos para que os paramédicos o coloquem lá, então nós entramos. É um bom plano?

– É o que temos pra hoje – Rhys disse.

Peter acenou com a cabeça. Ele fechou os olhos e se recostou no assento, meditando.

Os dez minutos se passaram e nós saímos do Caravan, parecendo um tanto suspeitos com nossos trajes de escamas. Nenhum de nós pensou em trazer as roupas comuns para vestir por cima, mas acho que estávamos com a cabeça em outras coisas. Rhys me passou a sacola que continha a faixa de memória. Tentei pegá-la, mas ele segurou a alça.

– Tem certeza de que você quer as lembranças de Noah em sua cabeça?

Perguntando desse jeito, eu diria que não. Mas precisávamos de uma pista, não tínhamos nenhuma. Pela maneira que ele falou, eu sabia que estava pensando na mesma coisa que eu. Noah conhecia Sequência, não Nina, e poderia não ter pista alguma nas lembranças dele. Mas eu não sabia onde mais procurar.

E as palavras de Noah, “não se esqueça de mim”, ainda soavam em meus ouvidos. Não queria esquecê-lo. Se alguém tinha que peneirar a memória dele, tinha que ser eu. Claro que eu não conseguia dizer aquilo sem me sentir um pouco estúpida. Eu até podia ouvir a repreensão de Rhys: “Eu não acho que ele quis dizer para lembrar dele tão literalmente, Mi”. E ele estaria certo.

Passamos com naturalidade pelas portas. Afinal, ninguém ali conseguiria nos impedir mesmo. Os corredores eram brancos e brilhantes e neutros. Frios. Nós os percorremos em uma formação de triângulo, com o Peter na frente.

Alguém gritou às nossas costas:

– Ei, ei!

Girei para trás, com as mãos nas armas. Um homem corpulento em um uniforme azul e com um distintivo prateado estava no corredor, com uma mão na maçaneta e a outra no coldre da pistola, a poucos passos de nós.

Metade da arma dele estava para fora do coldre quando fiz o que a equipe Alfa jurou nunca fazer, se pudéssemos evitar. Aliviei um pouco da tensão sempre presente em meu cérebro, deixando um pouco da energia escapar em uma onda mínima, suficiente apenas para que ele tirasse a mão da pistola. Aquilo doía e dava uma sensação boa ao mesmo tempo. Os olhos dele se arregalaram e as narinas e a boca se abriram.

– Miranda! – Peter chamou, atrás de mim.

Eu o ignorei e encurtei a distância até o guarda, então agarrei sua camisa com o punho e a torci, puxando-o contra mim. Fiz com que minha voz soasse áspera como uma rocha:

– Mostre onde é a geladeira.

O guarda concordou rapidamente, com os olhos enrugados e inchados de lágrimas.

– Sim... por favor...

Eu sentia o tremor dele em meu punho. Ele estava prestes a gritar, ou desmaiar, ou as duas coisas. Larguei a camisa e agarrei o braço, que já estava um pouco úmido de suor.

– Mostre o caminho.

Ele começou a andar, respirando pesadamente e me arrastando junto. Peter e Rhys não tinham nada a dizer. O aroma de rosas, o efeito colateral esquisito de nosso poder psíquico, já estava desaparecendo. Talvez não fosse a melhor maneira, mas àquela altura já não dava para se arrepender.

Peter e Rhys estavam hesitantes.

– *Vamos lá* – chamei.

O guarda me levou até outro corredor.

– Que tal nos avisar da próxima vez? – Peter reclamou quando eles me alcançaram.

– Avisar sobre uma decisão instintiva? Claro.

Rhys riu baixinho.

Logo adiante havia uma grande porta de aço com puxador. Eu sabia do que se tratava antes que o guarda dissesse “aqui, aqui.”

Soltei o braço do guarda. Rhys agarrou os ombros dele, o girou e se curvou para olhar bem para a cara dele.

– Onde fica o armário mais perto?

– Tem um no escritório ao lado.

Rhys retirou o rádio e a arma do cinto do guarda e o virou na direção certa.

– Eu quero que você vá lá e se tranque, não saia durante uma hora. Entendeu? Ou... coisas ruins vão acontecer.

O guarda acenou com a cabeça e se foi, com as chaves tilintando no cinto.

Rhys virou para mim e para Peter:

– Quem diria que esses medrosos eram tão impressionáveis?

Não rimos, porque não era bem uma piada. Alguns segundos se passaram do lado de fora da porta grande de aço. Ninguém falava. Eles deviam estar se perguntando se eu era forte o bastante. Eu sabia que era, mas isso não significava que eu quisesse entrar.

Peter tocou com leveza em meu cotovelo.

– Deixe comigo. Eu não sei bem o que absorver todas essas lembranças pode fazer com você.

Se alguma personalidade latente acordasse dentro de mim, teria acesso aos downloads que faria de Noah? Era um risco desnecessário... Mesmo assim... Eu não queria que mais ninguém visse. Não queria que Peter e Rhys vissem as lembranças que Noah tinha de mim. Quem poderia dizer o que acontecera entre nós ao longo dos anos? Eu mal me lembrava. Mas estava sendo imprudente. Eu não achava que era um bom motivo para arriscar, mas iria fazer mesmo assim.

Em vez de tudo isso que pensei, falei:

– Eu já fiz download de lembranças do Rhys e da sra. North. Eu vou saber dizer qual é a diferença entre as deles e as minhas.

– Você não precisa assumir essa responsabilidade – Peter disse.

Ele estava certo. Era uma responsabilidade. Eu ainda não podia antecipar como aquilo iria me afetar, e queria fazer pelos motivos errados.

– Essa tarefa é minha – retruquei, erguendo a sacola acima do ombro. – A menos que seja uma ordem.

Alguns segundos se passaram. Então ele balançou a cabeça.

– Não.

Coloquei a mão no puxador frio de metal e abri a porta. O ar seco e gelado soprou em uma onda no meu rosto. As luzes ali dentro eram fortes, mas meio cinzentas, completamente sem vida, como o resto daquele lugar.

Dei um passo para dentro e fechei a porta.



MEU TRAJE COMBATIA BEM O FRIO. EU ESTAVA TREMENDO por outro motivo. As paredes dos dois lados eram sequências de pequenas portas retangulares, dispostas em três fileiras, uma acima da outra. Atrás delas, os mortos. Encostadas nas paredes, macas cobertas por lençóis. Silhuetas brancas em forma de corpos, arredondadas na altura da cabeça e pontudas nos pés.

Eu não precisava checar cada maca. Logo vi Noah. A dele estava ao lado da parede dos fundos, com o lençol branco se destacando contra os azulejos verde-vômito. A mancha vermelha brilhante, pouco abaixo da elevação do rosto, tinha se espalhado um pouco.

Minha respiração vinha em nuvens de ar azedo. Olhei para o lençol de Noah, esperando que ele acordasse a qualquer segundo. Ele arrancaria o lençol e gritaria “surpresa!” com um sorriso estúpido. Eu o socaria no braço e ele fingiria dor.

Pisquei.

O ambiente estava frio e morto. Noah estava frio e morto. Era hora de fazer meu trabalho. Eu me agachei perto da maca onde ele estava, abri a sacola e retirei a faixa de memória.

Minha mão flutuava acima do lençol. Eu não queria tocá-lo. Não queria puxar e ver o rosto sem vida. Fechei os olhos e respirei pela boca, sentindo o sabor do antisséptico e o cheiro doce dos cadáveres recentes. Aquela essência enjoativa era tão estranha.

Parei de hesitar e puxei o lençol. Dobrei-o na altura do quadril de Noah e me forcei a olhar para aquele rosto. Estava como no chão do laboratório. Frio, pálido e sem vida, com olhos abertos que nunca mais veriam nada. Vi o quanto era profunda a ferida no pescoço, as camadas de pele e de músculo que a espada de Nina atravessara.

Eu me segurei na beirada da maca e fechei os olhos.

Todos nós estamos em rota de colisão com o que quer que esteja destinado a nos matar. Alguém um dia vai me matar, e já deve estar vagando por aí. Alguém forjou a lâmina que matou Noah. A ponta encontrou a carne macia do pescoço, encontrou os finos vasos que carregavam seu sangue, tudo porque deixei que ele entrasse primeiro.

As lágrimas nas minhas bochechas estavam geladas como meu coração. Eu tentava endurecer para lidar com isso e tudo o que viesse depois. Noah gostaria disso.

Abri os olhos e comecei o trabalho, esperando que aquilo fosse apenas mais um passo para fazer tudo desaparecer.



Eu precisava erguer a cabeça dele para prender a faixa. Seu cabelo era macio, e o peso morto da cabeça era a pior parte. Fechei os olhos e ajeitei a faixa pelo tato.

Uma voz me dizia que aquilo poderia não funcionar, mas eu ignorava. Esmagava a voz debaixo do

meu pé blindado. Tinha que funcionar, senão todo o esforço teria sido em vão. Eu preferia morrer do que deixar Nina vencer.

A faixa de memória zumbia como uma coisa viva. Programei a máquina para começar com as lembranças mais recentes de Noah; qualquer pista dos planos de Nina ou de seu paradeiro estariam ali.

A faixa ronronou e fez um clique suave. Meus dedos percorreram o antebraço dele, roçando o punho, depois a palma. Quase segurei sua mão, como se aquilo pudesse tornar as coisas mais fáceis. Na verdade, eu mal podia suportar a umidade fria de sua pele.

O tempo passava lento demais, e de quando em quando a máquina zunia. Então o pequeno mostrador na lateral da cabeça dele exibiu ESCANEAMENTO COMPLETO, com quatro opções embaixo.

ESCANEAR NOVAMENTE | SALVAR TUDO | APAGAR | NOVO ARQUIVO

Apertei SALVAR TUDO.

A faixa zumbiu, salvando todas as lembranças intactas que estavam no cérebro de Noah. Então ouvi o clique quando ela desligou, e o ruído foi morrendo como se a máquina estivesse exausta. Removi a faixa da cabeça de Noah e a guardei na sacola.

Então olhei para seus olhos.

As íris ainda estavam castanhas, mas um pouco rosadas, tendendo para o vermelho, como os meus. Usei os dedos para fechar os olhos dele, mas eles se abriam novamente. Encarando. Tentei mais uma vez e segurei as pálpebras para baixo, e desta vez elas ficaram bem fechadas. Apenas um pouco entreabertas.

A soma da experiência de vida dele estava pendurada em meu ombro, o maior peso que eu já carregara.

Cobri-o com o lençol e me virei.

A porta se abriu, mas não era nem Peter nem Rhys. Uma mulher de jaleco apareceu segurando uma prancheta com ambas as mãos.

– Você não deveria estar aqui – ela disse.

Sua boca se abriu e fechou, e a testa dela se enrugou quando notou meu traje. Ela estava certa. Eu não deveria estar ali. Noah também não.

Ela viu meus olhos e pude notar que tremeu. Eu não estava usando as lentes de contato.

– O que você está fazendo aqui?

Olhei para Noah mais uma vez. A última vez. Mas logo eu estaria mais próxima dele do que jamais estivera na vida.

– Indo embora – respondi.



FALEI PARA A MULHER FICAR NA GELADEIRA POR CINCO minutos, e o olhar no rosto dela disse que iria obedecer. Fechei a porta e, ao virar, encontrei Peter e Rhys de frente para mim.

- Desculpe, achamos que seria melhor nos esconder – Rhys explicou.
- Como foi lá dentro? – Peter perguntou quando começamos a andar.
- Vamos saber logo – respondi.

A sacola esquentava minha perna, e eu estava começando a me preocupar com coisas estúpidas. A máquina podia estar quebrada; podíamos ter chegado tarde demais; as lembranças podiam estar corrompidas porque ele estava morto havia muito tempo. Uma parte secreta de mim queria que a transferência fosse um fracasso, não queria ver as lembranças dele, mesmo que elas nos ajudassem. Eu não queria ver como era quando ele ainda estava vivo, com pensamentos próprios.

Do lado de fora, o ar ameno de início de outono me envolveu, e eu apoiei meu corpo com um dos braços ao lado do prédio. Era muita coisa ao mesmo tempo. Quase vomitei, mas me segurei. Engoli em seco algumas vezes e olhei para o céu escuro. Peter e Rhys não perguntaram se eu estava bem, o que achei bom. Nós apenas nos amontoamos no Caravan e saímos dali.



Eu me sentei no banco de trás, no lugar que Noah costumava declarar como dele. Olhei para aquele espaço e me lembrei dele sentado ali, a caminho do baile, estalando os dedos um por um, até Rhys pedir que ele parasse com aquilo. Os estalos dos dedos ficaram na minha memória como tiros de revólver.

Retirei a faixa enquanto Peter dirigia. Eu estava bem convencida de que, se aquilo não funcionasse, não teríamos qualquer chance de encontrar Nina.

Peter viu meus olhos pelo espelho.

- Temos que dormir.

Nós estávamos acordados havia umas 20 horas, o que não era tão ruim, mas em breve iríamos sentir o cansaço. Naquele exato momento, eu nem conseguia me imaginar dormindo. Se fechasse os olhos, o barulho de fundo no meu cérebro ficaria mais alto.

- Não podemos ir pra casa – Rhys disse.
- Então vamos encontrar algum lugar e estacionar – sugeri.

Peter escolheu uma direção, mas eu não estava prestando atenção. Eu continuava mexendo na faixa de memória, sentindo o peso dela. Imaginava o que ela iria me mostrar.

Um pouco depois, Peter parou em um estacionamento lotado e inclinou o assento. Rhys fez o mesmo.

- Boa sorte, Miranda – ele provavelmente adormeceu quase instantaneamente.

Peter se virou para mim.

– Se você insistir em fazer agora, vou ficar acordado enquanto você não pegar no sono.

Sacudi a cabeça.

– Não vou conseguir relaxar. Por favor, confie em mim. Deixe... – encostei no braço dele. Em seguida, ele pôs a mão sobre a minha. – Deixe que eu faça isso. E preciso que você esteja descansado.

Ele não disse nada, não demonstrou expressão alguma.

– Por favor – pedi mais uma vez. Se eu pudesse, faria sozinha, em um quarto escuro.

– Então me acorde quando terminar.

Eu dei a ele o melhor sorriso que pude.

– É claro.

Ele me olhou por mais um segundo, sempre preocupado, então rolou para o lado e repousou.

Eu poderia ver tantas coisas sobre a vida de Noah. Eu me perguntava o que ele diria se soubesse que eu ia fazer aquilo. Ele provavelmente começaria com um sonoro NÃO.

Os botões brilhavam em um vermelho sem vida sob a luz fraca da van. Apertei o que dizia ABRIR ÚLTIMO ESCANEAMENTO e deslizei a faixa na cabeça. Prendi a respiração ao sentir a dor.



As lembranças vieram em uma onda, rápidas demais para eu assimilar. Via imagens, não sentimentos. Noah escovando os dentes em frente ao espelho do banheiro. Rolando no tatame que pusemos na sala de estar. Olhando do sofá para mim e para a Sequência. Treinando golpes com Rhys, tomando uma pancada nas costelas. As informações corriam por milhares de agulhas microscópicas que iam direto para o meu tecido cerebral, onde se instalavam como tatuagem. Minha, mas não minha. Então as emoções finalmente chegaram e tive que lutar contra o impulso de me deixar levar.

Noah olhando para mim depois que saímos do rio, encharcados, logo depois de despistarmos a equipe Beta. Noah dizendo adeus para a Miranda anterior a mim, deixando-a sem memória em Columbus. Minha outra memória implantada desse mesmo momento ressurgia de repente e me fazia oscilar entre dois pares de olhos, uma Miranda olhando para ele sem reconhecê-lo e ele olhando para Miranda, olhos vermelhos de lágrimas. Mais tarde, Noah sozinho no banheiro, chorando. Noah ajoelhado em frente ao vaso sanitário, vomitando, arrependido até o fundo da alma, desejando nunca ter apagado a memória dela, sentindo culpa em cada célula do corpo.

As emoções conectadas a cada lembrança quase me sufocavam, mas eu me forçava a analisar cada cena com objetividade. Uma exibição de *slides*, nada mais. Aqueles sentimentos não pertenciam a mim.

Eu queria olhar para o lado. Queria parar. Mas não podia e não iria.

Conforme as lembranças se assentavam em mim, elas realmente se tornavam minhas. Eu podia trazê-las à superfície tão facilmente quanto se fossem as da minha própria vida. Tentava me lembrar de algum episódio em que Sequência tivesse agido de forma esquisita ou diferente. Talvez em um momento a sós que o resto de nós não tinha presenciado. Se houvesse alguma pista, seria assim que eu a encontraria.

O resto das lembranças de Noah ficaram guardadas com um peso enorme no fundo da minha mente, como um livro gigante ainda não lido, que eu teria que carregar comigo o tempo todo. Elas esperavam pacientemente por mim.

Mas uma veio logo à superfície, atendendo ao meu pedido.

Eu fora tão rígida antes ao dizer que ninguém além de mim poderia ver as lembranças de Noah; mas naquela hora eu me arrependia por não dividir a responsabilidade.

○ ○ ○

Começava com uma discussão e terminava com alguma outra coisa.

Eu era eu, mas não era eu. A cada segundo que passava, eu era menos eu observando a memória de Noah e mais o Noah se lembrando do próprio passado.

E então me deixei levar completamente.

○ ○ ○

– Você é um canalha – Sequência falou.

Tinha sensação de que a cavidade de meu peito estava repleta de abelhas. Sim, abelhas. Eu disse a coisa errada mais uma vez, por ser um cara idiota.

Eu a chamei de Miranda. Não deveria soar tão ruim, mas soou. Afinal, não era Miranda. Eu a deixei magoada por trazer isso à tona.

– Foi um reflexo.

– Vou facilitar pra você – ela disse, sem sorrir.

Ela foi ao banheiro e pegou uma caixa com tintura para cabelo sob a pia. O rótulo dizia *preto intenso*. Ela achou uma tesoura atrás do espelho.

– Você não precisa fazer isso.

– Não olhe pra mim – ela disse, cortando as mechas arruivadas, que caíam aos seus pés.

Os movimentos afobados, enquanto ela abria a caixa de tintura.

Parei de olhar para ela, e ela voltou um pouco mais tarde com o cabelo preto estilizado em um corte que depois descobri ser conhecido como “joãozinho”.

– Ei, ficou bom! – elogiei quando ela passou por mim.

Ela me ignorou e saiu pela porta da frente. Bem a cara dela.

É claro que fui atrás.

Ela entrou na van, então peguei uma moto emprestada de alguém no estacionamento. Não era algo muito esperto, mas de outra forma eu a perderia de vista. Era uma Yamaha R6 preta e bem rodada.

Eu a segui por cerca de meia hora, sem que ela notasse. Ela parou em frente a um prédio abandonado de tijolo aparente na parte mais detonada da cidade, com o motor ainda ligado. Joalherias baratas e mercadinhos dividiam a paisagem com galpões abandonados e terrenos baldios tomados pelo mato. Nenhum carro nem pessoas nas ruas. Desliguei o farol e fiquei esperando nas sombras, afastado dos postes de luz. Depois de um minuto, Sequência virou em um beco ao lado do prédio de tijolos. Ouvi o motor da van parar, então também desliguei a moto e fui para a calçada. Fiquei na espreita, na entrada do beco.

Ela estava em frente a uma porta velha de madeira que dava para o prédio. Sem avisar, ela a abriu com um chute e desceu para um porão. Aquilo fazia muito sentido. Quem que não vai para um prédio estranho e entra chutando a porta? Havia uma maçaneta, eu vi. Ela nem checou se estava trancada ou não. Se ela tinha um encontro marcado com alguém, provavelmente teria batido na porta.

Ela demorou para sair, então espiei pela porta, depois de passar por um monte de lixo no beco. Ela estava sozinha em uma salinha de tijolo. A luz cinzenta e esverdeada da rua se infiltrava pelas

janelas imundas. O cheiro era de mofo e merda de rato.

– Não acredito que você me seguiu – ela disse.

Fiquei sobressaltado.

Ela estava de costas e se virou lentamente. Seu olhar estava diferente. Podia ter ficado furiosa comigo antes, mas não era o caso naquela hora.

– Não tem nada melhor pra fazer com seu tempo livre?

– Na verdade, não – respondi, tentando recuperar a calma. Não fiz som algum enquanto me aproximava.

– Venha até aqui.

Ela estendeu as mãos.

Meu coração estava acelerado.

Demos as mãos. O nervosismo fechava minha garganta. Percebi que a desejava muito. Eu a desejava muito e sabia que isso era estranho, mas não importava.

Ela ficou na ponta dos pés e me beijou. Simplesmente um beijo. Nossos lábios se tocaram, nada mais. Os lábios dela eram macios, os meus estavam rachados.

– Tudo bem pra você? – ela perguntou.

Eu fiz que sim. Então falei:

– O que você veio fazer aqui?

Ela sacudiu a cabeça e se ergueu novamente, mas desviei o rosto do beijo. Eu ainda estava perplexo. Já tinha sentido aqueles lábios antes e, ao mesmo tempo, não.

– Eu quero saber – insisti.

– É bobagem.

– Não importa.

– Eu simplesmente me sinto atraída por este lugar. Não é louco?

– Atraída pra cá? Você já veio aqui antes? – eu não conseguia disfarçar o quanto achava aquilo estranho: ela ficou furiosa, saiu e dirigiu até uma sala vazia em um prédio decrepito.

Ela acenou com a cabeça.

– Por quê?

– Eu não sei.

– Realmente, isso é esquisito.

– Você já fez com ela?

Bum! Do nada ela veio com essa. Meu estômago revirou.

– Como assim? Não mude de assunto.

– Você sabe exatamente do que eu tô falando.

– Não.

– Você jura?

Acenei lentamente.

– Era proibido.

– Eu sei disso. Mas talvez não devesse ser.

O *Sifu* Phil não estava mais por perto para martelar na nossa cabeça, então ela estava certa. Talvez não tivesse que ser errado. Talvez as regras sobre sexo fossem apenas algo para nos manter na linha. Nenhuma regra mística do kung fu. Mas eu me lembrei das palavras do *Sifu* Phil: “Há um motivo para que os monges mantenham celibato. E não é porque gostam”.

Eu não disse nada.

– Você ainda quer ficar com ela?

Sim.

Sim, era verdade.

Mas Miranda não me queria mais. Ela queria Peter. Ela passou a olhar para ele da maneira que olhava para mim, antes que eu roubasse a vida dela em uma missão egoísta para mantê-la segura. Uma decisão da qual vou me arrepender para sempre. Não por ter matado seus sentimentos por mim, mas pelo que causei a ela.

Miranda ainda sofria com os estragos que provoquei. Às vezes eu ouvia as palavras que ela murmurava durante o sono.

Mas ela não estava na minha frente naquele momento. E outra pessoa estava. Meu coração ficava pesado só de pensar, mas Sequência era minha segunda opção. E quem saberia dizer se ela não era a melhor opção?

– Não, não quero ficar com ela.

Qualquer que fosse o motivo que atraía Sequência àquele lugar, era como se ele a transformasse. Como se ela estivesse começando uma nova vida. Os olhos brilhantes, em vez de defensivos. Aquilo não era normal. Era apenas um prédio. Apenas paredes. Não havia nada naquele lugar. Por que ela queria manter segredo?

– Quero acreditar nisso – ela falou.

– Pode acreditar – pus uma mão em seu quadril. – Pode confiar.

Se meu rosto denunciava a mentira, eu a escondia o melhor que podia. Ela podia confiar em mim. Essa parte não era mentira. Mas um pedaço do meu coração sempre seria de Miranda.

Ela se afastou, e eu supus que iríamos sair dali. Achei bom. Meus lábios ainda estavam quentes. Mas então ela pegou a camiseta com as duas mãos e a puxou por cima da cabeça. Ouvi o tecido caindo no chão. A luz era fraca, mas eu conseguia distinguir os contornos do corpo. Meu coração batia tão forte que pensei que teria um infarto ali. De repente, minha boca ficou seca e grudada e eu achei que não ia ser muito bom beijá-la assim.

– Posso confiar em você – ela repetiu, ainda com uma pontinha de interrogação.

Engoli em seco, com o desejo dominando todo o meu corpo. Lambi os lábios.

– Sim.

Ela me beijou mais uma vez, suavemente como antes, mas então nossos lábios se apertaram mais forte e as bocas se abriram. Ela tirou minha camisa em um movimento rápido, mas não ergui os braços imediatamente, então a manga se rasgou. Não que eu tenha me importado. As mãos dela estavam geladas na minha pele ardente. O porão não parecia mais tão mofado, escuro e vazio. Estava vivo, como nós. As mãos dela passearam pelo botão da minha calça jeans e...



EU TIREI A FAIXA COM FORÇA O BASTANTE PARA ARRANCAR um pouco de cabelo. Voou cabelo para o teto, para o assento ao meu lado, para a janela lateral. Peter e Rhys continuavam esticados nos bancos. Olhei para o relógio no painel. 02h02. Havia se passado menos de meia hora, e Nina estava com quatro horas de vantagem.

– Eu sei aonde ir.

Eles olharam para mim como se eu fosse algum animal exótico.

– O que aconteceu? – Peter perguntou.

– O que você viu? – Rhys quis saber.

– Dirija! – fechei os olhos. – Apenas dirija – repeti, com voz mais baixa.

– Eu gostaria de saber um pouco mais – Peter reclamou. – Não nos deixe boiando.

Rhys olhava para nós com as sobrancelhas erguidas. Eu estava muito cansada. A última coisa que queria fazer era descrever o que tinha acabado de ver.

Mas eu contei. Tudo. Meu rosto estava neutro; eu não podia deixar Peter saber o quanto aquilo me afetara. Ele ficaria com ciúme ou imaginando o que mais eu estava omitindo. Ou talvez não. Eu nunca o vira inseguro antes. Mas não queria arriscar. Não queria dar a ele outras preocupações, não quando era essencial manter o foco.

– Você disse que a sala estava vazia, certo? – Rhys continuou. – Acho que já soa como algo que não vai nos levar a nada.

– O nome disso é pista – eu retruquei. – Talvez ela tenha ido pra lá. Parecia que estava esperando alguma coisa. Não sei.

– Ela está com uma boa vantagem em relação a nós – Rhys disse. – Tenho certeza de que ela já deve ter ido para outro lugar a esta altura. Bem, não tenho certeza, mas é o mais provável. Não sabemos nem por que ela gostava daquele lugar.

Eu suspirei.

– Talvez possamos seguir o rastro dela, Rhys. Você tem alguma ideia melhor?

Peter deu uma opinião:

– Talvez a fixação pelo lugar fosse alguma ligação com a personalidade latente dela. Ela não sabia por que era atraída para lá, porque ainda não estava na hora. Não até que o código na música a transformasse.

– Ótimo – Rhys disse. – Vamos supor que, quando chegarmos lá, Nina esteja esperando por nós. E então?

– Então nós a encostamos na parede – Peter respondeu – e descobrimos que diabos está acontecendo.

Falei para Peter pegar a estrada.

Eu podia *sentir* o beijo de Sequência. Aquilo era errado. Eu não devia ter as lembranças de Noah. Elas nadavam na minha mente, esperando, como em um aquário fechado. Eu só precisava abrir a tampa. Um pensamento e eu já saberia de tudo.

Eu gostaria de poder voltar atrás. Na verdade, não. Eu não teria feito nada diferente. Mas isso não significava que eu gostava do resultado. Tinha que ficar me convencendo de que as lembranças providenciavam uma pista, mesmo que fosse tão obscura quanto um prédio velho e sujo.

Peter saiu da estrada e eu fui explicando o caminho. As ruas iam ficando para trás e se misturando com a lembrança do caminho percorrido por Noah. Passamos pelo mesmo posto de gasolina, pela mesma placa de trânsito quebrada, até eu dizer que havíamos chegado e Peter parar. Ele fez a baliza ao lado da entrada do beco. Do ângulo que estávamos, pude ver a porta de madeira que Sequência arrombara com um chute. Alguém a recolocara no batente. O prédio inteiro parecia abandonado. Não havia sinal algum do que fora aquele lugar no passado. A rua estava ainda mais vazia do que na lembrança. Talvez fosse uma consequência do ensaio geral. Quem tinha algum outro lugar para ir já havia deixado Cleveland. A lembrança dos enlouquecidos nas ruas, literalmente loucos de medo, continuava fresca na mente das pessoas.

– É isso aí – eu disse, colocando as luvas com escamas. O traje se fundiu às luvas, não dava para ver a separação das peças. Eu estava protegida dos dedos do pé à mandíbula.

– Você tem certeza? – Rhys perguntou.

Eu não me dei ao trabalho de responder.

Peter tinha um plano simples:

– Se ela estiver ali, vamos tentar fazê-la se entregar. Se ela não estiver com vontade de conversar, tentamos imobilizá-la. Mas, se estiver perigosa demais, vamos agir de acordo com a situação. O que acham?

– É um bom plano – Rhys disse –, se pudermos pular a parte de tentar conversar.

Peter beliscou a ponta do nariz.

– Rhys...

– É um bom plano – ele repetiu, dessa vez com seriedade.

– Miranda? – Peter disse.

– Entendi. Nina estava armada da última vez em que a vi – como se eles não se lembrassem desse detalhe.

Peter encerrou dizendo:

– Se ela não estiver lá dentro, vamos procurar por algum sinal de que ela passou por ali. Então nós... Não sei. Vamos pensar em alguma coisa.

Juntamos nossas armas e saímos pela noite fria. Minha barriga roncou e as mãos tremiam um pouco, provavelmente não por falta de comida. Era estranho chegar no beco, como colocar os óculos de outra pessoa. Eu via os meus olhos e os de Noah. Ele olhava para Sequência chutando a porta, perguntando-se o que havia naquele lugar. E então eu estava diante da mesma porta. De certa maneira, eu era a garota que arrombava a porta com os pés.

A voz de Peter me puxou para a realidade:

– O que você está vendo?

Coisas que eu não queria ver.

– A porta é essa mesmo.

Rhys se espichou pela frente e tentou olhar pelas janelas, mas elas estavam muito sujas e escuras.

– Não consigo ver nada. Não sei como...

Peter abriu a porta no chute. Pelo jeito, eu não era a única que estava sem paciência.

As dobradiças já estavam quebradas, então a porta toda se destacou do batente e foi caindo escada abaixo até o porão. Ela tombou achatada no chão e uma boa quantidade de poeira se levantou em volta. Saltei pela abertura e imediatamente soube que estávamos sozinhos. O porão parecia antigo, como se já não tivesse mais ninguém vivo para se lembrar do que costumava acontecer por ali. O cheiro no ar era apenas levemente melhor que o do necrotério.

Pude enfim sentir a atração que o lugar exercia. Era para estarmos ali, mas eu não tinha ideia do porquê. Era como uma velha lembrança trazida de volta, como um cheiro ou um som. Uma lembrança vaga, mas familiar.

– Vocês estão sentindo? – eu andava e percorria as paredes de tijolos com os dedos.

Atrás de mim, Peter e Rhys me olhavam de um jeito que fazia minha pele arrepiar. Eu não devia ter dito aquilo. Se eles não estavam sentindo a mesma atração, sem dúvida o que ouviram soava como um alarme de perigo.

– Tem alguma coisa neste lugar – eu disse, tentando parecer casual. – Vocês não sentem? – o fundo da minha mente sentia um formigamento na parte em que estavam as lembranças de Noah. Talvez fosse apenas minha imaginação.

– Eu não – Peter respondeu.

– Eu não sei – foi a resposta do Rhys.

O tempo tinha feito a argamassa se esfarelar, deixando os tijolos tortos e instáveis. Arranhei um com a unha. Aliás, já quase não havia argamassa nenhuma. Poeira branca cobria o chão aos meus pés, com alguns restos de tijolo espalhados pelos cantos. No topo da parede havia um vão escuro, e um dos tijolos estava deslocado para o lado. Outro tijolo estava meio saltado para fora a alguns passos à minha esquerda. Eu não precisava recorrer às lembranças de Noah para saber que a parede não estava daquele jeito antes. Eu me inclinei para mais perto e senti uma corrente de ar na bochecha.

A parede fora fechada havia pouco tempo. Alguém a reconstruíra recentemente.

Coloquei as mãos em um tijolo que estava prestes a se esfarelar sob meus dedos...

– Não tem nada aqui – Rhys disse.

... E empurrei.



A PAREDE DESMORONOU. TIJOLOS CAÍAM COMO CHUVA e se chocavam uns contra os outros, esfarelando a argamassa e a transformando numa nuvem branco- -acinzentada. Nem precisei me esforçar. A parede simplesmente desabou.

O ambiente ao lado era comprido, menos como uma sala e mais como um túnel. Mentalizei como o prédio era por fora. Ele se erguia solitário naquele lado da rua, próximo a terrenos baldios cheios de mato e ao esqueleto de um galpão mais ao longe. O túnel poderia dar em qualquer lugar, menos em outro prédio, não em algum ali perto.

Nina fora até ali e atravessara aquela parede, então pusera os tijolos de volta no lugar como pôde. A princípio, pensei: “Por que ela se deu ao trabalho de tentar esconder o rastro?”. Mas então me dei conta de que só olhei uma segunda vez para a parede por causa da lembrança de Noah. A reconstrução não fora perfeita, mas em outra situação poderia ter nos enganado.

Peter chutou forte a parede oposta, que não saiu do lugar. Testei as duas paredes adjacentes. Eram bem sólidas.

Vasculhei as lembranças de Noah em busca de outro momento em que eles estiveram ali. Pulei a parte em que a boca dela estava em seu pescoço e fui para a parte em que ela olhava para a parede, mas não se movia nem encostava em nada. A pergunta era: o que a atraía para lá quando ela era Sequência? Podia ser como Peter dissera, uma conexão com a personalidade de Nina. Ela sabia que aquele lugar era importante, mas ainda não sabia por quê.

Talvez não fizesse muita diferença. A não ser... pelo fato de que eu também senti a atração assim que chegamos. Talvez meu cérebro estivesse apenas confuso, tentando entender como eu podia me lembrar daquele lugar, apesar de ser a primeira vez que eu estava ali.

Rhys ficou olhando para o túnel. Era mais escuro que carvão. Ele espanou as mãos uma na outra e se virou para nós.

– Aonde vocês acham que isso vai levar?

– Só tem um jeito de descobrir – Peter respondeu.

Rhys soltou um som que era quase uma risada.

– Então Nina reconstruiu a parede para esconder o rastro. Isso significa que, seja lá o que ela estiver fazendo, é importante o suficiente. Tenho certeza de que ela levou mais do que cinco minutos para pôr esses tijolos no lugar.

Isso significava que ela podia não estar com tanto tempo de vantagem à nossa frente como pensávamos.

– De volta para a parte do *só tem um jeito de descobrir*. Eu vou pegar as lanternas. – Peter subiu a escada de volta para o beco e, quando dei por mim, eu também estava do lado de fora com ele.

Agarrei o punho dele e o puxei para trás. Quem é que poderia dizer quando poderíamos ficar a sós novamente? Meu estômago se revirava e o suor me dava coceira sob o traje. Eu não queria olhá-

lo nos olhos e ver o que ele estava sentindo, porque gostava de fingir que nada o abalava. Mas Peter geralmente não tentava esconder os sentimentos, a menos que houvesse uma vantagem estratégica. E era exatamente o que eu estava buscando, algum sinal que confirmasse que eu era um membro do time, e não uma possível ameaça.

Acho que obtive a resposta imediatamente. Os olhos dele estavam duros, na defensiva.

– Você ainda confia em mim?

Ele engoliu em seco, o que já me confirmava a resposta. Mesmo assim, esperei.

– Você quer que eu vá embora?

– Já conversamos sobre isso. Não.

Abaixei a voz para que Rhys não pudesse ouvir.

– Mas você não pode confiar em mim até sabermos mais – eu disse, como uma acusação. Eu não devia ter falado daquele jeito, porque não era culpa dele.

– Você está me pedindo alguma coisa ou me contando? O que você quer que eu faça, Miranda? Sinto muito, mas eu te amo.

Ali estava, em alto e bom som. Ele não podia retirar o que disse. Nos últimos tempos, nós vínhamos rodeando a frase completa, nenhum dos dois muito seguro sobre ser cedo ou não para dizer, mas ambos *querendo* dizê-la. E amarelando.

Diga que você também.

– Você me ama? – foi o que eu disse.

– Sim – a expressão do rosto dele não tinha expectativa. Ele não estava esperando que eu dissesse nada em resposta. Ou, se estava, fazia um ótimo trabalho para esconder.

– Então... – comecei, sem muita certeza do que iria dizer.

Ele agarrou meu braço e me levou para longe da porta.

– Mas eu não posso deixar isso afetar minhas decisões – ele sussurrou. – Eu te amo e confio em você, mas se... se você se tornar *não você*, vou ter que tomar cuidado, é claro – os olhos dele estavam úmidos.

O certo é se sentir diferente quando alguém diz que te ama. Naquele momento, eu preferia que ele me mandasse embora de uma vez. Não era a primeira vez que me imaginava dando o fora. Eu podia roubar um carro e dirigir para qualquer parte. Mas preferia morrer a ver Nina se safar. Além disso, Peter podia me encontrar com aquele rastreador estúpido.

Peter se aproximou de mim, mas eu me afastei do beijo.

– Não. Eu posso ser perigosa.

– Isso não é justo. Você disse que tem alguma coisa neste lugar e me perguntou se eu sentia. Diga pra mim que isso não soa estranho.

Ele estava certo, claro.

– Vá buscar as lanternas – eu falei, então voltei para o porão.

Encontrei Rhys agachado, examinando um tijolo para fingir que não estava tentando ouvir às escondidas. Ele deixou o tijolo cair das mãos.

– Tá tudo bem? – perguntou com uma gentileza na voz que não era comum. – Além do óbvio? – ele estava sorrindo.

Eu quase sorri em resposta.

– Vamos ver.

O túnel estava vazio. Era escuro e havia vigas de madeira nas laterais, como em uma mina. Alguém o construíra. Pensar naquilo me tirava da mente qualquer pensamento sobre Peter e nosso relacionamento. Alguém construíra aquilo. E Nina sabia. Alguém cavara um túnel escondido sob a cidade, e então Nina aparecia muitos anos depois e eu não tinha ideia do porquê, nem Peter nem Rhys. Aquilo parecia muito antigo, velho demais para ter sido feito por nossos criadores. Teias de aranha do tamanho de cobertores se penduravam das vigas, que eram tão velhas que pareciam de pedra em vez de madeira. Os facho de luz das três lanternas vagavam ali, cortando a escuridão, mostrando um cenário preto. Nossos pés roçavam lentamente nos pedregulhos. Nossa respiração estava controlada, avançávamos em um ritmo constante. Não falávamos, pois nosso corpo era como uma antena sensível, escutando os sons mais sutis, os olhos atentos a tudo o que surgisse diante dos facho de luz. A cada passo eu achava que Nina podia se materializar no meio da escuridão com a espada na mão.

Andamos por 15 minutos no solo irregular. O ar tinha um odor quente, cozido, como o de pedras ao sol.

Rhys foi o primeiro a falar:

– Quando vamos desistir e voltar?

– Você precisa descansar? – perguntou Peter.

– Não. Só não consigo entender quem é que constrói um maldito túnel atrás de uma parede sem motivo.

Passei por uma pequena elevação.

– Quem disse que não há motivo?

Ele ficou em silêncio por 20 segundos.

– Eu ainda não estou vendo nenhum, só isso.

Mas então nós vimos. Avistamos trilhos. Duas linhas estreitas de aço que faziam curvas em meio à escuridão. Uns 30 metros adiante, minha lanterna revelava a traseira de um carrinho de mineração. Era como eu imaginava que os mineiros usavam, mas maior, grande o suficiente para que nós três coubéssemos com folga. As rodas enormes estavam enferrujadas, mas sólidas. Demos a volta no carrinho, iluminando-o com as lanternas por todos os ângulos. As laterais eram feitas de tábuas de madeira rugosa, unidas por uma sólida armação de ferro.

– Não tem motor – Rhys disse.

– Deveria ter um motor? – Peter perguntou.

Rhys se aproximou do carrinho e iluminou em volta.

– Não tem nenhum mecanismo para nos arremessar manualmente, então, sim, eu esperava ver um motor.

O carrinho parecia velho, mas inteiro. Não estava de modo algum deteriorado. Saltei para dentro e pisei firme no metal enferrujado que tinha a cor do meu cabelo.

E então o carrinho começou a se mover.



– SIA DAÍ! – PETER GRITOU.
– Não! Entrem!

Eles não tiveram tempo para discutir. Peter e Rhys correram atrás de mim. Eu estava acelerando mais rápido do que esperava e os puxei para dentro do carrinho.

Em poucos segundos já estávamos rápidos demais para saltar. O vento rajava contra nós, sentados com a cabeça pouco acima das beiradas, acelerando em meio à escuridão. As rodas uivavam e rangiam ao longo dos trilhos, fazendo a estrutura do carrinho vibrar e meus dentes crisparem. O chão continuava plano, portanto, o carrinho estava definitivamente se movendo por conta própria.

– Não pensamos nisso – Peter gritou.

– Você queria andar pelo resto do dia? – gritei de volta, torcendo para que aquela fosse a melhor decisão.

Tentei relaxar a tensão dos músculos, mas com apenas escuridão pela frente, parecia que a qualquer momento poderíamos cair dos trilhos em uma caverna subterrânea.

Rhys falou:

– Se Nina também fez essa viagem, nós estamos no lugar certo. Logo vamos descobrir por quê. Ou talvez o carrinho escape dos trilhos e esmague nossa cabeça em alguma parede – ele riu, mas nós não. Ele exagerou um rosto sério com a lanterna acesa debaixo do queixo. – *Vocês deveriam rir em momentos como esses* – ele disse, baixo demais para ouvirmos com tanto barulho, mas eu li seus lábios.

O carrinho gritava e o vento passava cortante pelo meu cabelo. Alguns trechos do túnel já eram iluminados. Eu via os pontinhos amarelados brilhando a distância, e no segundo seguinte estávamos lá, e um segundo depois ficavam para trás, mingando na escuridão. Eu não podia sequer adivinhar a velocidade em que viajávamos. Fiquei algum tempo ajoelhada e virada para a frente, com as mãos apertando firme a beirada, fitando a escuridão. Os gemidos do metal contra metal matavam qualquer pensamento na minha cabeça, antes mesmo que eles tomassem forma.

Eu me recostei no fundo do carrinho e me acomodei. Era quase confortável, a não ser pelo cabelo chicoteando nos olhos. À minha esquerda, Peter era iluminado pela luz a cada dez segundos. O rosto dele estava sério e determinado, vendo o caminho à nossa frente.

O carrinho vibrava debaixo de mim, sacudindo. No mínimo 160 quilômetros por hora. Mais. E não acabava nunca. Nós não caíamos em caverna nenhuma e eu parei de achar que isso fosse acontecer. Estávamos indo para algum lugar, isso ficou bem claro. Permaneci acordada durante cerca de uma hora, mas nada mudava. Continuávamos voando pelos trilhos, mas a rota ficou mais suave. Não havia mais curvas para nos jogar para as laterais do carrinho. Só um zumbido estável, um tremor sutil que eu sentia pelo corpo todo. O carrinho estava fazendo o melhor possível para me ninar.

Peter encostou de leve em meu braço.

– Descanse. Eu aviso se alguma coisa mudar.

Eu acenei, agradecida, porque não sabia quando poderia fechar os olhos de novo. E logo minha mente me levou a algum lugar, meio acordada e meio dormindo.



Eu estava do lado de fora de uma cabana de madeira erguida diante da face íngreme de um penhasco. Eu me lembrava daquele lugar. Nós tínhamos feito um exercício de treinamento no parque nacional e chegado àquela cabana. Noah me convencera a entrar porque nós dois estávamos duros de frio por causa dos ventos congelantes. Havia fogo aceso ali dentro, mas ninguém por perto. Demos nosso primeiro beijo perto das chamas, com um lado do meu rosto assando com o calor e o outro dolorido de frio. Eu tinha 15 anos.

Desta vez, as árvores ao meu redor estavam bem verdes e vivas e os pássaros cantavam. Fui até a cabana e abri a porta. Passei pela sala e notei o fogo desnecessário rugindo na lareira. Havia uma mesa de madeira nodosa no meio, com dois copos em cima. Eu podia ver dali que os copos estavam cheios de chocolate quente e *minimarshmallows*. Noah se sentou à mesa, sorrindo. Eu me sentei na frente dele, sorrindo de volta. Aqueci as mãos na caneca. Ele deu um gole.

– Deixe comigo – ele disse. – Deixe-me ajudar. Eu juro que consigo.

Eu queria que ele me ajudasse.

– Está bem.

– Pode ser que machuque. Não tem muito espaço aqui.

– Estou pronta.

Ele lambeu os lábios e deu mais um gole. Eu ergui a caneca e virei um pouco de chocolate quente na boca. Era a coisa mais deliciosa que eu já provara. E de repente não era mais. Estava a milhares de graus e me queimava por dentro e me derretia e eu abri a boca para gritar...



Acordei com os lábios de Peter em meu ouvido.

Não. Eram os de Rhys.

– Acorde. Parece que estamos parando.

Passei para a frente do carrinho enquanto o sonho ia se dispersando. Tentei retê-lo, mas seria mais fácil reter fumaça. O carrinho não estava mais se movendo por conta própria, apenas pela inércia. O túnel estava mais iluminado, com trechos de luz e de escuridão revezando-se.

– Por quanto tempo eu apaguei?

– Eu não sei – Rhys respondeu. – Perdi a noção do tempo.

O guincho alto das rodas nos trilhos já diminuía, assim como o vento nos ouvidos. Peter estava acordado, na mesma posição em que eu o vira antes de dormir.

– Sério, quanto tempo? – repeti.

Rhys deu de ombros.

– Não faço ideia. Sem dúvida foram horas.

Eu não podia acreditar. Fiquei tão atordoada que precisei me sentar ali e pensar na magnitude daquele túnel. Onde estávamos? Podíamos estar em qualquer lugar. Imaginei o esforço necessário para construir aquele lugar... Devia ter levado uma eternidade para escavar o túnel nas rochas, instalar as vigas e as luzes. Tudo para que alguma coisa pudesse viajar debaixo da terra. Mas eu não tinha a menor ideia de qual era o objetivo. Nina poderia nem ter percorrido aquele caminho, mas a

distância da viagem me deixava confiante de que estávamos na direção certa. Afinal, o carrinho mágico esperando por nós não podia ser uma coincidência. A quantidade de fatores desconhecidos me fazia querer voltar, mas obviamente era tarde demais. Minha pele eriçava com o sentimento de que havia alguma coisa importante naquele lugar, a julgar pelo túnel que parecia impossível. Ao mesmo tempo, o coração acelerava enquanto eu antecipava/temia o que vinha pela frente. Nina poderia estar na próxima curva.

Ainda levou mais um minuto completo para o carrinho desacelerar e as rodas se aquietarem. Uma luz brilhava mais adiante no túnel, do tamanho de uma moeda vista na ponta do braço esticado. Peter estava tenso ao meu lado. Eu tentava ficar relaxada.

O carrinho continuou até parar de vez.

Saltei pela frente dele e puxei a Língua de Fogo das costas. Usei a mão esquerda para sacar o revólver da coxa. Ouvi os rapazes descerem e vários sons de metais arranhando enquanto eles também sacavam suas armas.

Atrás de mim, as rodas rangiam nos trilhos.

Eu me virei e vi o carrinho indo no sentido oposto, como se estivesse programado para voltar no segundo em que nos entregasse.

Rhys ficou alguns segundos correndo atrás, então breiou, sacudindo a cabeça.

– Isso não é bom.

Eles olharam para mim como se eu soubesse o que estava acontecendo.

– Não é minha culpa – eu disse, apesar de ser um pouco, já que eu pusera o carro para rodar.

– Vamos continuar andando – Peter disse.

– Bem, não dá pra voltar mesmo – Rhys retrucou. – Eu não estou gostando disso.

– Eu também não – Peter concordou.

Nós ficamos parados por um momento, na penumbra e no silêncio, esperando até alguém ter uma ideia melhor. Enfim, eu me virei e adentrei ainda mais o túnel, em direção à luz brilhante.

– Tecnicamente, *poderíamos* voltar – Rhys falou. Depois só murmurou: – Não tem nada de bom neste lugar – era quase uma súplica.

Rhys estava nervoso, o que me deixava nervosa também. Se Noah estivesse ali, ele iria chamar Rhys de alguma coisa humilhante, por mais que ele mesmo tivesse a mesma sensação de que havia algo errado, como todos nós. Podia ser que nosso treinamento nos deixasse sempre desconfiados, mas no fundo era apenas o velho medo humano, do tipo mais sombrio, que vem quando não entendemos o que se passa.

Dois segundos depois, os passos deles seguiam os meus.

Andamos por dez minutos, e a luz ficava mais e mais brilhante.

– Estejam preparados – Rhys sussurrou às minhas costas.

Ouvi Peter puxar o cão do revólver.

Avançamos 15 metros, então deixamos o túnel para trás e chegamos a uma enorme câmara subterrânea.

“Enorme” não serve nem para começar a descrevê-la. É melhor pensar no tamanho de um estádio, com uma cúpula gigantesca que não dá para ver em apenas uma olhadela. As luzes pontilhavam o teto em um conjunto tão brilhante que machucava a vista. Túneis como os que tínhamos percorrido se abriam ao longo de toda a circunferência, como os que as pessoas usam para chegar às arquibancadas dos estádios, mas em uma quantidade três vezes maior. À primeira vista parecia haver uma centena deles, dispostos em três fileiras, em um padrão de aberturas, e de repente pareciam mais as gavetas do necrotério que túneis de estádio.

Cada túnel tinha um rótulo que me provocava um calafrio da base da minha espinha até o topo da cabeça. Estavam escritas coisas como CHICAGO e LOS ANGELES e AUSTIN e TAMPA e MIAMI e BUFFALO e CHEYENNE e SEATTLE.

Cidades. Todas as cidades dos Estados Unidos que eu era capaz de nomear, e algumas que eu não conhecia, como TWIN FALLS.

E essa ainda não era a parte estranha.

No centro da câmara havia um círculo escuro do tamanho de um laguinho. Fui lentamente naquela direção. A superfície preta não refletia luz nenhuma, então eu não podia dizer o que era. Parecia ser alguma coisa. Não um buraco no chão. Mas também não era líquido. Simplesmente... escuridão.

Fui chegando mais perto.

– Vou primeiro – Peter disse atrás de mim.

Veio à minha mente Noah pedindo para ir na frente no laboratório da escola. Eu não queria mais ninguém pedindo para ir primeiro.

– Não. Espere.

Meus olhos percorreram os túneis novamente. Tantos caminhos, todos desembocando naquela área central como os raios de uma roda. Guardei a Língua de Fogo nas costas, sentindo o clique quando ela aderiu ao traje, mas deixei o revólver de prata empunhado.

– Alguém por acaso está com um bom pressentimento em relação a isso? – Rhys perguntou.

Estava tudo tão quieto que eu podia ouvir a pulsação nos ouvidos. Não conseguia tirar os olhos do lago. Eu ficava encarando o abismo, literalmente. O instinto gritava para que eu saísse correndo, mas eu continuava. Noah teria continuado, e eu tinha certeza de que Nina não recuara ali.

Eu me aproximei do lago lentamente, esperando por uma mudança, uma ondulação ou um reflexo, mas nada se alterou. Logo estava ajoelhada na beira. Meus olhos começavam a doer, mas eu não desviava o olhar.

– O que você está fazendo? – Peter perguntou. Ele agarrou meu braço, mas eu estiquei o outro e toquei o escuro.

Nada aconteceu. Minha mão desapareceu até a altura do punho, mas não senti nada, literalmente nada, como se eu me desconectasse da mão. A escuridão não era líquida, não era nada. Tirei a mão e logo a sensação retornou, primeiro a do pulso, então da palma, depois dos dedos, e por fim das pontas.

– Não é irreversível – Rhys comentou. Ele olhava para o lago com os olhos desfocados, como que em transe.

– Talvez seja – Peter disse. – Não vamos saltar aí dentro mesmo – ele me puxou para cima e eu deixei, mas fiquei pensando: *Nós provavelmente vamos pular aí dentro e você sabe disso. Viemos até aqui.* Ele agarrou a minha mão e a inspecionou. O traje estava em bom estado. As escamas menores nos dedos estavam intactas, sem qualquer marca.

Rhys se ajoelhou e observou mais de perto.

– Não conseguiremos voltar a pé, sem comida nem água.

– Não tem carrinho nos outros túneis? – Peter percorreu o olhar pelas aberturas mais baixas.

Algumas das entradas de túneis estavam iluminadas, lisas e bem acabadas, enquanto outras eram sombrias e desiguais, como bocas abertas esperando para nos mastigar.

– Levaríamos horas para vasculhar cada uma – eu disse, dobrando a mão. A sensação na escuridão era estranha, mas não parecia ter nada errado. Apenas uma... ausência. – Esse é o nosso caminho. Nina veio por aqui, eu sei.

– Você não tem certeza – Rhys retrucou.

– Ela precisava evocar algo chamado “sem-olhos” – continuei, ignorando as críticas. – Sequência me contou. Se Nina veio até aqui, não sei aonde mais ela pode ter ido.

– Talvez por outro túnel – Peter disse. – Você não sabe.

– Você vai poder me rastrear – eu disse, batucando no aparelho da cartucheira.

– Rastrear quando você tiver caído morta? Nós não sabemos o que tem aí embaixo.

– Eu vou pular.

Ele ficou me encarando, e eu podia imaginar por quê.

– Você quer mesmo fazer isso ou tem alguma outra coisa pedindo pra você fazer?

Rhys piscou para Peter, sem saber exatamente o que aquilo significava, mas eu sabia.

– Esperem – Rhys disse, apontando para o chão. – Ali.

Segui o dedo dele um pouco mais de um metro para a esquerda, até um conjunto de pequenas pegadas na poeira. A sola dos pés de Nina coberta com as escamas eram bem visíveis. Ela esteve naquele mesmo lugar.

– E agora, o que você acha? – perguntei ao Peter.

– Sem dúvida ela veio pra cá. Mas isso prova que ela saltou? Não dá pra garantir. E você ainda não respondeu à pergunta. Por que você quer tanto pular?

– Eu não quero, mas por que todos esses túneis vêm pra cá?

Admito que meu desejo de ir até o fundo podia soar um pouco suspeito, mas acreditava que estávamos na pista certa e que ele concordava, apesar dos receios.

Tudo o que eu sabia era que o lago tinha algo de misterioso. Não era natural. E eu preferia inimigos do tipo que têm carne e osso.

– Você pretende mesmo fazer isso? – Rhys perguntou. – Se você quiser, eu estou dentro.

Acenei com a cabeça.

– Ou isso, ou nos arriscamos em algum túnel – virei para Peter: – Tome uma decisão. Por favor.

Peter balançou a cabeça.

– Eu não sei. Nada disso parece real.

Então eu me decidi. Fiz o que Noah fizera por mim.

Dobrei meus joelhos e saltei na escuridão.



A CORDEI EM UMA SALA.
Estava deitada de costas, com o coração disparado. No teto, uma lâmpada amarela tinha a luz tão fraca que dava para ver seus filamentos. O estômago estava revirado. Eu me apoiei nas mãos e nos joelhos, abri a boca. Uma queimação subiu até a garganta e jorrou pelos lábios formando uma poça preta entre minhas mãos. A coisa preta que saía da minha boca me apavorou. Eu estava morrendo. Quando alguém vomita gosma preta, só pode estar morrendo.

Estava cercada por três paredes de rochas ásperas cinzentas e uma parede de barras de ferro verticais. As barras eram marrom-claras, com uma superfície enferrujada.

Não era uma sala, era uma cela.

Meu traje desaparecera, as luvas também. O chão parecia girar e eu fechei os olhos para esperar a vertigem passar, mas ela não passava.

Eu me lembrava de tudo até o momento do salto no abismo, o que significava que alguém tinha *roubado* meu traje e me vestido com trapos esfarrapados que mal cobriam as pernas e o peito. A camisa, com um colarinho apertado no pescoço, não tinha mangas. Era basicamente um saco de estopa com um buraco cortado para a cabeça. Os shorts eram retalhos de fibra bem áspera, parcamente costurados. Pensar que alguém me despira e me vestira enquanto eu estava inconsciente me causou um calafrio violento.

Eu me lembrava de saltar no vazio. Peter gritou e Rhys engasgou. Então o nada. Foi apenas um segundo.

Cuspi o resto de baba preta que restava em minha boca e percorri a língua nos dentes. O chão rochoso era tão frio que sugava o calor do meu corpo. Eu me sentei para manter o máximo de contato possível com minha própria pele. Atrás de mim, alguma coisa batia no chão. Eu me virei rapidamente, levantando-me com as mãos erguidas, pronta para arrancar os olhos do que fosse. Era apenas uma pedrinha que se soltara da parede. Ela rolou em direção a um balde de madeira no canto, que a luz tênue não chegava a iluminar. Deixei escapar um som melancólico de quase choro e apertei bem os olhos, quase caindo de bunda para trás. Uma lágrima solitária escorreu pela bochecha.

Sob meu pé direito havia uma risca, uma linha que dividia o chão da cela. Sentia uma vibração dali. Eu me abaixei novamente, colocando as mãos e os joelhos no chão, perto da gosma que eu vomitara, e pus o ouvido na rocha lisa e gelada. Ouvi um rumor de... líquido. Água fluindo sob o chão, talvez.

Eu sempre me perguntava se minhas experiências me tornavam mais preparada para qualquer problema. Gostava de pensar que era mais capaz do que uma menina comum, não apenas fisicamente. Mas eu não tinha mais certeza. Estava a dois segundos de me enrolar como uma bolinha e chorar até dormir. Segundos atrás eu saltava no lago, e em seguida estava ali, vestindo outra roupa,

uma prisioneira pela segunda vez em menos de 20 horas.

Engatinhei até o balde. Estava cheio de água. A madeira era grossa demais para virar direto nos lábios, então pus a mão em concha para pegar a água e levá-la à boca. Estava fresca e limpa, exatamente como água tem que ser. Tomei mais, até tirar um pouco do gosto ruim na boca. Isso me acalmou, o que não era tão bom assim, pois comecei a pensar. Saltar no lago contra a vontade de Peter me tornou uma prisioneira de... Bem, não dava para saber de quem. Mas eu apostaria nos meus criadores.

Se Peter e Rhys me seguiram, eles provavelmente também foram pegos. A culpa era minha. Eu precisava mesmo pular como uma menina rebelde que não se importa com mais nada?

Eu queria ir até as barras e chamá-los, com a esperança de que estivessem presos em alguma cela próxima, mas estava com medo. Medo de que eles não respondessem. E medo de que respondessem.

Mas acabei dizendo algo em voz alta, só para ouvir minha própria voz:

– Eu estou sozinha.

– Não está, não – uma voz disse atrás de mim.

Eu me virei, com o punho cerrado.

Noah estava no canto oposto da cela.



ESTOU MORTA.

Uma parte da confusão se dissipava, deixando-me vazia, mas com menos medo. Eu podia estar morta, mas nesse caso pelo menos não seria possível me machucar mais.

– Você não está morta – Noah disse. – Ao menos, tenho quase certeza de que não está. Quero dizer, não. Não está. Eu ia saber.

Seus olhos escuros brilhavam, pequenos fragmentos de ônix. Combinavam muito bem com aquele lugar. As escamas pretas do traje dele escondiam onde a ferida estaria. Eu não sabia como ele chegara ali, mas obviamente não fora do mesmo jeito que eu.

Isso abria outra possibilidade.

Ele parecia saber o que eu ia perguntar antes que eu abrisse a boca.

– Eu também não sou outra versão dele – ele disse. – Lembra-se da manteiga de amendoim?

– Sim. Então onde eu estou?

Ele deu de ombros. Estava com o traje, mas desarmado.

– Não faço ideia. Eu não gostaria de vir aqui por vontade própria, mas quem gostaria?

Eu ri. A risada escapou dolorosamente da boca e ecoou pelas pedras da cela apertada.

– Então o que você tá fazendo aqui?

– Eu sei que parece loucura – ele disse sorrindo, e eu ri mais uma vez.

Eu não podia acreditar que era ele. Parecia tão real. O sorriso, a covinha que às vezes aparecia na bochecha direita. Lágrimas correram pelo meu rosto.

– Por que não tenta explicar?

– Está tudo meio confuso agora – ele enrugou o nariz. – Mas tem alguma coisa que eu precisava lembrar, alguma coisa que eu não sabia antes, e agora sei. Isso parece loucura.

– Parece.

Dei um passo à frente, em meio à luz vacilante, e ele também. A luz formava sombras em forma de v sob os olhos dele. Eu me aproximei, lentamente, e toquei seu pescoço com a ponta dos dedos. Tirei as escamas pretas daquela parte do corpo.

E senti a pele por baixo.

A pele imaculada. Inteira. Sem corte.

E impossível.

– Isso não é real – fechei os olhos.

Quando ele falava, seu hálito tocava minhas bochechas.

– É real na sua mente. Eu sinto você da mesma maneira. Não consigo explicar.

– Você consegue ouvir meus pensamentos?

Ele balançou a cabeça.

– Só quando você quer. Você pode ouvir os meus?

Eu também balancei a cabeça. O segredo do meu passado recente estava seguro.

Ele pôs um dedo sob meu queixo e o levantou. Esfregou o polegar no meu lábio inferior. Senti o sal das minhas lágrimas. Eu podia vê-lo, senti-lo, cheirá-lo. Meus joelhos tremiam.

– Mas você morreu – sussurrei.

– De certa forma – ele respondeu, então se inclinou para a frente e pôs os lábios dele nos meus.



A lâmpada falhava, zumbindo. Meus olhos se abriram de repente e minhas mãos estavam no alto à minha frente, curvadas, como se eu estivesse abraçando alguém, e de repente ele não estava mais lá.

Noah se fora.

– Onde está você? – sussurrei, sem esperar resposta.

– Aqui – a voz do Noah. Na minha cabeça. Mas como se estivesse falando ao meu lado.

Eu só podia ter um único pensamento: *como?*

– Eu não sei.

– Volte. Quero ver você – eu não queria ficar sozinha.

Ainda sentia o vestígio do beijo nos lábios. Eu não sabia por que tinha beijado de volta. A sensação era de algo terrivelmente errado e certo ao mesmo tempo.

– Se minha voz na sua cabeça é um pouco estranha, imagine como é pra mim.

Eu virei. Noah estava com os ombros recostados na parede, com os braços cruzados. Estava com um ar convencido e desleixado. Era bem a cara dele.

– Mas você não está realmente aqui...

– Achei que essa parte já tinha ficado clara – ele estava fingindo que não tínhamos acabado de nos beijar. Por mim, tudo bem.

– Você tá bem? – uma pergunta estúpida. Eu me arrependi no instante em que as palavras saíram da boca.

Ele piscou rapidamente.

– Não exatamente. Mas estou me virando. Você sabe que eu sempre dou um jeito. Mas tem uma coisa que me dói – ele deu um tapinha na cabeça com as costas da mão. – Eu devia estar fazendo uma coisa.

– O quê?

– Não sei. Preciso de mais do que 30 segundos.

Era ele mesmo.

– Mas que inferno é esse lugar?

– Parece a cela de uma prisão – sorriu. Um sorriso largo.

Por um segundo pensei que tudo estaria bem. Se aquilo não era um sonho nem o inferno, e se Noah estava mesmo ali... Bem, eu não estava sozinha. Mesmo que ele só estivesse na minha cabeça.

– É você. Mesmo – falei, incapaz de disfarçar o tom choroso da voz.

Ele acenou sorrindo e franzindo as sobrancelhas. Vivo, ele só franzia as sobrancelhas quando estava tentando me mostrar que dizia a verdade. Apalpou o próprio peito e as pernas, para garantir que estava tudo no lugar.

– É assim que você se lembra de mim?

Um calafrio me percorreu quando me dei conta de que estar presa implicava um perigo maior do que o tédio. As injeções de memória estavam fora do alcance. Eu poderia aguentar por um tempo, mas não parecia que eu iria para casa tão cedo. Mesmo que conseguisse sobreviver ali por um dia ou

dois, tudo se perderia se eu não mantivesse as lembranças. Em pouco tempo estaria sem noção de nada, confusa, sem identidade.

– Estou sem o remédio – eu disse, mais para mim mesma. – Você não tem nenhum aí com você, tem? – era uma espécie de piada.

Noah apalpou os bolsos.

– O meu acabou. Mas não se preocupe com isso ainda. Preocupe-se com...

O chão começou a vibrar sob meus pés gelados. Um zumbido mecânico que quase fazia cócegas. Mais pedrinhas rolaram das paredes.

E o chão começou a se dividir ao meio.



ENTAMENTE, AS DUAS METADES DO CHÃO SE AFASTARAM em direção às paredes. No meio, um abismo preto se ampliava, e eu vi que estava certa: havia mesmo água sob o chão. Água preta. Tão preta quanto o lago no qual eu saltara, com a diferença de que ondulava com as vibrações do chão deslizante. Refletia a luz amarela da lâmpada acima.

– Saia daí! – Noah gritou.

Eu estava com um pé de cada lado e estava começando a abrir um espacate. Tomei impulso com o pé direito e passei para a metade em que Noah estava. Pois é, levei todo esse tempo para me dar conta de que a cela iria me derrubar na água preta. E não havia nada que eu pudesse fazer para impedir.

– Faça alguma coisa! – Noah exclamou, agarrando meu ombro.

Não era só eu que estava ali. Avancei para as barras e tentei firmar os pés do lado de fora, mas eu não tinha reparado antes que o chão fora da cela estava coberto de pequenas lâminas afiadas que me cortaram. Sangue quente escorreu pela sola do meu pé.

O abismo já ocupava um terço do chão da cela. Dentro de pouco tempo eu ficaria sem espaço.

– Faça alguma coisa, Mi.

Resolvi tomar uma atitude. Firmei o pé no metro de chão que ainda sobrava e com o outro chutei a porta na parte em que as dobradiças estavam mais desgastadas. O pé deixava um rastro de sangue nas barras enferrujadas. Uma dor lancinante subiu até o joelho, que é o que acontece quando se chuta ferro duro. Chutei mais duas vezes, deixando um rastro ainda mais espesso de sangue, que jorrava livremente do corte.

– Vamos, Miranda! Chute! – Noah estava ao lado, batendo as mãos. – CHUTE!

Chutei mais uma vez e outra, até que a porta ficasse fora de alcance e meus dedos estivessem formigando. Meu pé doía, o corte ardia. As dobradiças vibravam sem sair do encaixe. Agarrei as barras para conseguir alcançar, e na posição desengonçada em que eu estava, chutei mais uma vez. Acertei com a parte errada do pé; torci meu tornozelo dolorosamente e eu gritei alto.

– De novo!

– *Não consigo.*

– Cale a boca. *De novo.*

Eu gritei e saltei na porta assim que fiquei sem chão, agarrando duas barras e calcando o pé verticalmente como pude. Dei tudo o que tinha, com os braços tremendo, os ombros ardendo e as costas doendo enquanto passava por cima da água.

– Não ouse desistir!

As pernas estavam latejando, quentes e avermelhadas, e a cabeça estava prestes a explodir. As dobradiças gemeram tanto quanto eu, mas não se moveram. Todo o meu corpo estava em chamas.

Eu me segurava naquela jaula como um macaco. Meus braços tremiam, mas mesmo assim eu me

segurava. O chão desaparecera, a água preta esperava para me engolir. Eu me pendurei na jaula com os joelhos, evitando colocar o pé latejante naquelas lâminas novamente. Meu corpo inteiro tremia e a porta sacudia silenciosamente. Se pudesse descansar por um momento, respirar fundo, poderia me segurar por mais tempo.

Girei a cabeça para os lados, mas Noah desaparecera.

– Não me deixe sozinha – pedi em voz alta.

Eu fiquei sozinha.

Ele não estava me ignorando; eu não o sentia em parte alguma.

A ideia de perdê-lo mais uma vez desnorteava meu cérebro, eu me recusava até mesmo a imaginar a possibilidade. Gemi e bati a cabeça nas barras, como se assim pudesse trazê-lo de volta.

– Eu estou aqui – ele disse na minha cabeça.

– Aonde você foi? – uma constatação terrível me assolava. Eu não iria conseguir me segurar ali para sempre. Meus dedos já estavam ficando dormentes por terem de suportar a maior parte do meu peso. Eu ouvia as gotas do sangue do meu pé em um *pinga-pinga* constante na água escura.

– Eu não sei. Não posso controlar. É como se sua mente estivesse tentando me expulsar. Só posso aparecer aqui quando você está calma.

– Eu estou calma! – gritei, com os músculos do braço tensos como rochas.

– Eu não caibo aqui. Não tem espaço o suficiente...

Eu perdia a conexão.

– Noah?

Então os parafusos que seguravam o topo da porta da cela dispararam como pequenas balas em direção à água, dando um tranco em meus ombros. Senti a tensão na porta suavizar e só tive tempo para puxar o ar antes que aquilo tudo tombasse e me jogasse na água.



A PORTA NÃO FORA FEITA PARA FLUTUAR. EU ME AGARREI às barras e tentei me projetar para longe, mas a coisa continuava me empurrando para baixo. A água preta não deixava luz alguma penetrar e pinicava meus olhos. Eu os mantinha bem fechados enquanto tentava chegar à extremidade e me empurrar para longe da porta. Senti que não iria conseguir, pois estava afundando rápido demais. A pressão em meus ouvidos só aumentava, doendo, latejando.

Em seguida, as barras de ferro foram arrancadas das minhas mãos e a correnteza me golpeou com força pelas costas, arremessando-me para a frente.

A água morna gorgolejava em meus ouvidos e fazia arder as feridas em meus pés. Os segundos se passavam enquanto eu dava uma, duas cambalhotas, até perder todo o senso de direção. Uma coluna de água me arremessou para um lado e eu girei novamente, na lateral. Abri os olhos e virei a cabeça, mas não conseguia ver nada. Nenhuma superfície. Eu não conseguiria subir à tona. Não sabia para que lado bater as pernas. Os olhos ardiam, a boca também. A água negra tinha gosto de antiácido. Em pouco tempo minha boca se abriria e eu engoliria aquele líquido até os pulmões. Talvez não fosse tão ruim.

“Noah, não me deixe sozinha.”

Ele não respondeu. Talvez nunca tivesse estado mesmo ali.

Eu afundava mais conforme a correnteza abrandava. Afundar significava que a superfície estava do outro lado. Tentei bater perna naquela direção e senti que alguma coisa puxou meu tornozelo. Eu chutei, mas fosse o que fosse, já tinha sumido. Então outra corrente me puxou para o lado. Não era uma corrente de água comum: fui atingida por todos os lados, empurrada e puxada. Eu precisava abrir a boca. Desta vez Noah não estava ali para me insuflar ar. Eu estava sozinha. Se ele não tivesse me beijado da outra vez para me manter viva, eu não teria vivido o bastante para matá-lo. Não teria vivido o bastante para morrer sozinha ali no escuro.

A água me empurrou para mais longe e, de repente, outra coluna de água me golpeou por baixo, levando-me para cima. Meus pulmões estavam prestes a estourar. Não havia mais como adiar. Abri a boca para gritar e bolhas envolveram meu rosto; então cheguei à superfície, ofegante, engolindo água e tossindo.

Dois pares de mãos ásperas me arrancaram da água e me puseram de costas. Tentei abrir os olhos, mas ardiam muito.

Um instante se passou enquanto considerei a possibilidade de lutar, apenas ir com tudo e disparar toda a energia psíquica que eu pudesse, mas isso não seria inteligente. Eu estava meio cega e em um local estranho, com inimigos desconhecidos. E ainda não estava morta, o que contava alguns pontos.

– Noah... – falei, com poças de água escura e imunda ao meu redor.

– O que você disse?

Venci o ardor e abri os olhos. Um homem estava ali, olhando-me de cima. Ele tinha cabelo erigido

em corte militar, pele morena e olhos tão escuros quanto a água. Podia ter uns 30 ou 40 anos. As roupas eram paramilitares: calças pretas de combate enfiadas em grandes botas pretas e um colete preto espesso com muitos bolsos e zíperes. O cara gostava de preto. E de luvas sem dedos, aparentemente.

O homem me cutucou com o pé.

– Eu perguntei o que você disse.

Nós estávamos no interior de um prédio que não se parecia com nada que eu já tivesse visto antes. Tinha a forma de uma colmeia oca, na qual os andares mais baixos formavam as maiores circunferências. A circunferência interna de cada andar ficava aberta para o centro da estrutura. Bem no meio, perto de mim, uma coluna do tamanho de uma sequoia se erguia do chão ao teto. Passarelas se ramificavam na coluna, que era como o tronco de uma árvore de Natal metálica.

Ao meu lado estava a escotilha por onde eles haviam me puxado. Eu podia ouvir a água gorgolejando embaixo.

– Talvez ela não fale nossa língua, senhor – ouvi a voz de uma garota atrás de mim.

O homem agachou.

– Eu acho que ela fala. Você me escutou?

– Escutei – respondi.

Eles não tinham me impressionado o bastante para garantir uma resposta imediata. Eu estava encharcada, ferida e irritada. E confusa. Eles não me reconheciam. Se aquela construção era obra dos criadores, como eles podiam ter dúvidas sobre a língua que eu falava?

– Tá vendo? – o homem se voltou para a direção de onde vinha a voz feminina.

– Tem algum motivo para eu estar molhada?

– É o protocolo – o homem disse. – Você está em uma condição fragilizada. A água tem uma propriedade temporária que retarda o tempo de reação, efetivamente tranquilizando você.

Sem brincadeira; eu me sentia acabada, apesar de ter recuperado o fôlego.

– Ótimo. Mais alguém... apareceu?

Tranquilizada ou não, eu ainda podia sentir. Especialmente raiva. Aquelas pessoas encostaram em mim contra a minha vontade e eu não estava livre. Até que aquilo mudasse, a raiva iria me queimar por dentro. Eu vestiria a raiva como o traje que eles roubaram de mim.

O homem não disse nada, apenas me observou com olhos impassíveis. Era como se ele estivesse surpreso.

– Onde estou? Cadê meus amigos?

– Como você passou pelo portão?

– Eu vou responder à sua questão depois que responder à minha.

Ele me chutou nas costelas com tanta força que senti nos pulmões. Uma dor lancinante percorreu o peito no ritmo da pulsação. Quase disparei meu poder. A pressão crescia na cabeça, mas parei no último segundo e me apoiei sobre as mãos e os joelhos. Se eu emitisse as ondas de medo, iria precisar de uma injeção de memória antes do programado. Além disso, não queria que eles soubessem do que eu era capaz até o momento em que estivesse preparada.

– Onde estão os outros com quem eu vim? – perguntei assim que recobrei o fôlego. Eu iria continuar perguntando o quanto fosse preciso.

Ainda de quatro, vi a garota e outro homem, vestindo as mesmas roupas que o primeiro, mas as deles eram vermelho-escuras, como sangue seco ou pétalas de rosa. Eles tinham lenços de pano cobrindo o nariz e a boca, em forma de um triângulo de ponta-cabeça, como vilões de faroeste. O homem tinha cabelo loiro na altura do ombro, e a garota, curto e preto, como o de Nina. A pele dela

era escura, e a do homem, pálida como se ele nunca tivesse visto o sol. Os três apenas me observavam, sem se mover e sem emoções.

– *Onde eles estão?* – tive que fazer força ao pôr as palavras para fora, com as costelas latejando.

Eu me esforcei para me erguer de joelhos, dando as costas para os dois de vermelho, já que claramente não estavam no comando.

– Vivos – o homem de preto finalmente respondeu.

Quase deixei o corpo tombar no chão, quando o alívio relaxou meus membros. *Vivos*. Eu tinha que me ater àquilo. *Vivos*.

Os trapos grudavam em mim, mostrando os contornos do meu corpo. Eu queria me cobrir e os três não me olhavam com discrição. Eles me estudavam como se eu fosse algum tipo de alienígena. Não uma pessoa, e sim uma coisa.

O homem se agachou diante de mim e usou o polegar e o indicador para virar meu rosto para a esquerda e para a direita, como se estivesse me inspecionando. Eu o encarei fixamente.

Então ele falou:

– Você é igualzinha à garota que apareceu aqui algumas horas atrás. Você a conhece?



EU ME LEVANTEI.
Rápido demais, talvez. O homem de preto se levantou ao mesmo tempo e os dois de vermelho me chutaram atrás dos joelhos para que eu caísse novamente. Eu me preparei para mais uma pancada, que não veio. Escorria água preta de mim. O cabelo pendia com o peso e o sutil aroma ácido do líquido revirava meu estômago. Eu continha o grito de pura frustração que estava preso no peito.

– Paciência – ouvi Noah dizer.

Aquilo me surpreendeu. “Você está aí?”, perguntei em pensamento.

Dois segundos se passaram e ele não respondeu, e meu ânimo diminuiu ainda mais.

Lentamente, ergui a cabeça e olhei para o homem de preto. A impressão era de que ele ficaria satisfeito apenas me observando por mais uma hora.

– Onde está essa garota? – perguntei, fria como gelo. “Por que você não sabe quem ela é?” Isso não perguntei em voz alta.

Ele me ignorou completamente. Para os outros dois, falou:

– Coloquem a outra garota no bloco de baixo – os passos deles se afastaram, vigorosos e firmes. – Sem contato – acrescentou, antes que estivessem longe demais.

Estávamos sozinhos e ele não parecia nem um pouco preocupado. Nenhum sinal de nervosismo nos olhos ou na postura. Até onde eu podia dizer, ele poderia me derrotar em uma luta corpo a corpo. E, se percebesse do que eu era capaz, tomaria precauções extras que dificultariam minha fuga mais tarde. Sem mencionar que eu preferiria morrer a deixar Rhys e Peter para trás.

Talvez eu pudesse usar lógica com aquele cara.

– Acho que tivemos um mal-entendido – falei.

Era possível que ele não estivesse associado aos criadores, o que seria ótimo, mas aquilo não explicava o túnel nem o lago preto, já que Nina obviamente sabia a respeito deles. E ela era uma das armas dos criadores. Ou ao menos uma arma da sra. North.

– Que tipo de mal-entendido?

Lentamente, eu me levantei de novo, prestando atenção para que minhas mãos ficassem visíveis. Falei calmamente:

– Não sei onde estou nem como cheguei aqui. E não sei o que você acha da outra garota, mas saiba que ela já matou um dos meus amigos. E vai matar você também, se ficar no caminho dela.

O homem de preto me estudou por um tempo maior, então me deu as costas. Trinta segundos se passaram. Eu tentei pensar em algum plano, mas minha mente estava em branco. Pouco depois, vi os dois de vermelho voltando de um corredor no primeiro andar. Conteí quatro aberturas para corredores: Norte, Sul, Leste e Oeste.

– Ela está pronta, comandante – a garota avisou.

– Você é o comandante do quê? – perguntei, antes de pensar muito a respeito. Era uma pergunta justa.

– Não fale... – disse o homem de vermelho.

O comandante ergueu uma mão para que ele se calasse.

– Saíam – eles retomaram os passos, sem questionar nem hesitar. – Meu nome é Gane. Sou o comandante da Verge e administrador do que sobrou desta cidade.

– Miranda North. Às suas ordens.

A boca de Gane se abriu, como se ele não acreditasse que eu fosse capaz de sarcasmo. Então ele riu e disse:

– Venha comigo – ele foi para a mesma direção que os dois de vermelho. Quando começou a andar, sua graciosidade ficou evidente. Ele deslizava como um fantasma, as botas quase não emitiam som. – Eu disse para vir comigo – ele não se deu ao trabalho de olhar para trás.

Eu não estava interessada em fazê-lo voltar para me buscar, então o acompanhei.

– Se eu pedir uma coisa importante, você vai me ouvir?

Eu estava alguns passos atrás do comandante Gane. Ele não se incomodava em me mostrar as costas. Havia um calombo estranho debaixo do colete dele, no meio das omoplatas. Eu me visualizei dando um passo à frente e soltando um murro na espinha dele. E então? Eu precisava entrar na cabeça dele, mas deixar passar a chance de atacá-lo e escapar fazia minha pele coçar com a oportunidade perdida.

– Peça.

– Nós chegamos aqui vestindo trajes pretos à prova de balas. Onde eles estão?

Ele continuava andando.

– Por quê?

– Precisamos de uma coisa escondida nesses trajes. Se não a pegarmos, vamos perder nossas memórias – lembrar-me do que eu poderia perder não me ajudava muito, mas eu continuava nessa toada.

Ele me conduziu até um corredor, que na verdade era um túnel circular escavado em uma rocha. As paredes eram lisas e iluminadas por tochas de madeira. As chamas tremeluziam e pintavam nossas sombras dançantes pelas paredes. Era como se passássemos do futuro para tempos medievais.

– Nós perderíamos *todas* as nossas lembranças – continuei. – Por favor. Nós perderíamos qualquer utilidade pra vocês.

Ele finalmente olhou para mim de soslaio.

– Quem disse que eu quero usar vocês?

Tentei pensar em alguma resposta, mas tudo o que me ocorria era: *o que vocês querem?* Eu não iria perguntar porque duvidava que ele me desse uma resposta sincera; e não iria lhe dar a chance de me ignorar. Eu me lembrei da última palavra que Noah dissera em minha mente.

Paciência.

O túnel fez uma curva à esquerda e parou diante de uma porta de ferro preta. Gane a abriu e entrou, revelando um espaço com duas celas ao fundo, com as mesmas barras de ferro e riscas no chão.

Na cela da direita, Peter e Rhys.

Na da esquerda, Nina.



O ALÍVIO DE VÊ-LOS SUPERAVA TODOS OS OUTROS sofrimentos, infundindo nova energia em mim. Corri em direção às barras das celas, com os nomes deles na ponta da língua. A porta bateu atrás de mim.

Nina estava na jaula dela, à esquerda, observando-nos com os braços cruzados atrás das costas. Tudo o que eu sentira pela morte de Noah voltou em um instante, corroendo meu estômago. Ela tinha sorte de haver barras de ferro entre nós. Tentei ignorá-la porque não queria que o rosto dela estragasse a sensação de ver Peter e Rhys novamente. Nós três vestíamos os mesmos shorts esfarrapados e camisas de pano sem mangas.

Minhas mãos passaram pelas barras e agarraram as de Peter. Rhys pegou em meu antebraço. Nós ficamos assim, unidos. Nossa respiração estava pesada, como se tivéssemos acabado de correr. Estávamos juntos, sentindo o calor uns dos outros, firmes, inteiros e vivos. Se eu pudesse manter tudo assim, nada mais importaria.

– Vocês estão vivos – eu disse, enfim.

Peter inclinou a cabeça, e eu apertei meu rosto entre as barras para que nossos lábios se tocassem de leve.

Foi o suficiente para trazer Noah de volta. Eu o sentia de pé atrás de mim, como uma pessoa que tivesse acabado de entrar no local. Encerrei logo o beijo em Peter e me virei.

– Você se lembra de como me beijou na sua cela? Você me beijou como costumávamos nos beijar antes. Do mesmo jeito...

“Noah...”

O que ele disse era verdade e me fez querer chorar. Eu não devia ter feito aquilo.

Ele me ignorou, olhando languidamente para a cela de Nina. Mas aquilo não podia ser... Como ele podia vê-la? Se ele estava só na minha cabeça, era assim que meu cérebro o visualizava?

Gane me perguntou:

– Em que cela você prefere ficar?

O medo percorreu os olhos de Nina, mas ela tentou disfarçar sob uma máscara de indiferença. Uma máscara na qual eu poderia acreditar, se ela não tivesse dado um passo para trás. Algum instinto primitivo tomou conta de mim quando ela mostrou um sinal de fraqueza. Eu queria derrubar aquelas barras e passar uns minutinhos na mesma cela que ela.

– Não a ponha aqui comigo – ela disse. – Ela vai me matar.

– Por que ela iria matá-la? – Gane perguntou.

– Para me impedir de divulgar informações.

– É mesmo? Informações de que natureza?

– Da que interessa a você. Do tipo que vem procurando.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Você vai ter que deixar mais claro.

– Comandante Gane, fui enviada aqui para retirar os sem-olhos destas terras. Sei onde está a Tocha – ela apontou para mim. – Ela não sabe. Portanto, eu sou útil. Ela não. Ela não sabe nem do que eu estou falando. Olhe para ela.

– Miranda – Noah disse, com uma voz cortante como uma espada. Ele estava bem na minha frente. – Eu me lembrei de uma coisa.

Na minha mente, Noah me mostrou os monstros que temíamos. Aqueles que iriam “conquistar o mundo”. As imagens vinham embaçadas, um tanto corrompidas, mas eu podia ver o suficiente. Eles eram compridos e brancos como leite, andavam curvados de quatro apesar de terem traços humanos. Eles se moviam como lobos. Eu os via passando pelos escombros de uma cidade, galopando sobre mãos e pés com garras nas pontas. Alguma coisa os controlava. Um bastão fino com um globo vermelho em uma ponta, brilhando forte como uma estrela sangrenta.

De repente, perdi a visão da imagem e eu me vi de volta às celas.

– Você viu? – Noah perguntou. – Você viu? Como eu fiquei sabendo disso?

“Eu não sei”, pensei.

– Tem mais. Eu sei que tem – Noah se afastou, com as mãos entrelaçadas sobre a cabeça. – Preciso de um minuto.

Quando eu me virei, todos continuavam encarando Nina.

O rosto de pedra de Gane escondia bem a curiosidade, mas não completamente.

– Você já disse isso antes. Convença-me a acreditar.

Nina foi até as barras de ferro e as agarrou com as mãos.

– Eu sei como controlá-los. Posso provar. Vou conduzi-los através da Escuridão.

Através da Escuridão...

A voz dela era firme.

– Eu sei onde está a Tocha.

Eu tentava reunir as peças. A Tocha, a Escuridão, os sem-olhos. *Através da Escuridão*, ela dissera. Eu passara pela Escuridão. E ali estava.

“O que é a Escuridão?”

– Eu ainda não sei – Noah disse. – Algum tipo de sistema de transporte. Eu não consigo ver. Merda! – ele girou e socou Gane no rosto, mas seu punho o atravessou como um fantasma, como nós dois sabíamos que aconteceria. Ele se afastou com as mãos atrás da cabeça, respirando através dos dentes cerrados, frustrado por não poder fazer absolutamente *nada*.

O homem continuou em silêncio.

– Pense nisso – Nina continuou, sem desistir. – Como eu poderia saber a respeito da Tocha?

Boa pergunta. Uma pergunta melhor era: “Como eu também sabia a respeito da Tocha?”. Noah, de algum modo, me transmitira o conhecimento da Tocha como um instrumento para controlar os sem-olhos, mas como *ele* sabia?

– Existem milhares de sem-olhos – Gane retrucou. – Dezenas de milhares. A Tocha é um mito. E você é uma intrusa. Qualquer coisa que atravessasse a Escuridão não é digna de confiança, jamais.

Nina balançou a cabeça entre as barras, agarrando-se firme a elas.

– Não seja idiota.

Rhys disse para o homem:

– Ei, Comandante Cobra, talvez você devesse nos ouvir.

Gane ergueu uma mão.

– Silêncio.

Como que obedecendo ao movimento de sua mão, as barras entre as duas celas subiram até o teto, rangendo e arranhando, som de ferro na pedra. Nina passou a dividir o mesmo espaço que Peter e Rhys. Ela deu um passo para trás novamente. Garota esperta.

– Vocês vão ficar juntos enquanto eu penso no assunto. Vou abrir a porta da cela. Não façam nenhum movimento, ou derrubo vocês

À minha direita, uma porta se destacou das barras e se abriu.

Ficou um espaço livre entre o comandante e Peter e Rhys. Eles foram espertos o bastante para acreditar e ficaram imóveis. Eu não. Eu me joguei para a frente e Peter envolveu os braços em mim e me levantou no ar. Ele me pôs de volta no chão, beijou abaixo da minha orelha e sussurrou:

– Onde estamos?

Eu não tinha uma resposta.

A porta da cela se fechou atrás de mim. Em seguida, ouvi o clangor da grande porta de ferro abrindo e fechando.

A equipe Alfa estava a sós novamente. Nós três em um lado da cela, Noah e Nina do outro.



N OAH CIRCUNDOU NINA LENTAMENTE, A UMA DISTÂNCIA mínima. Lágrimas frescas caíam de seu queixo.

– Você me matou. Você me matou.

Fiquei esperando que ela o notasse, mas isso não aconteceu. Ele era apenas uma espécie de ilusão, uma manifestação da minha mente. Percebi que precisava ficar me lembrando dessa conclusão.

– O que vamos fazer com ela? – Rhys perguntou.

– Não vamos fazer nada – foi a resposta de Peter.

Eu pisquei e Noah desapareceu. Desta vez pareceu que ele estava esgotado e decidiu sair por vontade própria. Eu não sabia bem se isso era um bom sinal ou não. Eu deveria contar aos outros que ele ainda estava ali. Vivo, só que não.

– Lembre-os das injeções de memória – Noah falou na minha cabeça.

– Precisamos dos nossos remédios.

Nina nos observava a poucos passos de distância, com as mãos soltas ao lado do corpo. Ela girou a cabeça de um ombro ao outro, estalando o pescoço. Bastaria um instante para ancançá-la e enfiar os punhos nela até que implorasse por perdão. Eu podia fazê-la dizer ao Noah que estava arrependida, muito arrependida, que ela sabia que ele deveria viver por muitos anos, que ele perdera toda uma vida, todas as coisas boas que sonhamos juntos como equipe para quando a luta terminasse de uma vez.

Minhas mãos tremiam.

– Eu não quero lutar – ela falou.

– É claro que não – Rhys disse. Eu toquei o braço dele, sentindo o ódio em sua voz. – Nós somos três contra um.

– Por que você está aqui? – perguntei a ela.

Os olhos dela nos percorriam, estudando-nos, identificando pontos fracos. Eu sabia, porque estava fazendo a mesma coisa com ela.

– Exatamente o que eu disse ao comandante.

– Isso não me diz nada.

– Sequência – Peter disse suavemente, ao chegar ao meu lado –, eu sei que você está aí dentro.

Nina cuspiu no chão.

– Por favor. Corta essa.

Rhys se aproximou, desta vez eu não toquei o braço dele. Nina deu um passo para trás até encostar na parede, então foi escorregando o traseiro.

– Fiquem onde estão. Vocês podem conseguir me matar, mas não antes de eu matar ao menos um de vocês.

– Ela está certa – Noah falou. – Melhor deixar quieto.

“Calma.” A voz dele era como o estalo de um chicote em minha mente, dividindo meu foco.

– Você acha mesmo isso? – Rhys perguntou a ela.

– Nós não temos escolha – Peter falou. – Não até sabermos o que ela fez com Sequência.

– Sequência está morta – Nina respondeu. A pele debaixo do olho esquerdo dela tremeu. Ela agarrou o cabelo preto acima da orelha e o enrolou com dois dedos. Sequência costumava enrolar o cabelo desse jeito quando mentia. Talvez eu também.

– Se Sequência está mesmo morta, por que deveríamos deixar você viver? – perguntei.

Nina sorriu, ganhando tempo. Eu não sabia que meu rosto era capaz de um sorriso tão sinistro.

– Responda o que ela perguntou – Rhys ordenou. – Ou eu vou até aí e arranco seus braços.

– Porque... – Nina disse, erguendo-se lentamente. Ela se esticou, arqueando as costas como um gato. – Porque, se vocês virem me pegar, eu vou ter tempo suficiente para dizer as palavras.

O suor brotou em todo o meu corpo. De alguma forma, eu sabia exatamente de que palavras ela estava falando. Algumas palavras simples levaram Sequência embora e nos deram aquela garota nova.

Eu não podia perguntar, mas Peter sim.

– Que palavras?

– As palavras que vão me acordar dentro da sua Miranda também.



— **E**LA ESTÁ *MENTINDO* — RHYS FALOU. AS MÃOS DELE estavam cerradas, tensas.

Os dedos de Peter percorreram o interior do meu braço até chegar à minha mão. Ele a apertou. Minha cabeça rodopiava, a boca estava amarga com o medo. Tudo o que viera antes não se comparava à sensação de impotência que me assolava.

Ela só precisava dizer algumas simples palavras. Ela citaria um código e minha consciência ficaria de lado enquanto a Programação North chegaria com tudo para usar meu corpo.

Rhys estava prestes a explodir, mas Peter permanecia calmo. Ele deu um passo adiante sem medo. Esse era o lado instintivo dele, tão confiante que às vezes eu achava que não podia ser real.

— Você está blefando — Peter disse baixinho. — Diga o código agora mesmo, eu a desafio.

Minha garganta se comprimiu; o que ele estava fazendo? Era aquilo o que mais nos preocupava. Mas então eu entendi. Se eu mudasse naquela hora, eles poderiam controlar a situação, ou então saberíamos que Nina estava mentindo e poderíamos parar de nos preocupar com aquilo.

Ele estava a dez passos de Nina, mas ela ainda apertava as costas na parede. Parte de mim queria avançar para cima dela e quebrar seu pescoço. Eu queria ver se ela poderia dizer as palavras com as minhas mãos estrangulando-a.

— *Não dê nem mais um passo* — ela cuspiu.

— Diga as palavras — Peter disse. — Chame sua aliada.

Ela balançou a cabeça, fuzilando com o olhar.

— Não. Talvez eu tenha ordens para dizê-las em um momento específico. Agora não é a melhor hora.

Eu queria dizer que ela estava blefando, mas podia ser verdade. Por outro lado, dizer o código naquela hora iria garantir uma aliada naquela cela, não? Eu não sabia no que acreditar.

Noah apareceu diante das barras à minha esquerda, olhando para mim.

— Por que ela está dizendo que tem uma cópia da Nina dentro de você? O que eu não estou sabendo?

“Ela está mentindo. Por favor, deixe eu me concentrar.”

Eu o senti saindo de minha mente. Quando olhei novamente para as barras, ele não estava mais lá.

Peter estava bem na frente dela. Ele avançou, lentamente, até pousar uma mão no ombro de Nina, como se estivesse conversando com uma amiga íntima.

— Fique deste lado da cela pelo tempo que continuarmos aqui dentro. Se você não obedecer, vou matá-la antes de qualquer outra pessoa. Entendeu?

Matá-la logo seria mais fácil e mais seguro, mas Peter era assim. Ele dava mais uma chance a qualquer um.

Nina pareceu levar as palavras dele em consideração. Então o empurrou com as mãos. Os braços

de Peter giraram no ar, mas ele recuperou o equilíbrio depois de dar alguns passos para trás. Rhys ia partir para cima dela, mas Peter gritou:

– Espere!

Rhys parou, mas foi porque eu enterrei meus dedos nos braços dele, segurando-o com mais dificuldade do que eu gostaria de admitir. Ele não tentou me afastar.

Peter virou-se e voltou-se para nós.

– Ela entendeu – ele pôs as mãos em nossos ombros e nos conduziu gentilmente para o outro lado da cela.

– Vamos deixá-la viva? – Rhys não se conformava.

Nós bem que poderíamos decidir na moeda. Tentei olhar para aquilo do ponto de vista de Sequência. Ela não merecia nada daquilo. Ela era tão prisioneira quanto todos nós, ou talvez ainda mais.

– Por enquanto – Peter respondeu. – Ao menos até termos certeza de que não conseguiremos libertar Sequência. Você nos mataria se estivéssemos na mesma situação?

O rosto de Rhys se fechou. Era a pergunta errada. Ele *havia matado* a equipe dele uma vez, algum tempo atrás, para impedir que fossem usados pelos criadores, claro, mas não deixava de ser assassinato, e todos sabíamos disso.

Ele se afastou um pouco de nós, com os olhos no chão. Provavelmente remoendo o passado. Era mais um lembrete de que ele não era um de nós, não do mesmo jeito. Eu não podia nem imaginar como reconfortá-lo. Não se sinta mal, Rhys. Você precisava matar sua equipe! É, não ajudaria muito.

Peter percebeu antes que fosse tarde demais.

– Não tô falando do que você fez antes, Rhys. Você precisa saber disso. Você tentou salvar seus amigos. Estou falando no caso de ainda ter alguma chance de salvar a *nós*. Sequência pode ainda estar lá dentro.

Os ombros de Rhys relaxaram, mas só um pouco. Eu expirei o ar que estava segurando. Por ora, ainda estávamos unidos.

– Prometam que vamos dar mais uma chance a ela – Peter falou para nós. – Nós devemos isso a ela.

A voz de Noah voltou:

– Eu não tenho direito a uma opinião? Matem-na. Antes que ela faça com vocês o que fez comigo.

“Não é isso o que você quer de verdade.” Mas era. E eu queria concordar, porque talvez fosse uma covarde e preferisse matá-la para me sentir segura, em vez de dar uma chance à garota que tínhamos trazido para nossa família.

– Está bem – eu disse, agradecida pelo fato de a decisão não ser minha.

Rhys suspirou pelo nariz.

– Certo. Está bem – ele esfregou os olhos. – Nós deveríamos descansar para aguentar o que vier pela frente.

– Claro que eu quero – Noah insistiu. – Matem-na.

– Não é – eu disse. Em voz alta.

Peter se recostou na parede.

– O que você disse?

Eu deveria contar a verdade.

Rhys estava ao lado dele, e os dois ficaram me olhando, parada com as mãos entrelaçadas.

– Miranda? – Peter chamou.

Eu deveria contar logo a verdade a eles, mas... era constrangedor. Parecia muito estranho.

Olhando por cima do ombro, notei que Nina estava com os olhos semicerrados, mas eles se abriam de tempos em tempos.

Noah estava perto das barras, com um sorriso.

– Conte. Fale que eu disse oi. Mas não quero ficar aqui se vocês vão ficar falando de mim. Essas conversas de fantasma me dão arrepio – ele viu que eu estava hesitante. – Vá em frente!

Então eu me agachei na frente deles, pus uma mão no joelho de cada um para me sustentar, e sussurrei:

– Quando peguei a memória do Noah, ele... Ele voltou.

Houve um instante de silêncio e caras de interrogação. Os lábios de Peter se abriram, só um pouco.

– Ele está aqui – eu disse.

– O que você quer dizer com aqui? – Peter quis saber.

– Quero dizer que ele está vivo. Na minha cabeça. É ele – dizer em voz alta não me fazia parecer menos insana.

Peter e Rhys olharam um para o outro.

– Você tá brincando? – Rhys perguntou. – Isso não tem graça.

– Por que eu faria uma piada dessas?

– Fale para o Rhys que eu roubei mesmo as meias dele – Noah disse.

– O Noah roubou suas meias – contei ao Rhys.

Rhys piscou rapidamente, como se tivesse tomado um soco no nariz. Peter fechou os olhos.

– Ele pode nos ouvir?

– Diga ao Peter que eu posso ouvi-lo muito bem. Mas estou de saída – e em um segundo a presença dele evaporou da minha cabeça e eu fiquei sozinha.

A pressão crescia atrás dos meus olhos, mas eu não ia chorar mais, mesmo que estivesse dando mais um motivo para Peter não confiar em mim. Afinal, sempre que ele falasse comigo, Noah poderia estar ouvindo.

– Ele disse oi. Acabou de desaparecer. Ele vem e vai.

– O que isso quer dizer? – Rhys perguntou, alto demais. Mas Nina não se alterou.

– Quer dizer que ele está vivo – Peter disse, num sussurro. Ele quase me fuzilou com os olhos. – Eu falei pra você não copiar a memória dele. Eu falei pra você deixar pra mim.

– Se você fizesse isso, estaria na mesma situação que eu. Eu consigo lidar com isso.

Ao menos eu esperava que conseguisse.

Noah estava vivo, de certa forma, e isso era tudo. Rhys apertou meu joelho, que era o mais próximo que ele poderia fazer de um gesto de conforto, e foi se aconchegar no canto dele, usando as mãos como travesseiros. Após um momento, Peter me puxou para o chão e pousou minha cabeça no colo dele, o que significava que ele faria o primeiro turno de vigília, sem discussão. Ele nem perguntou se eu estava bem ou se eu conseguia lidar com aquilo. Ele apenas estava *presente*. Seus dedos passaram por meu cabelo, passeando por trás da minha orelha. Ele havia me colocado naquela posição para ficar próximo de mim. Eu podia sentir. Mas eu me perguntava se ele estava pensando o mesmo que eu: que aquela era a melhor posição para quebrar meu pescoço se eu acordasse como outra pessoa.



Tive um sono agitado, com pesadelos.

Então a grande porta de ferro se abriu, e eu me levantei tão rápido que cheguei a tirar os pés do chão. Caí em uma posição de defesa, com as mãos para cima, mas não havia nenhum perigo imediato. O comandante surgiu do lado de fora da cela, sem armas no traje preto de combate, apesar de eu imaginar que ele não precisasse de nenhuma. Do outro lado da jaula, Nina estava de pé.

– As duas garotas, venham comigo.



A PORTA DA CELA ABRIU SOZINHA. NINA E EU TROCAMOS olhares. Peter e Rhys estavam acabados depois da pior noite de sono de suas vidas, mas eles se levantaram comigo, à minha esquerda e à minha direita.

– Vou ficar bem – eu disse, afinal era a única coisa que havia para se dizer.

– Eu não vou pedir novamente – Gane falou.

E daí que da primeira vez não fora um pedido?

Nina saiu da cela primeiro e virou a cabeça para se certificar de que eu não iria avançar nela pelas costas. Eu a seguia a uma distância segura. Se era segura para ela ou para mim, eu não sabia dizer.

– Fique atenta – Noah falou de repente próximo a mim. – Nina vai tentar alguma coisa. Eu sei.

“É um palpite?”

– Não, é como antes, quando eu lhe mostrei aquelas imagens e não fazia ideia de onde vinham. Eu não consigo explicar como eu sei, mas sei que ela está atrás da Tocha e não vai poder fazer isso se estiver presa. Eu estarei por perto.

Ele desapareceu e eu segui Gane pelo túnel, acelerando até ficar ombro a ombro com Nina. Queria mostrar o quanto eu não tinha medo dela, o que no fundo queria dizer que eu tinha medo sim. Nós duas estávamos tensas, menos pela noite maldormida e mais pela ansiedade. As tochas em estilo medieval tremeluziam e projetavam nossas sombras nas paredes.

– Relaxem, as duas – Gane disse sem olhar para trás. – Não vou levá-las a nenhum lugar muito sinistro.

Era uma piada? Não sabia dizer se isso era um bom ou mau sinal.

Ele nos deu as costas, e dessa vez me pareceu uma provocação, como se dissesse: “Por que não tenta?”.

Nina tentou, como Noah disse que ela faria. Ela disparou o mesmo soco que eu teria dado, bem na base da coluna dele, mas acrescentou um segundo punho no rim, em um golpe duplo. Qualquer homem cairia de joelhos com aqueles ataques.

Mas os golpes nunca chegaram a atingi-lo. Os punhos dela pararam a alguns centímetros das costas de Gane. Ele apenas estalou a língua no céu da boca. Era impossível. As mãos dela simplesmente *pararam*.

– Eu queria saber qual das duas iria tentar alguma coisa primeiro.

As mãos de Nina se ergueram lentamente, estendidas e bem abertas, tremendo. Ela não estava as controlando; de alguma maneira era *ele* que estava.

Ela olhou para as mãos como se estivessem cobertas de aranhas.

– *O que você está fazendo?*

O indicador esquerdo dela se dobrou para trás. Eu paralisei.

– Devo quebrar o dedo?

– Não! Não! – escorria suor da sobancelha dela.

Gane olhou para mim com um ar preguiçoso.

– Devo?

Engoli em seco. Nina olhou para mim, com o pânico retorcendo seu rosto.

– Não – respondi.

As mãos dela tremiam enquanto ela lutava contra a pressão. O dedo se dobrou além do ponto em que parecia natural. Mais alguns graus e o osso quebraria.

– Não – falei mais uma vez, sem ter a menor ideia do porquê.

Gane a soltou e ela apertou as duas mãos contra o peito, soltando um gemido. Ele apertou o passo.

– Mais rápido, por favor.

Eu o segui, deixando Nina para trás. Ela nos alcançou depois e chegamos ao espaço principal, a colmeia cavernosa onde eles haviam me retirado da água. As passarelas tornavam difícil de ver quantos andares circulares existiam acima de nós.

– Esta é a Verge – explicou Gane. – Ela foi criada para nos proteger de qualquer coisa que venha da Escuridão, que está diretamente abaixo de nossos pés – eu automaticamente olhei para o chão. – Qualquer coisa que venha daí se torna imediatamente nosso prisioneiro.

Permaneci em silêncio, apesar de querer perguntar o que mais poderia vir da Escuridão.

Ele nos levou até a coluna principal, no meio. Quando chegamos mais perto, uma porta de elevador se abriu na base da coluna. Gane entrou e nós também, por mais que entrar naquele espaço apertado com aqueles dois fosse contra todos os meus instintos naturais. Nina recostou-se na parede, mas eu encarei a porta e fingi que não estava preocupada com nada. Às vezes fingir confiança ajuda a adquiri-la.

O elevador subiu tão rápido que meus joelhos se dobraram e o sangue desceu da cabeça. Alguns segundos depois as portas se abriram e nós fomos para uma sala em forma de pirâmide, com quatro paredes angulosas apontando para o alto.

As paredes eram de vidro. Eu estivera em uma sala como aquela, na lembrança da sra. North. A Miranda Original tinha um escritório no formato de uma pirâmide, com paredes de vidro, mas não podia ser o mesmo lugar.

Eu entrei na sala.

As paredes eram de vidro, mas o que eu via através delas não podia estar certo.

– É a primeira vez que você vê isto – Gane falou, às minhas costas.

Eu podia vagamente notar que ele e Nina deram alguns passos atrás de mim. O elevador se recolheu para o andar de baixo, permitindo-me uma visão perfeita em todas as direções.

Mas eu não entendia.

– São janelas? – poderiam ser telas de vídeo. Tinham que ser.

Se fossem janelas, então a Verge estava localizada no meio da cidade de Nova York. Mas a cidade não era aquela que eu conhecia do treinamento. Nós tínhamos que memorizar as paisagens de todas as principais cidades. Mas o panorama não coincidia. A única coisa que eu reconhecia era o Empire State Building a leste. Os arranha-céus poderiam ter mil anos de idade, escurecidos pelo tempo, sem janelas, aos pedaços. O céu estava escuro por causa de uma tempestade. Nenhum dos prédios tinha luz, eram todas formas escuras e silenciosas à nossa volta, quase invisíveis sob a luz fraca. A sudoeste, reconheci o formato estreito do Flatiron Building, mas estava no lugar errado. Deveria estar a sudeste. Era uma piada.

– São janelas.

– Não – o que mais eu poderia dizer?

Dei um passo à frente, mudando o ângulo de visão, na esperança de ver alguma coisa que desfizesse a ilusão.

Acima, o céu estava pesado, com nuvens carregadas e pretas como carvão de um lado ao outro do horizonte. As nuvens relampejavam com veias grossas e sinuosas de raios púrpura.

– Um belo truque – falei, quase baixo demais para ele ouvir. – Já pode desfazer.

– Adoraria, se eu pudesse.

O comandante caminhou até a ponta norte da sala. Ele se sentou e repousou as mãos na superfície lisa de madeira. Não havia cadeiras para mim nem para Nina. Todos nós cintilávamos púrpura quando os raios disparavam ali perto. Não havia nenhum trovão nem chuva.

– Quem são vocês? – Gane perguntou para nós duas.

Nina falou primeiro:

– Não importa. Minha proposta para remover os sem-olhos do seu mundo é o que interessa.

Eu me senti uma jogadora de pôquer sem as cartas certas na mão. Não tinha nada para lhe oferecer, e o rosto dele parecia brilhar sempre que Nina falava em se livrar dos sem-olhos.

– Você tentou me atacar alguns minutos atrás – ele disse.

– Você pode me culpar por tentar escapar?

O comandante a ignorou e se voltou para mim.

– Sua irmã sabe mesmo como encontrar a Tocha?

Olhei de relance para Nina, mas ela estava com o rosto virado para a frente, fitando os arranha-céus mortos que não estavam no lugar certo.

– O que é a Tocha? – perguntei.

– Responda-me, então eu lhe conto.

Estava difícil de respirar.

– Responda-me – ele repetiu. – Ela sabe onde está a Tocha?

Talvez a verdade pudesse me libertar.

– Eu não sei. E ela não é minha irmã.

Gane ergueu a sobrancelha.

– Confuso. Pelo jeito vocês não estão do mesmo lado.

– Não estamos – confessei. Finalmente ele entendia. – Onde nós estamos?

Ele abriu uma gaveta da mesa e tirou uma garrafa de cristal cheia de um líquido cor de rubi, provavelmente vinho. Ele despejou-o em um cálice e tomou um gole.

– Qual é seu nome? – perguntou a Nina. – Você também se chama North?

– Em certo sentido, sim. Meu nome é Nina.

Não era em um sentido muito bom. No entanto, meu nome não era mais verdadeiro que o dela.

– Nina North – ele disse, saboreando as palavras. – Diga-me, para onde você levaria os sem-olhos?

– Através da Escuridão.

Senti um calafrio com a palavra, mas não deixei que percebessem. Levar os sem-olhos para qualquer parte soava como uma má ideia. Matá-los soava melhor. Vi novamente as imagens que Noah me mostrara. Eu via os corpos pálidos como cadáveres e as garras enormes em vez de dedos. Eu tentava me lembrar dos rostos, mas a visão desfocava. Deixar Nina viver fora uma má ideia. Aquela fora nossa chance de parar aquilo, e nós fomos muito fracos, todos nós. Eu duvidava que Gane me daria uma segunda chance para acabar com ela.

Ele estalou os dedos.

– Você já falou isso. O que quero saber é para onde a Escuridão os levará.

– Isso importa?

Gane acenou com a cabeça.

– Para mim, sim. Os sem-olhos devastaram o nosso mundo. Eu não vou deixar que eles façam o mesmo em outra parte apenas para nos livrarmos deles.

– Seu mundo – eu disse. – Este é o seu mundo.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Você achou que era o seu?

– Não. Então vou *perguntar de novo*: onde eu estou?

– No que sobrou do meu mundo.

– Como cheguei aqui?

– Você não sabe?

– Eu sei que saltei em algo que parecia um lago negro e acordei na sua cela.

– Você veio pela Escuridão.

– E o que ela é, exatamente?

– A fronteira entre todos os universos. Um espaço intermediário, para mantê-los separados.

Fiquei muda.

– Olhe à sua volta – ele tomou um gole e fez um gesto para o vidro, como se dissesse *vá em frente, eu espero*.

Eu tinha que acreditar, porque a prova estava à minha volta. Aquela cidade estava tão morta e vazia quanto possível.

Eu não podia nem imaginar como aquilo acontecera.

Ele me encarou sem expressão no rosto, até eu dizer:

– E de onde vieram os sem-olhos? O que eles fizeram?

– Eles comeram – foi o que ele disse, como se isso explicasse. E para Nina: – Que garantia eu tenho de que você não vai usar a Tocha para nos destruir completamente?

“Nenhuma”, eu queria dizer. “Qualquer coisa que venha da boca dela provavelmente é mentira. Confie nela por sua própria conta e risco.”

Nina estendeu a mão para a cidade à nossa volta.

– O que sobrou para destruir? Os sem-olhos já fizeram um trabalho completo aqui, acho.

– Então por que levá-los?

Nina não tinha nada a dizer.

Gane olhou para a mesa por vários segundos.

– Eu vou contar uma história, com sua licença.

Eu não sabia para quem ele estava falando, então só acenei com a cabeça e Nina fez o mesmo.

– Um dia houve um parque nesta cidade. Dá para vê-lo ao norte, atrás de mim. Os pais levavam suas crianças lá para brincar. Era repleto de museus e restaurantes, um parque enorme, bem no meio de tudo. Eles o chamavam, não era à toa, de Central Park. Até que um dia, em 1973, um buraco se abriu no chão e muitas pessoas caíram ali dentro e desapareceram. O buraco era tão escuro que era como olhar para o mais vasto “nada”. Puseram cercas altas ao seu redor, já que não sabiam como se livrar dele. Apesar dos desaparecidos, a vida continuou.

Ele fez uma pausa para beber mais um pouco. Cada pelo do meu corpo estava eriçado.

– Quando eu era garoto, me disseram que a Escuridão era um portal para o inferno. Um portal que, se não fosse vigiado, daria passagem para criaturas de pesadelo. Elas iriam seduzir e enganar. Iriam arrancar a carne de nossos ossos. Nossa cidade era majestosa na época, mesmo que o resto do

mundo não fosse. Pensávamos que Nova York fosse invencível. Minha família viera para cá de avião de Belize, apesar do buraco. Eu me lembro de ver a cidade da janela quando a sobrevoamos.

Ele fechou os olhos e suspirou.

– Então, um dia, as coisas começaram a vir da Escuridão, mas elas não seduziram nem enganaram. Elas apenas mataram e comeram. Criaturas sem olhos, com bocas cheias de agulhas, garras que podiam cortar um homem em dois de uma vez só. Elas se espalharam pela cidade como um câncer, matando pessoas aos milhares. Milhares passaram a ser milhões. Elas se espalhavam e se multiplicavam. Comeram as pessoas deste mundo e não havia como detê-las. Nós reagimos em uma grande guerra que durou muitos anos. Isso quase nos extinguiu. No final o mundo estava morto, e os sobreviventes se reuniram aqui. E um dia os sem-olhos simplesmente... Desapareceram. Eles foram para as montanhas, ninguém sabe o que têm feito por lá. Eles vêm até nós quando temos muitas crianças e damos sinais de prosperar novamente. Eles tomam as crianças e as devoram diante de nossos olhos. E então nos deixam. Repetidamente. No início, parecia que os sem-olhos se moviam de acordo com alguma consciência, controlados por alguma força maior. A teoria se mostrou fato quando o presidente ofereceu uma recompensa para matar a portadora da Tocha, uma mulher mascarada que fora vista atrás das fileiras de sem-olhos, segurando uma espécie de bastão com uma chama na ponta. A Tocha não fora mencionada nos últimos vinte anos, até que *you* viesse pela Escuridão. E agora você alega saber onde ela está.

O comandante tinha lágrimas nos olhos. Eu sabia como era se lembrar de algo que preferia esquecer.

– Então, se você está planejando levá-los para outro lugar, eu quero saber que não é para um mundo como o nosso foi um dia. Quero saber que é para o inferno, porque é a ele que os monstros pertencem.



GANE TERMINOU DE CONTAR E SE ENTERROU NA CADEIRA. Ele tirou um lenço do bolso do colete e enxugou o suor da testa.

Permaneci em pé, mas sem firmeza nas pernas. As implicações... eram muito vastas. Aquilo um dia fora Nova York – não a minha, mas bem parecida. Tentei imaginar os monstros se espalhando e se multiplicando, comendo tudo pelo caminho. Como travar uma guerra contra algo desse tipo? Era como um vírus em escala global.

Nós estávamos esperando esses monstros virem e conquistarem o nosso mundo. Mas eles já haviam causado estragos para aquele mundo, décadas antes. Noah, de alguma maneira, conhecia a aparência deles, então eles deviam ter alguma ligação com nossos criadores. Tinham de ser os monstros dos quais a sra. North sentia medo.

Mas o porquê continuava sem resposta. Por que destruir aquele mundo?

E por que destruir o nosso?

Se o nosso mundo estava sob o mesmo perigo que havia destruído o mundo de Gane, então nossos criadores tinham de ser de um universo completamente diferente. Muito mais avançado.

Gane guardou o lenço e deu mais um gole no drinque.

– Então eu pergunto pela última vez: para onde você planeja levar os sem-olhos?

Eu falei rapidamente, antes da Nina:

– Ela vai usá-los para conquistar o nosso mundo. Ela quer deixar o nosso mundo como o seu – eu sabia que era a verdade. Tudo se encaixava. Nina sabia da entrada para a Escuridão e a atravessara com consciência. Ela queria controlar os sem-olhos, levá-los embora do mundo em que estávamos, onde o trabalho claramente estava completo. Eles estavam escalados para outro mundo... O nosso.

– Ela está mentindo! Ela...

Nina jamais terminou a frase.

Gane rugiu e empurrou tudo o que estava sobre a mesa, erguendo-se da cadeira. Ele esticou a mão para Nina, com a palma estendida e dedos abertos. Ela engasgou enquanto os pés dela subiam. Ela se moveu no ar... E se chocou com força no chão. Sua cabeça quicou e ela se contorceu sobre a própria barriga, gemendo.

Eu não me movi. Porque não conseguia.

Gane me segurava com a força da mente o tempo todo. Ele esmagava meu tórax como um torno, tornando difícil respirar. Daí me soltou, e meus joelhos amoleceram e o coração disparou. Comecei a suar na roupa de saco de estopa.

Nina se levantou, com cuidado, de olhos no chão. Um vergão na bochecha dela inchava, tornando-se aparente, aprofundando-se do vermelho para o roxo.

– Você quer se livrar dos sem-olhos ou não? – Nina perguntou, baixinho.

– Nos meus termos, sim – ele respondeu.

O elevador subiu do chão até a altura em que estávamos.

– Miranda North, vou falar com você mais tarde – ele disse, de olhos em Nina enquanto falava comigo. – Você pode se juntar aos outros.

– Não a deixe fazer...

– Vá!

Concordei com a cabeça e fechei a boca. Até que eu pudesse estar a sós com Nina, teria que confiar que o comandante fosse esperto o bastante para enxergar a farsa. Se havia algum monstro ali capaz de enganar, era ela. Eu queria dar uma chance para que Sequência voltasse, mas havia muita coisa em jogo naquele momento. Muita coisa...

– Agora vá – ele disse, em voz mais baixa.

Eu quase agradei, mas percebi antes o quanto soaria patético. O fato de eu poder voltar para Peter e para Rhys era quase bom o suficiente para me fazer sorrir. A única razão para eu *não* querer era impedir Nina de manipular Gane. Como saber o que ela iria dizer ou fazer quando eu não estivesse perto?

No segundo seguinte, Noah estava na minha frente. Quase gritei.

– Você não pode deixá-la sozinha com Gane – ele disse, em pânico. – Não pode.

“Por que não?”

– Porque ela vai enganá-lo. Ele está subestimando-a. Escute: eu sei de coisas sobre a Nina que não devia saber. Alguém pôs essas informações na minha cabeça. Eu acho...

Gane ficou me encarando.

– É melhor ir espontaneamente, Miranda.

“Não há nada que eu possa fazer.”

Noah suspirou.

– Eu sei.

Eu me virei e vi que os dois de vermelho haviam voltado para me escoltar. O homem e a mulher com as máscaras de bandidos do velho oeste. Eles estavam tão estoicos quanto antes, com as mãos unidas às costas, virados para a frente sem olhar para nada em particular, especialmente sem olhar para mim.

Entrei no elevador e me virei, pronta para me reunir ao Peter e ao Rhys. Nina e o comandante ficaram olhando até a porta se fechar.

No último momento, pouco antes de a porta se fechar completamente, Nina olhou fixamente para mim e sorriu.

Ficar sozinha com Gane era exatamente o que ela queria.



O ELEVADOR DESCEU TÃO RÁPIDO QUANTO SUBIRA. MEU estômago parecia sair do lugar, os pés perdiam apoio. Eu sentia os olhos deles às minhas costas, mas me recusava a dar a satisfação de me virar.

Quebrei o silêncio quando chegamos ao térreo.

– Ei, será que vocês poderiam me inteirar do que aconteceu entre o momento em que entrei na Escuridão e a hora em que acordei na cela com roupas diferentes?

Ouvi os passos da garota diminuïrem a velocidade, mas depois retomaram o prumo.

O homem respondeu:

– Você chegou inconsciente da Escuridão, o que acontece com todo mundo na primeira vez. O traje foi removido por motivos óbvios – a voz soava familiar, de certa forma.

Precisei me conter com todas as forças para não me virar e arrancar a máscara dele. Entramos no túnel com as tochas alinhadas, e os passos dos dois ficaram rígidos. Eles ficavam alguns passos atrás, o que não me desagradava.

– Quem tirou o traje?

– Fui eu – respondeu a garota.

– Todo mundo chega desmaiado na primeira vez, é?

– Sim – ela continuou. Eu estava surpresa por eles responderem.

– Quem eram os outros intrusos? Os que vieram antes de nós?

– Eu fui um, algum tempo atrás – o homem respondeu, o que me fez parar, mas a mão dele me forçou gentilmente a continuar em frente, e uma pequena esperança se elevou em meu espírito. Mais pela gentileza com que ele me guiou do que pelas palavras. Esperei, sem saber o que aquilo significava.

Nós passamos pela porta de ferro que dava na prisão. Peter e Rhys saltaram do lugar onde estavam descansando.

– O que aconteceu? – Peter perguntou, chegando às barras.

Mas foi o homem atrás de mim que respondeu:

– Quietos, todos vocês – o tom de voz dele mudara.

Ele não estava ordenando que nos calássemos por sermos prisioneiros; ele estava fazendo aquilo porque não queria que ninguém escutasse. Meu coração acelerava. “Por favor, que isso não seja um truque.”

A boca de Rhys se abriu e os olhos se estreitaram. Atrás de mim, a porta de ferro se fechou suavemente, mas não travou.

– Tire a máscara – Rhys mandou.

– Eu disse *quietos* – o homem de vermelho grunhiu.

A porta da cela se abriu, eu não sabia se automaticamente ou pela força do homem. Não

importava.

– Saíam – o homem ordenou.

A garota pairava na porta, apoiando-se ora em um pé, ora em outro. Estavam tão tensos quanto eu. Era o único motivo para eu não pensar que estavam obedecendo a ordens do comandante.

– Isso é um truque? – Rhys perguntou.

Se fosse, não faria sentido. Gane tinha poder para nos realocar quando quisesse. Ele não precisava de um truque.

– Garoto, eu não tenho tempo nem paciência. Sigam-me ou apodreçam aqui. Também pode ser que Gane desmonte vocês para ver o que há dentro de um intruso.

Peter e Rhys olharam um para o outro, então saíram da jaula. Os dois de vermelho abriram novamente a porta. Eles se moviam rápido e eu também. Meu coração batia forte, mas não por causa do medo. Mesmo com os horrores que existiam do lado de fora do prédio, nós tínhamos uma chance se continuássemos juntos.

– E quanto aos nossos trajes? – Rhys quis saber.

– Eu cuidei disso – a garota respondeu por cima do ombro. De perto, dava para ver que seus olhos eram cor de mel.

– Precisamos de uma coisa que está escondida nos trajes – Peter acrescentou.

– Já cuidamos disso – o homem disse.

Era o bastante para que os seguíssemos. Não que tivéssemos opção.

Saímos do túnel para o andar principal da colmeia e continuamos pela parede circundante, seguindo a circunferência em sentido anti-horário.

De repente, Noah estava andando ao meu lado.

– Tem certeza de que é uma boa ideia? – ele espiou meu rosto, mas eu me recusei a olhar para ele.

“Certeza, não. Mas é a única opção no momento.”

– Mas agora nós sabemos onde Nina está. Se sairmos, podemos não a encontrar antes que seja tarde demais.

“Se continuarmos, será como prisioneiros.”

– Escute. Eu acho que sei quem Nina realmente é.

“Quem?”

– Você se lembra da Miranda que viu nas lembranças da sra. North? Aquela que pensamos que é sua Original?

“Sim.” Como eu poderia esquecer? Foi a primeira vez que percebi que nossos criadores também tinham seus próprios criadores.

– Eu acho que a Nina é filha dela. Um clone que a diretora criou como sua própria filha.

“A diretora?”

Quase parei para olhar para ele, mas estávamos nos movendo rápido demais.

– Quase lá – o homem avisou à frente.

Nós estávamos nos aproximando de outro túnel que surgia na parede.

Foi nesse momento que a porta do elevador se abriu na coluna e o comandante Gane deu um passo para fora, com Nina ao lado.



— **A** ONDE VOCÊS VÃO LEVÁ-LOS? — GANE PERGUNTOU, parado ao pilar. Não havia alarme em sua voz, ainda não.

A cada segundo, eu esperava sentir a mente dele agarrando meu corpo para me impedir de andar.

— *Não parem* — a garota sussurrou para nós.

O homem se separou do grupo e encarou Gane.

— Comandante, os cientistas querem estudar os intrusos no laboratório.

Passos no chão de pedra. Era Gane andando rápido até nós.

— Não, não, não. Ninguém se move sem minha permissão. Levem-nos de volta.

Mas já estávamos entrando no túnel.

— Parem! — gritou.

Senti o primeiro golpe da mente dele em minha pele. Evaporou no segundo que saí de seu campo de visão.

— Corram! — a garota disse, apertando o passo à frente. — Os cavalos sabem o caminho!

“Cavalos?”

Eu não tive tempo de pensar no que ela queria dizer. Peter e Rhys passaram voando por mim, e eu reuni um pouco mais de força de meus membros para correr tão rápido quanto. Ou até mesmo mais. Ouvi um chiado atrás, no túnel, e reconheci o som. Era uma granada de fumaça. Às minhas costas, uma parede de fumaça cinzenta apareceu. O homem de vermelho surgiu do meio dela, balançando os braços.

— Gane não consegue nos ver! — gritou. — Continuem andando.

Ele não precisou falar duas vezes. O túnel descia em rampa, depois fazia uma curva e subia mais uma vez em direção à saída. Eu estava quase exultante com a visão de liberdade do céu aberto logo adiante, mesmo não sendo o meu céu. Dei uma olhada na paisagem: arranha-céus antigos arruinados e a colmeia pontuda da Verge se destacando em volta de um fosso de água preta. O túnel passava por baixo da água e tinha saído na margem.

Como a garota havia dito, cinco cavalos nos esperavam adiante na rua, ao lado da carroceria do que um dia fora um táxi. Eles batiam as patas e sacudiam a poeira com os cascos. O homem digitou um código no teclado ao lado da abertura do túnel e a porta corrediça se abriu.

— O que é isso? — Rhys perguntou, girando a cabeça para a ruína à nossa volta. — *O quê...?*

— Quietos. Ele ainda pode nos agarrar — o homem falou, sem fôlego. — Pegue um cavalo.

Quatro dos cavalos eram pretos. A última, uma égua, era cinza, mas só por causa da poeira que cobria seu pelo. Trechos brancos brilhavam por baixo da camada. Nenhum dos animais estava selado.

Peter e Rhys hesitaram ao montar, obviamente surpresos com a situação.

— Agora! — o homem vociferou.

A cinzenta virou os olhos para mim, da maneira mais convidativa possível. Eu agarrei a crina dela e alcei as pernas para o alto e em volta de seu dorso.

Saía fumaça pelos vãos nas barras da porta corrediça. Ouvi Gane tossindo em meio à nuvem, perto demais.

– Que droga, cara! – o homem circulou em seu cavalo preto ao lado de Rhys, que se recusava a montar.

Não era o melhor momento para os seus problemas de confiança virem à tona. Peter já estava mais de 20 metros adiante na rua, com o Empire State destacando-se na paisagem. Ele parou e virou o cavalo, de queixo caído. Eu chequei o que ele estava vendo.

O último cavalo relinchou quando suas patas saíram do chão. Ele flutuava sob o poder de Gane, esperneando no ar. A cinzenta foi para o lado, ágil como uma dançarina, enquanto o cavalo preto jogava a cabeça para os lados, com olhos arregalados e os dentes à mostra, conforme o comandante o erguia mais alto. Agarrei a rédea da égua com as duas mãos e a conduzi. Ela empinou, sacudindo as patas dianteiras, e se abaixou, mas não deixou os outros cavalos para trás, apesar dos meus calcanhares martelarem freneticamente os seus flancos.

– Vamos, garota! – implorei.

Gane estava junto às barras, engasgando na nuvem de fumaça, com a mão estendida e os dedos bem abertos. Ele virou o pulso como se estivesse jogando uma batatinha na boca, e o cavalo fez um arco para cima, até a boca do túnel, como uma bola de futebol americano. Eu observei, petrificada, enquanto ele mergulhava no fosso negro.

Rhys se convenceu de que era hora de agir.

– Suba no cavalo! – o homem gritou.

A garota de vermelho passou velozmente por mim, e o cavalo preto de Peter fez os outros comerem poeira, mantendo a dianteira. Rhys subiu desajeitadamente no dorso do cavalo do homem, e, juntos, galopamos lado a lado. A égua se movia como líquido, afastando-me de Gane e da Verge. De repente, senti a mente de Gane percorrendo minha pele, puxando meus trapos, minhas pernas e meus braços. Comecei a me erguer de cima da cinzenta, mas finquei os pés nela no último segundo. Ela pareceu correr mais rápido quando me acomodei novamente em suas costas.

E enfim ficamos fora do alcance do comandante, com uma nuvem de poeira de dois andares se erguendo entre os prédios, ocultando a Verge. Os gritos de frustração de Gane ecoaram pelo aço e pela grama, perturbando os corvos que se empoleiravam nas janelas quebradas. Eles saíram voando em zigue-zague sobre as nossas cabeças, crocitando. E eu dei risada, não porque estava feliz, mas por estar ali fora, em liberdade. O vento batia em meu cabelo e deixava meus olhos aguados. Em certo momento o homem, com Rhys agarrado na garupa, tomou a dianteira, e nós o seguimos enquanto ele corria pelos caminhos empoeirados entre os prédios. Eu me sentia grata pela ação, pois me permitia algum tempo sem pensar tanto, sem queimar os neurônios tentando entender como aquele lugar era possível.

Eu via as ruínas da cidade enquanto passávamos. Em um canto, uma carroceria de metal laranja-amarronzado que costumava ser um carro. Ali, asfalto todo rachado, cheio de pedregulhos. Largas faixas de poeira que circundavam alguns prédios eram o que sobrara das calçadas. Passamos pelo lado norte do Empire State; havia fogo queimando ali dentro, figuras escuras agachadas ao redor. Uma placa retorcida e meio enferrujada, tombada no chão, dizia Quinta Avenida.

As pessoas se amontoavam às portas dos prédios, observando enquanto passávamos. Eu não estava mais rindo. Olhava para um mundo agonizante e percebia que aquilo poderia acontecer com o nosso. Nina queria levar os sem-olhos pela Escuridão e, até onde eu sabia, a Escuridão os levaria

ao nosso mundo.

Aquilo me fazia querer voltar para pegá-la, mas não o fiz. Não estávamos prontos. Os dois de vermelho nos libertaram por algum motivo e eu presumia que iriam nos ajudar.

Mais gente saía dos abrigos para nos ver.

Um grito se ergueu e foi se propagando de voz em voz:

– Cavaleiros vermelhos! Cavaleiros vermelhos!

– Não parem! – o homem gritou ao meu lado. – Não parem por nada!

Estávamos em galope veloz, uma tempestade de cascos mais barulhentos que trovão, abafando o som do meu sangue latejante nas veias. Senti a égua resfolegando, os músculos de seu dorso se flexionando a cada vez que suas patas saíam do chão.

– Continuem em frente! – o homem gritou.

Bem nessa hora começou uma chuva de flechas.



Elas vinham do alto. Homens em roupas esfarrapadas se inclinavam nas janelas quebradas no segundo, terceiro e quarto andares dos edifícios. O grito nas ruas não era mais *cavaleiros vermelhos!*, e sim *carne!* As flechas zuniam para baixo, da esquerda e da direita, batendo na terra socada ou ricocheteando nos pedaços de asfalto. Uma raspou sobre a pata da égua e ela saltou, quase me derrubando. Segurei mais firme em sua crina, apertando as pernas, curvada, desejando ser bidimensional.

Outra flecha passou rente ao meu rosto. Nenhum pensamento. Eu apenas me curvei e ela passou pelo cabelo, cortando uma mecha. Eu sentia os fios de cabelo flutuarem pelas costas e depois esvoaçarem ao vento. Minha barriga continuava comprimida bem depois que a flecha se foi, as coisas se moviam rápido demais para eu processar.

A garota de vermelho estava com uma flecha na coxa, mas pelo jeito que cavalgava não dava nem para notar. O tecido vermelho da calça estava mais escuro em volta da ferida; a mancha ia crescendo. Fechei os olhos, achando que alguma poderia cair no meu pescoço. Eu só queria estar com o meu traje. Logo em seguida eu os abri; afinal, desejar não iria me livrar de nada.

Aqueles homens tinham péssima pontaria, mas eram muitos. As flechas continuavam a cair assobiando, as hastes enterradas no chão se partiam sob os cascos dos cavalos.

Vi um arqueiro no segundo andar à esquerda mirar em Peter. O pescoço dele estava enrolado em uma toalha imunda, com braços finos esticando o arco. Ele seguia Peter com os olhos enquanto nos aproximávamos do prédio.

– Peter, cuidado! – minha voz saiu abafada pelo barulho dos cascos.

O arqueiro disparou. A flecha desceu, tremendo, e se enterrou no peito do cavalo de Peter.



EU ABRI A BOCA PARA GRITAR, MAS NÃO SAIU SOM ALGUM. O cavalo caiu, batendo a cabeça no chão, com as pernas enroscadas, patinando, raspando na terra. Peter escorregou com o animal.

Mais duas flechas se fincaram na terra perto da cabeça dele. Pelo menos ele conseguiu rolar com habilidade. Em seguida, firmou os pés e se aprumou. E eu estava ali, inclinada para baixo, com o cavalo em trote rápido e toda a minha atenção nos dedos estendidos de Peter, sabendo que eu não teria uma segunda chance. Nossas mãos se encontraram com os nossos antebraços, e o peso dele quase me derrubou, mas eu o alcancei com a perna e o ajudei a levantar, gritando com a dor no ombro.

As flechas finalmente estavam fora de alcance. O peito de Peter resfolegava às minhas costas enquanto ele puxava o ar profundamente. Ouvi Rhys rindo à nossa frente. Meu ombro estava dolorido, mas intacto.

– Te devo uma – Peter cochichou no meu ouvido.

Eu me virei para olhar para ele, checando se não havia alguma flecha que ele ainda não notara. Seus olhos cintilavam com a adrenalina.

– Você já está me devendo duas – eu disse, e ele riu.



Continuamos cavalcando cidade adentro. Passamos por cães selvagens tão magros que as costelas apareciam. Havia mais carros largados nas ruas. Os pneus apodrecidos fazia tempo. Os cavalos seguiam bem próximos uns dos outros, separando-se apenas para contornar obstáculos. Quando a adrenalina baixou, consegui assimilar um pouco mais o que estava vendo. Tantas coisas feitas pelo homem, esquecidas e abandonadas. Antes as pessoas andavam por aquelas calçadas, comiam naqueles restaurantes. Táxis corriam aos montes por aquelas ruas desoladas. E naquilo tudo se vislumbrava um possível futuro para o nosso mundo. Se não parássemos Nina, aquele poderia ser o nosso futuro. Um mundo de coisas esquecidas.

Diminuímos o ritmo depois de dez minutos cavalcando velozmente. Viramos para o sul e chegamos a prédios menores, mas tão densos quanto os outros. De quando em quando, o ângulo me permitia confirmar a visão do centro da cidade que eu tivera a longa distância no escritório de Gane.

A perna da garota estava encharcada, mas o sangramento parecia ter estancado. A mancha não passava do joelho. A poeira ia grudando na parte úmida da calça.

A rua abriu para o que um dia fora um parque. Algumas das árvores ainda estavam em pé, e uma parecia até mesmo estar viva. As outras estavam caídas, sem folhas, ancoradas na terra degradada. Percorremos o perímetro, tomando cuidado com um ônibus vazio. Dois pássaros se empoleiravam na carroceria, observando-nos.

– Isso é o que costumava ser a Union Square – explicou o homem de vermelho. – Ali fica o que

era chamado de Círculo de Rowland.

Ele foi na frente, conduzindo o cavalo a um estacionamento enorme que parecia mais atraente que os prédios ao redor. Nós o seguimos para dentro e começamos a descer, circulando colunas, descendo para o subsolo. Os carros ali estavam mais bem preservados, mas não muito. Nenhum tinha pneus nem janelas. A cada tantos metros, o homem parava e erguia um controle remoto no ar. Quando emitia um som agudo, nós continuávamos.

Contei três andares para baixo. O som de cima ficou abafado e tudo o que eu podia ouvir era a batida ruidosa dos cascos dos cavalos no concreto. O andar de baixo era uma residência. Duas camas estreitas se encontravam ao fundo, no canto esquerdo, junto a uma enorme escrivaninha de metal, armários e uma bancada. Várias lâmpadas mal encaixadas se penduravam dos suportes no teto, unidas pelo mesmo fio. Feno cobria o chão ao lado, com um recipiente para água. No meio de tudo isso havia uma lareira improvisada cavada no concreto.

Eu via, mas não entendia. Já sabia que os dois de vermelho não eram quem pareciam ser, mas por que nos levaram para lá? Parte de mim estava em alerta, mas deixei as suspeitas de lado por um momento. O calor de Peter às minhas costas me dava forças.

– Se vocês decidirem sair daqui, por favor, me avisem antes para que eu possa desativar a segurança – o homem disse ao apear do cavalo. Ele ainda não tinha retirado a máscara. Ele foi até a garota e observou a flecha na perna dela. – Ah, nós devíamos ter parado.

– Ainda estávamos muito perto da Verge – ela respondeu, piscando quando os dedos dele tocaram de leve na haste da flecha.

– Vocês disseram que estavam com os nossos trajes – Rhys disse, ainda no cavalo. Ele fez algo com os pés que levou o cavalo a dar alguns passos para trás. – E espero que tenham algumas respostas.

A menção aos trajes e a lembrança do que eles tinham dentro foi como um soco leve no estômago. Nossa provisão de doses para memória não iria durar muito.

Peter desceu do cavalo e ficou em pé entre Rhys e eu.

– Eu disse que já cuidamos disso – o homem falou. – Paciência.

Peter deu alguns passos para a frente antes que a boca de Rhys nos pusesse em novos apuros.

– Com todo o respeito, não podemos ter muita paciência. Estamos ficando sem tempo. Se não recuperarmos logo os trajes, vamos perder a memória. Entenderam?

O homem suspirou e olhou para a garota, que eu podia ver claramente, agora que não estávamos em movimento. Ela abaixou a máscara até o pescoço. Sua pele escura não tinha um defeito sequer, o que me surpreendeu, considerando o mundo em que vivia. O rosto era magro, quase desnutrido. O corpo nem preenchia o uniforme de combate. Nada disso a impedia de ser linda. Era estúpido, mas eu imediatamente olhei para o Peter para saber se ele a estudara como eu.

– Sofia, você consegue cuidar sozinha da sua ferida? – o homem perguntou.

Ela acenou discretamente com a cabeça. O homem a ajudou a apear do cavalo, então a observou mancar até os armários abertos na outra ponta da residência.

– Você está bem? – ele perguntou.

Ela acenou com a mão, sem se voltar para trás nem parar de mancar.

O homem se virou para nós e retirou a máscara.

Meu queixo caiu.

Ele era loiro como Rhys, com cabelo na base do pescoço, mas isso eu já sabia. A barba loira era curta, mas espessa. As íris eram vermelhas, algo que eu não notara antes. O rosto era como Rhys poderia se parecer após muitos anos de vida.

Rhys emitiu um som que eu nunca ouvira ele emitir. Uma exalação suave de surpresa. O homem sorriu para o Rhys, e seus olhos se apertaram e piscaram com lágrimas.

– Olá, filho.



RHYS NÃO CONSEGUIA FALAR. Nenhum de nós conseguia. Ninguém disse uma palavra por cerca de um minuto. Os olhos de Rhys estavam brilhantes. Ele nunca falara muito sobre seu “pai”. Rhys fora parte da primeira equipe Alfa, um ano à nossa frente. Os próprios criadores o educaram e treinaram como um filho. Então um dia o pai de Rhys desapareceu. E Rhys presumiu que ele fora assassinado. Em vez de morto, ele estava ali, trabalhando na Verge...

– Onde nós estamos? – perguntei.

Claro que era uma loucura ver aquele cara em carne e osso, mas nós tínhamos problemas maiores para resolver. E meu palpite era de que ele tinha respostas.

Rhys Noble – eu me lembrava do Rhys me contando o nome de seu pai – respirou fundo.

– A resposta mais curta é que estamos em outro universo. Um entre muitos.

Se alguém lhe conta que você está em outro universo, é difícil dizer simplesmente: “Ah, isso faz sentido”. Mas, em vez de duvidar, eu não senti nada. Um outro universo. Tudo bem.

– Meu nome é Rhys. Vocês podem me chamar de Noble, para evitar confusões. Noble é apenas o meu sobrenome, que significa *nobre*, mas não pensem que tenho qualidades excepcionais – ele levou o cavalo de Sofia para beber água. Eu apeei e minha égua seguiu na mesma direção. – A garota se chama Sofia. Ela nasceu neste mundo – Noble esperou até que Rhys apeesse, como um robô, então levou o último cavalo para saciar a sede. – Mas vamos cuidar da situação imediata.

Seguimos Noble até um dos armários, de onde ele tirou nossos trajes. O material de escamas pretas estava dobrado com cuidado. Ele entregou um traje para cada um e falou:

– Deixem suas doses de reserva nos trajes, por favor. Eu tenho mais. Nos bolsos vocês encontrarão os aparelhos de rastreamento, como tinham deixado antes.

Na bancada havia um compartimento de vidro cheio de seringas. Cada um estava cheio de líquido amarelado, com o qual eu estava familiarizada. Noble levantou a tampa.

As nossas injeções de memória, mas não eram as que tínhamos trazido conosco.

– Por que você...? – Rhys começou, mas estava em choque. O rosto dele estava sem expressão, sem reação.

– Quando vi quem tinha atravessado a Escuridão, preparei um estoque – Noble explicou, abrindo o compartimento e tirando de lá três seringas.

Atrás dele, Sofia retirava a flecha da coxa. Ela mordeu o lábio e olhou para o teto. A mancha de sangue na calça passava do joelho.

– Onde está o Noah? – Noble perguntou para mim.

De repente, ele estava ali ao meu lado, com seu traje. Ele precisava parar de surgir assim de repente; era demais para mim.

Ninguém disse nada.

– Isso é muito ruim. Sinto muito. Eu dei a ele algo para ajudar sua equipe.

– O quê? – perguntei, ao mesmo tempo que Noah me dizia: – O que ele deu pra mim?

Noble tirou um pano de cima da bancada e limpou as mãos.

– Seis meses atrás eu fui ao seu mundo. Encontrei o Noah na floresta fora da base do Tycast e fiz com que ele desmaiasse. Então plantei nele uma programação para parar Nina se ela aparecesse, acompanhado de informações e de um histórico para ajudá-los a completar a tarefa. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo.

Noah balançou a cabeça.

– Eu não consigo me lembrar. Diga a ele que eu disse *oi* e que ele é um sacana, porque não precisava ter me apagado.

– O Noah disse *oi*. Eu baixe as lembranças dele e agora sua consciência está em minha cabeça. Ou algo assim.

Noble demorou, mas entendeu.

– Isso é extraordinário – ele olhou no meu rosto. – Eu sinto muito. Não devia ter dito isso. Mas as implicações... Eu havia postulado que duas mentes poderiam ocupar o mesmo cérebro, mas... Ele se lembra das informações que eu lhe passei?

– Alguns pedaços. Ele me mostrou o que é a Tocha.

– Noble – Peter disse, impaciente –, vamos logo ao que interessa. O que nós somos?

– Eu receio que todos sejamos a mesma coisa – Noble respondeu. – Clones.

– Explique – Peter falou.

– Nesta primavera eu vou fazer 50 anos – ele disse. – Mesmo assim, a pessoa de quem eu fui clonado não parece ter mais do que 18, como você, Rhys. E ele já viveu quase mil anos. Todos vocês também têm um Original. Os cinco compõem a liderança do universo mais poderoso da Escuridão, a Terra Verdadeira.

Ele olhou para cada um de nós e pareceu satisfeito em ver que estávamos acompanhando. As palavras eram como bombas caindo em minha cabeça.

– Fui enviado para o seu mundo décadas atrás, quando era menino, com minha equipe, para envelhecer e aprender as maneiras da sua sociedade em particular e para criar um grupo de soldados, que são vocês, para serem uma nova geração de pacificadores no mundo. No entanto, era uma mentira contada pelos *nostros* criadores. Em vez de paz, haveria guerra. As equipes iriam liderar a vanguarda de um exército quando chegasse a hora de liquidar seu mundo. O que acham disso?

Nós seríamos a ponta da lança.

– Hum – foi tudo o que Rhys disse.

Noble continuou:

– Vamos cuidar das prioridades. Tomem as injeções.

Nós as tomamos. A já conhecida pontada em meu braço foi bem-vinda. Noble nos observava. Não parecia uma coisa esperta a se fazer, tomar drogas oferecidas por um estranho, mas não havia muita opção.

– Então o que é a Escuridão? – Rhys perguntou.

Noble sorriu, e era fácil ver o lado cientista dele.

– Pensem na Escuridão como um favo de mel, com cada universo alojado em um alvéolo. A Escuridão funciona como um lubrificante, como o óleo que impede que duas peças de metal fiquem raspando uma na outra.

Aquilo deveria me abalar, mas depois de tudo o que tínhamos visto, eu tentava assimilar. Era difícil, porque eu só conseguia pensar em uma coisa. Fiquei pensando que, se tudo o que existia era

aquela jornada sem fim de lutas e revelações insanas, eu estava ferrada. Não tinha certeza se era o que eu queria, por mais que tivesse sido criada para lutar.

– Deixe-os se vestirem, Noble – Sofia disse.

Ela tirou o colete, então abaixou a calça, expondo a ferida. Ela estava usando duas faixas largas de pano para cobrir as partes íntimas. Seus músculos eram fortes e esguios, como um animal equipado com o essencial. Eu observava o jeito como ela andava, para avaliar se era perigosa, se poderia nos derrotar. Rhys a observava por outro motivo.

– É claro – Noble disse. – Tenho certeza de que vocês vão se sentir melhor em seus trajes.

– É – Rhys falou, distraído.

Eu fui andando até o andar seguinte do estacionamento e descontei a raiva esmurrando a parede. Então vesti o traje e me senti segura novamente, apesar de não estar.

Na volta, vi Peter e Rhys se trocando. Rhys ainda parecia abalado e não me notou, mas Peter sim, enquanto puxava o traje por cima do quadril. Ele não passou imediatamente os braços pelas mangas. Sorriu para mim, tão calorosamente quanto poderia naquela circunstância. Minhas bochechas ficaram quentes, assim como a barriga, e era tão bom sentir alguma coisa além de terror e angústia. Cheguei perto e passei os dedos pelas costas nuas dele. A pele estava ardendo, quase febril. Mas o momento logo passou e eu me lembrei de quem nós éramos.



Quando voltamos para a sala de estar, Noble estava remexendo o armário. Sofia terminara de costurar a ferida. Ela forçou a perna para a frente e para trás, para se certificar de que os pontos não iriam se romper. Rhys olhou para ela até ela virar os olhos para cima e enrugar a testa. Noah ficou na frente de Rhys, acenando com uma mão diante do rosto.

Noble ergueu uma faixa de memória.

– Acho melhor mostrar a vocês como cheguei aqui. E contra o que estamos lutando.

Ninguém disse nada.

– Quem quer ir primeiro?

– Eu – estava cansada de esperar pela verdade.

Eu me deitei na cama mais próxima e Noble passou a faixa sobre a minha cabeça.

Desta vez, nem doeu.



ABRI OS OLHOS E DESCOBRI QUE ELES PERTENCIAM A Rhys Noble, mas algo estava diferente. Não havia emoção. Eu não estava me transformando parcialmente na pessoa, como acontecera com a sra. North, o Rhys e o Noah. Era como se ele houvesse removido os pensamentos privados e deixado apenas as imagens.

Noble estava sentado à mesa de um escritório. Pelos seus olhos eu podia ver que ele estava anotando alguma coisa em um bloco de notas. Alguma fórmula. A porta se abriu, mas ele continuava rabiscando números e letras.

– Obrigado por bater.

Ele terminou de escrever, então olhou. E paralisou. Uma mulher se apresentava em frente à mesa, vestindo um colete escuro com capuz e uma máscara sobre o nariz e a boca. O rosto dela estava mergulhado em sombras.

– Posso ajudá-la?

– Rhys Noble, você é um homem racional e sensato. Eu tenho pouco tempo. Não fale até eu terminar. Você me entendeu?

– Sim.

– Havia outro mundo como este – ela começou. – Havia pessoas e carros e um céu azul e vastos oceanos.

Noble ficou sentado em silêncio completo, ouvindo a intrusa lhe contar sobre um mundo, o mundo de Gane, que era um pouco mais avançado que o nosso. Eles chegaram à Lua em 1941. A Marte, em 1949. O mundo prosperou, logo as pessoas passaram a viver por muito tempo. Então já estavam vivendo indefinidamente e a população do planeta começou a crescer muito rápido. Os cientistas estavam perto demais de descobrir a Escuridão... E como viajar através dela. Guerras de que eu jamais ouvira falar irromperam. A Guerra Indiana e a Guerra Doméstica, que se tornou a Guerra Americana. As guerras devastaram as terras e tornaram escassa a água limpa.

Um dia, um buraco se abriu no Central Park. Era 1973.

Nesse ponto, eu me lembrei de alguma coisa que a sra. North dissera para mim alguns segundos antes de eu escapar: “Não há como fugir de Terra Verdadeira”.

A Terra Verdadeira decidira que o mundo de Gane havia crescido demais, que estava muito poderoso, muito corrupto e muito avançado. Eles eram considerados uma ameaça. Mundos agressivos que pudessem viajar pela Escuridão não seriam tolerados. As pessoas ainda guerreavam por questões menores, como território ou religião, algo que a Terra Verdadeira já havia superado séculos antes. Então a Terra Verdadeira enviou os sem-olhos para restringir o mundo aos recursos básicos. O plano era remover os humanos de maneira que deixasse o mundo ileso. Afinal, qual era o ponto de conquistar um mundo para deixá-lo em ruínas? No entanto, os humanos reagiram com armas que escureceram os céus e devastaram as terras. Então eles morreram e os sem-olhos foram

para as montanhas, esperando até que fossem requisitados para outro mundo.

A mulher saiu um pouco de foco, e eu percebi Noble se afastando.

– Mentira. Estamos aqui para trazer paz para este mundo. Esses garotos vão *encerrar as guerras*.

– Eles vão *fazer guerra* – a mulher retrucou. – A Terra Verdadeira o enviou para cá, quase 40 anos atrás, para começar o processo que vai limpar o seu mundo. Você cresceu aqui para aprender as particularidades dele. Seus Rosas cresceram aqui pelo mesmo motivo.

– Eu não acredito. Quem é você?

Ela o ignorou.

– É uma nova tática, Noble, só isso. Nós devastamos o último mundo com a guerra. Este estará maduro para rearranjos. Os Rosas vão manejar as pessoas pelo medo, então os sem-olhos vão matá-las com eficiência. Não será uma guerra, apenas carnificina. Como tocar ovelhas direto para os lobos. E assim que a energia psíquica diminuir, restará um mundo primitivo e livre de humanos. O mais importante é que não será mais uma ameaça para a Terra Verdadeira.

– Por que eles querem fazer isso? – Noble passava a acreditar nela. Eu podia ouvir a resignação em sua voz.

– Para garantir que o mundo deles seja o único que valha alguma coisa. Que ninguém jamais possa desafiá-los em busca de espaço ou de recursos. Para garantir que nenhum mundo os ultrapasse ou ameace seu controle, pois eles acreditam que nenhum outro é mais qualificado para liderar e policiar. O mundo com o céu escurecido de que eu falei não foi o primeiro a sucumbir, e não será o último. Como o último mundo, seu povo está sendo visto como corrupto e se perdendo ao lutar por recursos naturais e religião. Mas, mesmo que nada disso fosse verdade, sua sociedade está avançando com tal velocidade que, em pouco tempo, a descoberta da Escuridão será possível, o que eles temem, pois vocês serão capazes de percorrer o caminho e chegar até eles – ela deu um passo à frente. – Eu estou aqui porque o seu mundo é o próximo, Rhys Noble. Eu sou uma das cinco líderes da Terra Verdadeira.

– Então por que você está me contando isso? Quem é você? Você não é a Miranda... Você...

Ela estendeu as mãos, num gesto receptivo.

– Você sabe o meu nome.

Noble sacudiu a cabeça.

– Tire a máscara.

A mulher suspirou e abaixou o capuz, revelando um cabelo preto que caía como cascata. Então ela puxou a máscara para baixo, até o pescoço. Ela não era uma mulher, mas uma menina de 17 anos.

– Agora você sabe quem sou?

– Sim. Olá, Olivia – o tom de voz do Noble mudou, como se de repente ele percebesse que estava falando com um membro da realeza.

Era como ver um fantasma de perto. Foi inevitável reviver o momento em que Olivia fora atingida por uma bala no topo da Key Tower. Ela morrera antes que qualquer um de nós soubesse o que tinha acontecido. Ela merecia algo melhor.

– Eu ajudei a trazê-lo para este mundo, Noble. Mas agora quero ajudar a salvá-lo. Estou reunindo pessoal para a resistência. Você sabe qual papel a Miranda Original tem no meu mundo?

– Ela é a diretora da Terra Verdadeira. Eu jamais a conheci. Nunca conheci nenhum de vocês. Nós apenas fomos *trazidos* para cá, com uma missão que agora você me diz que era falsa.

– A diretora já tem uma agente entre vocês – Olivia disse. – Uma que sabe toda a verdade. Em quem você menos confia?

– Na Miranda – ele respondeu, sem hesitação. – A sra. North, é assim que os garotos a chamam – ele esfregou as têmporas e respirou fundo. – Eu não confiava nela desde pequeno.

– Então seus instintos estão corretos. A diretora só confia em seus próprios clones. Nem mesmo em mim, que estou quase no mesmo patamar.

– Meus colegas... Eles sabem da verdade?

– Eu não tenho certeza de quem sabe ou não dos verdadeiros propósitos.

– E o meu Original? O Rhys de onde eu venho?

– Ele é como os outros. Eu sou a única que lutará contra, em segredo.

Olivia ergueu o capuz e ajeitou a máscara. Ela retirou uma luva preta e espessa do bolso e escorregou a mão esquerda para dentro dela. Então ajoelhou-se e apontou o dedo para o chão, como se apertasse um botão invisível um palmo acima do chão. A luva soltou uma espécie de lamento metálico bem agudo. Erguendo a mão, desenhou um círculo rápido no ar, abaixando-se de novo para completar o formato. Um buraco negro surgiu, sem som, dentro das margens do círculo. Olhar para aquilo me deu vertigem. Era o infinito e o vazio total ao mesmo tempo. Era a Escuridão.

– Venha comigo.

A Escuridão pairou por alguns momentos antes que Noble se movesse. Não vibrou nem cintilou; apenas esperou por eles. Uma boca paciente que parecia mais velha que o próprio tempo.

Finalmente ele se ergueu e atravessou a sala. Olivia pegou sua mão e juntos eles deram um passo à frente.



Um segundo depois, Noble estava na calçada de uma cidade que eu logo reconheci. Vi o céu escurecido, as ruas arruinadas. Era a Nova York de Gane.

Noble se espantou:

– Que lugar maldito é este?

– O futuro do seu mundo, se você não fizer nada.

– Por que eu?

No meio do cruzamento um pouco à frente, vi duas formas humanoides curvadas sobre alguma coisa na rua. Parecia um cervo morto. A pele deles era branca como leite.

As duas criaturas notaram Noble e Olivia e ficaram completamente imóveis.

– Por que eu? – Noble repetiu. – Meu Deus, o que são aquelas coisas?

– Por que você? De todos os Originais, Rhys é o que dá mais trabalho a Miranda. Ele é o mais combativo e o menos propenso a concordar. Eu me perguntei se não haveria algo do Rhys Original em você. Só quando cheguei ao seu escritório é que tive certeza de que você não tinha se corrompido.

– O que eu posso fazer? – ele perguntou rapidamente. Olhou para a Escuridão atrás dele, como se para conferir que ainda estava lá, pronta para que ele saltasse dentro dela. O portal esperava pacientemente.

As duas criaturas começaram a se aproximar.

– Você não pode matar sua colega Miranda. Ela é protegida demais, sendo a escolhida da Original dela. E matá-la não vai deter o que está por vir. Um dia a diretora vai enviar Nina, a clone que criou como filha, para reunir os sem-olhos e levá-los até as equipes. Então será o princípio do fim.

Os sem-olhos já estavam chegando perto; a princípio eu não sabia que eram mesmo eles, mas já dava para ver seus rostos.

- Posso contar com você para a rebelião? – ela perguntou.
- Sim.



A LEMBRANÇA TERMINOU. EU ESTAVA DE VOLTA AO REFÚGIO de Noble e Sofia. Era como passar de um pesadelo a outro.

– O que você viu? – Peter me perguntou.

Então Noble simplesmente passou para ele a faixa de memória. Assim que Peter terminasse, seus olhos deixariam para sempre de ser tão azuis. Ele se deitou e pôs a faixa na cabeça.

– Nós vamos ter que arrumar algumas lentes de contato – Rhys disse. – Agora você é parte do clube dos vampiros – ele estava alimentando um dos cavalos com feno.

– Eu preciso ver isso – foi tudo o que Peter disse. Ele inspirou suavemente enquanto a máquina ligava.

Eu virei para Noble:

– Como você acabou trabalhando para o Gane?

– Simples. Olivia arrumou uma vaga para mim na Guarda Real, que é a unidade de polícia que ainda funciona neste mundo. Era o único lugar onde eu podia monitorar a Escuridão de perto. E o último lugar em que a Terra Verdadeira iria procurar por mim.

Ele ia falar mais, então Sofia se aproximou.

– Venha comigo, Miranda. Preciso reaver uma coisa antes do anoitecer.



Eu estava na égua cinzenta, que se chamava Axela, cavalcando em uma rua estreita e empoeirada. Sofia ia ao meu lado no dorso da égua preta dela, a Mockbee. Ela trocara a roupa manchada e ensanguentada por outra no mesmo tom vermelho-escuro. Carregava um arco no colo, com uma flecha já preparada.

O que eu vira na memória de Noble lentamente sedimentava como algo que eu podia assimilar. Era esquisito demais para não ser verdade. Mesmo com toda aquela loucura, eu não conseguia parar de pensar no longo tempo de vida dos Originais. Minha Original estava respirando pelo menos desde a Idade Média.

O nosso inimigo tinha *vidas inteiras* de experiência. Como poderíamos competir?

Sofia colocou a égua dela em meio galope.

– Vamos – ela disse para mim. – Logo mais vai anoitecer e nós não vamos querer ficar por aí.

Não, eu imaginava que não.

Eu a alcancei; o aumento de velocidade me fez lembrar das feridas nas pernas, nos braços e no torso – em todo o corpo, para resumir. O traje ajudava um pouco.

– Como você e Noble se conheceram?

Ela não disse nada durante toda uma quadra.

– Ele me encontrou alguns anos atrás. Eu estava andando pelo beco errado perto do mercado e

três homens me agarraram e me puxaram para um prédio – ela diminuiu o trote. – Eu... Eles arrancaram as minhas roupas – ela contraiu o rosto. Por um momento ela pareceu se enrijecer para enfrentar a lembrança. – Eu gritei e chutei. Um deles sacou uma faca e a pôs ao lado do meu olho.

Eu sentia a pulsação na cicatriz da bochecha.

– O líder deles estava com a calça arriada quando Noble apareceu – o tom de voz dela passava a ser de reverência. – Era como um fantasma. Ele se movia muito rápido, esmagou a cabeça deles com uma pedra antes que soubessem o que estava acontecendo. Então ele me deu um robe vermelho para eu me cobrir, o robe cerimonial da Guarda Vermelha. E me deu algo para comer – ela esfregou o olho. – Ele me introduziu no programa da Guarda Vermelha.

Nós trotamos por mais uma quadra.

– Sinto muito por não ser uma história feliz – ela disse, com um tom de provocação.

– Mas tem um final feliz.

Sons vinham de algum lugar adiante. Gritaria de feira.

– Fique perto de mim e não faça contato visual. Aja com ar de superioridade.

Viramos a esquina e chegamos ao que parecia mesmo uma feira. Quase deserta, fileiras de barracas vazias em um terreno quadricular enorme. À primeira vista, o perímetro parecia rodeado por uma cerca, mas então vi que era apenas a estrutura do primeiro andar de um prédio decapitado. A feira acontecia na base de um arranha-céu que há muito tempo desaparecera. Cerca de um quinto das barracas estava ocupado, mas havia uma pequena multidão de fregueses.

Ao longe, um sino tocava suavemente.

– Mais trinta minutos antes de escurecer. Vai dar tudo certo – isso não impediu que um calafrio percorresse as minhas costas de um lado a outro.

O homem saiu do beco à nossa direita. De início pensei que fosse um sem-olhos por causa da postura encurvada, mas então vi os fossos escuros de seus olhos e a lâmina crua na mão. Ele fez uma boa tentativa de avançar no flanco de Sofia, mas era mais lento que eu numa manhã de ressaca. Puxei as pernas e fiquei de pé em cima da Axela, então saltei na direção dele. Aterrissei com os dois pés em seu peito e o derrubei ao chão. Suas costelas se romperam e a boca se abriu, resfolegando.

– Deixe-o – disse Sofia, virando por cima do ombro.

– Eu acabei de salvar sua vida – eu disse, decepcionada pela falta de reconhecimento.

– Quanto a isso eu serei eternamente grata, mas não temos muito tempo.

O homem gemia e se contorcia no chão. Chutei a faca dele para a sarjeta e montei de volta na égua. Sofia já estava uns sete metros à frente e eu não queria ficar para trás naquele lugar horrível.

Ela agarrou uma maçã ao passar pela barraca de frutas. Ela estava amarronzada e a vendedora frágil não ousou dizer uma palavra. No mesmo movimento, ela a arremessou para uma menininha com cabelo emaranhado e cara suja. A garota olhou em volta para se certificar de que ninguém a vira e seguiu para a direção oposta.

– Vamos – disse Sofia quando notou que eu ia devagar.

Dei um tranco na Axela com o calcanhar. Fomos até outra barraca aberta para negócios. Atrás dela havia um homem corpulento, com calça e camisa desgastadas. Seus olhos injetados zanzavam entre nós duas.

– Eu preciso das baterias hoje mesmo – Sofia falou sem rodeios. Apesar de ela ainda não ter feito nada por mim, eu já começava a gostar daquela garota.

– Eu disse a ele que levaria algumas semanas – o homem disse, com sotaque russo.

– Não venha com essa – Sofia retrucou, fazendo um círculo com Mockbee em volta da barraca. – Nós *já demos* semanas a você. Agora cumpra a palavra.

O homem sorriu, mostrando dentes amarronzados.

– Era brincadeira. Você está com as moedas?

Ela tirou um saco do cinto e o jogou para o homem. Ele o pegou e testou o peso na palma. Então trouxe uma bolsa de trás da barraca e a arremessou para ela. Era pesada, quase a derrubou do cavalo.

Ela a pendurou no ombro.

– Sorte sua que estou com pressa.

O homem ergueu a mão envolta em bandagens amareladas.

– Certo, também agradeço! Mande um abraço meu para a Guarda Vermelha, está bem?

Sofia o olhou torto, então virou Mockbee e trotou para longe dali. Eu fui atrás.

– Para que são as baterias? – perguntei assim que saímos da feira e voltamos para as ruas vazias.

O céu estava mais escuro, as sombras se misturavam.

– É para a coisa que vai nos dar uma chance de vencer.



Nós estávamos a um quilômetro e meio do abrigo quando anoiteceu completamente. As ruas estavam tão escuras que eu não conseguia diferenciar onde o concreto terminava e onde o céu começava. De tantos em tantos segundos, surgia no céu um lampejo violeta, com o qual eu vislumbrava o lugar em que estávamos. Em um desses lampejos, Sofia estava olhando para trás, para mim, com o rosto visivelmente tenso.

– Cavalgue rápido. Os cavalos conhecem o caminho – e ela sumiu, aparecendo no lampejo seguinte em galope ligeiro.

– Vamos – sussurrei, cravando os calcanhares. Axela respondeu, e seguimos Sofia de perto.

Sobressaindo-se às batidas dos cascos e do meu coração, ouvi coisas gemendo nos prédios enquanto passávamos. Ouvi ossos se quebrando, como galhos sendo arrancados de uma árvore. Os gemidos passaram a ser gritos, até que vi formas nas janelas e nas portas e ouvi sons que eram como unhas arranhando um quadro-negro.

– Você está pensando em mim? – Noah perguntou.

A voz repentina dele era um conforto, desta vez não me assustou. Eu podia fingir que não estava sozinha. Sofia avançou mais à frente. Mais um lampejo e eu vi alguma coisa na rua entre nós.

Um menino pequeno curvado sobre as mãos e os joelhos.

Mas não era um menino. Onde deveriam estar os olhos havia apenas o tecido achatado e liso. Também não tinha nariz, apenas dois orifícios pequenos acima de uma boquinha em forma de coração. Aquilo congelou meu sangue, e pude *sentir* o horror de Noah fluindo em mim.

– Ah, meu Deus... – ele falou.

Os sem-olhos corriam em galope atrás do cavalo de Sofia. Atravessavam montes de lixo e desviavam dos pedaços destruídos da rua.

Eles se aproximavam. “Sofia!”, berrei desesperada.

Ela fez Mockbee girar e disparou uma flecha. O lampejo seguinte refletiu o metal. O sem-olhos caiu e rolou na lama. Minha égua correu diretamente para lá, pisoteando com os cascos, interrompendo os gritos.

– Vire à esquerda! – Sofia gritou.

Olhei para trás quando o relâmpago brilhou novamente.

Mais três sem-olhos galopavam às minhas costas. Agarrei as rédeas até o couro se romper. Axela

se inclinou para a esquerda rumo à entrada do estacionamento, batendo firme os cascos. Havia um barulho atrás de mim; uma rede de *lasers* instalada na entrada. Os sem-olhos passaram correndo ao lado, o que me fez perguntar se eles estavam indo para alguma outra entrada.

– Ah, ótimo – Noah disse. – Uma porta com *laser*. Eu adoro isso.

“Eu também.”

– Ei – ele disse. – Se você conseguir privacidade depois, precisamos conversar – eu o senti sumir. Sofia respirava ofegante ao meu lado.

– Os sem-olhos sabem que não conseguem passar pelo *laser*, então desistem.

Uma onda de náusea me acometeu.

– O que eles estão fazendo na cidade?

Sofia conduziu o cavalo rampa abaixo e minha égua a seguiu.

– Alguns deles ficam na cidade para se alimentar à noite. É a melhor hora, já que enxergam no escuro e nós não.

– Como eles conseguem ver alguma coisa?

– São sensitivos. Eles veem tudo com a mente. É literalmente impossível se esconder deles. Assim que entram em um ambiente, sabem instantaneamente onde está tudo.

Isso os tornava caçadores perfeitos. Um arrepio subiu e desceu pela minha espinha.

– Então de onde eles vieram?

Ela não se deu ao trabalho de olhar para trás.

– Você com suas perguntas... Eu não sei de onde eles vieram. Provavelmente da Terra Verdadeira. São todos iguais, todos eles. Nós os capturamos e os matamos, e geneticamente são idênticos.

– Como isso é possível? – eu disse, e a resposta me veio à cabeça.

Os sem-olhos eram clones.



UMA FOGUEIRA QUEIMAVA LENTAMENTE EM UMA CRATERA escavada no concreto, bem no meio de nosso refúgio. Um cano de alumínio vertical direcionava a fumaça para fora da garagem. Sofia me passou um espeto com algum tipo de carne fumegante, pingando caldo. Não perguntei o que era, apenas arranquei um pedaço com os dentes e mastiguei. O gosto era tão bom que amoleceu meus joelhos.

Peter estava confabulando em voz baixa com Noble e Rhys do outro lado da fogueira, mas eles pararam quando cheguei mais perto. Eu senti que estava interrompendo alguma coisa.

– Do que estamos falando? – perguntei.

Os olhos de Peter tinham escurecido um pouco e arroxeadado. Eles *quase* me deixaram sem fôlego.

– Apenas preparativos – Peter respondeu. – Como foi o passeio?

– Sobrevivi.

– Isso eu notei – Peter disse, sorrindo, então se voltou para Noble.

A maneira como silenciaram... Era como se não confiassem em mim para aqueles planos, quaisquer que fossem. Peter ainda devia suspeitar que uma cópia de Nina residisse em mim, apesar de não ter sido ativada na cela.

Sofia já estava na bancada, trabalhando com o que ela adquirira na feira. Ela também não parecia querer companhia.

Antes que eu voltasse à fogueira, Noble falou:

– Miranda, eu estava contando a eles sobre a Tocha.

Então talvez fosse apenas impressão.

Estava frio e saía fumaça de nossa boca. Sofia apareceu envolvida em um cachecol grosso e nós todos nos aproximamos das chamas da fogueira. Rhys me passou um espeto com mais carne e uma caneca de água. Consumi tudo com voracidade. Ele ainda parecia um tanto atordoado, mas acho que pôr a conversa em dia com o pai que ele pensou que estava morto podia deixar alguém daquele jeito.

– Onde eu parei? – Noble perguntou.

– Tocha – Sofia respondeu.

– Ah, sim. A Tocha é um instrumento que a Terra Verdadeira usa para controlar os sem-olhos. A diretora da Terra Verdadeira, que é a Miranda Original, possui uma. Uma cópia foi feita e escondida neste mundo, no caso de a Tocha da diretora se quebrar ou ser roubada. Nós não podemos deixar Nina pôr as mãos nela.

– Mas, se determos Nina, a diretora não vai aparecer e reunir os sem-olhos por conta própria? – Peter indagou.

– Sim – Noble respondeu –, mas com isso vamos ganhar tempo. A Tocha está escondida aqui porque os sem-olhos estão aqui. Se pudermos tirá-la de Nina, *nós* poderemos controlar os monstros.

Não era isso o que eu esperava.

– Você sabe onde está? – Rhys perguntou.

Sofia riu de boca cheia, como se a própria ideia de saber a localização da Tocha fosse absurda.

– Se eu soubesse, acredito que toda essa questão dos sem-olhos não nos daria problema algum –

Noble respondeu.

Rhys olhava fixo para o fogo, claramente constrangido, e eu fiquei esperando que Noah fizesse alguma piada.

– Então como vamos encontrá-la? – Peter perguntou.

Noble assoprou as mãos em concha, para aquecê-las.

– Um aliado na Verge me enviou uma mensagem. Dizia o seguinte: *Amanhã, ao amanhecer, eles vão sair a cavalo em busca da Tocha*. E nós também.



Subi alguns andares até o banheiro, onde eu esperava que Noah aparecesse.

– Você ainda está preocupada... – ele disse às minhas costas. Eu me virei. – Que a Nina esteja na sua cabeça.

– Como você percebeu? – assim que falei me arrependi do sarcasmo.

Ele riu e se aproximou.

– Sua mente é como um furacão. Nem adianta tentar conter os sentimentos.

Eu dei o braço a torcer. Minha garganta se comprimiu.

– Ela me deixou viver, Noah. Ela me tirou do laboratório da escola e me levou para um porão, mas não me matou.

Noah não falava, apenas ouvia.

Eu estava ignorando essa parte, mas de repente me dei conta do quanto ela era importante.

Eu não devia ter deixado Peter me convencer a ficar com eles.

– Sequência conseguiu controlar Nina por um minuto e eu perguntei por que ela me deixou viver, e ela disse que Nina queria alguma coisa de mim. Então o que você acha que pode ser?

– E não converteu você quando estavam presos na Verge.

Eu acenei com a cabeça e passei os dedos sobre as bochechas.

– Sim. Esse é o único motivo para eu não ter saído correndo.

– E Peter está mantendo você distante – ele disse, seco.

– Ele precisa liderar.

Noah acenou com a cabeça depois de um instante.

– Sim, é verdade. É com ele que você quer ficar? Porque isso não vai mudar. Peter sempre foi o líder. Mesmo que ele queira pensar em você em primeiro lugar, isso vai contra tudo o que o Tycast e o *Sifu* Phil lhe ensinaram.

Eu não podia negar. E estava começando a entender que nossas vidas poderiam ser sempre assim. Eu só precisava entender se podia aceitar.

– Eu não preciso liderar – Noah disse.

– Você está... – parei no meio da frase. O que eu iria dizer? “Você está morto”? Não. Eu não teria dito isso, porque ele não estava morto. Aquela era a primeira vez que eu começava a considerar o óbvio. Com um clone zerado e uma faixa de memória, ele poderia estar ali conosco. Para valer.

– Você tem razão. Para mim também é muito fácil. Eu adoro ficar aqui, olhando o Peter fazer as coisas que eu costumava fazer – ele tocou meu lábio inferior com o polegar. – Esses lábios costumavam ser meus.

– Eu não sou a Sequência... – os lábios dela foram os últimos que pertenceram a ele.

– Eu sei.

– Vá embora para que eu possa ir ao banheiro.

Eu o senti desaparecendo novamente, mas desta vez o buraco que deixou estava um pouco maior.



Dormimos sobre o concreto frio, ao lado do fogo. Eu me envolvi em um cobertor e tremi na ponta. Um lado meu estava com muito frio, e o outro, com muito calor. Peter jogou o cobertor sobre nós dois e me puxou para perto de seu peito. E a sensação era boa.

– Peter... – chamei suavemente.

Nem sabia o que dizer. Estava claro que ele não poderia confiar completamente em mim até que tudo acabasse.

– Sinto muito por não estar sendo um bom namorado.

– Nós andamos ocupados – eu disse, mas parecia uma resposta automática.

– Talvez seja bom conversarmos quando tudo acabar.

Não perguntei o que ele pretendia para nós no presente. Talvez devesse apenas deixá-lo seguir em frente, deixá-lo liderar, e me preocupar com o que eu poderia fazer para impedir Nina de dominar minha mente e meu corpo. Mas na prática...

Nossa respiração estava descompassada. A minha estava rápida demais. Então ele se inclinou e me beijou no canto da boca. Não dissemos uma palavra, mas depois do beijo nossa respiração sincronizou e pude cair em um sono escuro e vazio.



Pela manhã havia neve no chão. Os cavalos exalavam longas colunas de vapor e andavam de um lado ao outro no meio do feno. Noble deixara o fogo aceso, com uma panela de alguma coisa com aveia borbulhando em um autêntico caldeirão. Sofia e Rhys apareceram com dois novos cavalos, ambos acastanhados.

– Eu gastei o resto de nossas economias na feira – ela disse, levando-os até o feno.

– Vamos conseguir mais – Noble falou, enchendo várias tigelas até a borda. – Isso vai esquentá-los um pouco. Alonguem-se bastante. Precisamos estar bem flexíveis para a luta que vamos ter.

Sofia e Rhys foram até a bancada, onde ela trocou as ataduras. Ela quase não olhava para ele. Ele ficava sem graça, querendo colocar as mãos nos bolsos, mas como não havia bolso no traje, parecia apenas esfregar as coxas de um jeito estranho. Se eu não o conhecesse bem, diria que ele ficava nervoso perto dela.

Tomamos o café da manhã insosso do caldeirão, com água para lubrificar a garganta. Rhys perguntou se não tinha café e Sofia abriu um sorriso. Até Peter riu.

Um a um, os outros pararam de sorrir e se lembraram do quanto tudo aquilo era perigoso. Sofia nos mostrou um armário repleto de armas. Algumas estavam em bom estado, outras não. Ela e Noble abandonaram a roupa vermelha e colocaram vestes mais escuras. Puseram coletes cinza-escuros e calças que pareciam grossas como armadura. Notei que uma cicatriz velha e cinzenta percorria sinuosamente o braço esquerdo de Noble.

– Eu consegui recuperar suas espadas – ele disse atrás de nós, enquanto apreciávamos toda a sua coleção. – Mas os revólveres e a munição foram para o arsenal da Guarda Vermelha. A esta altura já é deles.

Rhys suspirou. Ele amava seu revólver mais do que a si mesmo. Cada um de nós pegou sua espada e a pôs nas costas. Peter pegou uma metralhadora bem conservada e Rhys escolheu outra espada menor. Eu agarrei um arco e uma aljava com flechas. O arco felizmente tinha uma empunhadura de metal, então ele também se prendia magneticamente às costas. Na minha maneira de ver as coisas, só as flechas eram disparo garantido. Eu não gostava de usar revólveres que eu não tivesse testado e limpo por conta própria. Depois de escolher, Noble nos deu comunicadores de pulso com pequenas escutas para ouvido.

Do lado de fora, o céu ainda estava escuro, mas podíamos enxergar. Neve cobria o chão, mascarando a feiura do ambiente. Era como uma cobertura de caramelo sobre uma maçã estragada. Nós quase nos sentíamos em casa.

Noble conduziu o cavalo à nossa frente, olhando para cada um de nós.

– Eu não posso dizer o que vai acontecer em seguida. E não preciso dizer o que acontecerá se falharmos. Sejam firmes e rápidos. Os mundos estão contando conosco.

Quanto ao discurso motivacional, já ouvi piores.

Cavalgamos juntos na rua cinza e branca, de volta em direção ao inimigo.



EU VI NINA E GANE SAÍREM DA VERGE, SEGUINDO EM minha direção. A cerca de cinco quadras da Verge, Noble nos fizera parar para recebermos as últimas instruções, antes que cada um ocupasse sua posição. Sofia nos entregou medalhões de aço em uma corrente, acionados pelas baterias que eu comprara com ela na feira. No centro do disco havia um botão vermelho.

– Usem isso em volta do pescoço. Se algum sem-olhos chegar perto de vocês, por volta de uns três metros, apertem o botão. Isso vai emitir uma profusão de ondas de rádio em todas as frequências. É o suficiente para interferir na visão psíquica deles.

Três metros. Então, basicamente, deveríamos usar quando eles estivessem prestes a nos comer.

– Deixe-me adivinhar – Rhys disse, revirando o medalhão nos dedos. – Não vai durar muito, ou só poderemos usar algumas vezes.

– As baterias vão durar, mas cada disparo de ondas de rádio vai se tornar menos eficiente à medida que eles se adaptarem. Vocês podem usar talvez uma ou duas vezes.

– É melhor que nada – Peter disse, e eu estava pensando o mesmo.

– Serão apenas um ou dois disparos, no total, para todos nós – Sofia acrescentou. – Então avisem se usarem uma vez.

Era melhor do que nada, mas não muito.

Então nós nos dividimos e tomamos nossos rumos pelas ruas, de modo a cobrir todas as saídas possíveis.

Eu estava ao norte da Verge. Rhys e Peter vigiavam do sul e do leste, respectivamente, enquanto Noble e Sofia estavam a leste, a direção mais provável para Nina e Gane. Em vez do Túnel Lincoln do nosso mundo, Noble nos contou de uma ponte que estaria na mesma área nesta Nova York, a Ponte Lincoln.

Das sombras do interior do túnel norte da Verge, Nina e Gane saíram montados em dois cavalos. Meu coração começou a acelerar. A rua costumava ser a Broadway, de acordo com uma placa.

Ergui o punho até os lábios e sussurrei:

– Estou vendo os dois. Eles estão indo devagar. O que vocês querem que eu faça?

– Para que lado estão indo? – Noble perguntou na escuta.

– Reto para o norte. Na minha direção.

Ele suspirou.

– Está bem, talvez virem a oeste para a ponte. Você pode segui-los?

Eu estava escondida na entrada de uma farmácia abandonada. Axela estava bem quieta atrás de mim. Não havia saída que não passasse pelo campo de visão deles; as portas dos fundos estavam fechadas e enferrujadas.

– Não vai dar – eu disse ao comunicador.

A voz de Sofia surgiu repicando:

– Não tem nenhum motivo lógico para eles irem por essa direção.

– É, mas estão indo.

– Esconda-se – Peter disse. – Nós estamos atrás deles.

Meu peito se comprimiu. Mesmo com os outros no encalço, Nina e Gane passariam muito perto de mim. Coloquei a cabeça para fora da porta de novo e vi que eles só estavam a uma quadra curta de distância. Axela bufou e deu um passo para trás. Cruzei a farmácia até chegar a ela, escondendo-me nas sombras. Era estúpido ficar encurralada ali.

– Silêncio, garota – sussurrei para Axela, acariciando sua crina e coçando debaixo de seu queixo.

Os olhos dela brilhavam na escuridão e as narinas se expandiam. – Não se mova.

Oito cascos marchavam na rua lá fora. Meus olhos ficaram na porta aberta por mais dez segundos, até que Gane e Nina apareceram no meu campo de visão, a uns dez metros de distância.

Eles pararam ao lado da porta.

Prendi o fôlego.

– Você sentiu isso? – Gane perguntou.

Ele estava usando o mesmo traje do dia anterior, mas com um manto preto comprido para cavalgar, que pairava sobre o cavalo. Axela suspirava pelo focinho, arrepiando meu cabelo. Nina estava olhando diretamente para mim, mas ela não conseguia me ver na escuridão.

– O que está acontecendo? – Rhys perguntou no meu ouvido.

– O que foi isso? – Nina disse na rua.

Mas Gane já estava voltando a andar.

– Nada. Só uma sensação – era como se ele sentisse minha presença, mas não podia ter certeza.

Nina esperou um momento, então o seguiu.

Fiz um carinho na pata dianteira de Axela, com a mão trêmula, e suspirei:

– Boa menina – ela pôs o focinho na palma da minha mão.

Os dois já estavam uma quadra inteira à frente quando eu me arrastei até a porta. Não podia segui-los montada na Axela, mas a pé eu quase não fazia barulho. Toquei a espada e o arco nas costas para garantir que estavam bem guardados, então cheguei até a rua, evitando as poças de neve derretida.

– Fiquem aí atrás – sussurrei para o meu pulso. – Ou venham por uma outra avenida. Eles estão se movendo devagar demais.

Eu os segui por mais três quadras, esgueirando-me de marquise em marquise, agachando-me atrás de carrocerias enferrujadas de veículos. Segurava o fôlego e rezava para que eles não me ouvissem nem vissem nem sentissem. Eu havia nascido para aquilo. Distinguia cada pedra que poderia rolar, cada fresta que poderia me fazer tropeçar.

Os dois cavalgavam lado a lado, com as costas eretas. Se estavam falando, era em voz baixa demais para que eu pudesse ouvir.

Finalmente, depois de mais uma quadra percorrida lentamente, vi por que eles tinham ido na direção norte. Estacionado em uma esquina, a céu aberto, estava um veículo que reconheci, sujo, mas intacto. Eu vira dúzias deles nas ruas de Cleveland alguns meses antes. Era um jipe Humvee blindado e camuflado. Um guarda vermelho estava em pé ao lado, mascarado.

– Eles têm um Humvee – eu disse, sentindo um soco no estômago.

O jipe de combate, presumindo que funcionasse, poderia transportá-los mais rápido e para mais longe do que conseguiríamos seguir. O jipe não se cansaria como os cavalos.

– Impossível – falou Noble.

– Estou olhando bem para ele.

Nina e Gane apearam e o guarda vermelho tomou as rédeas dos dois cavalos. Ela se sentou no banco do motorista. O motor grande a diesel vacilou algumas vezes antes de despertar rosnando. Uma nuvem de fumaça oleosa se ergueu do escapamento. Nina dirigiu para oeste, podia-se presumir que em direção à Ponte Lincoln. Em poucos segundos desapareceu, escondida pelos prédios do quarteirão seguinte.

Eu me virei para correr até Axela, mas ela já vinha, seguindo os outros cavalos. O grupo vinha a trote largo até mim e eu os encontrei a meio caminho, parando apenas para saltar no dorso da égua.

– Oeste? – Noble perguntou, enquanto eu impulsionava o animal para a frente.

– Oeste – repeti.



Um Humvee não é a coisa mais sutil do mundo. Em qualquer mundo. Era tão barulhento que podíamos segui-lo apenas pelo som, mas a nuvem gigante de poeira era tudo de que precisávamos. Eles foram pela enorme ponte suspensa que não existia em nossa Nova York. A construção estava decrépita, oscilando ao vento com cabos soltos.

Depois dela, a cidade ficava para trás. Não havia Nova Jersey, apenas solo escuro e plano por quilômetros, como se uma escavadora imensa tivesse aparecido e varrido tudo. Foi então que me dei conta de que eu estava cavalgando por uma terra vazia e morta, tentando impedir que o meu clone destruísse o meu mundo.

Uma hora depois, a terra já não era mais plana. Começou a se elevar em uma cadeia de montanhas. O caminho se curvava para a esquerda e para a direita em volta de rochas e pedregulhos da mesma cor do céu. Nós nos aproximamos de um ônibus tombado, enferrujado e escancarado, meio enterrado, que parecia uma caverna comprida e oxidada.

Quando chegamos mais perto, a parte de trás ficou visível. Lia-se ÔNIBUS ESCOLAR, depois PARE e, então, PROPRIEDADE DO ESTADO. Os ossos ali dentro pareciam bem pequenos.

Ninguém disse nada. Nós apenas galopávamos. Os cavalos ofegavam e espumavam pela boca, mas só podíamos diminuir o ritmo o mínimo suficiente para que eles aguentassem. Eu acariciava Axela repetidas vezes e sussurrava *desculpa*. Os cavalos não reclamavam, quase como se soubessem aonde estavam nos levando e por quê.

Quando o ônibus escolar virou apenas um pontinho amarelo no horizonte, ouvi uma voz dentro da minha cabeça. Não era a de Noah.

– Miranda...

Eu podia sentir minha pulsação. Olhei para os outros, mas o rosto deles estava virado para a frente.

– Deixe-me sair! Deixe-me sair! DEIXE-ME SAIR! – a voz gritava.

Fechei os olhos e sacudi a cabeça, com os ouvidos tinindo. “Não, não, não, não.”

Peter apareceu de repente à minha direita.

– O que foi, Miranda? Alguma coisa errada?

Todos estavam me encarando.

Eu conhecia aquela voz.

– Eu ouvi a voz da Nina – sussurrei para ele. Meus olhos doíam com lágrimas que eu não deixava cair. – Eu não deveria estar aqui.

– Tem certeza de que ouviu?

– *Sim.*

Por um momento, Peter olhou para as mãos dele, que seguravam a crina de seu cavalo. Eu sabia o quanto ele estava transtornado. Eu deveria sair correndo dali.

– Nós precisamos de você – ele sussurrou em resposta. – Não tem nenhum outro lugar para ir. Você não pode deixá-la assumir o controle. Está me ouvindo?

Acenei com a cabeça, apesar de achar que ela voltaria logo, mas ela ficou quieta. Eu ainda era eu.

Dez minutos depois, o solo duro amoleceu e virou areia. A terra pedregosa mudou de cinza-escuro para um matiz azul-escuro. Os cavalos sofreram para subir um morro, com passos irregulares, então desceram escorregando no lado oposto. A nuvem de poeira do Humvee desaparecera, mas a areia deixava as marcas dos pneus bem visíveis. Esse rastro nos guiava melhor do que placas de trânsito.

– Estejam preparados – Noble avisou. – As montanhas estão infestadas.

– Com o quê? – Rhys perguntou.

– Adivinhe – disse Sofia.

Meus dedos esfregavam o medalhão contra o peito, então passaram ao arco nas costas. Eu o retirei, deixei-o no colo, preparei uma flecha e mantive os dedos nele, pronta para disparar em um instante. As pontas dos dedos estavam suadas dentro das luvas, mas as pequenas escamas mantinham a firmeza na pegada.

Chegamos ao topo de outra ladeira, que dava em terra plana novamente, mas bem à nossa frente o solo se abria em uma fissura bem larga, criando um vale. Visto do espaço, devia parecer um corte profundo e torto em uma pele azulada. Levamos os cavalos para perto. O chão arenoso estava rasgado por marcas de garras. Garras de sem-olhos, largas e profundas. O cavalo de Peter gingou a cabeça e bufou. O de Rhys parou completamente, por mais que ele tentasse várias vezes fazê-lo andar. Cavalos espertos.

– Ali – apontou Noble.

O Humvee estava estacionado no fundo daquela fenda, na estreita faixa de terra onde as duas paredes do desfiladeiro se encontravam. Nina e Gane estavam agachados ao lado do jipe, analisando alguma coisa no solo. Vê-la fez meu coração desabalar. A adrenalina era tanta que superava todas as dores.

Ela estava olhando enquanto o comandante se levantava e erguia os braços, sem nos ver. A terra se movia aos seus pés, começava a ser removida, afastando-se para uma pilha à sua esquerda. Ele estava cavando um buraco com a força da *mente*. Aquela visão fazia o suor na minha pele gelar. Ele podia erguer um cavalo. Podia plantar nossos pés no solo. Era possível que ele conseguisse erguer o Humvee e atirá-lo contra nós antes que tivéssemos chance de lutar.

Só havia uma maneira de conhecermos suas limitações.

– Vão nos ver se descermos com os cavalos – Sofia avisou.

Havia uma estrada sinuosa que levava ao fundo do vale pela direita.

– Melhor continuarmos a pé – disse Noble. – Gane não vai conseguir controlar nós todos ao mesmo tempo. Mesmo que consiga, vai ser com pouca força. A habilidade dele vem de um aparelho debaixo do traje, ligado por fios ao seu sistema nervoso. O aparelho estará aquecido por causa da escavação do buraco. *Não* tentem destruí-lo, é indestrutível – então era isso o calombo que eu tinha visto na roupa dele antes, quando ele estava me levando para as celas.

Sobre o ombro, Noble perguntou aos três Rosas:

– Vocês conseguem cuidar da garota?

– Sem dúvida – Rhys respondeu.

Peter acenou, mas seus olhos se fixaram em mim.

– Miranda? – Noble perguntou.

– Sim – respondi. Poderia cuidar dela, desde que continuasse a ser eu mesma.

As paredes do vale tinham várias entradas escuras na rocha. Cavernas. Uma forma branca esguia passou logo atrás da entrada de uma delas, meio escondida na penumbra.

Noble estava certo; o lugar estava infestado.

– Eles são muitos para nós – falei.

Axela jogou o peso do corpo para a outra pata e gingou com a cabeça. Ficar ali sentada me dava vontade de gritar. Eu tinha que me mexer e lutar para clarear a mente.

Noble enrugou a testa.

– Não vamos nos preocupar com isso. Os sem-olhos estão vigiando. Eles querem ver quem pega a Tocha. Se eles vierem, usem os medalhões. Peguem a Tocha a qualquer custo, mas tenham certeza de que podem escapar com ela.

– O que faremos se pegarmos a Tocha? – Rhys indagou.

– Tentaremos usá-la – respondeu Noble, pousando uma mão no ombro de Rhys.

– Isso é suicídio – fiquei surpresa ao ver que logo a Sofia dissera aquilo. Ela passava os olhos pelo vale como todos nós e balançava lentamente a cabeça. – Isso é suicídio, Rhys.

Primeiro pensei que ela estava falando para o meu Rhys em vez do pai. Eu me sentiria melhor se Sofia não estivesse com medo. Talvez não fosse verdade, mas eu sentia que ela teria uma ideia do risco melhor que eu. Ela crescera ali, vivera ali.

Noble apeou.

– Não precisa ser. Se pegarmos a Tocha, vamos sobreviver. É muito simples – ele sacou a espada, uma cimitarra. – Se qualquer um de vocês achar que não está à altura desta batalha, peço que vá embora agora, antes de colocar o resto em risco.

Peter e Rhys estufaram o peito, literalmente. Ninguém da equipe Alfa iria desistir, jamais.

Embora eu quase tenha ido embora naquele instante, chegando a puxar as rédeas para a esquerda, para virar Axela. Mas não fui. Eu só tinha que ficar fora do alcance da audição, ou, caso isso não fosse possível, bloquear qualquer coisa que Nina dissesse.

– Muito bem, então – falou Noble.

A distância, vimos que Gane tinha criado uma pilha de terra maior que o Humvee.

Noble começou a descer a parede do desfiladeiro. O caminho era íngreme, mas havia incontáveis apoios para mãos e plataformas, porém, se um de nós escorregasse, certamente iríamos nos quebrar.

– Rápido! – chamou Noble, enquanto descíamos o desfiladeiro atrás dele.



Nina nos viu antes que descêssemos três metros pela encosta. Disparei uma flecha vale abaixo. Ela fez um arco e aterrissou a um metro do pé dela. Mais uma, mirando com base na trajetória da primeira flecha, e ela olhou para o arco na sua direção, então calmamente deu um passo para a esquerda. A flecha se despedaçou na rocha em que ela estava antes. Sua risada chegou aos meus ouvidos.

Gane nos avaliou por um momento, então saltou no buraco, com o manto inflando como paraquedas. A terra voou para o alto com fúria, quase criando uma névoa, um gêiser azulado.

Descemos mais rápido. Corri a ponto de as rochas parecerem borões. Eu saltava de clareira em clareira, dobrando os joelhos para absorver os impactos e rolando quando precisava. Meu coração

acelerava com um certo prazer, e o medo era empurrado para um canto escondido da mente, porque eu tinha que me concentrar na descida. Os outros se tornavam formas vagas e borradas na minha visão periférica, saltando e se revirando para obter tração. O ruído da poeira jorrando do buraco era como trovão em meio a relâmpagos silenciosos. Uma camada de rocha desmoronou sob meus pés, e eu deslizei os últimos três metros me equilibrando no calcanhar.

Nós cinco chegamos ao chão do vale ao mesmo tempo.

– Gane! – Nina gritou. A palavra ecoou pelas paredes do desfiladeiro.

O comandante ainda estava no buraco. Mas aquilo não o impedia de romper enormes pilhas de terra e atirá-las contra nós. A minimontanha retumbava enquanto se desintegrava, e pedaços de terra e de rochas voavam em nossa direção em uma pesada tempestade de areia. Eu me agachei e apertei o braço contra os olhos quando um pedregulho me acertou em cheio no rosto. As rochas zuniam contra o meu traje. Ouvi um baque úmido e Rhys gemeu ao meu lado. Escutei Peter cair de joelhos, mas eu ainda não conseguia abrir os olhos. O vento e os escombros nos massacravam, meu cabelo estava cheio de terra e os olhos inchados demais para abrir.

– Rhys! Peter! – gritei, e em troca recebi um monte de terra na boca.

– Bem – Peter berrou, mais alto que os estrondos. – Eu tô bem!

Finalmente o vento parou.

O ar estava nebuloso de tanta poeira azulada. Uma brisa soprou forte pelo vale, limpando um pouco o ambiente.

Pisquei até aliviar os olhos e ver uma coisa que estávamos ali para evitar.

Lágrimas de frustração transformaram em lama a terra nos olhos. Era pura teimosia o que fazia com que meus joelhos não fossem ao chão. Todo aquele esforço para chegarmos lá e sermos barrados por um monte de terra! Nosso mundo estava perdido por causa de um monte de terra.

Os outros estavam em pé à minha volta. Tiraram a poeira e emitiram pequenos sons da garganta quando viram o que vi.

Nina estava com a Tocha bem acima de sua cabeça.



EU NÃO PENSAVA EM OUTRA COISA ALÉM DE “ELA PRECISA *morrer*”. Quando Gane saiu do buraco, corri em direção a Nina, então brequei deslizando a dez metros, com os pés revirando a terra fofa. A Tocha merecia o nome. Era um bastão de metal brilhante de quase um metro e vinte de altura. Na ponta havia uma bola reluzente com uma luz vermelha tão brilhante que ofuscava o olhar. Foquei o rosto de Nina.

Tirei uma flecha da aljava, então estiquei a corda e soltei-a em movimento contínuo. Toda essa ação levou meio segundo. Nina nem havia começado a se mover, a não ser por uma sutil arregalada de olhos. Tudo o que eu via era ela; sua mão apertava a Tocha, mas, se estava planejando trazer os sem-olhos para baixo para me deterem, eles estavam muito longe, ainda escondidos nas cavernas. A flecha zuniu pelo ar, em direção ao rosto de Nina.

Nesse instante, o comandante gesticulou a mão como se estivesse espantando um mosquito, e a flecha se curvou e tombou inofensiva atrás deles, depois do Humvee, que seguia soltando fumaça pelo escapamento.

Nina sorriu, e a Tocha ficou mais brilhante, como um carvão no fogo. Os sem-olhos davam as caras simultaneamente e se agrupavam nas entradas escuras acima. Milhares de cabeças brancas e cegas se amontoavam nas cavernas ao longo da encosta. Eu me esforçava para me manter concentrada na ameaça mais próxima, não na que estava à minha espera. Mas a visão deles causou o que Nina provavelmente pretendia: abalou a todos nós. Alguém engasgou atrás de mim. Rhys murmurou um palavrão.

Acabar com aquilo era a única coisa que poderia nos salvar. Meus dedos estavam hábeis e seguros, porém, a mente não. Peguei outra flecha, mas os olhos de Gane estavam em mim naquela hora, e senti também a mente dele. Ele arrancou a aljava das minhas costas e o couro se arreventou em pedaços, derrubando todas as flechas, que flutuaram ao meu redor, em espiral, até explodirem em uma nuvem de poeira que o vento carregou para longe assim que se formou. Farpas espetaram na pele exposta do meu rosto. Apertei os olhos para protegê-los e me inclinei sobre um joelho sob a influência da mente do homem. Atrás de mim, ouvi os outros batendo no chão. Ele não conseguia controlar todos nós de uma vez, Noble havia dito. Mas eu me surpreendia ao ver como minhas intenções se desmanchavam rápido em desespero. Eu queria me mover, golpear e lutar, mas não conseguia. Continuava esperando que os sem-olhos descessem da encosta e nos cobrissem como uma manta.

Mas... Calma. A pressão sobre mim estava fraca. Eu sentia a mente de Gane diminuindo em minha pele, quase não podendo mais nos manter no lugar. Senti que conseguiria. Que poderia nos salvar.

– Passe-me a Tocha – Gane ordenou, erguendo a mão.

Quando Nina hesitou por um segundo, ele tentou arrancá-la de suas mãos com a mente. Mas ela

não desistia.

A Tocha voou em direção a ele com Nina ainda pendurada nela. Ele tentou se agachar, mas o punho dela acertou sua têmpora. Ela pôs os pés no chão.

A boca do homem se abriu, os olhos rolaram para trás, e a pressão sobre mim desapareceu completamente. Ele caiu de joelhos na terra, desabando, enquanto Nina balançava a Tocha como um taco de golfe. O comandante tentou se esquivar, mas ela o acertou na cabeça e o fez cair de costas. Ele se contorceu na terra, revolvendo-a com as canelas.

Eu me levantei e ouvi os outros se recuperando atrás de mim. Estávamos a dez metros, perto o bastante para corrermos até Nina.

Ela estava ofegante.

– Se vierem me pegar, vou trazê-los pra cá, pra cima de todos nós.

Eu gostaria de dizer que ela estava blefando, mas eu não sabia como a Tocha funcionava. Precisava apostar que Nina não tinha percorrido todo aquele caminho para se sacrificar no final.

Fiz um balanço rápido das nossas armas. Peter era o único com uma arma de fogo, mas era uma metralhadora. Se disparasse, corria o risco de destruir a Tocha, o que poderia ter consequências nas quais eu não queria pensar.

Mas Peter parecia não se importar.

Ele deu um passo ao meu lado e apoiou a metralhadora no ombro. Estava disposto a correr o risco.

Os olhos de Nina estavam diferentes. Eles estavam arregalados, mas não pela surpresa. Era como se ela estivesse fazendo algo com sua mente. Devia ser algo que a distraísse, pois ela nem tentou se mover. A metralhadora de Peter disparou; o traje nas pernas dela soltou faíscas e ela se estendeu de cara na terra. Eu quase gritei em triunfo. O tiro não parecia ter rompido o traje, mesmo assim ela estava no chão, e isso era um passo na direção certa.

A Tocha rolou para longe de seus dedos abertos e ela se contorceu como Gane.

Aliás, ele de repente não estava mais no chão. Eu não o via em parte alguma.

O importante era que Nina largara a Tocha, mas aquilo não teve o efeito que eu esperava. Os sem-olhos não estavam mais escondidos nas sombras das cavernas.

Milhares deles estavam descendo a encosta com um grito em uníssono.



ELAS CONVERGIAM PARA NÓS DE AMBOS OS LADOS DO desfiladeiro, ondas gêmeas de branco derramando-se pelas paredes rochosas. Eu me forcei a olhar para o lado. Se eu não o fizesse, paralisaria. Eles avançariam como uma onda e transformariam meu corpo em uma névoa vermelha.

Em vez de olhar para eles, foquei no objetivo.

Corri até a Tocha quando Nina rolou de costas e soltou um grito sufocado. Um som gutural entre a dor e a raiva. A terra arenosa se levantava do chão e pairava ao nosso redor, mas eu não sabia dizer se era Gane ou apenas o vento. Meus olhos pinicavam, mas continuei andando. A distância era de apenas dez metros, mas a sensação era de que a Tocha estava a mais de um quilômetro de distância. Dava para ouvir os sem-olhos se aproximando; o som de milhares de garras arranhando as rochas se confundiam em um zumbido.

Nina tentou agarrar o bastão, mas ela caiu novamente, perto, com os dedos cravando a terra. Eu já estava a uns três metros. Ela se ergueu em um cotovelo e avançou, mas eu deslizei e parei a tempo de pegar a Tocha justo quando Nina fechava a mão no bastão, ao lado da minha.

A Tocha vibrou sob minha mão. A energia rolou pelo meu braço e foi até o cérebro, e tive um vislumbre de tudo à minha volta, filtrado por mil mentes sensitivas, todas conectadas. Era de tirar o fôlego, atordoante, mas ao mesmo tempo completamente natural. Eu podia ver as mentes, via a todos nós, enquanto os sem-olhos desciam a encosta, as garras avançando, agarradas à rocha. Via com as mentes deles enquanto Peter mirava com a metralhadora no que estava à sua frente. Vi Gane cambaleando para longe, segurando a cabeça com as duas mãos. Observei Rhys se esquivar de um sem-olhos e o derrubar em um buraco enorme com as duas espadas. Em seguida, ele foi puxado para dentro quando o monstro agonizante o pegou pela canela. Eu estava vagamente consciente de que Rhys podia lidar com um sem-olhos, mas que a ausência dele seria sentida.

Então eles estavam em cima de nós, e eu me forcei a afastar aquela visão.

Nina teve tempo suficiente para se levantar enquanto eu piscava rapidamente, desorientada ao retomar a visão normal. Tudo aconteceu muito rápido, mas foi o bastante para que ela arrancasse a Tocha da minha mão. Os sem-olhos pararam. Eu me senti normal em um instante, sem a menor vontade de tocar naquela coisa de novo, mas sabia que seria totalmente necessário.

O sem-olhos mais perto de mim estava a apenas três metros, inchando e encolhendo a cada respiração, com as garras enterradas pela metade na terra. Ele estava preparando o bote, prestes a saltar em mim. Sua pele leitosa era quase translúcida, deixando à vista os tendões e as fibras musculares. Pouco antes de ele saltar, dei um tapa no medalhão no peito e os sem-olhos recuaram e giraram, confusos e desequilibrados como bêbados.

– Uma carga! – gritei.

Teríamos apenas mais uma, ou duas, com sorte.

Tentei mais uma vez agarrar a Tocha, cheguei a resvalar os dedos nela, mas Nina avançou com a cabeça e me deu uma testada no rosto. Meus pés saíram do chão e a vista embaralhou. Sangue quente brotou do meu nariz e sobre meus lábios.

Bati no chão e a dor desapareceu. As luzes sumiram.

E reapareceram no segundo seguinte. A palavra *não* acendeu em minha mente. Ela não podia ficar com aquilo. Alguém precisava avançar e tomar dela. Pisquei e me sentei, rangendo os dentes, com a pulsação latejando no rosto e no corpo. Os sem-olhos se afastaram de nós em debandada, voltando pela direção que tínhamos vindo.

De volta à cidade e à Escuridão. Eles estavam nos ignorando. Em poucos minutos estariam longe e eu ficaria presa ali, a quilômetros e quilômetros de qualquer coisa. Não podia ser assim. Tinha que ser de outra maneira.

Minha visão clareou a tempo de ver Nina entrando com a Tocha no Humvee. Eu mal me levantei e fui empurrada por um sem-olhos que saiu meio atrasado para se juntar ao bando. Era como ser derrubada por uma aranha de um metro e meio de altura. Ouvi um tinido e vi que duas escamas do meu traje se soltaram e voaram para longe, vítimas das garras do sem-olhos. E então ele se foi, galopando com os demais. Aconteceu tão rápido que não tive tempo de ficar com medo. Quase não tive tempo de pôr um braço na frente do rosto latejante.

O Humvee já estava avançando em direção à estrada sinuosa da encosta. Eu olhei para os outros.

Eu não via nem Sofia nem Gane. Peter estava ajudando Rhys a sair do buraco, de costas para mim. Isso era bom. Eu não queria dizer adeus nem ouvir protestos dele. Noble, de pé ao lado de um cadáver de sem-olhos todo cortado, tinha sangue pingando do queixo.

Ao longe, o Humvee chegava ao final da fissura e começava a subida comprida pela estrada.

Corri em direção à mesma encosta que descemos antes, deixando os outros no centro do vale. Tudo o que importava era deter Nina. O nosso mundo dependia disso.

Tentei avaliar se conseguia chegar ao topo do vale antes dela, mas ainda era cedo para dizer. A estrada dava voltas de um lado a outro da encosta, talvez umas 20 vezes. Eram quase 400 metros em cada direção, as curvas fechadas a faziam retomar pelo outro lado. Quanto a mim, eu só tinha que escalar em linha reta.

– Encare essa, Miranda – Noah falou.

Normalmente isso me incomodaria. Ele desaparecera na hora difícil e voltava para ficar na torcida?

Eu o ignorei, mas era isso mesmo.

Eu tinha que encarar e subir sem hesitar.



Não vi nenhum sem-olhos até chegar ao topo. Ele surgiu de trás de uma rocha, e por um segundo pensei que estava morta. Estava encurralada por um precipício, sem ter para onde correr. Aquela coisa ficara para trás e, de repente, estava ali para me matar. Mas da cintura para baixo ele estava paralisado, vítima da debandada. Ele tinha que arrastar as pernas como um peso morto. As garras, porém, estavam em forma. Elas zuniram ao lado da minha garganta e arrancaram mais escamas do traje, rompendo a corrente que segurava o medalhão. Meu equilíbrio se foi. Tentei agarrar algum galho em que pudesse me segurar, mas só alcancei o ar. Então caí de centenas de metros de altura.

E eu ia pensando: “Que maneira horrível de morrer”.

O vento uivava mais alto enquanto a velocidade aumentava. Noah não falou nada, mas o medo

dele inundava minha mente. Ele me entregava seu medo, eu entregava a ele o meu e, de certa maneira, era como se déssemos as mãos.

Havia maneiras piores de morrer.

Fechei os olhos e me perguntei se eu tinha uma alma.



EM VEZ DE CAIR MAIS RÁPIDO, COMECEI A DESACELERAR.
O vento não estava mais ferindo meus ouvidos; mãos gentis pareciam ter detido a queda, mas não abri os olhos imediatamente.

Não abri antes de parar.

No meio do ar; na metade da altura do precipício. A sensação na pele era familiar. No topo da encosta, Gane flutuava a alguns metros da beirada, com o braço erguido e a palma para baixo, como se eu fosse uma marionete 30 metros abaixo dele.

Lentamente, comecei a me erguer.

– Isso foi divertido – Noah disse.

“Ah, meu Deus”, foi tudo o que pude responder.

Gane provavelmente não me salvara simplesmente por gostar de mim. Pela maneira como estava flutuando, presumi que ele levitara para aquele lado do vale para deter Nina, já que o Humvee iria chegar bem àquela área. O sangue da ferida em sua cabeça escorria pelo rosto. Os olhos não mostravam raiva, mas determinação.

– Miranda! – Peter gritou lá de baixo.

Virei a cabeça, enquanto a subida acelerava. Peter e Rhys estavam na base da parede, abaixo de mim. Noble e Sofia iam mancando atrás, ajudando um ao outro a ficar de pé. O Humvee estava quase no topo, contornando uma curva empoeirada na extremidade, enquanto o motor a diesel fazia seus estrépitos ecoarem pelo vale. Ele iria passar bem perto de nós. “Esteja pronta”, pensei. “Jogue-a para fora da estrada”. Eu queria tanto pôr as mãos nela.

Cheguei ao cume, e o comandante me fez aterrissar quase na beirada. O cabelo preto dele estava grosso de tanta poeira e suor. Dava para sentir o calor que saía do aparelho debaixo do traje. Atrás dele, vimos que os cavalos não fugiram ao ver o êxodo dos sem-olhos. Observando melhor, deu para notar que era porque Gane os paralisara no lugar. Eles estavam firmes, mas com pavor nos olhos, que rolavam brancos. Estavam exasperados, querendo sair dali.

– Ela me disse que eu poderia ficar com a Tocha – ele disse, com um sorriso amarelo. – Eu não acreditei, mas pensei que conseguiria tomar dela.

Sacudi a poeira e me certifiquei de que não tinha ossos quebrados. Apertei o nariz com o polegar e o indicador; estava doendo, mas parecia inteiro.

– Que outras mentiras ela contou?

– Que ela iria levá-los para um dos mundos desabitados. Para bani-los.

– Você acreditou nela? Acreditou?

O olhar dele ficou meio perdido e contraiu o rosto.

– Não. Mas se eu pegasse a Tocha, eu mesmo poderia fazer isso.

– Então *me ajude*. Ajude-me a detê-la.

– Sim. Mas e quanto aos sem-olhos?

– Quando eu conseguir controlar a Tocha, prometo levá-los para um dos mundos desabitados.

O Humvee estava se aproximando.

– Não vou ser traído duas vezes. Quando nós a derrotarmos, *eu* vou manejar a Tocha.

– Para onde você acha que eu iria querer levá-los? Estou lutando *contra* ela.

– Não interessa.

Não havia outra opção. E eu confiava em Gane. De outra forma, ele não teria me salvado.

Nina completava a última curva, vindo direto para nós, a toda velocidade.

– Você concorda? – ele disse, sem olhar para mim.

– Sim.

Ela estava chegando. O motor gritava, amplificado pelo eco da encosta ao lado.

– Eu peço um favor. Um favor – com Gane recuperado e completamente atento desta vez, nós podíamos dar um jeito na Nina. Então eu precisava proteger os outros, mesmo que me odiassem por isso.

– O que é?

– Se ela passar por nós, impeça os outros de segui-la. Podemos cuidar disso por conta própria – apelei para o orgulho dele. – É só uma garota, e nós somos dois, e agora você sabe quem é o inimigo.

– Está bem.

O Humvee passou escorregando por uma elevação no caminho, espalhando um monte de terra e areia. Gane ergueu as duas mãos e as rodas da frente saíram do chão, então caíram com força. O jipe inclinou para o lado, mas continuou seguindo em frente.

– Muito pesado! – ofegou. – Muito rápido!

A última tentativa foi arremessá-lo para o lado; as rodas patinaram, mas Nina virou agilmente o volante e manteve o carro na estrada. Eu pude vê-la no banco do motorista, com uma mão no volante e a outra na Tocha. Ela passou voando por nós com o motor rugindo, deixando-nos empoeirados e enfumaçados.

Axela estremeceu quando saltei nela.

– Solte-nos! – pedi.

Foi o que Gane fez, e Axela quase me derrubou. Ela girava em círculo, batendo firme os cascos no chão.

– Calma, garota, calma! – dei palmadinhas no flanco e ela se acalmou um pouco.

– Você vem? – apontei para o cavalo mais próximo.

Gane montou e, fiel à sua palavra, soltou os outros cavalos. Axela e eu ficamos cobertas de pó quando eles saíram em debandada assustada. O comandante mantinha seu cavalo sob controle. Seria uma longa caminhada de volta a Verge para os outros, mas um pequeno preço a pagar pela segurança deles.

O jipe de Nina estava na terra plana, depois da área montanhosa. Atrás dela, vi uma manta branca se movendo no horizonte. Milhares de sem-olhos sob seu comando. Alguma coisa me fez olhar para o norte. Outra manta, tão grande quanto. Ao sul, mais uma, ainda maior. Devia haver ali dezenas de milhares de sem-olhos, todos respondendo ao chamado da Tocha.

Peter e Rhys gritavam meu nome enquanto subiam.

Eu me ajeitei sobre a égua, agarrando a crina para me aprumar. Minha energia parecia se esvaír. Nina já estava bem longe, com o exército dela estendido diante de nós. Não importava o que fizéssemos, a vantagem que ela tinha iria custar vidas.

– A Tocha é o que importa – Gane falou. – Sobreviva o suficiente para recuperá-la.

Eu não iria prolongar a festa de autoimolação. Ainda estávamos vivos. Não era o fim.
Estalei as rédeas e Axela partiu atrás dos monstros.

o o o

Tivemos que parar a um quilômetro e meio da cidade para deixar a horda de sem-olhos passar. Ou parar ou nos chocar direto. Eles escoavam de todas as direções, de todos os cantos das Terras Arruinadas. Eu presumia que obedeciam à ordem de rumar para a Escuridão, mas não queria testar se tinham permissão para uma parada rápida para nos comer. Eles continuavam chegando.

E chegando.

E chegando.

Eles nos ignoravam, felizmente. Isso ficou claro. Nina os mantinha em transe, comandando-os para o mesmo lugar.

– Quantos são? – perguntei.

Gane apenas balançou a cabeça.

– Eles estão se multiplicando há anos. Foi necessário muito menos para colocar o meu mundo de joelhos.

Toda a força que eu estava conseguindo reunir se dissolveu. Se um mundo que um dia fora tão poderoso quanto o de Gane pôde cair com menos, por quanto tempo o nosso iria aguentar? Não daria nem para o cheiro. De repente, eu me arrependi de deixar os outros para trás no vale. Eu precisava deles. Precisava deles para me darem ânimo. E não podia ignorar a vergonha que sentia. Eu tomara uma decisão por eles. Se alguém me dissesse que eu não poderia lutar... Só para me manter segura...

Exatamente o que Noah fizera comigo ao roubar minha memória. E só tornou as coisas piores.

Ficamos em silêncio enquanto a horda continuava a se afunilar rumo à cidade. Conferi atrás de mim, mas os outros não estavam à vista.

– Eles vão para a Verge – Gane disse. – A Escuridão do Central Park está bloqueada.

Eu não disse nada.

Quando a horda passou, fomos trotando para a cidade logo atrás, tossindo com a enorme nuvem suja que eles levantavam. Alguns retardatários mancavam pela Ponte Lincoln, sem-olhos deformados ou feridos que não estavam fortes o bastante para seguir no mesmo ritmo. Enquanto passávamos, o comandante os despedaçava com sua mente. Eu tentava avaliar o tamanho do poder dele, para o caso de termos que lutar novamente no futuro. Ele não podia deter a horda, mas conseguia destruir alguns sem-olhos aqui e ali. E um Humvee era obviamente pesado demais.

Bloqueei o som de carne se rompendo e os gemidos agonizantes, mantendo os olhos na Verge, que crescia no campo de visão. A cada sem-olhos morto, eu quase ficava feliz; era um a menos para invadir meu mundo. As ruas estavam vazias, mas havia sinais da passagem da horda por toda parte. Os veículos, que antes estavam enferrujados mas intactos, agora estavam amassados, como se uma tempestade de granizo deixasse buracos enormes no teto e no capô. Então chegamos a Verge, ainda cavalgando rápido. Entrei no túnel escuro do mesmo jeito que Noah entrara naquele laboratório escuro, esperando que uma espada atingisse meu pescoço ou que um sem-olhos me arrancasse da Axela e me levasse para as sombras.

As tochas do túnel estavam no chão, algumas apagadas, outras com brasa. Gane seguiu ao meu lado até chegarmos ao final do túnel, onde tivemos que parar tão bruscamente que quase saí voando por cima da cabeça da égua. O térreo da Verge desaparecera. Completamente. *Tudo* o que havia ali.

As entradas dos outros túneis também terminavam em céu aberto, como armadilhas para qualquer um que chegasse correndo às cegas como nós. A destruição de um lugar sólido onde eu estivera havia pouco tempo era de arrepiar a pele.

Centenas de metros abaixo, um corredor estreito se ligava às paredes rochosas em forma de anel. Ele não tinha muito mais que um metro de largura. O resto daquele andar estava sem fundo, como um buraco negro. Era puro nada, vazio e parado. Era a primeira vez que eu via o que era a Escuridão depois de descobrir do que se tratava. Tive que engolir em seco muitas vezes para impedir o vômito. A vertigem só diminuiu quando fechei os olhos.

Foi a primeira vez que me dei conta de que o fim estava mesmo ali. Os sem-olhos já tinham atravessado. A tarefa era quase impossível. Eu tinha que viajar pela Escuridão e sobreviver por tempo suficiente para encontrar Nina. Era isso. Eu tinha que sobreviver por tempo suficiente para derrotá-la. E, mesmo assim, eu não saberia para onde levá-los. Não saberia para onde levar milhares de monstros.

– É o fim da linha, garota.

– Você não vem comigo? – eu quase ri.

– Meu lugar é aqui. Nós não conseguimos chegar a tempo. Sinto muito pelo seu mundo, mas a minha obrigação é com o meu povo. A Tocha se foi.

– Não – eu disse, uma negação simples que soava um pouco infantil.

Gane balançou a cabeça.

– Eu poderia ter evitado.

– Mas não evitou, porque você é um otário.

Ele não respondeu, em vez disso ficou olhando fixamente para o inferno comigo. Eu queria arrancar a cabeça dele por ter possibilitado aquilo, mas não iria mudar nada. Não iria nem me fazer sentir melhor nem me dar esperança.

O comandante agarrou meu braço e o apertou firme.

– Se você conseguir a Tocha, traga os sem-olhos de volta para cá. Reúna-os na Verge. Vou levar meu povo para longe. No meu escritório há explosivos suficientes para destruir este lugar. Você vai matar os sem-olhos e bloquear a Escuridão – ele me contou a senha para entrar no escritório dele e onde encontrar os explosivos.

Ele não me contou como escapar depois de preparar tudo.

– Agora vá.

Respirei fundo e finquei os calcanhares na Axela, esperando que ela saltasse. Se Nina estivesse a pé, talvez eu pudesse alcançá-la montada. E vê-la de cima para baixo me faria sentir mais segura, mesmo que não estivesse.

Mas Axela não se moveu, apenas bufou pelo focinho e revirou o rabo.

– Você pode me dar um empurrão?

Gane acenou com a cabeça e ergueu as mãos. A égua saiu do chão e disparou para a frente assim que os cascos dela tocaram na rocha. Nós saltamos em pleno ar, e a gravidade nos puxou para a Escuridão. O buraco cresceu mais e mais no meu campo de visão, até ser tudo o que eu conseguia ver.

Fechei os olhos.



ABRI OS OLHOS NA CAVERNA ENORME PELA QUAL TÍNHAMOS vindo, com todos os túneis levando a cidades diferentes. O lago da Escuridão estava à minha esquerda, um círculo perfeito a dois passos. As feridas voltavam a latejar. O estômago gorgolejou, e eu rolei e cuspi líquido preto pela segunda vez em dois dias. Alguns fios de cabelo caíram lambidos no meu rosto, ainda ruivos.

Axela também estava com líquido preto escorrendo da boca. Eu me forcei a me mover lentamente e pisquei para afastar a desorientação. A caverna estava cheia de metal amontoado e retorcido vindo da Verge. Nina, de alguma maneira, devia ter feito toda aquela construção desmoronar na Escuridão, que então devia ter vomitado os escombros para a caverna, como fizera comigo.

O chão de pedra estava coberto de marcas de garras.

Percebi que eu ainda acreditava que a Escuridão levasse a outro lugar, que eu iria abrir os olhos em um mundo diferente. Essa frágil esperança desapareceu.

Os rastros na pedra iam todos para uma mesma direção, para o túnel em que estava escrito WASHINGTON D.C. Aquela entrada em particular estava repleta de marcas deixadas pelas garras, enquanto as outras continuavam imaculadas. Tudo fazia sentido. Depois de liquidar com nosso governo, os sem-olhos iriam voltar e se dispersar pelos túneis para diferentes partes do país, e então pelo mundo todo.

Pus as mãos nas costas e senti a Língua de Fogo, minha espada, mas perdera o arco em algum ponto do caminho, o que não importava muito depois que o Gane decidira explodir todas as minhas flechas. Não havia nada a fazer a não ser montar e cavalgar pelo túnel.



A viagem não demorou nada, menos de cinco minutos de cavalgada, o que significava que a caverna devia estar bem abaixo da capital. Esse era o plano desde o início, o plano desde *décadas*. Mantive os ouvidos atentos aos sons dos sem-olhos, mas tudo estava silencioso. O túnel começava a se elevar em uma rampa. Estávamos perto do fim, eu podia sentir, e a adrenalina era bem-vinda. Percebi que estava tensa no dorso da Axela, ansiosa para voltar à superfície. O mundo podia estar ameaçado, mas ainda não era o fim.

– Vamos garota – eu disse, apressando-a.

O túnel continuou subindo em rampa, até eu ver estrelas em um céu escuro, o *meu* céu. Então saímos, os cascos batiam na grama sob o ar ameno da noite, que parecia tão limpo e fresco quanto o de casa.

Luzes artificiais iluminavam o chão à minha frente, e eu virei Axela com um toque do calcanhar esquerdo.

Estávamos próximas do Monumento a Washington.

À minha frente, uma pilha de roupas despedaçadas e cobertas de sangue, com um tênis se

destacando. Na base do monumento, outra pilha de roupas e algo que não era roupa, inteiramente vermelho. Os gritos se elevavam ao longe, sobrepondo-se uns aos outros, aumentando, aumentando. Virei em um círculo lento, procurando por sinais de vida, mas não esperava perceber nenhum tão perto da rampa. E eu estava certa. Axela bufou e virou a cabeça de um lado a outro, completamente apavorada pelo cheiro de sangue.

– Calma, garota, calma – eu disse, acariciando seu flanco, e eu dizia isso tanto a ela quanto a mim mesma.

Os gritos eram mais altos ao Norte, onde eu podia ver, bem longe, os fundos da Casa Branca cercada de árvores iluminadas por luzes brilhantes. Se iriam acabar com o nosso governo, eu não podia pensar em lugar melhor por onde começar. Nina poderia estar ali, no meio de tudo. Instiguei Axela com o calcanhar até que ela tomasse um galope em direção à Casa Branca.



Armas de fogo soltavam rajadas. Uma sirene berrava, como nos velhos filmes de guerra. As sirenes dos veículos de emergência se confundiam com os sons de pesadelo.

Atrás do monumento se encontrava uma avenida larga de seis faixas, então mais grama, antes do jardim sul da Casa Branca. Na frente, uma cerca estava destruída, como se os sem-olhos tivessem decidido que era mais fácil derrubá-la que saltá-la. Eu imaginava a confusão. As pessoas não sabiam o que estava chegando na direção delas nem por quê.

O Serviço Secreto sabia, mas não poderia compreender. A uns cem metros, eles saíram correndo da Casa Branca em trajes pretos. Holofotes brilhantes e claros iluminavam os agentes por trás, enquanto um amontoado de sem-olhos se aproximava, vindo das sombras. Eram 15 ou 20 monstros, andando em bando. Só havia tempo para algumas rajadas curtas de metralhadora. Axela de repente quis se refugiar atrás de algumas árvores, meneando a cabeça, e eu me esforcei para fazê-la seguir em frente. Os canos das armas irradiavam luz laranja, mas logo os sem-olhos as silenciavam. Roupas se despedaçavam e sangue esguichava, e eu me sentia vazia porque os homens não tinham chance. Acontecia tão rápido que provavelmente não tinham tempo para sentir medo ou dor. A égua galopava, movendo-se debaixo de mim, mas ela não era rápida o bastante. E não importaria, pois eu não pretendia enfrentar os sem-olhos, não daquela maneira. Mesmo que eu pudesse lutar contra muitos ao mesmo tempo, que diferença faria? Nenhuma. A chave era a Tocha. Aquilo era como um mantra em minha mente. Ela tinha que estar por ali. Por que mais os sem-olhos estariam se concentrando como um enxame naquela direção?

Os sem-olhos se afunilavam através das portas rumo à residência executiva da Casa Branca, e já não iam mais silenciosos, estavam gritando. Os gritos eram de deleite e fome, muito diferentes dos gritos dos agonizantes.

Eu estava a 20 metros de distância quando o último sem-olhos entrou. Um agente gemeu no Jardim das Rosas à esquerda. Ele ergueu uma mão ensanguentada, como se acenasse para o céu. Parei Axela ao lado do agente e apeei. Ela deu um giro quando desci, e por um segundo temi que ela fosse disparar para longe, mas só empinou em círculo, olhando para o espaço à nossa volta.

O terno do agente estava arregaçado. Onde sua barriga deveria estar, havia um buraco do tamanho do meu punho. Sangue jorrava em sincronia com o coração, ensopando o gramado. Aquele homem estava morrendo ali por causa do lugar de onde eu viera.

Os olhos dele se arregalaram quando me viu.

– Você... – sussurrou.

Ele me reconheceu.

– Eu não sou ela. Escute. Não sou a mesma garota. Não sou ela. Onde ela está? Você a viu? – eu me ajoelhei e apertei suavemente os ombros dele. Então ergui rápido a cabeça por causa do barulho que vinha de dentro da Casa Branca. Parecia uma melancia caindo de três metros de altura sobre concreto.

Os olhos do agente continuavam zanzando. Eu precisava saber.

– Ei, você pode ajudar a terminar isso tudo. Diga-me onde ela está – *por favor, faça alguma coisa. Por favor.*

Os lábios dele se abriram em forma de O.

– Onde? Onde? – coloquei a mão sobre a bochecha dele. – Pode confiar. Conte para mim. Eu posso acabar com isso – talvez se eu repetisse bastante, em algum momento se tornasse verdade.

– Oval...

O Salão Oval.

– Onde? Onde?

Tentei me lembrar da aula de História que tivéramos naquele lugar. O agente virou a cabeça e moveu os olhos para a direita. O Salão Oval era uma espécie de saliência da Ala Oeste, com janelas verticais mais altas que eu. Janelas que estavam se abrindo bem naquela hora, com o vidro estilhaçado.

Dois Humvees rugiam atrás de mim e seguiam pelo jardim, com os pneus enormes sulcando a grama. Brecaram ao lado da Ala Leste. Os soldados se amontoaram e prepararam as armas de combate. Eles estavam longe demais para me escutar, mas tentei mesmo assim:

– Esperem, parem! Parem! – minha voz foi abafada pelo ruído de um jato no céu. Os soldados marcharam rápido para o prédio, condenados. Quando olhei de volta para baixo, o agente estava inerte, com os olhos apagados. A falta de luz em seus olhos me fez lembrar de Noah e me fez querer que ele estivesse ali. E também me fez lembrar que podia ser meu último minuto como eu mesma. Quando eu chegasse ao Salão Oval, Nina poderia me matar, ou pior, apagar a minha identidade. Mas eu estava pronta para o que viesse.

– Você não está sozinha.

As palavras de Noah subitamente me deram força.

Tirei a Língua de Fogo das costas e corri os 30 metros até o Salão Oval. Diminuí o passo pouco antes de chegar. Luz vermelha grossa se derramava do peitoril das janelas, salpicando a grama com sangue.



EU DEI UM PASSO, DEPOIS OUTRO, COM A LÍNGUA DE FOGO apontada para a frente. Por fim, cheguei ao peitoril da janela e passei por ela. A Tocha iluminava a sala com uma vermelhidão brilhante. Nina estava atrás da mesa do presidente, curvada para a frente e imóvel. Ao vê-la tão perto, com as costas viradas para mim, quase paralisei de surpresa. Mas a hesitação passou em um segundo, e eu passei a Língua de Fogo em um balanço horizontal, com a intenção de arrancar a cabeça dela e acabar com a luta antes mesmo que começasse, mesmo sabendo que isso significaria não obter respostas.

Nina mergulhou o torso para a esquerda como se estivesse se alongando, e a lâmina passou assobiando por cima dela sem um arranhão, o que tirou meu equilíbrio. Ela se ergueu rapidamente e deu um coice na cadeira, empurrando-a para mim, então rolou no tampo da mesa para a frente. Pousou no outro lado e girou com a Tocha à sua frente. Ela estava bem diante do brasão presidencial, entre dois sofás de camurça.

Eu já estava ofegando, quase sem fôlego. A lição do *Sifu* Phil era como um grito em meus ouvidos. “Abafe a emoção. Uma mente calma dispara ataques certos.”

Ela ficou fora do meu alcance por alguns segundos, e não os usou para recitar o código. Eu ainda era eu.

A mão direita dela segurava uma espada reta idêntica à minha, exceto por uma fita preta na empunhadura, para melhorar a pegada. Ela sorriu. A Tocha fazia parecer que ela tinha sangue nos dentes.

– Por que você está lutando contra mim, Miranda? Abaixei a espada e eu vou levá-la para a Terra Verdadeira. Você pode se juntar ao exército dos Rosas.

Apesar do ódio perturbador em meu peito, lágrimas escaparam dos meus olhos.

– Por que você está fazendo isso? – eu me senti no direito de perguntar, àquela altura.

– Porque este mundo é como o outro em que estávamos. *Doente*. Um dia vai atingir a massa crítica e se tornar um câncer que se espalhará para outros mundos. Podemos chamar de cirurgia preventiva para a coletividade do universo. Podemos dizer que estamos salvando vocês de vocês mesmos.

Era isso, esse era o ponto. Nós éramos um tumor. E eu também entendia. Talvez nosso mundo tivesse mais defeitos que qualidades. Matávamos uns aos outros por coisas estúpidas, ou deixávamos as pessoas morrerem. Éramos egoístas. Eles não estavam errados nesse sentido. E talvez as pessoas do meu mundo fossem teimosas demais para mudar. Talvez continuássemos assim para sempre, até que o mundo se destruísse.

Mas não podia ser uma decisão de Nina. Nem de ninguém da Terra Verdadeira.

– Você sabe que eu estou certa – ela disse. – Abra os olhos.

A hora de recitar o código passara. Eu queria acreditar nisso. Mas alguma coisa estava errada... Ela não parecia nem um pouco preocupada. Era como se realmente quisesse que eu me juntasse a

ela e soubesse que, no final, conseguiria.

Minha mente zumbia, mas eu não iria levar em consideração o que ela achava.

– Você está lutando do lado errado, Miranda. *Nós* é que somos os defensores. Ajude-me. Foi para isso que você foi criada. Pense no assunto. Acha que somos diferentes? Somos a mesma pessoa.

Eu não queria pensar no assunto. Podíamos ser iguais, mas eu nunca sentira que podia ser como ela, ou como a sra. North, ou como a diretora. São as nossas escolhas que fazem de nós o que somos.

E eu escolhi lutar.

Nina estava me dando mais uma chance, mais um momento para aderir à causa dela. E quem não gostaria de se juntar ao lado vencedor?

– Escolha.

Eu já tinha escolhido. Ela podia ver isso em meu rosto.

– Então, sinto muito. Hora de acordar, Nina. Liberte-se.

Um relâmpago queimou meu cérebro, cegando-me. Eu me ajoelhei, com a Língua de Fogo frouxa na mão. Senti a cópia de Nina irrompendo em minha mente com um grito de vitória e entendi por um breve momento que a sra. North instalara mesmo uma cópia de Nina, que estivera dentro de mim o tempo todo. Senti a vaga sensação de lágrimas escorrendo pelo meu rosto, de escuridão completa me dominando, empurrando para o lado, e um único pensamento: “Isto está mesmo acontecendo”. Antes de um momento de escuridão pura, tive certeza de que eu já era. Mas então Noah surgiu dentro de mim, rugindo em desafio, e de algum modo ele pegou minha mão e me puxou daquele devaneio. No instante seguinte, senti nossas forças somadas esmagarem Nina até ela desaparecer. Ela se foi em um instante. Ouvi um pensamento, podia ser tanto meu quanto de Noah, eu não sabia dizer. “Não há espaço para três aqui.”

Abri os olhos.



– Impossível... – Nina disse.

Eu ainda estava com um joelho no chão, mas me sentia outra quando me levantei. Era a força de Noah que me percorria, misturando-se à minha. Juntos éramos fortes o suficiente para derrotá-la.

– Aparentemente, não é – respondi.

Os olhos dela se arregalaram com medo.

Fui para a direita, começando a dar uma volta na mesa.

– Quem é você de verdade?

– Sou a filha da diretora – ela parecia estar recuperando a compostura.

– Não, você era minha amiga. Eu vi você acordando em uma mesa de cirurgia. Então, o que aconteceu com a minha amiga? – eu quis gritar: “Onde ela está?”.

Os lábios dela tremeram com escárnio.

– Sua amiga se foi. Meu corpo continua na Terra Verdadeira, mas eu peguei um corpo novo emprestado para esta missão. Passei os últimos meses vendo o seu mundo em primeira mão, escondida no fundo da mente de Sequência, e quando chegou a hora certa, fiz o pedido para o DJ.

A invasão de privacidade que era ter um observador secreto em sua mente o tempo todo fazia o meu estômago se revirar.

– Você está pronta para acabar com isso? – ela disse, abrindo os braços com um gesto convidativo, com a Tocha na mão esquerda e a espada na direita.

Eu estava pronta.

A mesa ainda estava entre nós duas. Do lado de fora, ouvi mais um rugido do céu, mais rajadas e tiros. Queria mantê-la falando. Se eu fizesse com que ela continuasse pensando, ela poderia me dar uma oportunidade, bastava um segundo de relaxamento para eu avançar contra ela e encerrar a dança antes de ela começar de fato.

Dei um passo adiante, fintando.

Nina passou a espada dela lentamente na vertical, querendo me cortar ao meio. Ela foi desleixada. Bloqueei-a com a Língua de Fogo e dei um passo para trás, voltando a colocar a mesa entre nós.

Eu visualizava o sangue de Nina na lâmina, da mesma maneira que o sangue de Noah havia coberto a dela.

Nina golpeou. Ela tentou me empalar na mesa e eu rebati a espada. Uma fenda se formou na madeira antiga. Papéis se espalharam para os lados, esvoaçando até o chão.

Ela virou a lâmina e tentou me cortar na coxa, eu saltei para trás, fazendo minha espada silvar no ar à frente dela.

– Seu plano é uma porcaria – eu disse, tentando distraí-la com palavras. – Você sabe que eles protegem o presidente ao menor sinal de perigo.

– É só um aviso – ela disse, rodeando a mesa. Eu não cedia. A cada segundo que gastava com ela, a infecção de sem-olhos se alastrava mais. – Eu estou mostrando algo para o mundo neste instante. As próprias imagens vão amolecê-los. Eles ficarão aterrorizados – ela deixou a lâmina cair na mesa e arranhar o tampo.

Nós duas deixamos a mesa para trás. Nada entre nós a não ser o ar.

Nina rasgou o ar, formando um x com golpes repetidos, forçando-me a recuar para me defender. Faíscas escapavam e a empunhadura forçava meu pulso. Chutei com o calcanhar a dobra do joelho dela, o que a fez cair daquele lado. O êxtase da vitória inundava meus membros, com ela exposta, à minha mercê. Eu só tinha que descer a espada na garganta dela.

Então ela me surpreendeu. Soltou a espada, agarrou minha mão, rápida como o bote de uma cobra, e caiu de costas, puxando-me para cima dela. Seu pé se ergueu e se apoiou na minha barriga e ela me puxou com o braço, erguendo-me acima de sua cabeça enquanto a queda se transformava em uma cambalhota para trás. Ela me atirou por cima dela, fazendo um balão. Eu estava de ponta-cabeça quando atingi a parede e me choquei no chão, atordoada. Mas a raiva aumentou e me deu clareza.

O ar estava adocicado pelo aroma de rosas; Nina estava soltando ondas de medo.

Eu me levantei. A Língua de Fogo estava a uma curta distância entre nós, brilhando como um rubi sob a luz da Tocha.

Levei meu pé blindado para baixo da Língua de Fogo e a chutei para o alto, então a agarrei no ar e girei, golpeando horizontalmente. A cada giro eu chegava mais perto. Ela interceptou o último rodopio com a espada, fazendo-me parar. A empunhadura vibrava na minha mão. E de repente estávamos coladas peito a peito, com as lâminas cruzadas entre nós, os narizes a poucos centímetros um do outro. Minha mão esquerda envolvia sua nuca e ela fazia o mesmo comigo, apertando a haste da Tocha contra meu crânio. O metal estava quente. A luz vermelha brilhava forte no canto do meu olho esquerdo. Puxávamos com uma mão e apertávamos com a outra. Nossas espadas se arranhavam. O momento era esse. O destino do mundo estava entre duas lâminas que rangiam uma na outra. A dela perto do meu pescoço. A minha perto do dela.

– Desista – ela grunhiu. – Ajoelhe-se.

Ela continuava falando quando já não era momento para falar. Arremeti a cabeça para a frente e bati a testa no nariz dela, devolvendo a cabeçada que ela me dera algumas horas antes. Senti o nariz

dela afundar como argila úmida e sangue que não era meu esguichar. Senti uma tontura, mas logo a superei.

– Eu estava devendo essa – falei, enquanto ela cambaleava.

Não parei. Aquela pessoa levava não apenas um, mas dois de meus amigos, e eles mereciam justiça. Eu continuei, golpeando horizontalmente mais uma vez. Quando minha espada a atingiu, o pescoço dela fez o mesmo som que o de Noah. O sangue dela jorrou e as costas bateram na parede.

Eu percebi o meu erro, mas era tarde demais.

A Tocha escorregou de seus dedos, e o bulbo vermelho se estilhaçou no chão.



A TOCHA SE ESTILHAÇOU, E ELETRICIDADE VERMELHA dançou pelo carpete. Nina escorregou na parede, com sangue escorrendo de seu pescoço. Ela tentou dizer alguma coisa, mas só conseguiu tossir sangue. Guardei a Língua de Fogo, então agarrei a Tocha com as duas mãos e fechei os olhos para sentir alguma coisa, *qualquer coisa*, mas aquilo estava morto, era apenas um bastão de metal. Morto como Nina logo estaria. Via os olhos dela se fecharem aos poucos enquanto esperava que a Tocha funcionasse, porque não podia estar quebrada, não depois de tudo o que eu passara por sua causa.

Se Nina pudesse falar, diria: “Mesmo assim você perdeu”.

Milhares de sem-olhos gritavam pela noite ao se libertarem. Eu caí de joelhos.

Eu falhara; os sem-olhos não tinham mais um mestre. Nada impediria que vagassem pelo mundo. Se Gane estivesse certo, eles não iriam parar nunca. Continuariam comendo e se multiplicando até que o nosso mundo ficasse tão depauperado quanto o dele.

Os tiros estavam diminuindo, tornavam-se disparos aleatórios e rajadas ao longe. Encostei a testa na parede curva do gabinete e fechei os olhos.

Eu não queria mais sentir o que estava sentindo; não queria perder.

– Nós temos que matá-los – Noah falou.

Girei de maneira desengonçada sobre os joelhos e quase escorreguei no sangue de Nina. Noah estava ao lado da mesa do presidente, apoiando-se meio inclinado com os cinco dedos no tampo.

– *Nós temos que matar todos eles* – o rosto dele era raiva pura. As mãos se fecharam em punhos. – Temos que ir para a Terra Verdadeira e matar os Originais e qualquer um que estiver ao lado deles.

– Eu não sei o que fazer.

– Nós nunca soubemos e fizemos mesmo assim.

Eu me levantei, com os músculos das costas e das pernas gemendo.

– Agora eles estão livres.

Uma explosão abalou a noite. Mais um jato passou zunindo no céu. Os sons estavam mais distantes. Como o comandante dissera, o câncer estava se espalhando.

– Então vamos encontrar uma maneira de detê-los – ele se aproximou de mim e usou o dedo para erguer meu queixo. – Você sabe por que eu te amo?

– Não.

– Porque você é forte. Nunca desiste.

– Você não me ama – minha voz esganiçou.

Por quanto tempo mais eu teria que ser forte? Não muito. Era o fim, então ele tinha que saber a verdade. Ele devia saber antes que nós dois morrêssemos. Ele tinha o direito de sentir alguma outra coisa, uma coisa real.

– Como não?

– Não, porque eu não sou a Miranda de verdade.

Ele me olhou nos olhos. Suas mãos envolveram gentilmente o meu rosto.

Lágrimas brotaram aos montes e desceram pelas minhas bochechas. Enfim eu revelava meu segredo. Os polegares dele enxugavam as lágrimas, apesar de eu saber que era impossível.

– Quando você a deixou... – eu engoli em seco. – Ela morreu. E a sra. North me usou para substituí-la. Os fragmentos de memória que eu tenho pertencem à garota que viveu antes de mim.

Eu o matava mais uma vez. Estava estampado em seu rosto.

– Miranda... – ele disse, balançando a cabeça.

Eu o beijei.

Não era certo nem mesmo real, mesmo assim foi o que fiz. Enquanto o mundo começava a morrer lentamente à nossa volta. Os lábios dele estavam suaves no início, inseguros, mas depois reagiram.

– Me desculpa – ele disse, com os lábios nos meus. – Me desculpa.

– Você não sabia.

– Eu sempre... – ele começou.

Do lado de fora, ouvi o inconfundível assobio crescente de um míssil disparado, depois uma explosão curta e forte, que sacudiu as paredes e nos acordou. Noah pegou na minha mão e a apertou.

– A diretora ainda tem uma Tocha. Não ouse desistir.

Ele desapareceu.

E a Tocha, atrás de mim, começou a emitir ruídos.



A lâmpada não brilhava. Não podia, ainda estava quebrada.

Mas o bastão de metal vibrava no chão, ao lado de Nina.

Olhei para aquilo, atônita, observando-o dançar pelo carpete. Peguei o bastão e senti a vibração fazer cócegas na minha palma. Esperei. Não havia mais nada a fazer. A vibração não significava nada. Talvez fosse uma última chacoalhada mortal, ou qualquer coisa dentro daquilo estava tentando se acender.

Então parou.

Mais um míssil assobiou ali perto, seguido de outro trovão feito pelo homem.

A Tocha não estava se movendo, mas parecia querer sair dali, como se minhas mãos e a Tocha se tornassem de repente polos magnéticos opostos. Uma brisa atravessou o gabinete, ressaltando o aroma misturado de pinho e metal quente. O salão começava a escurecer, como se sua própria existência estivesse se apagando, e de repente eu não conseguia mais sentir as palmas. A Escuridão estava se espalhando pelos meus dedos, pelas costas das minhas mãos. Alguns segundos depois cobriu meus braços e desceu pelas pernas, atravessando o peito, apagando-me pedacinho por pedacinho. A Escuridão rastejava pelo pescoço, pelo queixo. Cobriu meu rosto.

Eu me segurei firme e fechei os olhos; quando os abri, estava em um lugar completamente diferente.



QUANDO CAÍ DE QUATRO, QUASE VOMITANDO, LEVEI UM segundo para entender. A Escuridão havia me engolfado, e eu não estava mais no Salão Oval, mas em um campo aberto. Eu sentia uma brisa doce e o céu aberto acima de mim, apesar de ainda não ter olhado em volta. A ânsia de vômito era forte, mas a sensação passou depois de alguns segundos e de engolir. Pisquei e respirei e olhei para o chão de metal liso debaixo das luvas nas minhas mãos. A Tocha começava a rolar para longe de mim e fui em sua direção, mas ela parou no dedão do pé de alguém.

O pé estava coberto por um traje blindado como o meu, mas com escamas douradas brilhantes em vez de pretas. Eu vira aquelas escamas antes, usadas pela diretora, na lembrança da sra. North. O ouro era da mesma cor da parede à minha esquerda; à direita, eu via ar livre. Estávamos em uma passarela ligada à lateral de um prédio dourado.

Olhei para cima, com os dedos ainda na Tocha, completamente vulnerável, ainda de quatro.

Uma Olivia olhou para mim. Era minha Olivia sem tirar nem pôr, mas não era ela.

– Onde que você pegou isso? – ela perguntou.

Avaliei a linguagem corporal dela em um instante. Estava relaxada. Seus olhos, meio apertados, me estudavam. Eu não diria que estava surpresa em me ver, estava mais para... impressionada. Eu não era uma ameaça.

Os olhos dela passaram logo para a Tocha.

– Você a quebrou.

– Não, não quebrei – disse antes mesmo de pensar.

Atrás dela o céu estava dourado, como um pouco antes de o vermelho aparecer em um pôr do sol. Mas o céu *inteiro* brilhava dourado, não apenas o horizonte, o que me levava a pensar que aquele não era o meu céu, de maneira alguma. Vi os prédios altos com o canto do olho direito, mas não ousava tirar a atenção do rosto da garota, não importando o quanto eu quisesse olhar.

– Levante-se – ela disse, esticando a mão para mim. Por puro reflexo, tentei encaixar um golpe no braço dela, mas ela afastou minha mão com a velocidade de um raio e a mesma facilidade que eu teria para bloquear uma criança. – Não faça mais isso.

Eu obedeci, me perguntando como ela fizera aquilo. Ela agarrou meu braço, mas não doeu. Conferiu a passarela para se certificar de que estávamos a sós, então apertou a mão blindada na parede lisa dourada. Uma passagem invisível se abriu com um gemido, parecia um rasgo em um tecido leve. Ela me empurrou para dentro e a passagem se fechou atrás de nós, voltando a ser apenas uma parede, o que deveria me causar mais surpresa do que acabei sentindo. Nós estávamos em uma sala pequena, circular, sem móveis nem fonte de luz, e mesmo assim eu conseguia ver. A luz tênue parecia vir das próprias paredes.

Ela disse:

– Precisamos ser rápidas. Qual é a situação atual no seu mundo?

Eu abri a boca, mas nenhuma palavra saiu, com tantos pensamentos passando velozes pela minha cabeça. *Segundos* atrás eu estava no Salão Oval, e de repente tudo era dourado, e uma Olivia me mantinha como refém.

– *A situação.*

Ela perguntou sobre o meu mundo. Ela devia saber quem eu era.

– Os sem-olhos estão soltos – foi tudo o que pude dizer.

Ela fechou os olhos.

– Eu não posso lhe ajudar. Não diretamente – ela pegou a haste de metal quebrada que costumava ser a Tocha. – Consertar isto vai levar tempo demais.

De repente tudo se encaixou e eu me dei conta de quem estava à minha frente. Era a Olivia que visitara Noble, que lhe contara a verdade e o infiltrara no mundo do comandante Gane.

A Olivia Original.

Ela não esperou pela minha opinião.

– A diretora Miranda tem outra Tocha. Tentar obtê-la seria quase suicida, mas não há outra maneira de salvar seu mundo.

Ficamos um momento em silêncio. Eu dei de ombros e falei:

– Eu não tenho nada melhor para fazer mesmo – mas eu não sentia toda a confiança que tentei transmitir.

Ela não engoliu a pose fanfarrona.

– Você sabe onde está?

– Na Terra Verdadeira.

– Sim. A Tocha foi desenvolvida para voltar para mim quando fosse quebrada. Mas adquirir a segunda da diretora não é a parte mais difícil.

Ela nem precisava me contar.

– Destruir os sem-olhos.

– Sim.

– O comandante Gane me disse o que fazer. Ele me disse como destruí-los na Verge.

– Que bom.

– Mas eu vou morrer.

Olivia acenou com a cabeça.

– Mas vai salvar o mundo.

Apertei firme as mãos e estremei. Eu queria gritar. Queria bater naquele rosto calmo e plácido.

– Tem que existir outra maneira.

Ela balançou a cabeça.

– Não existe. Para matar todos de uma só vez, você teria que estar muito perto deles com a Tocha. E quando eles se sentirem ameaçados, nem você conseguirá controlá-los. Tem que ser todos de uma vez. E você precisa ser o chamariz da armadilha.

– Eu não quero fazer isso.

Eu queria minha oportunidade para viver. Desde o dia em que abri meus olhos, tem sido sempre *assim*. Mas era bobagem minha dizer que eu não queria fazer, porque sabia que iria.

Ela também sabia.

Eu sempre me perguntei se haveria algo mais na minha vida, e de repente eu via que não. Tudo acabaria em breve, e eu não teria mais que lutar.

– E quando os sem-olhos se forem, o que a Terra Verdadeira vai fazer em seguida? – precisava saber que o sacrifício não seria em vão. Precisava que alguém dissesse que eu existi e nasci por um

bom motivo.

– Eles não vão parar, mas com isso vamos ganhar tempo.

– E se eu falhar?

– Seu mundo pertencerá a eles. Então não falhe.

Nesse caso eu abriria mão de tudo.

– Preciso voltar antes que deem pela minha falta – Olivia disse. – Mas preciso reabrir essa cicatriz na sua bochecha para que pareça recente. Nós não temos cicatrizes em nosso mundo.

Antes que eu pudesse protestar, ela levou uma faca até o meu rosto e a passou pela cicatriz que a sra. North me deixara. No início não senti dor, apenas a pressão. Então o sangue quente escorreu pela minha bochecha.

– Bom – então, rápida como uma rajada, ela disse: – Agora vá. A Torre Rosa fica logo depois da esquina. Você vai saber quando a vir. Ponha a mão na parede e entre. Diga a alguém que você foi atacada. Se alguém pedir seu número, fale M-dois-quatro-zero-sete. Lembre-se disso. Aja como se estivesse em casa, afinal ninguém poderá provar o contrário. Assim que você tiver a Tocha, poderá usá-la para voltar para o seu mundo ao simplesmente pensar nisso. Entendeu?

– Sim – respondi, ainda absorvendo as palavras dela. A bochecha ardendo até que ajudava. A dor me mantinha focada.

Ela pôs a mão na parede e a passagem se abriu de novo, mostrando-me um mundo com o qual eu não teria sequer sonhado.

– Mais uma coisa. Leve isto.

Ela pegou minha mão e a virou para cima, então pressionou um pequeno quadrado preto do tamanho de um carimbo na minha palma. Aquilo aderiu ao traje e se dissolveu como um líquido. Um segundo depois, senti aquilo atravessar a pele da minha palma de uma maneira que chegava a ser prazerosa.

– O que foi isso?

– Se você tiver alguma dificuldade, aperte o punho o mais forte que puder. Agora vá.

Atravessei até a passagem e ela se fechou atrás de mim, voltando a ficar invisível.



O AR CHEIRAVA A PINHO E METAL QUENTE, O MESMO AROMA que senti quando a Tocha começou a zumbir no chão do Salão Oval.

Gastei vinte segundos vasculhando as cercanias com um olhar estratégico, gravando o ambiente na memória. Não era nada que eu pudesse imaginar nem em um milhão de anos. Eu estava em uma passarela comprida e sinuosa. Olhando do cercado, o chão era como uma ideia distante lá embaixo. Em cima estavam as torres douradas, impossivelmente largas, conectadas por pontes cobertas e passarelas abertas. Cada torre era arredondada, com ângulos suaves, não pontudos, como estalagmites feitas de ouro, que pareciam se erguer a quilômetros de distância da Terra.

Tudo era de ouro, inclusive o céu. Um céu pouco natural, e ainda assim rico, profundo e lindo. Se houvesse nuvens, seriam de mel.

Eu me inclinei no cercado, olhando melhor para o chão.

– O que você está fazendo aqui em cima?

Eu me afastei do cercado e tentei disfarçar o quanto estava atordoada.

Era Noah. Mas não o meu Noah. Ele estava com o mesmo traje que eu, preto, mas imaculado. Ele claramente não tinha enfrentado combate algum. Seus olhos se arregalaram quando perceberam meu rosto ferido e o traje arrebitado.

– Que diabos aconteceu com você? Qual é seu número?

– M-dois-quatro-zero-sete – respondi automaticamente.

– Quem a atacou? – ele perguntou, sacando uma espada das costas. A espada murmurou e a lâmina ficou fora de foco para mim. Estava vibrando rápida demais para que eu a visse bem.

Tentei imaginar o que acontecia quando a ponta tocava na carne de alguém. Atrás dele, uma torre cor-de-rosa, o único prédio à vista que não era dourado.

Ele conferiu a passarela com o olhar, de cima a baixo.

– Eu perguntei quem a atacou. E por que você deixou fazerem isso no seu rosto?

O tom de voz dele não era familiar, o que estava realmente me confundido, afinal eu conhecia o rosto muito bem. Com ou sem espada hipervibrante, eu me recusava a deixar a missão acabar segundos depois de começá-la. Firmei os olhos e me aprumei para mostrar que ele não estava me intimidando.

– Estavam em três – respondi, compreendendo que a única saída pacífica pedia uma mentira.

– Eles quem? Eram Peters?

Aquele plural me soou tão estranho que levei alguns segundos para compreender. E justamente naquele momento ficou claro que meu número 2407 poderia significar que eu era uma de ao menos 2407 Mirandas. Se eu tivesse que apostar, tinha um bom palpite para a torre em que elas todas deviam estar.

Presumi que a pergunta dele implicava que os Peters fossem conhecidos por fazer coisas desse

tipo. Ou talvez os Noahs simplesmente não gostassem dos Peters...

– Sim. Eram Peters.

– Só podiam ser. Você se lembra dos números deles?

– Não, eu...

Sem aviso, ele me empurrou contra a parede de uma torre, e eu tive que me conter para não enfiar um cotovelo em seu nariz. Ele tirou uma pequena lanterna *laser* do bolso e a acendeu no meu olho.

– Mantenha aberto! – ele rosnou quando apertei os olhos.

Eu fazia força para mantê-los abertos, e ele fez um “hummm”.

– Hummm, o quê?

Ele levou o pulso aos lábios.

– Estou com a M2407, que vi vagando pelas passarelas altas, perto da Torre Rosa. Ela declara ter sido agredida por um trio de Peters. O traje dela está deteriorado. Por favor, informe – ele esperou alguns segundos. Eu me recostei na parede, sentindo-me envergonhada contra a minha vontade. Ele parecia enojado pelo fato de alguns Peters terem levado a melhor sobre mim. – O teste deu positivo para troca de memória, sim. Sim – ele olhou para mim de novo. – O que você estava fazendo aqui em cima?

– Eu não me lembro. Eles acertaram a minha cabeça algumas vezes – toquei com ternura acima da orelha direita e fingi estremecer. Ele não era mesmo como meu Noah. Não havia o menor sinal de malícia brincalhona em seus olhos, apenas intensidade. O rosto e o corpo eram de Noah, mas tudo por baixo era diferente.

Ele notou que eu o avaliava.

– O que foi?

– Nada.

Seus olhos desfocavam quando ele escutava a voz que eu não conseguia captar.

– Afirmativo – ele disse. Então, para mim: – Vá para a enfermaria, a do andar noventa. Eles querem fazer um download da sua memória para ver os agressores.

Eu não podia concordar. Aquilo iria terminar rápido com as coisas.

– Eu não os vi mesmo. Eles saltaram sobre mim e eu não pude ver bem depois que quebraram o meu nariz – o nariz estava inchado o bastante para parecer quebrado, com o sangue seco.

– Então como você sabe que eram Peters?

– Eu simplesmente sei.

Ele suspirou.

– Por favor, vá. Não dificulte isso para mim.

Ao menos eu estava indo para dentro da Torre. Comecei a percorrer a passarela, com o metal soando suavemente sob meus pés. Eu sentia os olhos de Noah em minha espinha. Atrás da Torre Rosa, um helicóptero lustroso se ergueu acima do prédio e se afastou, inclinando-se.

A passarela não se ligava mais aos prédios dourados, começando a se tornar uma ponte comprida a céu aberto para a Torre Rosa. A pulsação acelerava quanto mais eu chegava perto.

A circunferência da Torre Rosa tinha mais do que 800 metros. Ela preenchia todo o meu campo de visão, grande demais para ser vista de uma vez só. O metal cor-de-rosa era opaco, não brilhante como as torres à nossa volta. Eu me aproximei da parede e olhei por cima do ombro. Noah ainda estava me observando do outro lado da ponte.

– Abra!

Não havia nada para abrir, então eu fiz o que a Olivia fizera. Pus minha mão na parede e pensei

“abra”, para o caso de isso ser necessário, e a parede se repartiu em volta da minha mão. Quando olhei de novo, Noah se fora. Entrei em uma sala pequena com uma porta de elevador e mais nada. Era como se a sala aparecesse para mim exatamente onde eu precisasse dela.

A porta se abriu e mostrou um elevador em forma cilíndrica. Entrei e uma voz masculina suave me perguntou o andar.

– Noventa – respondi.

Meus pés grudaram no chão com dois ruídos metálicos, coisa que apreciei, porque no segundo seguinte o elevador passou a uma queda livre.



A enfermaria era grande, com altura de dois andares. Era neutra, fria e desconfortável, desnecessariamente grande. Havia camas ao lado das paredes, algumas delas ocupadas por pessoas que eu reconhecia sem conhecer. Duas Olivias, uma Miranda, quatro Rhys, seis Peters, um Noah. Pessoas como meus amigos, mas, ao mesmo tempo, provavelmente muito diferentes deles. A maioria estava com tipoias nos braços ou gesso com brilho pálido nas pernas, e fios ligados a umas espécies de torres de computador de plástico branco. Essas torres projetavam imagens holográficas sobre cada Rosa, exibindo os sinais vitais, que eram visíveis de qualquer ângulo.

Um homem completamente sem pelos em um jaleco branco se aproximou. Ele sorriu afetuosamente para mim.

– Qual é o problema, querida?

Ele ergueu o braço, apresentando as costas da mão para mim. Eu não tinha a menor ideia do que deveria fazer em resposta. Quando ele se aproximou o suficiente, toquei de leve as costas da minha mão na dele, o que lhe pareceu aceitável.

– Você esteve em uma briga – ele disse, inclinando-se e apertando os olhos. – Você sabe quem eu sou?

Eu hesitei, o que ele provavelmente tomou como dano cerebral.

– Sou o dr. Delaney. Você é a M-dois-quatro-zero-sete?

– Sou.

– Muito bem. A série dois mil é um ótimo grupo. Você pode me dizer o que aconteceu?

– Três Peters me atacaram – respondi automaticamente.

Ele soltou um som de desaprovação pela garganta.

– Essa rivalidade nunca termina – ele pegou minha mão e me levou para uma cama livre, onde eu me sentei e quase desabei. A cama era tão macia que quase me engolia.

– Agora, eu gostaria de fazer um download da sua memória pelos próximos dias, só para ver como as coisas estão correndo.

Minha garganta se comprimiu. Um download pelos próximos dias podia parecer tranquilo, mas, se ele visse as lembranças do que me levara até ali, bastaria só bater o olho para que meu passeio terminasse.

– Vou fazer uma gravação completa também, se você deixar – ele foi apertando botões na torre branca ao lado da minha cama e viu meu rosto se abater. – Não se preocupe, eu não vou nem olhar. É só por precaução. É bom ter um *backup* limpo para o caso de dano.

– Está bem – eu disse. Afinal o que mais poderia dizer? Mesmo que quisesse gritar NÃO, VOCÊ NÃO PODE FICAR COM A MINHA IDENTIDADE!, os outros Rosas nas camas não pareciam me notar nem se importar comigo. Se eu tivesse que lutar contra Delaney por causa do download completo,

alguém ali ficaria ao meu lado?

O médico acendeu uma luz nos meus olhos.

– Isso que é um nariz quebrado.

Os sem-olhos estavam matando pessoas naquele instante. Eu não tinha ideia de como encontrar a Tocha e ir para casa, e o dr. Delaney estava me tratando com gentileza. Eu preferia que ele fosse duro, frio e cruel, para que eu mantivesse a guarda levantada.

– Relaxe. Isso não vai doer – ele me mostrou uma tira de metal ligada a um fio grosso. – Você já usou isso aqui antes?

– Não – eu tinha que lembrar a mim mesma que ele supostamente estava ali para me ajudar. – O que é isso?

– É melhor eu mostrar a você – ele disse, levantando a tira até o meu nariz e apertando-a na minha pele.

Alguma coisa estalou no meu nariz; acho que afinal estava mesmo quebrado. O sangue seco nas minhas fossas nasais evaporou e pude respirar novamente. Os ferimentos e cicatrizes de todo o meu corpo se reduziram a nada, deixando-me renovada. Em alguns segundos, eu me sentia em ótimo estado. Cansada até os ossos, mas sem dor.

A tira de metal ficou laranja, em um tom ferrugem.

– Viu? Não é nada mal – eu ainda sentia o sangue e o suor secos na pele e no cabelo, mas não era nada que uma chuva não pudesse resolver. – Você vai encontrar um novo traje no vestiário. Jogue esse fora.

– Está bem – saí da cama, feliz por me ver livre. E realmente grata pela ajuda.

– Espere um segundo.

Ele veio com um disco pequeno, do tamanho de uma moedinha, com a letra M estampada. Ele pegou nos meus ombros para me virar, puxou meu cabelo de lado e colocou o disco na base do meu crânio antes que eu me desse conta do que ele iria fazer. O disco me causou um arrepio frio no início, depois se derreteu morno, espalhando-se pelo meu cérebro.

– Volte na semana que vem e nós vamos dar uma olhada. Você não precisará tomar as suas injeções enquanto isso estiver aí dentro. De qualquer maneira, se você se sentir mal hoje à noite, volte e venha me ver. Se ainda tiver problemas de memória, volte. Entendeu?

– Obrigada, doutor – então o disco iria gravar minhas memórias. Tudo o que eu tinha que fazer era não devolver e assim nossos segredos estariam a salvo.

– O prazer é meu, querida – ele se virou e se dirigiu para outra cama. Eu estava livre.

A constatação de que eu não tinha a menor ideia de aonde ir pesava em mim como um vestido de chumbo. Fui até o elevador, sentindo-me um pouco tonta com a tarefa a cumprir. Encontrar a diretora era uma coisa; arrancar a Tocha dela e sobreviver, outra. Até onde eu sabia, podia ser que ela dormisse com aquilo.

A porta do elevador se abriu, com um Rhys ali dentro. Um Rhys com braço ferido e um sorriso familiar. Os olhos dele demonstravam reconhecimento.

Continuei olhando para ele. Não podia ser...

– Sim. Sou eu. Por que todo mundo fica perguntando meu número? Como se eu quisesse que algum desses bundões ligasse pra mim.

Apesar do apocalipse em andamento, quase soltei uma gargalhada. Consegui me conter e entrei no elevador. O dr. Delaney me acenou amigavelmente da cama de uma Olivia. As portas se fecharam e nós nos atiramos aos braços um do outro, em um abraço tão apertado que as feridas curadas voltaram a formigar.

– O que você fez foi uma puta sacanagem, Miranda.

Dei um passo para trás e olhei para o rosto dele. Ele estava tentando ficar bravo, mas eu podia dizer que ele estava feliz em me ver. Mas também havia um pavor por baixo de tudo, em volta de seus olhos.

– Como você chegou aqui?

– Você sabe quanto tempo faz desde a última vez que corri uma maratona? Faz muito tempo.

– Onde está o Peter?

– Térreo – o elevador falou.

– Auditório – Rhys ordenou.

O elevador subiu, desta vez a uma velocidade normal. Eu ainda estava segurando os braços dele, como se temesse que ele pudesse desaparecer.

– Ele está em segurança?

– Eu não sei a resposta pra nenhuma dessas perguntas – ele mordeu o lábio inferior. – Nós chegamos até a Verge e atravessamos a Escuridão e... Eu acabei parando aqui. Tem um portal logo aí fora. O rastreador que você engoliu apontava pra cá – ele ergueu o pequeno aparelho e o balançou.

Rhys ainda não sabia.

– O que foi? Achei que você ficaria feliz ao me ver.

– A Tocha está quebrada. Eu a quebrei quando matei Nina. Os sem-olhos estão soltos no nosso mundo.

Ele franziu o cenho.

– Entendi.

– Então precisamos encontrar a diretora agora mesmo. Talvez juntos possamos vencê-la e tirar a Tocha dela.

– Estamos indo na direção certa – ele falou, com os olhos nos números crescentes. – Eu passei por alguns Rosas que estavam falando sobre o auditório. Alguma coisa está acontecendo. A diretora vai estar lá. Mas parece que um monte de gente também. Você acha que descer a mão e agarrar é a jogada certa?

Antes que eu pudesse responder, as portas se abriram, e eu vi exatamente por que iríamos perder aquela guerra.



O AUDITÓRIO ERA MAIOR DO QUE QUALQUER COISA DO meu mundo. Ele tomava a circunferência toda do prédio e parecia ter ao menos 400 metros de diâmetro. Cerca de quatro campos de futebol. As fileiras de assentos eram centenas de círculos concêntricos voltados para o centro, como em um teatro grego antigo. No centro, um tablado erguido com cinco cadeiras que mais pareciam tronos. O auditório era cilíndrico, devia ter uma altura de dez andares.

E estava lotado.

Quase todos os assentos eram ocupados por um Rosa com um traje preto com escamas. Alguns deles tinham escamas douradas ou prateadas. Alguns eram vermelho-escuros, em tom de sangue seco ou rosas frescas. Provavelmente eram os oficiais. Mas a maioria estava de preto, como nós. Vestíamos as cores dos postos mais baixos, foi o que pensei.

Devia haver milhares ali, todos sentados em grupos de cinco. Cada equipe tinha sua versão da Equipe Alfa, com todas as suas vidas individuais e necessidades e pensamentos.

Rhys estava quieto ao meu lado. Quando finalmente olhou para mim, estava de queixo caído. Não havia nada a dizer.

Simultaneamente, todos se levantaram. Uma grande saudação, ensurdecadora, tomou conta do ambiente. Alguns Rosas batiam no chão com os pés blindados. Vasculhei na multidão a causa do furor e vi cinco figuras em fila andarem até o tablado, distantes, mas ainda reconhecíveis. Eles acenaram para a multidão. Todos os cinco estavam vestidos com escamas douradas e capas vermelhas esvoaçantes. Era outra Equipe Alfa, mas não eram os clones. Eram os Originais. Olivia estava entre eles, andando mais atrás, com o Noah Original. Vê-la me deu uma fagulha de esperança que não durou muito. Ela podia dizer que estava me ajudando, mas olhando de onde eu estava já não me convinha tão bem. E, se estava, não havia muito que ela pudesse fazer por mim.

Vi a diretora na dianteira, lado a lado com o Rhys Original.

O mais importante era que a diretora não estava com a Tocha. Quase sorri, mas em vez disso suspirei com um alívio parcial. Deveríamos estar procurando por ela, mas não havia maneira de sair dali, não tão cedo. Rhys estava certo, alguma coisa estava acontecendo.

– Ela não está com a Tocha – eu disse a Rhys.

– Estou vendo. Vamos esperar um minuto?

Eles subiram as escadas até o tablado, foram até os tronos e acenaram para os Rosas, que gritaram e os saudaram, assobiando e aplaudindo.

Havia alguns poucos lugares vazios em uma fileira perto de nós. Puxei Rhys, que estava nas sombras perto do elevador, e fomos nos sentar. Eu estava atrás de uma garota com cabelos ruivos, uma *eu*. Rhys estava atrás de uma versão dele mesmo. Mais ao longe, na mesma fileira, havia outra equipe, mas o Peter na ponta não nos lançou um único olhar. Nós não tínhamos a equipe completa, mas ao menos nos misturávamos ali como parte do todo.

– Obrigada – a diretora disse, com a voz amplificada alcançando o auditório inteiro. Sob as luzes, seu cabelo parecia loiro em vez de arruivado. Não era como eu me lembrava na memória da sra. North.

Em dado momento, os Rosas se aquietaram e começaram a se sentar. Os Originais tomaram os assentos ao mesmo tempo. A distância era grande demais para captar os detalhes, mas eles eram idênticos a nós. Jovens, apesar de incrivelmente velhos. Era só trocar os trajes dourados pelos nossos pretos que ninguém poderia dizer que eram a cúpula que governava este mundo. Aquilo me reconfortava. Eles eram como nós. Se nós podíamos morrer, eles também podiam.

– Obrigada – a diretora repetiu, parando de uma vez todo o falatório. A voz dela explodia por todo o auditório, por mais que ela mantivesse o tom suave. Não havia eco, apenas aquela voz nos meus ouvidos. – Vocês sabem por que estão aqui – o auditório inteiro retomou o furor e a diretora teve de erguer as mãos para obter silêncio. – Vocês sabem por que estão aqui, e eu agradeço a vocês, suas Mães e seus Pais agradecem a vocês, pela paciência.

Toda a parede do auditório ao redor de nós era preta.

De repente, ela mudou para vermelha.

Rhys pegou minha mão e a apertou. Eu apertei de volta.

Lentamente, o vermelho mudou para um vídeo de chamas, e não era mais uma parede, era uma tela. Um telão gigantesco que envolvia todo o ambiente em 360 graus, que mostrava cidades queimando, vulcões explodindo, ondas enormes de centenas de metros despencando na terra. Vi versões de Nova York e de Los Angeles. Vi cidades com torres brilhantes mais altas do que qualquer coisa que eu já vira. Cidades inteiras de vidro, cintilando sob o sol. Cidades escavadas nas montanhas, vilas inteiras talhadas nas rochas. A câmera mostrava panorâmicas de centenas de lugares estranhos. Mundos que tiveram seus próprios povos e suas próprias histórias.

A diretora continuou:

– Durante mil anos, os sem-olhos têm sido nossos protetores. Nós os guiamos a incontáveis reinos. Reinos que causariam mal à Terra Verdadeira. Eles foram incansáveis e eficientes. Mas não vão mais trabalhar sozinhos.

Ela esperou. Um falatório nervoso ondulou pelo auditório. *Mil anos*. Não podia ser. Os Rosas estavam cochichando em seus assentos.

– Por todos esses anos, os Rosas protegeram este mundo daqueles que iriam destruí-lo por dentro. Vocês têm sido tão incansáveis quanto os sem-olhos. Conforme o tempo passou e nossos inimigos morreram, sua função como protetores desse reino de ameaças internas se tornou mais cerimonial. Em resumo, não há mais inimigos a combater. Não aqui em casa.

O Peter Original se adiantou, com a voz ribombando:

– É isso o que acontece quando os Rosas assumem uma missão. Devo lembrar à nossa adorável diretora que a principal rebelião foi esmagada em *quatro dias*.

Isso rendeu risadas de alguns, assobios e aplausos de muitos. Alguns Peters próximos bateram no peito uns dos outros, inebriados com o elogio feito pelo Original deles. O pavor em minha barriga se espalhou. Nosso inimigo era antigo e tinha sido bem-sucedido em outros mundos mais gloriosos que o nosso. Era mais fácil saber disso com a prova visual em um telão de dez andares.

– Sim – a diretora disse, sorrindo. – Obrigada por isso, Peter. Não vamos nos esquecer de onde viemos. Lembrem-se de que uma vez fomos como os inimigos que agora combatemos. Antes de nós, havia caos.

Enquanto ela falava, as imagens prosseguiram. Elas mostravam os sem-olhos se espalhando por cidades de mundos diferentes.

Rhys não soltava minha mão. Ele apertou mais uma vez e sussurrou no meu ouvido:

– Acho que já vi o suficiente. Vamos procurar a Tocha.

Eu olhei mais uma vez para o tablado. Os Originais estavam desarmados, exceto pelos corpos.

Tentei imaginá-los vivendo por mais de mil anos, e meu cérebro não conseguia assimilar.

– Temos que vasculhar o escritório dela agora – ele disse, apertando mais forte a minha mão.

Eu me sentia enraizada naquele lugar. Ao ver tudo aquilo, uma multidão como *nós*, regozijando pela destruição de tantas vidas. De tantos mundos. Para quê?

Para quê?

Rhys fez menção de se levantar, mas eu apertei os dedos na mão dele.

– Espere – eu não sabia por que queria ver aquilo. Achava que era preciso. Talvez quando o horror evaporasse sobrasse força.

A diretora continuou:

– Nem todos vocês poderão se unir a nós na luta contra esse novo mundo. Alguns precisarão permanecer para proteger o reino, ao menos por enquanto, até podermos revezar as equipes. Então vamos pedir para que voluntários permaneçam. Todos trabalharam duro por este dia, e aqueles que se oferecerem serão recompensados. Não queremos ter que escolher – ela olhava à esquerda e à direita para os outros sentados no tablado. Eu queria estar mais perto. – Ainda não determinamos uma recompensa, mas prometo que será generosa.

– Você sabe onde fica a sala da diretora? – a voz de Rhys soava diferente. Ele estava desesperado para sair logo.

Eu não olhei para ele, não queria ver meu próprio medo refletido.

– Não. Espere. Espere um pouco.

A formalidade parecia ter desaparecido daquele lugar. Era como uma gincana na escola, quando os professores falavam com os alunos e eles não conseguiam parar quietos em seus assentos, querendo ação. Mas não era uma ocasião festiva. Eles não estavam exultantes para ganhar de um time de basquete rival, apesar de parecer isso. Não, os sorrisos, as risadas sutis e os tapas nas costas eram porque estavam prestes a acabar com um mundo inteiro.

– Eu vou sem você. E provavelmente vou me perder – Rhys disse.

– Não, não vai – eu não o deixaria ir sem mim.

– Estou me levantando agora mesmo.

– Espere mais, por favor – eu devia ter ido quando Rhys quis; alguma coisa que eu não queria ver estava por vir. Eu sabia. E mesmo assim não me mexia.

A diretora não tinha acabado ainda. A voz dela ressoou:

– *Agora olhem para o nosso inimigo!*

Meu coração parou quando Rhys finalmente se levantou e me puxou para fora do meu assento. Eu o segui, com os olhos ainda presos no telão. Rhys apertou o botão do elevador com a palma cheia. As portas se abriram, e ele me empurrou lá dentro e prendeu meus braços no fundo do elevador.

– Fique boazinha – ele disse.

Antes que as portas se fechassem, captei um vislumbre do meu mundo, de soslaio.

O Rosa na tela parecia ter muitos andares de altura. A Casa Branca atrás dele era ainda maior. Eu sabia que era ele. Não havia dúvida. E aquilo acabou com qualquer força que ainda sobrava em mim.

Peter estava apoiado em um joelho, coberto de sangue, cercado por três sem-olhos. A espada dele estava encharcada de sangue e bambeava. Eles o rodeavam como lobos, as garras raspando o concreto.

Então as portas do elevador se fecharam.



APERTEI O BOTÃO PARA ABRIR A PORTA, MAS JÁ ESTÁVAMOS subindo. Então tentei chutá-la, gritando, e Rhys me envolveu em um abraço de urso até que eu parasse de me debater. Ele me apertou tão firme que fiquei sem fôlego para gritar e sem espaço para inalar. Então ele me soltou e desfaleci na porta, esforçando-me para respirar. O metal resfriava minha testa.

– Andar? – o elevador perguntou.

– Apertei forte demais? – Rhys perguntou.

Precisei respirar antes de responder. Minha mente estava em chamas.

– Esta é a melhor maneira de ajudá-lo. Nós pegamos a Tocha, então vamos para casa deter aqueles monstros. O que poderíamos fazer no auditório? – ele me virou e me forçou a olhar para ele.

– O que poderíamos fazer, hein?

– Nada – ele estava certo. Eu sabia que estava, mas isso não me acalmava. Eu o empurrei. – Por que você o deixou pra trás? – cuspi um pouco ao falar.

– Andar? – o elevador disse mais uma vez.

– Escritório da diretora – respondi.

Eu não achei que fosse funcionar, não até o elevador subir de repente, suave como um berço. A raiva não diminuía, o que não era uma coisa ruim. Ela poderia me deixar mais forte se eu conseguisse dominá-la.

– Peter está bem – Rhys disse. – Você viu o rosto dele – ele conhecia a determinação de Peter, sua total recusa a falhar. Eu ficaria com pena dos sem-olhos que ele estava enfrentando, se isso fosse possível.

Eu via por que Peter estava se afastando de mim e por que eu estava me afastando dele. Meus sentimentos por ele quase me fizeram voltar correndo para o auditório. Se fosse Rhys em apuros, será que eu teria feito o mesmo, ou teria conseguido manter o sangue-frio necessário para priorizar a missão? Eu precisava esquecer Peter, confiar na habilidade dele.

No reflexo das portas, vi Noah ao lado do Rhys. Quando me virei, ele desapareceu. Rhys estava de olhos fechados e não percebeu meu movimento brusco.

“Vá embora”, pensei. Depois: “Você está aqui?”.

Nenhuma resposta. Que bom, pelo jeito eu estava começando a ver coisas.

O elevador subiu aparentemente por minutos, rápido o suficiente para desgastar meus joelhos. Então, de repente, paramos e as portas se abriram e revelaram um escritório, idêntico ao do comandante Gane. As quatro paredes da pirâmide eram de vidro. Na lembrança da sra. North, a diretora as havia deixado escurecidas, mas desta vez eu podia ver o céu dourado inteiro em todas as direções e, atrás da mesa, a imensa camada azul de oceano, como se fosse vista de um avião.

Rhys não se importou muito com a vista; ele só tinha olhos para uma coisa: a Tocha bem ali na mesa, com o globo rubro opaco na ponta.

Estava fácil demais.

A menos que a diretora tivesse confiança excessiva de que a ideia de alguém pegar a Tocha era simplesmente absurda.

Saí do elevador; Rhys veio junto.

– Pegue – ele disse, tão ousado quanto eu me sentia.

Concordava com ele, era hora de dar o fora.

Fui até a mesa e meus dedos pairaram acima da Tocha. O bastão emitiu uma espécie de estática que senti na ponta dos dedos, através das luvas.

Ouvi as portas do elevador se abrirem ruidosamente mais uma vez.

– Miranda! – Rhys gritou.

Agarrei a Tocha e girei, sentindo que ela procurava por sem-olhos nas proximidades. A lâmpada soltou o brilho vermelho bem quando cinco Rosas vestidos em trajes dourados saíram do elevador. Eles puxaram as espadas ao mesmo tempo. Miranda, Noah, Peter, Rhys e Olivia, da esquerda para a direita. Não eram os Originais, apenas uma equipe de elite.

Peter deu um passo à frente.

– Contra o decreto real seis-um-cinco, vocês entraram no escritório de uma Mãe sem permissão expressa. Abandonem a Tocha e se ajoelhem diante de nós ou enfrentem a justiça da Terra Verdadeira – ele recitou isso como se estivesse entediado. Não passava de trabalho.

Meu Rhys olhou para mim com a sobrancelha erguida, então perguntou: “Vamos tentar?”.

Mas nem chegamos a tanto. Minha mão ainda não tinha se fechado no cabo da Língua de Fogo quando uma estática esquisita percorreu toda a minha pele. A estática ficou sólida no segundo seguinte, fechando-se sobre mim como um visor. Eu já conhecia aquela sensação. Peter estava com as mãos estendidas, os dedos curvados como se segurasse dois ovos invisíveis. Lentamente, ele nos forçava a ajoelhar.

– Nós somos especiais – Miranda falou, sorrindo.

Os cinco nos cercaram, então Noah e Olivia puxaram meus braços para trás e prenderam os pulsos rispidamente. As algemas se encolheram até deixarem meus dedos formigando, inchados com o sangue represado. Quando Peter virou de volta para o elevador, vi um calombo entre suas omoplatas, debaixo das escamas douradas. Era o mesmo equipamento de Gane, o que trazia implicações para as quais eu não estava preparada nem queria avaliar naquele momento.

Ninguém disse nada na descida. Ninguém nem tossiu. Eu passei esse tempo pensando em como nós tínhamos perdido.

A voz de Noah me pegou de surpresa:

– Desde quando você desiste?

Eu não sabia o que dizer.

– Você realmente não é a Miranda que eu conhecia.

Aquilo doeu. Minhas bochechas ardiavam. Como ele ousava relembrar aquilo quando era culpa *dele* que a garota antes de mim morrera no beco?

– Pense em um plano – Noah incentivou. – Não desista. Se não for por mim, que seja pelo Peter. Sem mencionar o mundo inteiro.

“Você vem e vai quando quer, que bom pra você.”

– Eu estou tentando não lhe distrair. Mas nunca fui embora. Nunca poderia. Você precisa lutar. Se não for você, quem vai conseguir? Quem, Miranda?

Eu o sentia recuar para algum canto escuro de novo. A ausência deixou um vazio em mim, como antes.

Um minuto depois, as portas se abriram. As celas eram cubos de plástico claro sem portas visíveis nem barras ou fechaduras. À esquerda, duas das paredes se abriram. Então Noah e Olivia me empurraram para a primeira e Rhys para a segunda. As portas se fecharam atrás de nós; as algemas se soltaram dos pulsos e tombaram no chão. Esfreguei os pulsos até que o formigamento nas pontas dos dedos virasse dor. Quando me virei para trás, os cinco dourados tinham desaparecido.

Uma pessoa ocupava o cubo mais afastado da prisão, mas estava dormindo. Parecia ser um Noah. Além dele, estávamos completamente sozinhos. Apenas paredes completamente brancas e plástico claro sem qualquer fissura evidente.

No cubo ao lado, Rhys esfregava os pulsos e balançava lentamente a cabeça. Um tendão em sua mandíbula latejava. No segundo seguinte, ele estava na frente de seu cubo, batendo com os punhos no plástico e gritando com toda a força. Era o som de uma raiva primitiva, e eu me lembrei de que não éramos tão indefesos. Bastava nos soltar para ver que éramos tão letais quanto qualquer Rosa do auditório. Ou talvez mais. Afinal, nós tínhamos algo pelo qual lutar.

Rhys socou a parede entre nós. O plástico fez um baque violento, e ele deu um passo para trás, com a mão tremendo.

– Tá se sentindo melhor?

Ele só tinha que erguer um pouco a voz para que eu o escutasse:

– Não muito. Mas até que é uma dor boa. Você devia experimentar – ele abaixou as mãos, com uma expressão evidente de desgosto.

– Ah, sei – ver o desespero dele misturado com raiva facilitava um pouco para mim, por mais terrível que isso soe. A desgraça adora companhia, acho.

– Noah não tem nenhuma ideia? – ele perguntou. – Ele ainda está por aí, não está?

– Deixe-me perguntar.

– Não – Noah disse.

– Não – eu disse.

Rhys pareceu um pouco atordoadado, mas de repente riu.

– Será que ele... Pensou no assunto? – falou, entre uma risada e outra.

Eu riria se tivesse energia. Mas ver Rhys gargalhando tornava impossível ao menos não sorrir.

– Diga a ele que eu falei *oi*. Diga que ele me deve cinco pratas pela aposta da semana passada. Vou pegar na gaveta de meias dele.

– Oi, Rhys. Encoste no meu dinheiro e eu vou assombrar você.

Por algum motivo, aquilo mexeu comigo.

“Você não é um fantasma.”

– Ainda não.

– Ele disse... – eu tentava dominar a pressão que aumentava atrás dos meus globos oculares. Não queria chorar.

Não iria chorar.

A porta principal se abriu atrás de mim, um par de visitantes apareceu. Dois Originais, brilhando em escamas douradas e capas vermelhas que iam até os calcanhares

A diretora e o Rhys Original.



O RHYS ORIGINAL PARECIA EXATAMENTE COM O MEU, nem mais velho nem mais novo. O cabelo loiro estava mais comprido e penteado para trás, curvando-se no pescoço, não repartido para os lados como o meu Rhys preferia. Eu podia ver centenas de reflexos meus nas escamas douradas de seu traje. Não era difícil ficar impressionada na presença de seres que vivem há mais de mil anos. Contudo, eu não queria me sentir assim; queria olhar para eles de cima para baixo. Ou ao menos olhar para eles de igual para igual. Soube naquela hora como conseguiram causar tanto alvoroço no auditório. Eles eram completamente seguros, completamente competentes, isso transparecia. Era uma energia que preenchia o ambiente. Não chegaram a sorrir, mas pareciam felizes. Satisfeitos. E só poderiam mesmo estar, sendo as cinco pessoas mais poderosas de todos os universos.

Eles nos avaliaram em silêncio por 30 segundos. Para contar ponto a nosso favor, nós não dissemos uma palavra, apenas devolvemos os olhares. Minha nuca começava a coçar. O cabelo da diretora realmente estava dourado, não ruivo. Pelo jeito, a capa vermelha brega não era o bastante para diferenciá-la de seus clones.

– O que faremos com eles? – disse, enfim, o Rhys Original.

“Solte-nos. Dê-nos uma chance de lutar.” Ignorei isso como possibilidade concreta. Mas bem que me ocorreu que talvez, apenas talvez, eles nos subestimassem. E que talvez pudéssemos nos valer disso.

A diretora me observou com uma ponta de decepção no rosto, que até então estava com uma expressão neutra.

– O que vocês estavam fazendo no meu escritório?

Ao que parecia, eles não sabiam quem nós éramos. Eu ainda podia ser a Miranda 2407.

Rhys abriu a boca e emitiu uma sílaba, mas eu o interrompi:

– Eu queria ver a Tocha. Sinto muito.

A palma da minha mão coçava bem onde o quadrado preto se dissolvera através do traje. Pensei em apertar tão forte quanto pudesse, mas talvez ainda não fosse a melhor hora.

A diretora rolou os olhos.

– Por favor. Eu sei quem vocês são.

Então eu estava errada. Mas, se a diretora fosse mesmo tão sábia, se fosse movida por coisas acima do ódio, talvez eu pudesse argumentar. E, de toda forma, eu sabia que ela subestimava minha determinação.

Não pude impedir o momento de fraqueza que veio em seguida, porque eu tinha que tentar, não importava o quanto parecesse desfavorável. Nunca fui de implorar, mas desta vez apertei as mãos contra o plástico e senti meu rosto se contorcer.

– Por favor. Por favor, pare. Nós podemos chegar a algum acordo. Você pode fechar a passagem

para o nosso mundo, nunca mais vai ouvir falar de nós novamente.

O Rhys Original disse:

– A passagem não pode jamais ser completamente fechada. Todos os mundos agressivos e ignorantes foram aniquilados antes que pudessem crescer além do controle. O seu mundo é agressivo e ignorante.

Bati com os punhos no vidro, com força e raiva. Eles nem piscaram.

– E vocês não podiam pensar em uma maneira melhor de nos manter sob controle? *Monstros!* Vocês enviam animais para o nosso mundo para *nos comer*. Vocês... Vocês... – eu queria continuar, mas não havia qualquer alteração emocional na expressão deles. Era a mesma coisa que gritar com robôs. Acho que, por fazerem aquilo há mil anos, já não sentiam mais nada. O fim para nós era como um dia normal para eles.

– Os sem-olhos garantem que o mundo continue intacto para futuras gerações. Para um repovoamento sob nossos termos, com controle cuidadoso – o Rhys Original explicou. Observei o meu Rhys com o canto do olho. Ele olhava para o seu progenitor com ódio puro.

– Nós não oferecemos ameaça a vocês. Meu mundo nem sabe a respeito da Escuridão – minha voz soou mais fraca do que eu gostaria. Argumentar com eles me esgotava como uma hemorragia por mil cortes. Palavras não iriam mudar. Nada iria mudar até que eu estivesse livre e com uma espada na mão.

– O ponto é este: um dia saberá – a diretora disse suavemente.

– Estamos atrasados – o Rhys Original disse. Então ele sorriu para mim. – Nossos monstros precisam comer.

– Pare – ela disse para ele, quase em tom brincalhão. Para mim, ela falou: – Vamos conversar mais uma vez quando voltarmos. Enquanto isso, o dr. Delaney vai examinar as suas lembranças para saber quem mais está ao seu lado.

E, sem mais, eles se foram. A porta fechou silvando atrás.

Depois disso, as coisas ainda pioraram. Rhys se recolheu em um canto do seu cubo e esfregou os dedos nas têmporas. Eu sabia como ele estava se sentindo – como um animal enjaulado. Fiquei andando de um lado para o outro na pequena área do meu cubo, tentando pensar, deixando a emoção de lado. “Uma mente calma é uma mente eficiente”, *Sifu* Phil costumava dizer. Na verdade, eu devo ter inventado isso, mas soou como algo que ele poderia ter dito.

Depois de um tempo, Noah apareceu no canto e ficou me observando enquanto eu andava. Eu não olhei para ele. Seus olhos escuros só me faziam lembrar das pessoas com quem eu falhara.

Eu visualizei o exército de Rosas marchando naquele momento, levando ainda mais caos a um mundo confuso e apavorado que já estava sob ataque. Era como se depois da queda viesse o coice. Aquele inimigo extra iria emergir do nada e marchar nas nossas ruas, ajudando os monstros no extermínio. As pessoas não iriam apenas morrer em agonia. Elas morreriam com um pânico que jamais imaginariam poder sentir.

◦ ◦ ◦

– Conseguiu alguma coisa? – Rhys perguntou, uma hora depois.

Uma *hora* havia se passado.

“Quantos mortos?”

– Alguma coisa? – ele repetiu.

“A culpa era minha? Eu tinha errado?”

– Não.

Ele não me perguntou uma terceira vez.

○ ○ ○

O dr. Delaney chegou no meio da segunda hora. Ele olhou para mim como se eu o tivesse traído. Eu quase me senti mal, já que ele me ajudara, mas não cheguei a realmente me remoer. Ele ainda estava do lado deles, então era um inimigo.

Os cinco Rosas dourados que nos capturaram voltaram e abriram a porta da minha cela; a liberdade repentina acendeu alguma coisa em mim que eu não podia controlar. Uma última tentativa, acho. Parti para cima deles. Peter apontou um rifle para mim e atirou um dardo que perfurou meu abdome, e sangue brotou por baixo do traje. A droga surtiu efeito quase imediato. Ondas de calor percorreram as veias, ramificando-se como galhos de árvore. Elas chegaram ao cérebro, meus olhos nadaram. A droga não me pôs para dormir, mas me amoleceu o bastante para que me levassem de volta à enfermaria.

○ ○ ○

Eu desmaiava e acordava sucessivamente, pescando enquanto me arrastavam pelo corredor. O caminho era pavimentado de ouro. Parecia ser um elemento bem comum por ali. Ou talvez tivessem um excedente de tinta dourada. Quando vi a cama com amarras, tentei chutar e socar e morder, mas àquela altura o veneno já se espalhara por todo o meu sistema nervoso. O melhor que eu conseguia fazer era gemer. Rhys ia arrastado por dois Rosas no outro lado da enfermaria. “Não nos amarre”, eu queria dizer. “Deixe-nos em paz. Nós somos como vocês.”

Eles me puseram na cama e amarraram meus tornozelos e punhos na borda.

– É para deixá-la com o traje? – alguém perguntou.

– Só preciso dela do pescoço para cima. Pode deixar assim.

O rosto de Delaney apareceu na minha frente, bloqueando a luz do teto.

– Olá, Miranda. Vou recolher suas lembranças agora. O ideal é você relaxar a mente. Não quero que isso seja dolorido.

As palavras de Olivia ecoaram na minha mente. “Se você tiver alguma dificuldade...”

Eu diria que estava com boas dificuldades.

“Aperte o punho o mais forte que puder.”

Apertei o punho como se fosse socar alguém, o mais forte que pude.



O RESULTADO FOI IMEDIATO. O CALOR QUE CONTAMINOU o braço era diferente do veneno. Veio um clarão, quente e elétrico. No início eu me perguntei por que não fiz aquilo antes. Meu coração batia tão forte que parecia martelar contra as costelas. Cada respiração me dava mais forças, até eu me sentir estourando dentro do traje. A vista avermelhava a cada novo batimento cardíaco.

Ergui os braços e as tiras nos pulsos se romperam como se fossem barbante. Eu me sentei e arranquei as dos tornozelos. Delaney se virou para mim e deixou cair a bandeja com instrumentos. Os cinco Rosas dourados sacaram as espadas e as mantiveram erguidas. Peter levantou o braço, mas ele era lento, muito lento.

Peguei a cama e a arremessei contra eles.

Derrubei três de uma vez. Escorregaram pelo chão, revirando outras camas. Os dois que sobraram vieram direto para mim, mas os golpes estavam em câmera lenta. O golpe de cima para baixo de Noah foi risível. Dei um passo para trás dele antes que a espada descesse até o fim, então o soquei na base do crânio. A pancada vibrou em meu antebraço. Miranda tentou me cortar na barriga, mas eu desviei dobrando o corpo e a ataquei com as costas da mão com tanta força que quebrei seu pescoço. Ela tombou e eu peguei sua espada antes que caísse no chão.

Peter e Olivia estavam inconscientes. Mas Rhys empurrou a cama revirada de cima dele e se levantou, com a espada em riste.

– Largue-a – ordenei.

Ele não obedeceu. Eu me esquivei quando ele avançou e o ultrapassei pela direita, arrastando a lâmina em sua garganta.

Quando terminei, eu estava no meio da enfermaria, ofegante, procurando por um novo alvo. Os outros clones que ocupavam as camas observavam-me com olhos arregalados, esperando para ver o que eu faria em seguida, mas não estava preocupada com eles. Delaney estava escondido atrás de uma das camas reviradas. Minha força diminuiu e eu me senti enjoada, com os pés trêmulos.

Vi Rhys amarrado em uma cama, como eu estava um pouco antes. Ele olhou para mim, boquiaberto.

Não senti nada além do meu sangue acelerado. As pessoas no meu mundo estavam morrendo de maneiras terríveis naquele exato momento.

– Solte-me – Rhys pediu. A voz dele estava rouca.

Puxei as amarras, mas a força artificial se fora. Tive que usar a espada ensanguentada para libertá-lo. Ele saiu da cama e checkou a pulsação, então se apropriou de algumas armas.

– Você precisa me contar como fez isso.

De repente, eu mal podia ficar em pé. A força que ia me abandonando parecia levar uma parte da minha força natural. Eu me inclinei na cama, e Rhys pôs a mão nas minhas costas.

– Obrigado por me salvar. Você tá bem?

Não, eu não estava. Olhei para a confusão que eu causara e comecei a me sentir mal. Não saberia dizer se eles eram maus ou se haviam sido criados apenas para cumprir esse trabalho, como nós, antes de entendermos as coisas. Mas, se tivessem tendência para a bondade, procurariam entender as coisas. A formação e a superioridade não eram desculpa para extermínio de planetas inteiros. Muito pelo contrário.

– Não pense nisso – Rhys avisou. – Vamos pensar mais tarde, tá bom? – ele ajeitou uma mecha de cabelo suado atrás da minha orelha, então pôs as mãos em meu rosto para me forçar a olhar em seus olhos. Eles estavam brilhando com força. – Nós temos um mundo para salvar.

Eu reuni a força que ainda me sobrava e renovei-a com esperança. Estávamos livres, nada iria nos deter.



Voltamos para o auditório. Os Rosas estavam se afunilando pela saída na extremidade. Os Originais não estavam mais lá. Rhys e eu vagamos perto da fila de Rosas que saíam. Nenhum prestava atenção em nós. As equipes de cinco pareciam se manter nos grupos, conversando em tom empolgado sobre o que os esperava. Eu sabia o que os esperava; eu tinha visto.

“Você está aí?”

Minha força oscilava como a maré, desestabilizando meu equilíbrio. Minha vista escurecia de tantos em tantos minutos, como se eu perdesse a consciência por um milésimo de segundo. Eu me perguntava se aquela coisa tinha efeitos colaterais a longo prazo. Eu me perguntava se viveria o suficiente para descobrir.

– Estou aqui – Noah respondeu.

“Você ainda está comigo? Até o fim?”

– Estou, mas é difícil. Você não está fazendo de propósito, mas sua mente não quer que eu fique aqui. A sensação é como... tentar não me afogar com alguém puxando minhas pernas para baixo da água.

Ele devia estar sentindo o terror que tomava conta de mim.

– Eu disse que não é sua culpa. Não precisamos de uma DR por causa disso.

O tom de voz dele quase me fez sorrir. Ele conseguia fazer piada nas piores situações.

– Foi a Nina também – ele disse. – Lutar contra ela exigiu muito de mim. Eu estou um bagaço aqui.

Eu queria torná-lo uma pessoa inteira de novo. Ele salvara minha identidade. A minha *vida*. Sem ele dentro da minha cabeça, a esta altura eu seria a Nina.

A multidão de Rosas se moveu mais alguns metros adiante. Eles estavam se apertando em um túnel à frente. Ficamos um pouco mais distantes, para que ninguém falasse conosco.

“Se eu conseguir pegar a Tocha...”

– Você disse isso. Eu estou pronto. Eu estou pronto e estou aqui.

“Se eu matar os sem-olhos, vou morrer.”

– Eu estou aqui com você.

Mas não estava. No segundo seguinte, eu o senti evaporar. A cada vez que isso acontecia, eu me perguntava se ele iria voltar. Precisava arrumar um jeito de transferi-lo para um corpo novo. Assim que ele voltasse, ficaria feliz. Feliz por estar vivo, por respirar ar e ver as coisas com os próprios olhos.

Se ao menos eu tivesse mais tempo.

Ouvi passos atrás de mim e me virei, com a mão pronta na espada. Olivia estava a alguns passos de nós, meio escondida nas sombras, com um largo portal para a Escuridão atrás dela. O manto vermelho era a única coisa que me impedia de avançar contra ela.

– Você está indo na direção errada – ela disse.

Eu abaixei a Língua de Fogo.

– O que você está fazendo aqui?

Ela suspirou.

– Estou oferecendo a única esperança que seu mundo tem. Eu não tenho tempo.

– O quê? – Rhys quis saber, esperançoso.

– Venham ou fiquem aqui. Preciso voltar antes que minha ausência seja notada.

Ela deu alguns passos para trás, atravessou o portal, e desapareceu, tão silenciosa quanto se passasse para trás de uma cortina.

– Eu não... – Rhys começou.

A frase dele parou no meio, quando eu dei um passo em direção à Escuridão, puxando-o comigo.



NO INSTANTE SEGUINTE, EU ESTAVA NA QUADRA DE uma escola. Na quadra da *nossa* escola, perto de Cleveland. Na última vez, estava escuro e cheio de estudantes e eu dancei com Peter e Noah. E o DJ fez aquele anúncio e a garota que conhecíamos como Sequência se tornou Nina. Desta vez estava iluminada e vazia, a não ser por Peter, Noble e Sofia, que estavam juntos no meio da quadra. Vê-los vivos me proporcionou uma alegria inédita, um bálsamo temporário para as feridas, as mais profundas, que não eram físicas.

Peter estava sentado com as pernas encolhidas, segurando o braço sobre o colo. O traje dele estava rasgado na altura do cotovelo, sem um pedaço, e o antebraço estava envolvido em bandagens ensanguentadas. Fui direto até ele e me ajoelhei e apertei os lábios nos dele. Ele tinha forças ao menos para erguer a mão e passá-la suavemente em meu cabelo.

– Senti sua falta – ele disse, sem descolar os lábios.

– Tenho que ir – Olivia falou. Eu me virei e a vi olhar diretamente para mim. – A diretora vai se encontrar com os criadores no topo da Key Tower, pouco antes do amanhecer, para discutir planos para o novo governo. Ela estará com a Tocha. Será a sua última chance de tomá-la antes que os sem-olhos se espalhem para o oeste. Envie-os de volta e os destrua. Os Originais não ousarão usar os Rosas sem os sem-olhos. Assim, vocês vão ganhar tempo.

– Eu vi os Originais de perto – falei. – Por que você mesma não pode matá-los? Está esperando o quê?

Havia raiva demais na minha voz. Afinal, aquela garota imortal havia se arriscado para nos reunir. Os olhos dela suavizaram e eu vi o perdão antes mesmo que eu pedisse desculpa.

– Nunca é tão simples. Os Originais armazenam, fazem *backup* de suas identidades a cada segundo, em tempo real. Matá-los não impede que renasçam. Agora mesmo, há uma dúzia de versões deles hibernando, para o caso de precisarem. Por isso, neste momento, você deve se ater ao que pode fazer.

Houve um silêncio até absorvermos tudo aquilo. Nós só recebíamos “boas” notícias.

– Sinto muito – Olivia falou. – Estejam no topo da torre antes da alvorada. É tudo o que posso fazer – ela deu um passo para trás e desapareceu pelo portal, que sumiu num piscar de olhos assim que ela o atravessou.

Noble estava com o braço ao redor de Sofia, que apresentava marcas vermelhas de garras na bochecha e no pescoço. Ela olhou para mim com fogo nos olhos.

– Vai amanhecer daqui a poucas horas. Precisamos de um plano, antes que tudo esteja perdido – ela estava vestindo um traje de couro feito à mão, um colete e calça, o que apenas me fazia lembrar do quanto o nosso mundo devia parecer diferente para ela. Nós éramos os aliens para ela, com estradas pavimentadas e água limpa.

– Plano – Rhys murmurou. – Que plano? O topo da Key Tower está um caos, todo destruído. Eu

duvido que os criadores e a diretora vão simplesmente entregar a Tocha.

– Precisamos tentar – Peter falou, rangendo os dentes quando Rhys resvalou em seu braço ferido.

Rhys ergueu a cabeça meio de lado e piscou.

– Esse não é seu braço da espada?

– *Chega* – Noble se impôs. – Eu vou arranjar transporte. Sugiro que descansem. Tudo dependerá do que vai acontecer logo mais.



Rhys e Sofia conversavam enquanto isso. Seria interessante observá-los para ver se gostavam um do outro, mas eu tinha outras prioridades. Levei Peter pelo corredor em direção aos armários, onde os professores de Educação Física deviam ter deixado algo para limpar feridas. Eu sentia o cheiro de sangue e suor nele. Ele fazia caretas a cada passo.

– Pare de disfarçar. Eu sei que você está mancando.

Ele parou.

– Eles me encurralaram.

– Eu vi.

– Como assim?

– Longa história.

Descemos os degraus, lado a lado, mancando. Apesar de ter que ajudá-lo, só por senti-lo encostado em mim já renovava minha força. Ele estava vivo. Ainda tinha sangue correndo nas veias.

Ele me contou a história enquanto eu tirava a bandagem, expondo o corte fundo. A ferida fazia uma curva do cotovelo até quase o pulso, deixando visível a musculatura dentro, vermelha, brilhante e estriada. Ele se sentou no banco e repousou a cabeça nos armários, virando-a para o teto. Quando piscava, lágrimas escorriam dos cantos dos olhos. Eu me ajoelhei à frente.

– Eu resgatei uma família que sofreu um acidente de carro. Os sem-olhos estavam arranhando as janelas, tentando entrar. Eles quebraram o para-brisa e estavam abrindo passagem pedaço por pedaço. E, quando chegaram mais perto... ele balançou o braço bom como se movesse a espada.

– Você vai precisar levar ponto – eu disse.

Meu estômago se revirou, não por nojo, mas porque a ferida estava *feia*. Talvez dar pontos não fosse o bastante. Não havia pele o suficiente para cobrir o músculo. Tentei não demonstrar nervosismo para não o desencorajar.

– Isso pode esperar. Pode só apertar firme.

Ele gemeu através dos dentes cerrados quando joguei álcool, o suficiente para matar qualquer doença que os sem-olhos pudessem carregar nas garras. A ferida parecia se estender para dentro do traje, além da parte destroçada, então pedi para ele encolher o torso enquanto eu descia o traje até a cintura.

– Viu? – ele disse. – Não tem mais.

Ele tinha razão. Não vi mais ferimentos graves. Só hematomas, alguns roxos, outros amarelados, como a pintura de um crepúsculo. Meus dedos o percorreram gentilmente, e a pele dele estremeceu ao toque. Cutuquei e apertei, procurando algum pequeno corte que pudesse inflamar mais tarde.

– Desculpe.

Ele sorriu.

– Não tá doendo tanto.

Voltei os olhos para o braço e continuei atando a ferida. O sangue passava direto pela bandagem,

uma mancha de tinta se espalhando diante dos meus olhos. Eu sentira mais medo naqueles últimos dias do que achei que fosse possível, mas aquilo era diferente. Aquela frustração era pior que o pavor. O braço dele estava em mau estado e eu não podia curar, e aquilo iria acabar matando-o.

Mas escondi todo meu medo para o bem dele. Eu tinha que ser forte.

– Vamos fazer uma coisa. Por que você não toma um banho enquanto eu tento encontrar algo melhor? Talvez uma agulha e um fio.

Ele olhou para mim por alguns segundos demorados.

– Está bem – mas não se moveu.

– O que foi?

– O Noah...?

Olhei para dentro de mim, mas não havia sinal dele à vista.

– Não, não está aqui. Mas ele me ajudou. Nina tentou me converter e quase funcionou.

Os olhos de Peter se arregalaram.

– Tá tudo bem. Noah estava lá. Quando Nina acordou dentro de mim, nós... contra-atacamos. Juntos.

Peter acenou com a cabeça. Mesmo assim parecia triste.

– Fico feliz. Fico feliz que você esteja bem.

– Eu também.

Alguma coisa mudava entre nós. Eu não sabia o quê.

Ele lambeu os lábios e se levantou. Lentamente, saiu da área dos armários e foi mancando até os chuveiros, deixando três gotas de sangue nos ladrilhos. Eu me pus de pé e procurei linha e agulha no meio dos suprimentos, mas já sabia que não iria encontrar. Eu o ouvi ligando o chuveiro. A água correu contínua por dez segundos antes de ele entrar embaixo do fluxo.

– As duchas são separadas – ele disse para mim –, se quiser parar de feder.

Sorri. O vestiário já estava se enchendo de vapor. Peter passava xampu com uma mão e mantinha o braço ferido acima do chuveiro. Girei uma torneira para mim ao máximo, quente como lava, e retirei o traje. A palma da minha mão esquerda estava profundamente queimada, e eu só senti a dor na hora que tirei o traje. Dava para ver o quadrado preto crestado na pele. O presente de Olivia quase me matara, mas por causa dele eu estava ali. A marca era um preço pequeno a pagar.

Eu me lavei rapidamente, removendo dias de sujeira do cabelo e da pele. Não iria dizer nada ao Peter. Se ele precisasse de distância, eu deixaria assim. Mas não sabia como ia ser quando tudo acabasse, se nós vencêssemos e eu sobrevivesse.

Peter terminou primeiro e saiu do boxe dele com o traje pendurado no ombro. Ele ia passar reto pelo meu boxe, mas parou.

– O que foi? – minha voz esganiçou, o coração bateu forte. Apoiei os dedos por cima da porta.

– Você me perdoa? – pingava água do queixo dele.

– Pelo quê?

– Eu deveria pôr você em primeiro lugar. Mas não foi o que eu fiz. Eu te amo.

Na primeira vez, eu não tinha respondido. Desta vez:

– Eu também te amo.

– E me perdoa?

– Não tem nada pra perdoar. Você precisava nos manter vivos, não dava pra confiar em mim.

Ele balançou a cabeça.

– Isso não é desculpa para a maneira como tratei você. Eu fui frio. Apenas diga que me perdoa.

Eu me inclinei sobre a porta e gentilmente puxei os lábios dele para os meus. Ele me beijou de

volta, uma vez, suavemente, mas era diferente. Com Noah dividindo minha mente, tudo mudava. Até descobrirmos o que fazer com ele, as coisas não seriam normais. Comecei a pensar no resto de nossas vidas, de todos nós, quando a luta terminasse. O beijo de Peter estava diferente, mas me passava esperança. Se sobrevivêssemos, superaríamos aquilo também. Poderíamos superar qualquer coisa.

– Eu quero abrir a porta – Peter disse com um esboço de sorriso.

– Eu também – e realmente queria.

– Mas é melhor não.

Concordei com a cabeça e mordi o lábio.

– Peter, quando isso acabar e tivermos nossas vidas de volta, podemos conversar. Podemos falar exatamente sobre o que queremos. Mas temos que vencer primeiro.

As palavras soavam como uma mentira, apesar de eu me esforçar para acreditar. Se tudo acontecesse da maneira como deveria, eu estaria morta em breve. E, caso contrário, também estaria morta em breve.

Devia ser a primeira vez que eu compreendia isso de verdade.

Para vencer, eu iria morrer.

E estava com medo.

Peter me beijou mais uma vez, e foi como antes, súbita e magicamente, e eu queria chorar e escancarar a porta e deixá-lo me agarrar, e dizer a ele o que eu estava planejando, e fazê-lo dizer que iria comigo, que iríamos morrer juntos.

Mas não.

– Nós vamos conversar. Eu te amo.

Ele sorriu.

– Que bom ouvir isso.



A CIDADE ESTAVA VAZIA. Uma sirene berrou ao longe, como em Washington. O barulho estridente subia e descia. As notícias sobre a invasão já haviam se espalhado. As pessoas fugiram de lá ou foram para casa se esconder atrás de portas fechadas.

Nós cinco rodamos pelas ruas vazias em um ônibus escolar, iniciando um plano que dependia do elemento surpresa e uma boa dose de insanidade.

Ao sairmos da escola, Peter e Rhys faziam piada sobre algo que havia acontecido na semana anterior, quando as coisas estavam tão normais como nunca. Eu me sentei ao lado de Noble, que dirigia. Fiz com que concordasse em me ajudar em uma coisa, uma coisa difícil. Ele prometeu. Com o plano estabelecido, pude relaxar nos 20 minutos seguintes. Eu sentia o coração bater no peito e me perguntava quantas batidas eu ainda teria pela frente. Se falhasse, eu morreria. Se conseguisse, eu morreria. Se aquele era o dia marcado para minha morte, que ao menos fosse nos meus próprios termos.

Eu esperava que Noah aparecesse, mas não o sentia mais. Quando estava falando com Peter, temi que ele retornasse, mas isso não aconteceu. Era horrível pensar assim, mas estava feliz por ele ter sumido, para que não tivesse que ver o que iria acontecer em seguida. E para que não tivesse que morrer duas vezes.

Noble estacionou a uma quadra da Key Tower, escondendo o ônibus atrás de um hotel. A cobertura continuava arruinada, mas se Olivia disse que o ponto de encontro seria ali mesmo, eu acreditava. Saltamos, movidos por uma energia nervosa. Ao leste, o céu estava roxo-escuro. O sol não iria demorar a nascer. A fome e a sede corroíam meu estômago, mas eu ainda tinha alguma energia de reserva. Podia aguentar um pouco mais. Talvez pudesse ver a alvorada mais uma vez.

Escalamos até o topo, devagar mas firmes, fazendo pausas para recuperar as forças a cada 15 andares, mais ou menos. Aquilo me dava algum tempo para assimilar as coisas. Não pensei muito no que estava deixando para trás, mas no que perderia a oportunidade de vivenciar. Explorar meu amor com Peter. Amadurecer. Talvez ter uma família, um emprego.

É claro, essas ideias dependiam de o mundo continuar como antes, e pelo jeito jamais seria o mesmo.

O tempo foi passando sem percebermos, até chegarmos ao topo. O teto estava empenado, ruindo em alguns pedaços, como resultado do H9 que usamos para derreter aquele lugar todo. Na última vez que aparecemos ali, Noah e Olivia estavam vivos.

Eu ouvia vozes acima de nós, que chegavam distorcidas de um buraco irregular no teto.

Sob a luz tênue, vi que Rhys acenou para mim. Noble também. Sofia sorriu, e Peter me deu a mão e apertou.

Eu me agarrei a uma viga de metal na beira do buraco e comecei a subir.

A cobertura estava um caos, repleto de aço fundido e contorcido, como se os andares superiores tivessem derretido até quase se liquefazer e se resfriado antes de perder completamente a forma. E fora exatamente isso. O céu estava desobstruído em todas as direções; não estava explodindo em escuridão como o do mundo de Gane. Também não era dourado como o da Terra Verdadeira. Estava arroxeadado e cheio de estrelas. O meu verdadeiro céu.

Três pessoas estavam no centro, onde o chão era quase liso. Dois dos nossos criadores usavam versões novas dos trajes pretos: Peter e Olivia. Eles tinham a mesma idade de Noble, tão velhos quanto nossos pais seriam, se tivéssemos algum. A sra. North e Noah sênior não estavam. A última pessoa ali era a diretora. Ela segurava a Tocha na mão direita. A bola vermelha brilhava intensamente, refletindo as escamas brilhantes do traje. A luz dava às escamas douradas um tom rubi.

Pela primeira vez em muito tempo, eu não tinha medo.

Apesar de estar escondida nas sombras, a diretora de alguma maneira sabia que eu estava ali. Ela se virou, assim como os outros criadores, e seus olhos depararam com o meu esconderijo.

– Nunca tive uma filha tão petulante – ela nem tentou disfarçar a surpresa no rosto.

Saí da sombra e tirei a Língua de Fogo das costas.

– Ela e os amigos nos causaram alguns transtornos recentemente – Olivia sênior disse.

Nós procuramos por tanto tempo pelos nossos criadores e, de repente, estavam ali, e não importava mais. Eles eram as menores de nossas preocupações, eram fantoches como nós.

A diretora riu.

– Passei eras controlando milhares de Rosas, e vocês três não conseguiram controlar umas poucas equipes de cinco.

Soltei uma onda de medo, uma tentativa a esmo para ver se afetaria os criadores. Eles pareceram levemente desconfortáveis, mas não fez com que saíssem correndo.

– Esse é o espírito – a diretora disse.

Então os olhos dela se arregalaram ao ver algo sobre meu ombro. Eu me virei e vi minha equipe logo atrás de mim.

– Olá, Rhys – Peter sênior falou. – Quanto tempo.

– Olá – os dois Rhys responderam.

Olivia sênior perguntou com desprezo:

– Onde você esteve, Noble?

– Por aí – ele respondeu. – Onde está Noah?

– Ele partiu – foi tudo o que Peter sênior disse.

A diretora bateu com a Tocha no chão.

– Por que vocês vieram? – ela parecia estar perguntando a todos nós.

– Eu não acho que essa é uma pergunta séria – Peter disse, ao meu lado.

Peter sênior estava com uma luva grossa, como a da Olivia Original. Rápido como um raio, desenhou um círculo no ar atrás dele, e a Escuridão emergiu, pairando verticalmente.

– Não ouse sair correndo – a diretora disse para ele.

Noble sacou um revólver e atirou no Peter sênior, que estava andando de costas para a Escuridão. Assim que ele caiu no portal, atacamos. Rajadas de tiro soaram e foram engolidas pelo céu, mas eu só tinha olhos para a diretora.

Ela balançou a Tocha na minha direção como um bastão de beisebol, e eu não pude evitar o golpe nas costelas, pois ela era mais rápida. Ela me deixou sem fôlego, mas agarrei a Tocha enquanto caía. Assim que meus dedos tocaram o bastão, os sem-olhos gritaram na minha mente, atormentados pela presença de mais uma de nós. Todos os meus instintos gritavam *solte!*, mas o lado racional gritava *segure firme!*

A diretora girou, tentando me soltar da Tocha como se eu fosse um cachorro que não largava o brinquedo, mas eu não arredava. Meus pés se arrastavam pelo chão áspero e irregular, com os dedões patinando em busca de tração. Ela parou de tentar me sacudir, com os olhos flamejando de raiva, e ergueu a perna para me chutar longe. Foi nesse momento que puxei a Tocha para mim em um movimento violento, ao mesmo tempo que arremeti a cabeça para a frente. A testada acertou o queixo dela, mas foi o suficiente para que ela deixasse escapar a Tocha. Eu a arranquei das mãos dela e senti a presença dos sem-olhos duplicada na minha cabeça, um peso súbito em volta dos ouvidos e no topo do crânio. Incontáveis mentes viraram os olhos para mim, a intrusa. Eu sentia a raiva. O vazio era tão escuro e imenso que eu os entendia. Sabia por que eles tinham que se alimentar de um mundo atrás do outro. Era a única coisa que consolava a dor.

Meus pés foram se distanciando da diretora no segundo em que me libertei.

“Parem”, eu disse para os sem-olhos. “Parem”, pensei. Então gritei com toda a força:

– PEGUEI!

Vi Olivia sênior morta no chão. O portal ainda estava escuro e constante sob o céu púrpura, mas Peter sênior havia sumido.

Corri pela beirada do teto. A diretora me agarrou quando faltava meio metro e deu um grito de vitória. Os dedos dela cravaram em meus ombros, puxando-me para trás, mas eu me virei, a ergui em um abraço de urso e a trouxe comigo no último passo. Um pé estava sobre o chão sólido, o outro em pleno ar.



CÁAMOS PELA LATERAL DO PRÉDIO, ENQUANTO EU BATIA com o bastão da Tocha na boca da diretora. Os lábios dela se partiram, espalhando sangue nas bochechas. Arranquei a Tocha de suas mãos e acertei um tranco em seu peito com os dois pés, então dei uma cambalhota para trás em pleno ar.

Nós duas caíamos em direção à cidade vazia abaixo. O zunido do vento no rosto era quase tranquilizante, a não ser pelo grito embebido de raiva da diretora, que penetrava na minha cabeça. Ela estava três metros atrás de mim, se afastando ainda mais conforme nós mergulhávamos, mesmo assim ela continuava estendendo os dedos para mim. Então juntou as duas mãos, sem jamais tirar os olhos de mim. Um portal se abriu no ar abaixo dela, e ela caiu dentro dele e desapareceu.

Eu caía sozinha, já na metade da altura do prédio, a poucos segundos da morte iminente, até que puxei a corda do paraquedas. Ele se abriu com tanta força que a Tocha quase escapou dos meus dedos. As tiras nos ombros e na cintura fispavam enquanto eu desacelerava, e o vento murmurante se tornava uma brisa gentil, silenciosa o bastante para que eu ouvisse minha pulsação. Rhys gargalhava acima de mim, pairando em seu próprio paraquedas.

Finalmente eu segurava a Tocha sozinha, e os sem-olhos pararam de tentar fazer o meu cérebro explodir. Eu me estendia até eles. Em lampejos, via as coisas terríveis que estavam fazendo. Uma horda corria pela calçada em um condomínio de classe alta que costumava ser tranquilo. Eles se espalhavam, cruzavam jardins e se atiravam pelas janelas salientes. Um trio deles subia as escadas de um prédio comercial, caçando os trabalhadores de plantão andar por andar. Um caminhão de bombeiros capotou quando 20 sem-olhos o empurraram de lado e depois se amontoaram como formigas. Eles deixaram sangue fluindo das janelas quebradas.

Não havia palavras para descrever o horror, mas o ultraje me dava a força de que eu precisava para controlá-los. Na minha mente, reuni os monstros e mostrei a eles aonde ir. Eu gritava. Injetava toda a minha força de vontade no comando. Eles conheciam a Verge. Eu dizia a eles para se concentrarem ali e esperarem. Eu prometia mais carne, mais gritos.

E eles ouviam. Eles se curvavam à minha vontade. Pararam o que estavam fazendo e se retiraram para lá.

Cheguei à Key Tower com a haste de metal agarrada ao peito. O globo na ponta da Tocha era brilhante demais para que se pudesse olhar diretamente, um pequeno sol que pintava toda a rua de vermelho.

Com aquilo na mão, tudo ficava real. Eu nunca pensara que chegaria a este ponto, não com tanta clareza. Estava com os sem-olhos e tinha que ir adiante. Meu mundo e muitos outros dependiam disso. “Esta não é sua última manhã, eu dizia para mim mesma. Eu tinha que acreditar que não estava marchando para a morte. Peter me veria novamente e me beijaria mais uma vez. Eu encontraria uma saída.

Os outros pousaram à minha volta e nossos paraquedas ondulavam na brisa leve. Meu sentimento era amargo, em vez de vitorioso. Nós vencíamos da melhor maneira possível. E continuaríamos a lutar até que os que morreram fossem vingados.

Sofia sorriu. Acho que era a primeira vez que eu a via realmente sorrir.

– Conseguimos – Peter disse, com as mãos nos joelhos, também sorrindo. – Você conseguiu, Miranda.

Noble trouxe o ônibus e abriu a porta. Nós entramos e ele acelerou antes mesmo de nos sentarmos.

Dei um jeito de me sentar mais perto do fundo que os outros.

– Vamos sortear no palitinho – Rhys disse, passando a primeira quadra. – A Miranda não vai voltar.

Pobre Rhys. Ele não fazia ideia.

– Não – Peter concordou –, ela não vai.

Pobre Peter. Ele não fazia ideia.

“Não chore; não deixe que eles saibam.”

– Eu tiro primeiro – Sofia disse, fria e firme como aço.

Eu gostaria de poder contar a eles o que iria acontecer. Gostaria de poder dizer adeus a cada um.

– Ninguém vai sortear nada – falei.

Os olhos de Noble se encontraram com os meus no espelho retrovisor. Ele acenou discretamente, indicando que manteria a promessa. Eu o adorei por isso.

O rosto de Peter estava irritado como nunca, com o nariz e a sobrancelha enrugados.

– Vamos, sim.

Eu balancei a cabeça.

– Vou matar qualquer um que tentar tirar isto de mim. Estou falando sério.

Peter se ergueu como um animal e foi na minha direção. Ele pegou a Tocha e seus olhos se arregalaram quando os sem-olhos ocuparam sua mente. Eu me inclinei para a frente e o beijei rapidamente nos lábios, então o empurrei com toda a força que me restava. Ele cambaleou pelo corredor do ônibus e caiu de costas.

– *O que você está fazendo?* – Rhys perguntou.

Que diabos. Eu o beijei na bochecha também, então acenei para Sofia. Eu teria gostado de conhecê-la melhor. Noble breiou subitamente e o ônibus derrapou ao parar, com os pneus cantando no asfalto, os freios velhos guinchando. Corri para o fundo, abri a saída de emergência e saltei para o ar fresco matinal. Peter gritou “Miranda!”, mas o grito ficou abafado quando fechei a porta.

Noble acelerou de novo e me deixou em uma nuvem de fumaça com diesel. Eu estava na rua vazia com a Tocha e vi o ônibus ficar menor, até sair do meu campo de visão.



Eu me permiti chorar na rua deserta. “Isto é o que você queria”, disse para mim mesma. Você nunca gostou muito da sua vida mesmo. Mas aquilo não era bem a verdade. Eu amava meus amigos. Amava Peter e Rhys e Noah e Olivia. Eu detestava o nosso propósito, isso era tudo. Detestava a razão pela qual existíamos.

“Você queria uma vida diferente.”

Mas eu não queria que ela terminasse.

Olivia me dissera que a Tocha poderia me levar para casa, então me perguntei se poderia me levar

à Verge. Tentei me lembrar de como ela dissera. Poderia me transportar apenas pelo pensamento. Então, bem que eu podia tentar.

Fechei os olhos e foquei no metal quente que eu agarrava com as luvas. Sentia os sem-olhos se movendo rumo ao fim deles pelo meu comando. Foquei firme na caverna onde vimos a Escuridão pela primeira vez, imaginando-a, mas, quando abri os olhos, ainda estava na rua deserta.

– O que eu faço? – sussurrei.

Tentei de novo, visualizando o interior da Verge de Gane. Com esse pensamento na mente, ouvi passos atrás de mim e girei o calcanhar.

A diretora estava diante de mim, com a espada cintilante erguida à luz da alvorada, com um portal de Escuridão atrás. Fui uma tola ao pensar que ela me deixaria escapar tão fácil. Nesta hora não havia mais pensamento, só ação.

Eu me agachei quando ela golpeou, abaixando-me até os joelhos. Chumaços de cabelo cortado flutuaram em volta dos meus ombros.

Ela soltou um grito de frustração e continuou o giro, fazendo um corte mais baixo que não me daria espaço para esquivar. Eu estava de joelhos, à mercê dela. Mas aquele não podia ser o fim. Nós tínhamos ido muito longe, a um custo muito alto.

Então eu me inclinei para a frente, até o ombro tocar no chão, e rolei para o lado, saindo do caminho da segunda investida. Eu me pus de pé e me atirei pelo portal de onde ela mesma viera.



NO FUNDO DA VERGE, PENSEI NO QUE IRIA PERDER. Tudo. Cada momento que eu deveria viver. Eu estava sentada ao lado da Escuridão, abraçada aos joelhos, agarrada à Tocha, enquanto os sem-olhos apareciam pelo buraco e escalavam com as garras as paredes rochosas e ásperas. Fragmentos de pedra despencavam e retiniam na passarela de metal à minha volta. Quando passei pelo portal, tinha esse lugar em mente. E funcionou. Apenas poucos minutos antes, eu estava em um ônibus onde só havia pessoas que amo, e depois estava ali, no fim.

Eu queria mais. Ficava na expectativa de que a diretora aparecesse, mas ela não vinha. Ou não sabia onde eu estava, ou tinha medo, sabendo que eu estava com os monstros sob controle.

Os sem-olhos amontoavam-se nos andares acima de mim, sem fazer muito barulho além dos estalos e dos arranhões das garras. Alguns ficavam curiosos a meu respeito. Eles sabiam que eu era a portadora da Tocha. “O que ela está fazendo aí embaixo?”, pensavam. “Por que ela nos trouxe para cá? O que ela quer que a gente coma? Quando vai ter carne para nós?”

Alguns dos mais entediados lutavam entre si, rolando pelo chão, mandíbulas atacando barrigas macias.

– Você não está sozinha, Miranda.

Olhei para cima. Noah estava ao meu lado na passarela, real como nunca. Eu não estava sozinha. Mas minha morte significaria a segunda dele. Eu fizera isso a ele, e era tarde demais para libertá-lo da minha mente.

– Sinto muito por colocá-lo na minha mente. Por fazê-lo viver assim.

Ele apenas balançou a cabeça, e eu sabia que não precisava me sentir culpada.

– É uma honra – disse suavemente.

Os sem-olhos continuavam a brotar da Escuridão, eram tantos que rastejavam uns em cima dos outros, como em uma escada rolante viva. Agitavam-se como água borbulhante e não havia espaço de sobra. Eu tinha que escalar antes que eles me enterrassem.

– Eu queria ter um emprego – falei. – Queria ter uma família.

Noah não disse nada, e eu me senti grata por isso.

– Mas acho que muitos outros poderão ter isso em suas vidas, se eu fizer o que preciso.

Ele continuou sem dizer nada.

– É engraçado como isso não me faz sentir melhor.

Eu me levantei e estiquei os braços acima da cabeça.

– Agora você tem que escalar – ele falou.

Com a Tocha em uma das mãos, escalei a escada até onde costumava ser o andar principal. Quando cheguei ao topo, meu braço ardia. Os sem-olhos escorregavam enquanto eu passava, perguntando-se o que eu estava fazendo. Se soubessem...

Eu disse a senha que o comandante Gane havia me ensinado:

– Dê-me um caminho!

Uma ponte estreita se estendeu da coluna do meio. Saí da escada para a passarela, movendo as pernas enquanto segurava a Tocha com cuidado. Alguns dos sem-olhos me seguiam pela passarela, mas eu os afastei com a mente.

Eles não escutavam. Um abriu a boca cheia de presas e silvou para mim, com saliva pingando dos lábios finos. Eu senti os pensamentos dele. Os pensamentos se espalhavam pelos sem-olhos que vagavam pelas paredes e nos andares acima.

Eles sabiam o que eu pretendia.

O mesmo sem-olhos me atacou e eu ergui a Língua de Fogo para empalá-lo com a empunhadura. Sacudi o cadáver para longe e ele tombou perto da Escuridão lá embaixo. Dei um passo para o elevador e a porta se fechou enquanto um grito se elevava. Senti cada sem-olhos da Verge voltar a atenção para mim. De repente a Tocha ficou inócua. Eles não me obedeciam. Provavelmente eram capazes de superar o comando sob certas circunstâncias, como quando o portador pretendia destruí-los. Ou talvez a diretora tivesse encontrado uma maneira de desligar a Tocha de longe. O motivo não importava muito.

– Que coisa – Noah comentou.

O elevador abriu para o escritório do comandante. Pisei no carpete e falei a segunda senha:

– Dê-me a luz para selar o caminho.

Um cofre no chão se abriu. Puxei a escotilha e retirei a bomba. Não era muito grande, tinha aproximadamente o tamanho e a forma de uma bola de boliche, com uma corda ligando-a a um pequeno teclado. O teclado tinha um botão vermelho, outro verde e um pequeno visor com o contador. Uma das minhas lágrimas caiu no visor.

Noah se ajoelhou ao meu lado.

– Você consegue fazer isso?

– Eu não quero morrer...

Ainda segurando a Tocha, senti os sem-olhos gritando e se debatendo pelos andares, tentando encontrar uma maneira de me deter. Quase todos estavam ali. Cientes do que eu faria. Só mais alguns minutos. Eu sentia a raiva deles, estavam mais interessados em me matar do que em tentar escapar.

– Não é tão ruim – Noah comentou. – Eu acho até mesmo que pode ter alguma coisa depois.

Eu quase ri, mas soou como um choro soluçado.

– Você acha que temos almas?

Ele fez que sim com a cabeça. Seus olhos escuros estavam carregados com lágrimas.

– Eu acho – ele pegou minha mão.

O metal rangia abaixo, junto à algararra de centenas de garras contra o aço.

– Eles estão vindo – Noah avisou.

Meu dedo pairava sobre o botão, tremendo. Eles estavam ali. Eu os sentia. Só precisava apertar o botão. O botão vermelho, Gane havia dito. Era fácil. Só pousar o dedo suavemente e depois levantá-lo. Uma ação tão simples. Qual era o último pensamento que eu gostaria de ter na vida? Aquele era meu último gesto. Iria apertar o botão e então morreria. Era isso.

O dedo de Noah estava em cima do meu. Ele iria fazer comigo. Olhei para o botão, poucos centímetros abaixo de nossos dedos.

“É só apertar, Miranda.”

Abaixei o dedo, só encostando no botão, e fechei os olhos.

O chão explodiu sob meus joelhos. Caí para trás enquanto enormes pedaços de concreto despencavam ao redor. A Tocha escapou da minha mão. A bomba rolou para longe, intacta, levando o teclado de controle ligado pelo fio. Tirei a Língua de Fogo das costas. O buraco não havia sido feito pela bomba, mas pelos sem-olhos. Eles se arrastavam pelo carpete, guinchando de ódio. Eu me ajoelhei enquanto eles fluíam ao meu redor, como óleo. Fui lenta demais; cometi um erro. E o mundo teria que pagar por isso. Eu rangia os dentes e gritava com ódio e desafio. Não poderia acabar assim. Eu não havia chegado até aquele momento para falhar.

Eles me encaravam sem olhos. Mostravam os dentes e flexionavam as garras. Estavam ali para me pegar. Saltei e estendi o braço, girando em um círculo completo, sentindo resistência enquanto a Língua de Fogo atravessava mãos e rostos e pescoços e torsos. Eu não parava. Sangue jorrava ao redor e os sem-olhos tombavam. Um conseguiu passar a garra na minha perna furando o traje, fundo o bastante para romper o músculo. Senti a garra tocar meu fêmur. Gritei tão alto que alguma coisa se rasgou na minha garganta e senti gosto de sangue fresco. Mas continuei girando. Pelos meus amigos, que certamente morreriam se eu falhasse. Pelo mundo, pelas pessoas que morreriam se eu falhasse. Eu girei, e a espada matava um monstro após o outro, mesmo que me matassem. Avancei através do amontoado de sem-olhos, sangrando por milhões de lugares diferentes. O traje estava destruído e o sangue fluía livremente das escamas. O coração acelerava, tornando a hemorragia ainda mais rápida. Eu já estava tonta e um pouco fria. Os dedos dos pés e das mãos estavam dormientes.

Eu estava ficando sem sangue. A bomba tinha rolado para o outro lado da sala.

Um sem-olhos ferido me passou uma rasteira e quebrou meu tornozelo. Ele se rompeu e eu caí, com os dedos rasgando o carpete.

Noah se agachou ao meu lado.

– Vamos, Miranda. Você consegue! Você tem que conseguir! Não desista!

Eu me arrastei para mais longe. Noah continuava ao meu lado.

– Continue. Levante-se, Miranda. Levante-se agora mesmo.

Os sem-olhos atrás de mim eram um bando raivoso, tombando no chão sob o próprio sangue e as próprias vísceras. Mais deles chegavam pelo buraco. Meus dedos cravaram no chão com tanta força que as mãos doíam. Serpentei até perto da bomba, fraca, com vertigem, piscando.

Peguei o controle, tonta demais para enxergar direito. De alguma maneira, consegui me levantar, pondo todo o meu peso em uma perna. Eu olhei para baixo e vi o tamanho do buraco em meu estômago. O traje repleto de sangue. A dor já não era tão ruim. Talvez pela perda de sangue não dava para sentir muita coisa.

– Você consegue – Noah disse. Ele estava ao meu lado, como eu me lembrava dele. Brilhante e vibrante e vivo. – Eu acredito em você.

Ele me puxou para um abraço e eu envolvi os braços ao redor dele. Ele não estava realmente ali, mesmo assim aqueles braços me ajudavam a ficar em pé.

– Você consegue – ele sussurrou no meu ouvido. – Não está sozinha.

Os sem-olhos se reagruparam e avançaram na nossa direção, em círculo, como lobos. O mais próximo deu um salto, com as garras esticadas para a minha garganta.

Era só apertar o botão para salvar o mundo.

Era só apertar o botão.

Eu iria salvar o mundo.

Eu apertei o botão.

COLUMBUS CIRCLE, 80

HÁ UM MÊS, PERDI A GAROTA QUE EU AMAVA. ANTES QUE os ventos gelados viessem. Antes de a neve começar a cair. Miranda gostava quando meu cabelo ficava mais comprido, porque encaracolava, então deixei crescer, mesmo que ela nunca mais o visse.

O sacrifício de Miranda nos salvou da aniquilação. Não há dúvida quanto a isso. O mundo precisava conhecer o nome dela, mas não. Tudo que conhecem é medo.

Hoje de manhã, Noble bateu na porta do meu quarto. Nós quatro – Rhys, Sofia, Noble e eu – estamos vivendo em um apartamento chique de Nova York, na Columbus Circle, número 80. O presidente, que sobreviveu em seu abrigo, nos colocou aqui quando Noble lhe contou quem somos. Contou que Nova York era o local mais provável para o próximo ataque da Terra Verdadeira. Ele assegurou que eles iriam voltar. E que usariam oito milhões de pessoas como escudo humano, como fizeram no mundo de Gane.

No meu quarto, Noble disse para mim:

– Peter, eu preciso da sua assistência. Preciso que você me ajude a encontrar uma coisa. É importante.

– Leve o Rhys.

Eu pretendia esperar e lutar quando fosse a hora, mas não estava interessado em falar com ninguém. Eu fazia flexões e me hidratava e ficava olhando para o Central Park pela janela. A sangue frio, esperava pela vinda deles.

Ele disse:

– Eu pedi a você.

Então me vi no meio dos escombros da Verge. O céu escuro sobre nossa cabeça era como um cadáver inchado ao infinito, cheio de vermes roxos iluminando. O vento uivava entre os prédios vazios, levando o aroma de carne e poeira. O chão era um amontoado de entulho e metal retorcido. Verge era uma pequena montanha de vidro quebrado e cinzas.

Nenhuma lágrima caiu. Eu as guardaria para a noite, quando estivesse sozinho. Eu podia imaginar o rosto de Miranda e ouvir sua voz.

“Nós vamos conversar”, ela havia dito para mim. “Eu te amo.”

Noble atravessou os escombros, revirando-os com os pés. Ele estava com um pequeno *tablet* na mão e o checava de tempos em tempos. Eu perguntei a ele o que estávamos fazendo ali, mas ele me ignorou. Pensei no Noah e na Miranda e em como não tive oportunidade de me despedir. Em algumas noites eu acordava e me esquecia de tudo. Eu me sentava na cama e sentia o peso como se estivesse acontecendo de novo.

Peguei uma pedra e a arremessei no que sobrou do fosso da Verge. A água escura a engoliu e ficou plácida.

Noble me chamou um pouco depois. Passei pelas pedras, cansado e impaciente. Eu queria voltar para a cama.

Ele estava sorrindo quando cheguei. Inclinou-se contra uma rocha maior do que ele mesmo e riu.

- Venha cá.
- O que foi?
- Venha cá e eu lhe mostro.

Noble tinha alguma coisa entre o polegar e o indicador. Estendi a mão e ele a colocou gentilmente em minha palma.

- Tenha cuidado com isto, rapaz. É o seu amor.

Era um disco de metal do tamanho de uma moeda, com um M estampado.

AGRADECIMENTOS

Escrever a sequência de uma série é difícil, mas eis aqui algumas pessoas que ajudaram a tornar a tarefa mais fácil e que tive grande prazer em conhecer: Suzie Townshend, Joanna Volpe, Kathleen Ortiz, os meus professores de inglês do colégio (peço desculpas mais uma vez!), Danielle Barthel, Jaida Temperly, Jay Z, Dana Kaye, Catherine Onder, Hayley Wagreich, Laura Kaplan, Dina Sherman, Nellie Kurtzman, Sammy Yuen, Jenn Corcoran, Justin Bieber, Jamie Baker, Pouya Shahbazian, Steve Younger, Kevin Cornish, Tichondrius Horde, Whitney Ross, café, Barbara e Travis e Char Char Poelle, Joe Volpe, Susan Dennard, Sarah Maas, Adam “Mande-me Seu Tesouro” Lastoria, Will “O Retificador” Lyle, Josh Bazell, Janet Reid, Brooks Sherman, Sean Ferrell, Jeff Somers, os gatos que moram com Jeff Somers, meus adoráveis pais, meus irmãos e minha irmã.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE!

Mande um e-mail para
opinio@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo “Assunto”.

CONHEÇA-NOS MELHOR EM

vreditoras.com.br
facebook.com/vreditorasbr